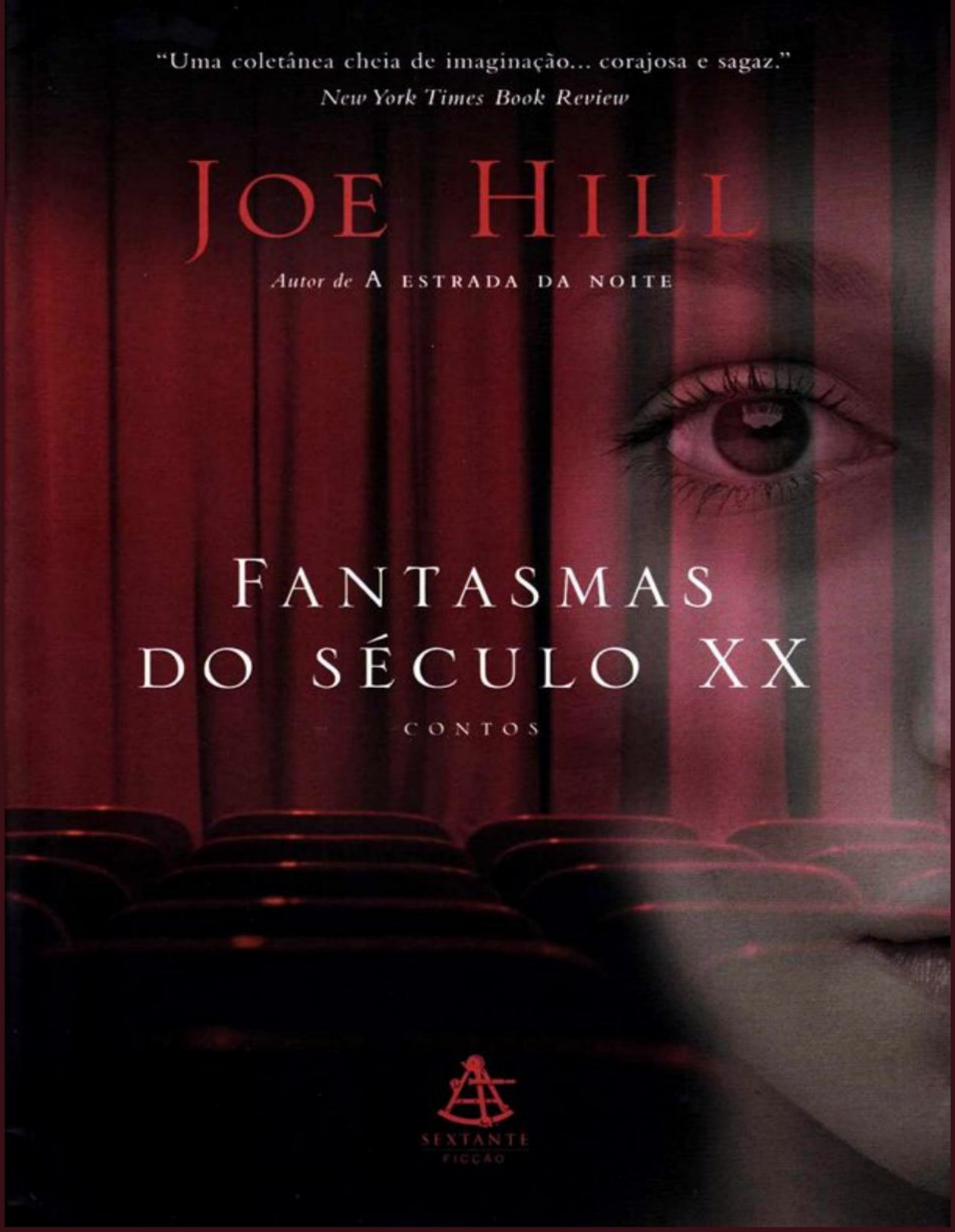

"Uma coletânea cheia de imaginação... corajosa e sagaz."
New York Times Book Review
JOE HILL
Autor de A ESTRADA DA NOITE
FANTASMAS DO SÉCULO XX
CONTOS
SEXTANTE
FICÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOE HILL

FANTASMAS DO SÉCULO XX

Digitalização de Yuna (Toca Digital)
Formatação de LeYtor



Título original: *20th Century Ghosts*

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Agradecemos a Eric Akita, da Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol, pela tradução de termos técnicos.

TRADUÇÃO: Fernanda Abreu
PREPARO DE ORIGINAIS: Alice Dias
REVISÃO: Ana Grillo, Sérgio Bellinello Soares e Tereza da Rocha
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed CAPA: Raul Fernandes
PRÉ-IMPRESSÃO: ô de casa
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H545f Hill, Joe
Fantasmas do século XX / Joe Hill; introdução de Christopher Golden [tradução de Fernanda Abreu]. — Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
Tradução de: 20th century ghosts ISBN 978-85-99296-29-5
1. Ficção americana I. Abreu, Fernanda. II. Título.
CDD: 813
08-2461 CDU: 821.111(73)-3

PARA LEANORA:
A MINHA HISTÓRIA PREFERIDA SOMOS NÓS

Estes contos foram lançados originalmente nas seguintes publicações: “O melhor do novo horror”, *Postscripts,* nº 3,2005; “Fantasma do século XX”, *The High Plains Literary Review,* v. XVII, nº 1-3, 2002; “Pop Art”, *With Signs and Wonders,* org. Daniel Jaffe, Invisible Cities Press, 2001; “Vocês irão ouvir o canto do gafanhoto”, *The Third Alternative,* nº 37,2004; “Os meninos de Abraham”, *The Many Faces of Van Helsing,* org. Jeanne Cavelos, Berkley, 2004; “Melhor do que lá em casa”, em forma de folhetim na série do A. E. Coppard Long Fiction Prize publicada por White Eagle Coffee Store Press, 1999; “O telefone preto”, *The Third Alternative,* nº 39, 2004; “Encurralado”, *Crimewave,* nº 8, 2005; “Último suspiro”, *Subterranean Magazine,* nº 2, 2004; “Madeira morta”, *newsletter* eletrônica da Subterranean Press, fev. 2005; “O desjejum da viúva”, *The Clackamas Review,* v. VI, 2002; “Bobby Conroy volta dos mortos”, *Postscripts,* nº 5,2005; “Internação voluntária”, publicado inicialmente em capítulos, Subterranean Press, 2005; “A capa” e “A máscara do meu pai” foram escritos especialmente para esta coletânea.

SUMÁRIO

Introdução de Christopher Golden
O melhor do novo horror
Fantasma do século XX
Pop Art
Vocês irão ouvir o canto do gafanhoto
Os meninos de Abraham
Melhor do que lá em casa
O telefone preto
Encurralado
A capa
Último suspiro
Madeira morta
O desjejum da viúva
Bobby Conroy volta dos mortos
A máscara do meu pai
Internação voluntária
Agradecimentos
(A máquina de escrever de Cherazade)

INTRODUÇÃO

A moderna literatura de horror raramente é sutil. Na maioria das vezes, os escritores que se aventuram por esse gênero partem direto para a jugular, esquecendo-se de que os melhores vilões são maquiavélicos. Nada contra histórias sangrentas, é claro, mas os autores verdadeiramente talentosos costumam ter mais de um truque na cartola.

Nem todos os contos de *Fantasmas do século XX* são de terror. Alguns são melancólicos e sobrenaturais, outros são sombriamente perturbadores e um deles não apresenta nenhum traço de horror, chegando a ser quase doce. E todos são sutis. Joe Hill é um mestre da sutileza. Até mesmo o conto sobre o menino que se transforma em um inseto gigante é sensível, e, convenhamos, quantas vezes é possível dizer uma coisa dessas?

A primeira vez que cruzei com o nome Joe Hill foi na lista de colaboradores de uma antologia intitulada *The Many Faces of Van Helsing* (As muitas faces de Van Helsing), organizada por Jeanne Cavelos. Embora eu também tivesse um conto publicado na mesma coletânea, confesso que não tinha lido nenhum dos outros textos quando nos reunimos para a primeira noite de autógrafos na Pandemonium, uma livraria de Cambridge, em Massachusetts. Joe Hill estava presente, assim como Tom Monteleone, Jeanne e eu.

Até aquele momento, eu nunca lera uma única palavra que Joe havia escrito, mas, à medida que o dia foi passando, fiquei cada vez mais curioso em relação a ele. Nossas conversas revelaram que, apesar de ele adorar histórias de terror, elas não eram sua única paixão, fato que considerei interessante. Ele já publicara histórias de ficção convencional em revistas literárias e havia sido premiado por elas. No entanto, sempre acabava voltando para o terror e o suspense.

Sintam-se gratos por isso. Caso ainda não estejam, logo irão ficar. Eu provavelmente acabaria encontrando um tempo para ler *The Many Faces of Van Helsing,* mas, em grande parte pelo fato de ter conhecido Joe, coloquei o livro no topo da minha pilha. Seu conto "Os meninos de Abraham" era a história assustadora de duas crianças que haviam

começado a perceber — como todas as crianças percebem — que seu pai não era perfeito. O texto me fez lembrar, no bom sentido, do perturbador filme independente *A mão do diabo*. "Os meninos de Abraham" é tão bom que despertou meu interesse pelo trabalho de Joe. Mas ele só havia publicado contos, e a maioria em revistas que eu não tinha muita chance de encontrar casualmente. Fiz uma anotação mental para prestar atenção em seu nome no futuro.

Quando Peter Crowther me perguntou se eu estaria disposto a ler *Fantasmas do século XX* e escrever uma introdução, eu sabia que não deveria aceitar. Não tenho tempo para muita coisa além de escrever e ficar com minha família, mas a verdade é que eu queria ler este livro. Queria satisfazer minha curiosidade, descobrir se Joe Hill é realmente tão bom quanto "Os meninos de Abraham" indicava que poderia ser.

Não é.

Ele é muito, muito melhor.

O título deste volume é adequado sob inúmeros aspectos. Muitos dos contos de alguma forma dizem respeito a fantasmas, outros refletem os efeitos das influências do século XX. Em "Vocês irão ouvir o canto do gafanhoto", Joe Hill combina o gosto por ficção científica e filmes de monstros da década de 1950 com os mesmos temores que permeavam esses filmes. O resultado é ao mesmo tempo sincero e dotado de um bom humor sombrio.

No entanto, talvez o título desta coletânea esteja ainda mais afinado com o próprio autor. Existe em seu trabalho uma elegância e uma suavidade que lembram épocas passadas, tempos de Joan Aiken e Ambrose Bierce, de Beaumont, Matheson e Rod Serling.

Em seus melhores momentos, Hill apela ao leitor para completar alguma cena, fornecendo a resposta emocional necessária ao sucesso da história. E consegue obter essa resposta com uma competência de mestre. São histórias colaborativas que só parecem existir na medida em que o leitor as descobre. Exigem a sua cumplicidade para alcançar seus fins. No primeiro conto do livro, "O melhor do novo horror", é impossível não reconhecer certa familiaridade dentro da própria narrativa e perceber aonde a história está nos levando, mas, longe de ser uma deficiência, esse é o seu maior trunfo. Sem que o leitor sinta uma expectativa quase insuportável, a trama não pode ter sucesso.

Hill suga o leitor para dentro da intimidade de “Fantasma do século XX” e do desespero de “O telefone preto”, tornando-o parte da história e fazendo-o compartilhar a experiência com os personagens centrais.

Há muitos escritores que parecem pensar que, na literatura de horror, não há espaço para sentimentos genuínos, substituindo-os por reações emocionais tão superficiais quanto as rubricas dos atores em um roteiro. Na obra de Joe Hill isso não acontece. Estranhamente, um dos melhores exemplos disso é “Bobby Conroy volta dos mortos”, que está longe de ser uma história de terror, embora esteja ambientada no set de filmagem do clássico *Despertar dos mortos,* de George Romero.

Eu gostaria de falar sobre cada um dos contos desta coletânea, mas o perigo de escrever algo no início do livro é revelar além da conta. Mas posso dizer que, caso fosse possível eliminar da minha mente a lembrança de todas essas histórias, eu o faria de bom grado, só para ter o prazer de lê-las novamente pela primeira vez.

“Melhor do que lá em casa” e “Madeira morta” são duas jóias. “O desjejum da viúva” é um comovente retrato de outro tempo e de um homem que se perdeu.

“Fantasma do século XX” consegue tocar um coração nostálgico como muitos dos meus episódios preferidos do seriado *Além da imaginação.* “Vocês irão ouvir o canto do gafanhoto” é filho do ménage à trois entre William Burroughs, Kafka e o filme *O mundo em perigo.* “Último suspiro” é realçado por um toque de Ray Bradbury. Todos esses contos são maravilhosos, alguns são surpreendentemente bons. “A máscara do meu pai” é tão estranho e perturbador que me deixou tonto.

“Internação voluntária”, texto que fecha esta coletânea, está entre as melhores novelas que eu já li na vida, e demonstra a maturidade de Joe Hill como contador de histórias. É muito raro um escritor já surgir inteiramente pronto desse jeito. E quando isso acontece... bem, confesso que sou vítima de um dilema interior entre o entusiasmo e a vontade de lhe dar uma surra. “Internação voluntária” é bom a esse ponto.

Mas “Pop Art”... “Pop Art” é transcendente. O melhor conto que li em muitos anos, destila em poucas páginas toda a habilidade de Joe Hill — a estranheza, o afeto, a cumplicidade.

Diante dos primeiros esforços de um autor recém-chegado, tanto fãs quanto críticos costumam falar sobre sua promessa, seu potencial.

Os contos de *Fantasmas do século XX* são promessas cumpridas.

CHRISTOPHER GOLDEN
Bradford, Massachusetts 15 de janeiro de 2005
Revisto em 21 de março de 2007

O MELHOR DO NOVO HORROR

EDDIE CARROLL ABRIU SEM CUIDADO UM ENVELOPE PARDO. E UMA REVISTA chamada *Resenhas Literárias True North* caiu em suas mãos. Carroll estava acostumado a receber revistas pelo correio, embora a maioria tivesse títulos como *Dança do Cemitério* e fosse especializada em histórias de terror. As pessoas também lhe enviavam seus livros e montes deles abarrotavam sua casa em Brookline — uma montanha sobre o sofá do escritório, uma pilha ao lado da cafeteira. Todos de terror.

Ninguém tinha tempo de ler todos eles, embora certa vez — quando estava com 30 e poucos anos, começando a trabalhar como editor da coleção *O melhor do novo horror norte-americano* — ele tenha feito um esforço consciente para tentar. Carroll pusera na gráfica 16 volumes da série e havia dedicado mais de um terço da vida a ela. Isso representava milhares de horas de leitura, revisão e redação de cartas. Milhares de horas que não poderia recuperar.

Passara a nutrir um ódio especial pelas revistas do gênero. Muitas delas usavam a tinta mais barata do mercado e ele aprendera a detestar a forma como manchavam seus dedos, seu cheiro forte e desagradável.

Já não chegava ao final da maioria dos contos que começava; não conseguia agüentar. A idéia de ler mais uma história de vampiros transando com outros vampiros deixava-o fraco. Tentava se esforçar para ler imitações de Lovecraft mas, diante da primeira alusão séria aos Deuses Ancestrais, sentia como se uma parte importante de si mesmo estivesse anestesiada por dentro, da mesma forma que o pé ou a mão fica dormente quando a circulação é interrompida. Temia que a parte que estivesse sendo anestesiada fosse a sua alma.

Em algum momento depois de seu divórcio, suas obrigações como editor da coleção haviam se tornado um fardo cansativo e sem graça. Ele algumas vezes pensava, quase aliviado, em abrir mão do cargo, mas nunca levava a idéia a sério durante muito tempo. O trabalho representava 12 mil dólares por ano no banco, o grosso de uma renda acumulada graças a outras antologias e a suas palestras e aulas. Sem aqueles 12 mil, seu pior pesadelo se tornaria inevitável: teria de arrumar um emprego de verdade.

Ele não conhecia a *Resenhas Literárias True North.* A revista tinha uma capa de papel áspero com uns pinheiros inclinados impressos. Um selo no verso informava tratar-se de uma publicação da Universidade de Katahdin, no norte do estado de Nova York. Quando ele a abriu, duas folhas grampeadas caíram lá de dentro: era uma carta do editor, um professor universitário de inglês chamado Harold Noonan.

No inverno anterior, Noonan havia sido abordado por um homem chamado Peter Kilrue, que trabalhava em meio expediente no departamento de manutenção da universidade. Ele ouvira dizer que Noonan fora nomeado editor da *True North* e estava aceitando textos para avaliação, então pedira que analisasse um conto seu. O professor prometeu que o faria, mais por educação do que por qualquer outra coisa. Porém, quando finalmente leu o manuscrito de "ButtonBoy: uma história de amor", ficou pasmo tanto com a força de sua prosa quanto com a natureza horripilante de seu tema. Noonan era novato no cargo, estava substituindo o antigo editor Frank McDane, aposentado após 20 anos de serviço, e queria imprimir um novo rumo à revista, publicando textos de ficção capazes de "causar um certo incômodo".

"Acho que consegui isso até demais", escrevia Noonan na carta. Pouco depois de "ButtonBoy" ser publicado, o diretor do departamento de língua inglesa convocara uma reunião com Noonan para acusá-lo de usar a *True North* como vitrine para "brincadeiras literárias juvenis". Quase 50 pessoas cancelaram sua assinatura — um número considerável para um periódico cuja circulação era de apenas mil exemplares — e os ex-alunos responsáveis pela maior parte do financiamento da *True North* retiraram seus investimentos, indignados. O próprio Noonan foi demitido do cargo de editor e Frank McDane concordou em supervisionar a revista mesmo aposentado, em reação ao apelo popular pedindo a sua volta.

A carta de Noonan terminava assim:

Continuo achando que (quaisquer que sejam os seus defeitos) "ButtonBoy" é uma obra de ficção notável, embora genuinamente perturbadora, e espero que o senhor se dê ao trabalho de lê-la. Reconheço que consideraria uma vingança pessoal se o senhor resolvesse incluir o conto em sua próxima antologia das melhores ficções de terror do ano.

Eu poderia lhe desejar uma leitura agradável, mas não acho que seja esse o caso.

Atenciosamente,
Harold Noonan

Eddie Carroll acabara de chegar da rua e lera a carta de Noonan em pé, no hall onde pendurava os casacos. Virou a página até o início da história. Passou cinco minutos de pé, lendo, antes de perceber que estava sentindo um calor desagradável. Colocou a jaqueta em um gancho e entrou na cozinha.

Passou algum tempo sentado na escada que conduzia ao andar de cima, virando uma página atrás da outra. Depois esticou-se no sofá do escritório, com a cabeça apoiada em uma pilha de livros, e ficou lendo sob a luz fraca do fim de outubro, sem conseguir se lembrar de como havia chegado até ali.

Leu depressa até o final e depois se sentou, tomado por uma excitação estranha, elétrica. Pensou que aquilo talvez fosse a coisa mais grosseira, mais cruel que jamais havia lido na vida — e isso não era pouca coisa. Passara a maior parte da vida profissional lendo coisas grosseiras e cruéis, e nesses pântanos literários infestados de moscas e doenças descobrira flores de inenarrável beleza. Tinha certeza de que aquele conto era uma delas. Era uma história brutal e perversa, e ele precisava dela para sua revista. Voltou ao início e recomeçou a ler.

A HISTÓRIA ERA SOBRE UMA MENINA CHAMADA CATE – QUE COMEÇAVA O CONTO como uma retraída adolescente de 17 anos — que, certo dia, é puxada para dentro de um carro por um gigante de olhos amarelados e dentes ornados por um aparelho metálico. Ele amarra suas mãos nas costas e joga-a no chão da traseira de sua picape, onde ela descobre um menino mais ou menos da sua idade, que primeiro pensa estar morto, e que teve o rosto desfigurado de maneira indescritível. Seus olhos estão escondidos atrás de um par de buttons amarelos, com o desenho de uma carinha sorridente. Foram espetados bem no meio de suas pálpebras — costuradas com fio de aço — e de suas órbitas.

Quando o carro começa a se mexer, porém, o menino também se mexe. Toca o quadril de Cate, que reprime um grito de surpresa. Ele vai subindo a mão por seu corpo, tocando por último o rosto. Sussurra seu

nome, Jim, e diz que está há uma semana viajando com o gigante, desde que o homem matou seus pais.

"Ele furou meus olhos e disse que depois de fazer isso viu a minha alma sair voando. Disse que o barulho parecia aquele que a gente escuta quando assopra dentro de uma garrafa vazia de Coca-Cola, um barulho bem bonito. Daí ele pôs estas coisas por cima dos meus olhos para manter a minha vida aprisionada do lado de dentro." Enquanto fala, Jim toca os buttons sorridentes. "Ele quer ver quanto tempo eu vivo sem uma alma dentro de mim."

O gigante os conduz até um camping deserto, no meio de um parque estadual, onde obriga Cate e Jim a se acariciarem sexualmente. Quando acha que Cate não está beijando Jim com uma paixão convincente, rasga seu rosto com uma faca e corta fora sua língua. Na confusão que se segue — Jim gritando de medo, andando às cegas de um lado para outro, sangue por toda parte —, Cate consegue fugir para o meio da floresta. Três horas depois, chega cambaleando a uma auto-estrada, histérica, totalmente ensangüentada.

Seu seqüestrador não é capturado. Ele e Jim saem do parque nacional e desaparecem. Os investigadores da polícia não conseguem encontrar nenhum sinal dos dois. Não sabem quem é Jim nem de onde ele vem, e sabem ainda menos sobre o gigante.

Duas semanas depois de Cate ter alta do hospital, ela recebe uma única pista pelo correio: um envelope contendo dois buttons com o desenho de um rosto sorridente — com os alfinetes de aço cobertos de sangue ressecado — e uma foto de uma ponte no Kentucky. No dia seguinte, um mergulhador encontra um menino lá, no fundo do rio, com o corpo horrivelmente apodrecido, peixes entrando e saindo das órbitas vazias de seus olhos.

Cate, antes bonita e querida por todos, passa a ser objeto de pena e pavor entre aqueles que a conhecem. Compreende como as outras pessoas se sentem. A visão do próprio rosto no espelho também lhe causa repulsa. Durante algum tempo, ela freqüenta uma escola especial, onde aprende a linguagem dos sinais, mas logo desiste. Os outros deficientes — surdos, mancos, desfigurados — lhe causam nojo por sua carência, sua dependência.

Cate tenta, sem muita sorte, retomar uma vida normal. Não tem amigos próximos, nenhuma habilidade que possa lhe render um emprego,

e sente vergonha da própria aparência e de sua incapacidade de falar. Em uma cena particularmente triste, Cate bebe para tomar coragem e paquera um homem em um bar, mas é ridicularizada por ele e seus amigos.

Seu sono é perturbado por pesadelos freqüentes, nos quais ela revive improváveis e medonhas variações de seu seqüestro. Em algumas delas, Jim não é mais uma vítima, mas sim cúmplice do rapto, e a estupra com vigor. Os buttons cravados em seus olhos são círculos espelhados que exibem uma imagem distorcida de seu próprio rosto aos gritos, que, com a lógica perfeita dos sonhos, está dilacerado como uma máscara grotesca. Às vezes, esses sonhos a deixam excitada. Seu terapeuta diz que isso é comum. Mas ela o dispensa quando descobre o esboço de uma horrenda caricatura sua feita no caderno de anotações dele.

Cate experimenta várias coisas para tentar dormir: álcool, analgésicos, heroína. Precisa de dinheiro para comprar drogas e vai procurá-lo na escrivaninha do pai, que a flagra e a expulsa de casa. Mais tarde, na mesma noite, sua mãe lhe telefona para dizer que seu pai foi hospitalizado — teve um pequeno derrame —, e pede que ela, por favor, não vá visitá-lo. Não muito tempo depois, em uma creche para crianças deficientes onde Cate está trabalhando em meio período, um menino enfia um lápis no olho de outro, deixando-o cego. O incidente não é culpa de Cate, mas seus diversos vícios acabam sendo descobertos e ela perde o emprego. Mesmo depois de se livrar das drogas, descobre que é praticamente impossível arrumar outro trabalho.

Então, em um dia fresco de outono, ela sai de um supermercado no seu bairro e passa em frente a um carro de polícia estacionado nos fundos da loja. O capô está levantado. Um policial de óculos espelhados examina um radiador superaquecido. Ela olha de relance para o banco de trás — e ali, com as mãos algemadas nas costas, está o seu gigante, 10 anos mais velho e 23 quilos mais gordo.

Ela se esforça para manter a calma. Aborda o policial ocupado debaixo do capô e escreve um bilhete, perguntando-lhe se ele sabe quem está sentado no banco traseiro do carro.

Ele responde que é um cara que foi preso em uma loja de ferragens em Pleasant Street tentando roubar um facão de caça e um rolo de fita adesiva.

Cate conhece essa loja. Fica bem na esquina da sua casa. O policial segura seu braço no momento em que suas pernas ficam bambas.

Cate começa a escrever bilhetes freneticamente, tentando explicar o que o gigante fez com ela quando tinha 17 anos. A caneta não consegue acompanhar seus pensamentos e os bilhetes não fazem sentido algum, nem mesmo para ela própria, mas o policial entende o essencial. Ele a leva até o banco do carona e abre a porta do carro. A idéia de entrar no mesmo carro que seu raptor a deixa tonta de medo e ela começa a tremer descontroladamente, mas o policial lembra-lhe de que o gigante está algemado no banco de trás, que não vai poder machucá-la, e que é importante ela acompanhá-los até a delegacia.

Por fim, ela se acomoda no banco do carona. A seus pés está um casaco pesado. O policial diz que é dele, e que ela deveria vestir para se aquecer e se acalmar. Ela ergue os olhos, preparando-se para rabiscar um agradecimento em seu bloquinho — e então fica imóvel, incapaz de escrever. Alguma coisa na visão do próprio rosto, refletido nos óculos escuros dele, a faz congelar.

Ele fecha a porta e dá a volta pela frente do carro para fechar o capô. Com os dedos dormentes, ela abaixa a mão para pegar o casaco. Presos na frente da peça, um na altura de cada peito, estão dois buttons com carinhas sorridentes. Ela tenta abrir a porta, mas descobre que está trancada. A janela não abaixa. O capô se fecha com um baque. O homem atrás dos óculos, que não é policial, está sorrindo de forma assustadora. ButtonBoy termina de dar a volta no carro e passa pela porta do motorista para soltar o gigante do banco de trás. Afinal de contas, é preciso ter olhos para dirigir.

No meio de uma floresta densa, é fácil alguém se perder e andar em círculos e, pela primeira vez, Cate entende que fora isso que acontecera com ela. Ela fugira de ButtonBoy e do gigante correndo para dentro da mata, mas nunca conseguira escapar — não de verdade. Desde então, vem cambaleando no escuro no meio dos arbustos, percorrendo um grande e inútil círculo de volta para eles. Finalmente chegou aonde sempre estivera destinada a estar, e essa idéia, ao invés de aterrorizá-la, lhe soa estranhamente tranqüilizadora. Tem a sensação de que o seu lugar era ali com eles, e há uma espécie de alívio nisso, em pertencer a algum lugar. Então Cate relaxa no assento, puxando inconscientemente o casaco de ButtonBoy para proteger-se do frio.

EDDIE CARROLL NÃO FICOU SURPRESO AO SABER QUE NOONAN HAVIA SIDO escorraçado por publicar "ButtonBoy". A história se construía em cima de imagens de degradação feminina, e a heroína era descrita quase como cúmplice de sua própria mutilação emocional, sexual e espiritual. Isso era ruim... mas Joyce Carol Oates escrevia histórias exatamente assim para revistas não muito diferentes da *Resenhas Literárias True North,* e ganhava prêmios por elas. O pecado literário realmente imperdoável era um final impactante.

Carroll previra esse desfecho — depois de ler quase 10 mil contos sobrenaturais e de terror, era difícil algo surpreendê-lo —, mas, mesmo assim, ele o agradara. Entre os iniciados na literatura, porém, um final-surpresa (por mais bem-feito que fosse) era considerado amadorismo, ficção comercial ou coisa de TV de segunda categoria. Imaginava que os leitores da *True North* fossem professores universitários e pesquisadores de meia-idade, gente que lecionava Grendel e Ezra Pound e que sonhava um dia vender um poema para a *The New Yorker*. Para eles, um final surpreendente era mais ou menos como ouvir uma bailarina soltar um sonoro peido no meio de uma apresentação de *O lago dos cisnes* — uma gafe tão horrível que chegava a ser hilária.

Embora o desfecho de "ButtonBoy" lembrasse mais John Carpenter do que John Updike, Carroll tampouco tinha visto nada do gênero em nenhuma revista de terror ultimamente. Suas 25 páginas eram a saga quase inteiramente naturalista de uma mulher destruída aos poucos pela angústia constante da culpa dos sobreviventes. Falava de relações familiares atormentadas, de empreguinhos de merda, da labuta para ganhar dinheiro. Carroll havia se esquecido do que significava encontrar a lida diária em um conto. A maior parte das histórias de terror não se importava com nada a não ser com descrições de cenas sangrentas.

Pegou-se andando de um lado para o outro do escritório, irrequieto demais para se sentar, segurando a revista aberta em uma das mãos. Viu de relance o próprio reflexo na janela atrás do sofá, sorrindo de um jeito quase indecente, como se houvesse acabado de escutar uma piada chula particularmente boa.

Carroll tinha 11 anos de idade quando assistiu a *Desafio do além* no Cine Oregon. Tinha ido com os primos mas, quando as luzes se apagaram, seus companheiros foram engolidos pela escuridão e ele se viu inteiramente sozinho, trancado dentro de sua própria e sufocante caixa de

sombras. Às vezes era preciso toda a sua força de vontade para não tapar os olhos, mas suas entranhas se contorciam com um frisson de prazer nervoso e doentio. Quando as luzes finalmente se acenderam, seus nervos estavam vibrando, como se por um instante ele tivesse segurado um fio de alta tensão. Foi uma sensação pela qual ele desenvolveu verdadeira compulsão.

Mais tarde, quando já era um profissional e esse era o seu ramo, seus sentimentos se tornaram mais contidos — não desapareceram, mas eram vividos de forma distanciada, mais como a lembrança de uma emoção do que como a emoção em si. Mais recentemente, até a própria lembrança havia desaparecido, substituída por uma amnésia anestesiante, um desinteresse profundo por aquelas pilhas de revistas sobre a mesinha de centro. Ou não — às vezes ele era tomado pelo medo, mas pelo tipo errado de medo.

Aquela sensação, porém, ele ali em seu escritório, abalado pela violência de "ButtonBoy"... aquela era a verdadeira satisfação. A história fizera soar uma campainha interna e o deixara extasiado. Ele não conseguia se acalmar, estava pouco habituado à empolgação. Tentou pensar em quando havia publicado uma história da qual gostasse tanto quanto gostava de "ButtonBoy" — se é que algum dia o fizera. Foi até a prateleira e pegou o primeiro volume de O *melhor do novo horror* (que era o melhor de todos), curioso para ver o que o deixara tão entusiasmado na época. Enquanto procurava o sumário, deu de cara com a dedicatória que fizera para sua então esposa, Elizabeth. "Que me ajuda a encontrar o caminho no escuro", escrevera ele, num surto de afeição. Olhar para aquilo agora fazia sua pele se arrepiar.

Elizabeth o deixara depois de ele descobrir que ela estava tendo um caso com o gerente do banco havia mais de um ano. Ela se mudou para a casa da mãe e levou Tracy consigo.

— Por um lado, acho até bom você ter me dado aquele flagra — disse ela, pelo telefone, algumas semanas depois de ter ido embora da sua vida. — Assim a gente acaba logo com isso.

— Acaba com o caso? — perguntou ele, pensando se ela ia lhe contar que pretendia terminar a relação com o amante.

— Não — respondeu Lizzie. — Estou falando de toda essa sua merdalhada de terror e de todas essas pessoas que sempre vêm visitar você. Uns vermes suados que ficam de pau duro com cadáveres. Esta é a

melhor parte: pensar que agora talvez a Tracy possa ter uma infância normal. Pensar que eu finalmente vou poder ter uma vida na companhia de adultos saudáveis.

Já era ruim o suficiente ela ter colocado nele aquele par de chifres, mas falar de Tracy assim o deixava sem ar de tanto ódio, ainda hoje. Tornou a enfiar o livro na prateleira e foi se arrastando até a cozinha para almoçar, com a animação inquieta finalmente extinta. Vinha mesmo tentando dissipar toda aquela energia inútil e dispersiva. Boa e velha Lizzie — ainda lhe fazendo favores, mesmo a mais de 60 quilômetros de distância e na cama de outro homem.

NESSA TARDE, ELE MANDOU UM E-MAIL PARA HAROLD NOONAN PEDINDO O contato de Peter Kilrue. Noonan lhe respondeu menos de uma hora depois, muito satisfeito em saber que Carroll queria publicar "ButtonBoy" em *O melhor do novo horror*. Não sabia o endereço eletrônico de Kilrue, mas tinha um endereço da casa dele e um número de telefone.

No entanto, a carta que Carroll escreveu voltou com um carimbo do correio dizendo DEVOLVER AO REMETENTE e, quando ele ligou para o número de telefone, tudo o que ouviu foi uma gravação: "Este número está indisponível." Carroll telefonou para o professor na Universidade de Katahdin.

— Não estou surpreso — disse Noonan numa voz rápida e suave, tremendo de timidez. — Tenho a impressão de que ele é uma espécie de nômade. Acho que acumula empregos para pagar as contas. Provavelmente o melhor a fazer é ligar para Morton Boyd, do departamento de manutenção. Imagino que devam ter a ficha dele.

— Quando foi a última vez que o senhor o viu?

— Passei no apartamento dele em março, logo depois da publicação de "ButtonBoy", no auge da confusão. As pessoas estavam dizendo que a história dele fazia apologia à misoginia e ao ódio, que deveríamos publicar um pedido de desculpas, essas besteiras. Eu queria avisá-lo sobre o que estava acontecendo. Imaginei que ele fosse querer revidar de alguma forma, defender sua história no jornalzinho dos alunos ou algo assim... mas ele não quis. Disse que isso demonstraria fraqueza. Na verdade, foi uma visita bem estranha. Ele é um cara estranho. Não são só as histórias. É ele próprio.

— Como assim? Noonan riu.

— Não dá para explicar. Sabe quando você está com febre e olha para alguma coisa totalmente comum, como uma lâmpada na sua cabeceira, e essa coisa parece de alguma forma sobrenatural, anormal? Como se estivesse derretendo ou prestes a sair andando? Encontros com Peter Kilrue podem ser meio assim. Não sei por quê. Talvez por ele ser tão intenso em relação a coisas tão perturbadoras.

Carroll sequer havia conseguido entrar em contato com o homem e já estava começando a gostar dele.

— Que coisas?

— Quando eu fui à casa dele, seu irmão mais velho veio atender à porta. Seminu. Acho que estava hospedado lá. E esse cara era... eu não quero ser grosseiro... mas ele era perturbadoramente gordo. E tatuado. Perturbadoramente tatuado. Tinha um moinho tatuado na barriga, com cadáveres apodrecidos pendurados nas pás. Nas costas tinha um feto... com os olhos cobertos de rabiscos. E um bisturi em uma das mãos. E presas de animais.

Carroll riu, mas não tinha certeza de que aquilo fosse engraçado. Noonan prosseguiu:

— Mas ele era um cara legal. Muito simpático. Me recebeu, me ofereceu uma lata de refrigerante e fomos todos nos sentar no sofá em frente à TV... Aí... é muito curioso... enquanto estávamos conversando, e eu estava contando sobre a polêmica, ele se sentou no chão e Peter começou a fazer um *piercing* nele.

— Fazer o quê?

— Ai, meu Deus, isso mesmo. Bem no meio da conversa, ele passou uma agulha pela parte superior da orelha do irmão. Sangrou à beça. Quando o gordo se levantou, parecia que tinha levado um tiro na têmpora. O sangue escorria da cabeça dele. Parecia o final de *Carrie, a estranha,* como se ele tivesse acabado de tomar um banho de sangue, e ele me perguntou se eu queria outra Coca-Cola.

Dessa vez, os dois riram juntos, e depois, por um instante, um silêncio amigável pairou entre eles.

— E eles estavam assistindo a um programa sobre Jonestown — disse Noonan de repente. Na verdade, ele despejou a informação.

— Ahn?

— Na TV. Sem som. Enquanto falávamos e Peter furava o irmão. De certa forma, isso foi a gota d'água, o toque final de esquisitice que fez tudo parecer tão surreal. Eram imagens da Guiana Francesa depois daquele suicídio coletivo. Ruas tomadas por cadáveres, e todos aqueles pássaros, sabe... os pássaros bicando os corpos. — Noonan engoliu em seco. — Acho que a TV estava programada em *repeat,* porque eles viam as mesmas imagens mais de uma vez. Estavam assistindo como... como se estivessem em transe.

Outro silêncio pairou entre eles. Da parte de Noonan, parecia um silêncio constrangido. *Ele estava estudando para suas histórias,* pensou Carroll, com uma certa dose de aprovação.

— Você não achou o conto um exemplo notável de prosa norte-americana? — perguntou Noonan.

— Achei. Acho.

— Não sei o que ele vai pensar sobre entrar na sua coletânea, mas, falando por mim, eu fico encantado. Espero não ter deixado você assustado demais com ele.

Carroll sorriu.

— Eu não sou muito fácil de assustar.

BOYD, DO DEPARTAMENTO DE MANUTENÇÃO, TAMPOUCO TINHA CERTEZA DE onde Kilrue estava.

— Ele me disse que tem um irmão que trabalha com obras públicas em Poughkeepsie. Poughkeepsie ou Newburg, um dos dois. Ele queria trabalhar nisso também. Essas obras da prefeitura dão um bom dinheiro, e o melhor é que, depois que você entra, eles não podem demitir, mesmo que você seja um maníaco homicida.

A menção a Poughkeepsie despertou o interesse de Carroll. No fim do mês, a cidade iria sediar uma pequena convenção de ficção fantástica — Convenção das Maravilhas Ocultas, ou Convenção dos Sonhos Ocultos, algo assim. Ele fora convidado a participar, mas vinha ignorando as cartas. Não ligava mais para esses pequenos encontros, e, além disso, o momento era totalmente impróprio, muito perto do final do seu prazo para a entrega do novo volume da coleção.

No entanto, ele comparecia todos os anos ao Prêmio Mundial de Fantasia, assim como à Conferência de Autores do Nordeste, e a alguns

outros eventos mais interessantes. As convenções eram uma parte de seu trabalho que ele ainda não passara a detestar totalmente. Seus amigos compareciam. E, de certa forma, parte dele ainda gostava *da coisa* — e das lembranças que a coisa de vez em quando provocava.

Como daquela vez em que ele encontrara um livreiro oferecendo a primeira edição de *Amo Galesburg na primavera.* Não via nem pensava em *Galesburg* havia muitos anos, mas ali, virando as páginas amareladas e frágeis, com seu glorioso cheiro de poeira e sótão, toda uma vertiginosa torrente de lembranças se derramara sobre ele. Tinha lido o livro aos 13 anos de idade, e a história o mantivera fascinado durante duas semanas. Ele saía pela janela de seu quarto e ia ler no telhado; era o único lugar onde conseguia escapar do barulho das brigas dos pais. Lembrava-se da textura áspera das telhas, do cheiro de borracha que elas exalavam sob o sol, do zumbido distante de um cortador de grama e, acima de tudo, lembrava-se da própria sensação de deslumbramento. Carroll ligou para a Secretaria Municipal de Obras de Poughkeepsie e foi transferido para o departamento de pessoal.

— Kilrue? Arnold Kilrue? Foi demitido faz seis meses — disse um homem com uma voz fina e chiada. — Sabe como é difícil ser demitido de um emprego público? Ele foi o primeiro a ser mandado embora em anos. Mentiu sobre a ficha que tinha na polícia.

— Não, Arnold Kilrue, não. Peter. Arnold deve ser o irmão. Era gordo, cheio de tatuagens?

— Nada disso. Magro. Comprido. Só tinha uma das mãos. A esquerda foi tragada por uma enfardadeira, segundo ele.

— Ah — disse Carroll, pensando que mesmo assim aquela pessoa parecia ser parente de Kilrue. — Que tipo de infração ele cometeu?

— Violou uma ordem judicial.

— Ah — repetiu Carroll. — Litígio conjugai?

Identificava-se com homens que tinham sofrido nas mãos dos advogados das esposas.

— Nada disso — retrucou o encarregado de pessoal. — A ordem era para não chegar perto da própria mãe. Porra, que tal essa, hein?

— O senhor sabe se ele é parente de Peter Kilrue e como eu poderia entrar em contato com ele?

— Não sou secretário dele, amigo. Esta nossa conversa já acabou? A conversa já tinha acabado.

Ele tentou o serviço de auxílio à lista telefônica e começou a ligar para todas as pessoas com sobrenome Kilrue nos arredores de Poughkeepsie, mas ninguém admitiu conhecer algum Peter, e por fim ele desistiu. Carroll fez uma faxina furiosa no escritório, enfiando papéis dentro da cesta de lixo sem sequer olhar para eles, retirando pilhas de livros de um lugar e colocando-as em outro com um baque, esgotado de idéias e de paciência.

No fim da tarde, jogou-se no sofá para pensar e mergulhou em um cochilo irrequieto. Mesmo sonhando, estava com raiva, perseguindo um menininho que havia roubado suas chaves do carro em uma sala de cinema vazia. A imagem do menino estava em preto-e-branco e piscava como um fantasma ou um personagem de um filme antigo. Estava se divertindo a valer, sacudindo as chaves no ar e rindo histéricamente. Carroll acordou com ura sobressalto, sentindo uma pontada nas têmporas, pensando: *Poughkeepsie.*

Peter Kilrue morava em algum lugar daquela região do estado de Nova York e no sábado, certamente, estaria na convenção em Poughkeepsie; ele não conseguiria resistir a um evento como esse. Tudo o que Carroll precisava fazer era estar lá, e os dois iriam se encontrar.

Eram quatro horas de carro até lá e, às seis da manhã, Carroll já estava a 130 quilômetros por hora na pista da esquerda da interestadual I-90. O sol nascia atrás dele, enchendo seu retrovisor com uma luz ofuscante. Era boa a sensação de pisar fundo no acelerador, de sentir o carro zunindo rumo ao oeste, perseguindo a linha comprida da própria sombra. Então ocorreu-lhe que sua filhinha deveria estar ao seu lado, e seu pé aliviou a pressão no pedal, a empolgação com a estrada esvaindo-se de dentro dele.

Tracy adorava as convenções, qualquer criança adoraria. Elas proporcionavam um espetáculo de adultos fazendo papel de bobos, fantasiados de Hellraiser ou Elvira. Que criança seria capaz de resistir àquele enorme labirinto de mesas e exibições macabras, onde se podia comprar mãos de borracha cortadas por 1 dólar? Certa vez, Tracy passara

uma hora jogando *pinball* com Neil Gaiman na Convenção Mundial de Fantasia em Washington, D.C. Os dois ainda se correspondiam.

Acabara de dar meio-dia quando ele encontrou o Centro Cívico de Mid-Hudson e entrou. A convenção ocupava uma sala de concertos e o espaço estava abarrotado de gente; as paredes de concreto ecoavam com as risadas e o rumor oco e constante de conversas sobrepostas. Ele não avisara ninguém sobre a sua vinda, mas isso não tinha importância, pois mesmo assim uma das organizadoras o identificou, uma mulher gorda de cabelos ruivos e crespos, vestindo um paletó de fraque risca-de-giz.

— Não fazia idéia de que você viria — disse ela, arrematando com "Você não avisou!" e "Posso pegar uma bebida para você?"

Então ele se viu com uma cuba-libre nas mãos e uma pequena aglomeração de curiosos à sua volta, conversando sobre filmes, escritores e O *melhor do novo horror,* e perguntou-se como poderia ter pensado em não comparecer. Alguém havia cancelado a participação na mesa-redonda das 13h30 sobre a atualidade da ficção de horror, e não seria perfeito se...? Seria perfeito, sim, ele respondeu.

Foi conduzido até uma sala de conferência com fileiras de cadeiras dobráveis e uma mesa comprida com uma jarra de água gelada em uma das ponta. Sentou-se atrás da jarra, junto com os outros componentes da mesa: um professor que escrevera um livro sobre Poe, o editor de uma revista de horror on-line, um autor local de livros infantis com temas fantásticos. A ruiva os apresentou às cerca de duas dúzias de pessoas que entraram na sala e todos na mesa tiveram a oportunidade de dizer algumas palavras introdutórias. Carroll foi o último a falar.

Em primeiro lugar, disse que todo o mundo fictício era uma obra de fantasia e que, sempre que os autores introduziam uma ameaça ou um conflito na história, eles criavam a possibilidade do horror. Disse que fora atraído pela ficção de terror porque esta pegava os elementos mais básicos da literatura e os levava ao extremo. Toda ficção era um faz-de-conta, o que tornava a fantasia mais válida (e mais honesta) do que o realismo.

Disse também que a maioria dessas obras era pior do que ruim: eram todas imitações baratas e criativamente falidas do que já era uma merda para começo de conversa. Falou que, de vez em quando, passava meses sem encontrar uma única idéia original, um único personagem memorável, uma única frase notável.

Então contou que sempre fora assim. Provavelmente se podia afirmar que, em qualquer empreitada — fosse ela artística ou não —, havia um monte de gente criando uma porção de coisas ruins para produzir uns poucos sucessos. Todos tinham o direito de tentar, errar, aprender com os próprios erros, tentar de novo. E no meio dessa produção sempre surgiam preciosidades. Falou sobre Clive Barker, Kelly Link, Stephen Gallagher e Peter Kilrue. Contou-lhes sobre "ButtonBoy". Disse que, pelo menos para ele, nada se comparava à sensação de descobrir algo emocionante e original, e que sempre iria amar aquilo — o terrível e feliz choque daquilo. Enquanto falava, percebeu que era verdade. Quando terminou, algumas pessoas da última fila começaram a aplaudir e o som se espalhou para os lados, como uma onda dentro de uma piscina. Conforme os aplausos ecoavam pela sala, as pessoas começavam a se levantar.

Ele estava suando quando saiu de trás da mesa para apertar a mão de umas poucas pessoas depois do fim da mesa. Tirou os óculos para esfregar a manga da camisa no rosto e, antes de recolocá-los, já estava segurando a mão de outra pessoa, alguém magro e miúdo. Quando tornou a ajeitar os óculos sobre o nariz, não ficou muito contente ao reconhecer o dono daquela mão: Matthew Graham, um homem magro com a boca cheia de dentes tortos, manchados de nicotina, e um bigode tão pequeno e bem aparado que parecia um desenho.

Graham era editor de um detestável fanzine de horror chamado *Fantasias Rançosas*. Carroll ouvira dizer que Graham fora preso por molestar sexualmente sua enteada menor de idade, embora, ao que se sabe, o caso nunca tenha chegado aos tribunais. Tentava não deixar que isso influenciasse suas opiniões sobre os autores que Graham publicava, mas ainda não havia encontrado na revista nada que valesse a pena ser reproduzido em O *melhor do novo horror.* Ficções sobre agentes funerários drogados estuprando os cadáveres que lhes eram confiados, caipiras débeis mentais dando à luz demônios em barracões construídos sobre antigos cemitérios indígenas, textos coalhados de erros de ortografia e de sérias injúrias à gramática.

— Peter Kilrue não é o máximo? — indagou Graham. — Eu publiquei a primeira história dele. Você não leu? Mandei um exemplar para você, querido.

— Devo ter deixado passar — disse Carroll.

Não se dera ao trabalho de olhar a *Fantasias Rançosas* por mais de um ano, embora recentemente tivesse usado um número para forrar a caixa de areia do gato.

— Você iria gostar dele — disse Graham, exibindo novamente os poucos dentes. — Ele é um de nós.

Carroll tentou não estremecer de forma visível.

— Você falou com ele?

— Se eu falei com ele? Tomamos uns drinques juntos no almoço. Ele estava aqui hoje de manhã. Vocês se desencontraram por pouco. — Graham abriu a boca em um sorriso largo. Seu hálito fedia. — Se quiser, posso dizer a você onde ele mora. Não fica longe, sabe?

DURANTE UM ALMOÇO CORRIDO, MAIS TARDE, ELE LEU O PRIMEIRO CONTO DE Peter Kilrue em um exemplar da *Fantasias Rançosas* que Matthew Graham conseguiu desencavar. Chamava-se "Porquinhos" e falava de uma mulher mentalmente perturbada que dava à luz uma ninhada de leitõezinhos. Os porcos aprendiam a falar, a andar sobre as patas traseiras e a usar roupas, ao estilo dos porcos de *A revolução dos bichos*. No final da história, porém, voltavam à selvageria, usando as presas para dilacerar a mãe. Quando a história termina, os animais estão envolvidos em um combate mortal para ver quem conseguirá comer o pedaço mais saboroso do cadáver dela.

Era um texto corrosivo, irado, e, embora fosse de longe o melhor que a revista jamais havia publicado — escrito com esmero e realismo psicológico —, Carroll não gostou muito. Um dos trechos, em que todos os porquinhos brigavam para mamar nos peitos da mãe, parecia um horrendo e grotesco texto pornográfico.

Matthew Graham tinha inserido um papel em branco, dobrado, no final da revista. Nele, havia desenhado um mapa grosseiro indicando o caminho da casa de Kilrue, pouco mais de 30 quilômetros ao norte de Poughkeepsie, em uma cidadezinha chamada Piecliff. Ficava no trajeto de Carroll, no final de uma estrada com vista memorável, a Taconic, que o conduziria de volta à I-90. Não havia número de telefone. Graham mencionara que Kilrue estava passando por problemas financeiros e a companhia telefônica havia cortado sua linha.

Quando Carroll chegou à Taconic, já estava escurecendo e as sombras se adensavam debaixo dos grandes carvalhos e dos altos abetos que margeavam a pista. Ele era a única pessoa na estrada, que subia cada vez mais alto rumo a morros e matas. Algumas vezes, na luz dos faróis, via famílias de cervos paradas ao lado da estrada, de olhos rosados na escuridão, observando-o com uma mistura de temor e curiosidade distante.

Piecliff não era grande coisa: uma rua principal, reta, uma igreja, um cemitério, um posto Texaco, um único sinal de trânsito amarelo piscante. Ele logo passou pela cidade e pegou uma estreita estradinha estadual que atravessava bosques de pinheiros. A essa altura já era noite e fazia frio suficiente para ele ter de ligar o aquecedor do carro. Dobrou em Tarheel Road, e seu Civic teve de fazer uma série de curvas fechadas, subindo um declive tão íngreme que fazia o motor gemer com o esforço. Ele fechou os olhos por um instante e quase perdeu a entrada discreta. Precisou dar um tranco no volante para não bater nos arbustos e despencar pelo barranco.

Quase um quilômetro adiante, o asfalto se transformou em cascalho, e ele foi seguindo no escuro, com os pneus levantando uma nuvem de poeira esbranquiçada. Os faróis de repente iluminaram o corpo de um homem gordo usando um gorro laranja berrante que estava enfiando a mão dentro de uma caixa de correio. Nos adesivos florescentes na lateral da caixa lia-se KIL u. Carroll desacelerou.

O gordo ergueu uma das mãos para proteger os olhos, examinando o carro. Então sorriu e inclinou a cabeça na direção da casa em um gesto de *Siga-me,* como se Carroll fosse um visitante aguardado. Começou a subir a estradinha que conduzia à casa e Carroll seguiu de carro atrás dele. Coníferas se curvavam por cima do estreito caminho de terra batida. Galhos batiam no pára-brisa e roçavam as laterais do Civic.

Por fim, o caminho se abriu em um pátio poeirento diante da grande casa de fazenda amarela, com uma pequena torre e uma varanda que se estendia pela frente e por uma das laterais. Uma folha de compensado havia sido pregada por cima de uma janela quebrada. No meio das plantas descansava uma privada. Ao ver aquele lugar, Carroll sentiu os pêlos do braço se arrepiarem. Estacionou ao lado de um antiqüíssimo trator com caules de milho crescendo através do capô aberto.

Enfiou as chaves do carro no bolso do casaco e tomou a direção da varanda, onde o gordo esperava. No caminho, passou por um galpão muito

iluminado por dentro.

As portas duplas estavam fechadas, mas de lá saía o barulho estridente de uma serra elétrica. Ergueu os olhos para a casa e viu uma figura escura, destacada na contraluz, olhando para ele de uma das janelas do primeiro andar.

Eddie Carroll disse estar procurando por Peter Kilrue. O gordo inclinou a cabeça na direção da porta, no mesmo gesto de *Siga-me* que usara para chamá-lo para subir o caminho de terra. Então se virou e deixou Carroll entrar.

O hall de entrada era escuro e as paredes estavam cobertas de molduras tortas. Uma escada estreita levava ao segundo andar. Pairava um cheiro no ar, um odor úmido, estranhamente masculino... parecido com suor, mas também com massa de panqueca. Carroll identificou o cheiro imediatamente, e imediatamente decidiu fingir que não tinha percebido nada.

— Este hall está cheio de tralha — disse o gordo. — Deixe eu pendurar o seu casaco, ou nunca mais vai conseguir encontrá-lo. — Sua voz era alegre e melodiosa. Enquanto Carroll lhe estendia o casaco, o gordo se virou e gritou para cima da escada: *"Pete! Visita para você!" A* súbita mudança de um tom de voz normal para um grito furioso fez Carroll ter um violento sobressalto.

Uma tábua do piso rangeu acima deles e então um homem magro, vestindo uma jaqueta de veludo e usando óculos quadrados e pretos com armação de plástico, surgiu no alto da escada.

— Em que posso ajudar o senhor? — perguntou ele.

— Meu nome é Edward Carroll. Eu edito uma coleção de livros chamada *O melhor do novo horror norte-americano,* já ouviu falar? — Procurou alguma reação no rosto do homem magro, mas Kilrue se manteve impassível. — Li um conto seu, "ButtonBoy", na *True North* e gostei muito. Estava querendo incluí-lo na minha coletânea deste ano. — Ele fez uma pausa e em seguida arrematou: — O senhor não é muito fácil de encontrar.

— Suba aqui — disse Kilrue, afastando-se do topo da escada.

Carroll começou a subir. No térreo, o irmão ia descendo o corredor, segurando em uma das mãos o casaco de Kilrue e na outra a correspondência da família. Então, abruptamente, o gordo parou, ergueu os olhos para a escada e sacudiu um envelope pardo.

— Ei, Pete! A aposentadoria da mamãe chegou! — Sua voz tremia de prazer. Quando Carroll chegou ao topo da escada, Peter Kilrue já estava seguindo pelo corredor, que terminava em uma porta aberta. O corredor parecia torto de alguma forma. O chão dava a impressão de estar inclinado, a ponto de Carroll ter de tocar a parede para se equilibrar. Faltavam tábuas no piso. Um lustre ornado com pingentes de cristal flutuava acima do vão da escada, coberto de pó e de teias de aranha. Na imaginação de Carroll, em algum cômodo distante, um corcunda tocava os acordes iniciais de *A família Addams* em um xilofone.

Kilrue tinha um quartinho debaixo da parte inclinada do telhado. Uma mesa de carteado com o tampo de madeira lascado estava encostada em uma das paredes e sobre ela havia uma barulhenta máquina de escrever Selectric com uma folha de papel inserida no cilindro.

— Estava trabalhando? — perguntou Carroll.

— Não consigo parar — respondeu Kilrue.

— Que bom.

Kilrue sentou-se na pequena cama. Carroll deu um passo para a frente e precisou abaixar a cabeça para entrar no quarto. O homem tinha os olhos estranhamente desprovidos de cor, com as pálpebras ornadas de vermelho como se estivessem irritadas. Olhava para Carroll sem piscar.

Carroll falou-lhe sobre a coleção. Disse que podia pagar 200 dólares mais uma porcentagem de royalties. Kilrue aquiesceu, sem parecer nem surpreso nem curioso em relação aos detalhes. Sua voz era ofegante e afeminada. Ele agradeceu.

— O que o senhor achou do meu final? — perguntou Kilrue, sem preâmbulo.

— Do "ButtonBoy"? Eu gostei. Se não tivesse gostado, não iria querer reproduzi-lo.

— Lá na Universidade de Katahdin eles detestaram. Todas aquelas alunazinhas de saia plissada e papai rico. Detestaram uma porção de coisas na minha história, principalmente o final.

Carroll assentiu.

— Porque não conseguiram prever o final. Provavelmente foi uma surpresa e tanto para muitas pessoas. Um final chocante está fora de moda nesse tipo de literatura.

Kilrue continuou:

— Na primeira versão que eu escrevi, o gigante está estrangulando Cate e, no instante em que ela vai desmaiar, sente o homem usando buttons para fechar sua xoxota. Mas perdi a coragem e cortei. Não achei que o Noonan fosse publicar desse jeito.

— Na literatura de horror, muitas vezes o que confere poder a uma história é justamente aquilo que se deixa de fora — disse Carroll, mas foi apenas uma frase sem sentido. Sentiu o contato fresco do suor na testa. — Vou pegar um formulário de autorização no carro. — Tampouco soube por que disse isso. Não tinha nenhum formulário de autorização no carro, simplesmente sentia um desejo intenso e súbito de respirar um pouco de ar fresco.

Tornou a se abaixar e passou pela porta que dava para o corredor. Descobriu que precisava se esforçar para não apertar o passo.

No pé da escada, Carroll hesitou, perguntando-se para onde o irmão obeso de Kilrue tinha ido com seu casaco. Começou a cruzar o corredor. Quanto mais avançava, mais escuro ficava.

Debaixo da escada havia uma portinhola, mas ela não se moveu quando Carroll empurrou a maçaneta de latão. Continuou descendo o corredor à procura de um closet. Vindo de algum lugar ali perto, sentiu cheiro de cebolas e ouviu o som de gordura chiando e o baque de uma faca. Abriu uma porta à sua direita e deparou-se com uma sala de jantar com cabeças de animais empalhados penduradas nas paredes. Um facho comprido de luz caía sobre a mesa. A toalha era vermelha e tinha uma suástica pintada no centro.

Carroll fechou a porta com cuidado. Mais adiante e à esquerda, viu outra porta aberta que dava para a cozinha. O gordo estava em pé atrás de uma bancada, sem camisa, cortando com um cutelo o que parecia ser um fígado. Tinha argolas de ferro nos mamilos e tatuagens por todo o corpo. Carroll estava prestes a chamar seu nome quando o Kilrue gordo saiu de trás da bancada e foi até o fogão remexer o que estava na frigideira. Usava apenas um tapa-sexo e suas nádegas pálidas e surpreendentemente magras se sacudiam a cada passo. Carroll tornou a recuar para a escuridão e depois de um instante seguiu em frente, andando sem fazer barulho.

O corredor era ainda mais torto do que o do andar de cima, visivelmente fora de prumo, como se a casa tivesse sido atingida por algum fenômeno sísmico e a extremidade da frente não estivesse mais alinhada com a de trás. Não entendeu por que não dava meia-volta; não

fazia sentido adentrar cada vez mais numa casa desconhecida. Mesmo assim, seus pés continuaram a levá-lo.

Carroll abriu outra porta à esquerda, próxima ao final do corredor. O fedor e o zumbido furioso das moscas o fizeram recuar. Um calor humano desagradável emanou lá de dentro e o envolveu. Era o cômodo mais escuro até então, um quarto de hóspedes, e ele estava prestes a fechar a porta quando escutou algo se mexendo debaixo dos lençóis da cama. Cobriu a boca e o nariz com uma das mãos e obrigou-se a dar um passo à frente, esperando seus olhos se acostumarem à escuridão.

Uma velhinha frágil estava deitada na cama, com o lençol embolado na cintura. Estava nua, e ele parecia tê-la surpreendido enquanto se espreguiçava, com os braços esqueléticos erguidos acima da cabeça.

— Desculpe — balbuciou Carroll, desviando os olhos. — Sinto muito.

Começou a fechar a porta, mas parou e tornou a olhar para dentro do quarto.

A velha se mexeu novamente sob os lençóis. Seus braços continuavam esticados acima da cabeça. Foi o cheiro, o fedor humano que emanava dela, que o fez agüentar firme e continuar observando.

Só quando conseguiu focar a visão ele viu o arame em volta de seus pulsos, prendendo os braços à cabeceira da cama. Seus olhos eram fendas e sua respiração chiava. Debaixo dos sacos enrugados e pequeninos dos seios era possível ver suas costelas. As moscas zumbiam. Sua língua emergiu da boca e moveu-se sobre os lábios ressequidos, mas ela não disse nada.

Então Carroll voltou ao corredor, andando apressado, com as pernas rígidas. Quando passou pela cozinha, pensou ter visto o irmão gordo levantar os olhos e vê-lo passar, mas não diminuiu o passo. Pelo canto do olho, viu Peter Kilrue em pé no alto da escada, olhando para ele lá embaixo, com a cabeça inclinada em um ângulo de quem não está entendendo.

— Já volto com o formulário — disse Carroll para ele, sem parar de andar. Sua voz soou surpreendentemente casual.

Bateu a porta da frente com um estrondo. Não pulou os degraus da varanda, mas desceu-os um a um. Quando se está fugindo de alguém, nunca se deve pular a escada: é assim que se torce o tornozelo. Já vira isso

acontecer em uma centena de filmes de terror. O ar estava tão gelado que lhe queimou os pulmões.

Uma das portas do galpão estava aberta. Ao passar, espiou lá para dentro e viu um chão liso de terra batida, correntes e ganchos enferrujados pendendo das vigas, uma serra elétrica pendurada na parede. Atrás de uma mesa havia um homem alto, anguloso, com apenas uma mão. A outra era um coto, a pele irritada reluzente de cicatrizes. Ele olhou para Carroll sem dizer nada, com os olhos descorados inquisidores e pouco amistosos. Carroll sorriu e meneou a cabeça.

Abriu a porta do Civic e sentou-se ao volante... e no instante seguinte sentiu uma pontada de pânico atravessar-lhe o peito. As chaves estavam no casaco. O casaco estava dentro da casa. Quase deu um grito com aquele choque terrível mas, quando abriu a boca, o que saiu foi uma risada assustada que mais pareceu um soluço. Também já vira isso em uma centena de filmes de terror, já lera esse trecho em 300 histórias. O herói nunca tinha as chaves, ou então o carro não pegava, ou então...

O irmão maneta apareceu na porta do galpão e olhou para ele do outro lado do pátio de terra batida. Carroll acenou, usando a outra mão para ligar o celular. Olhou para o aparelho. Não havia sinal ali. De alguma forma, isso não o deixou surpreso. Tornou a rir, um riso engasgado, nervoso.

Quando ergueu os olhos, a porta da frente da casa estava aberta e nela se desta cavam duas formas, ambas olhando para ele. Todos os irmãos agora o fitavam. Ele desceu do carro e começou a descer depressa a estradinha. Só desatou a correr quando ouviu um deles gritar.

No final da trilha, não se virou para pegar a estrada maior, mas passou direto por ela e mergulhou no meio da vegetação e das árvores. Galhos finos como chicotes golpeavam seu rosto. Tropeçou e rasgou a calça na altura do joelho, levantou-se e seguiu em frente.

A noite estava clara e sem nuvens, o céu todo estrelado até o fundo infinito. Carroll se deteve na beirada de um declive íngreme, agachando-se entre as pedras para recuperar o fôlego, sentindo uma pontada na lateral do abdômen. Ouviu vozes na encosta mais acima e galhos se partindo. Ouviu também alguém puxar a cordinha de um pequeno motor, uma, duas vezes, e em seguida distinguiu o peculiar rugido de uma serra elétrica ganhando vida.

Levantou-se e continuou a correr, jogando-se declive abaixo, chispando por entre os galhos dos abetos, pulando por cima de raízes e pedras, sem vê-las. Conforme avançava, a descida ia ficando cada vez mais íngreme, até a corrida se transformar praticamente em uma queda. Estava rápido demais e sabia que, quando parasse, isso significaria bater em alguma coisa e sentir uma dor lancinante.

Enquanto prosseguia, porém, ganhando velocidade a cada instante, até cada um de seus passos parecer fazê-lo voar muitos metros floresta adentro, sentiu uma onda inebriante de emoção, uma sensação que poderia ter sido pânico, mas que lembrava estranhamente empolgação. Parecia que qualquer movimento que esboçasse poderia fazer seus pés saírem do chão e nunca mais voltarem. Ele conhecia aquela floresta, aquela escuridão, aquela noite. Conhecia suas chances: não eram nada boas. Sabia o que estava atrás dele. Estivera atrás dele durante toda a sua vida. Sabia onde estava — em uma história prestes a chegar ao fim. Sabia melhor do que ninguém como essas histórias terminavam e, se alguém era capaz de encontrar a saída daquele mato, esse alguém era ele.

FANTASMA DO SÉCULO XX

A MELHOR HORA PARA VÊ-LA É QUANDO A SALA ESTÁ QUASE LOTADA. Há uma história conhecida de um homem que vai a uma sessão noturna e encontra a enorme sala de cinema, com 600 lugares, praticamente deserta. No meio do filme, olha em volta e a vê sentada ao seu lado, em um lugar que segundos antes estava vazio. Ele olha para ela. Ela vira a cabeça e retribui o olhar. O nariz dela está sangrando. Seus olhos estão arregalados, assustados.

— Minha cabeça dói — sussurra ela. — Preciso sair um pouco. Você me conta o que eu perder?

É nesse instante que o homem percebe que ela é tão diáfana quanto o raio de luz azul e trêmulo lançado pelo projetor. É possível ver a poltrona ao lado através do seu corpo. Quando ela se levanta da cadeira, dissolve-se no ar.

Há também o caso de um grupo de amigos que entra no cinema Rosebud numa noite de quinta-feira. Um dos rapazes se senta ao lado de uma mulher sozinha, vestida de azul. Como o filme demora a começar, ele resolve puxar conversa.

— Que filme será exibido amanhã? — pergunta ele.

— O cinema amanhã ficará escuro — ela sussurra. — Esta é a última sessão.

Pouco depois de o filme começar, ela desaparece. No caminho de casa, o rapaz morre em um acidente de carro.

Essas e muitas outras lendas conhecidas sobre o Rosebud são falsas... histórias de fantasmas de gente que assistiu a muitos filmes de terror e pensa saber exatamente como deve ser uma história de fantasma.

Alec Sheldon, um dos primeiros a ver Imogene Gilchrist, é o dono do Rosebud e, aos 73 anos de idade, ainda opera o projetor quase todas as noites. Depois de conversar com alguém, mesmo que seja apenas por alguns instantes, ele sempre percebe se a pessoa de fato a viu ou não, mas guarda segredo sobre o que sabe e nunca desmente ninguém publicamente. Poderia ser ruim para os negócios.

Ele tem certeza, porém, de que qualquer um que diga que conseguiu ver através do corpo dela não a viu de verdade. Algumas dessas pessoas falam de sangue escorrendo pelo nariz, pelas orelhas, pelos olhos; dizem que ela lhes lançou um olhar de súplica e que lhes pediu para chamar alguém ou buscar ajuda. Mas ela não sangra assim e quando está com vontade de conversar, não é para pedir a alguém que chame um médico. Muitos dos farsantes começam a história dizendo: "O *senhor nunca vai acreditar no que eu acabei de ver." Eles estão certos. Alec não acredita mesmo, embora escute tudo o que eles têm a dizer com um sorriso paciente, encorajador até.*

Quem realmente a vê não vai procurar Alec para lhe contar. Na maioria das vezes, é ele quem os encontra vagando pelo saguão, de pernas bambas. Tiveram um choque grande, não estão se sentindo bem. Precisam se sentar um pouco. Eles nunca dizem "O senhor não vai acreditar no que eu acabei de ver". A experiência ainda está recente demais. A idéia de que não vão acreditar neles só ocorre depois. Muitas vezes, sua atitude pode ser descrita como contida, submissa. Quando Alec pensa no efeito que ela exerce sobre quem a vê, pensa em Steven Greenberg saindo da sala durante a exibição de Os pássaros *em uma tarde fresca de domingo, em 1963. Steven tinha acabado de completar 12 anos e demoraria mais 12 para se tornar famoso; nessa época, ainda não era um menino de ouro, era apenas um menino.*

Alec estava no beco escuro atrás do Rosebud, fumando um cigarro, quando ouviu a porta de emergência do cinema se abrir ruidosamente atrás de si. Virou-se e viu um garoto magro e comprido apoiado no vão da porta — simplesmente encostado ali, sem entrar nem sair. O menino apertava os olhos por causa da forte luz do sol, com a expressão confusa de uma criança pequena que acaba de despertar de um sono profundo. Atrás dele, Alec pôde ver a escuridão cheia do barulho estridente dos milhares de pardais do filme. Pôde ouvir também alguns espectadores se remexendo, irrequietos, reclamando da claridade.

— Ei, garoto, você vai entrar ou vai sair? — perguntou Alec. — Está deixando a luz entrar. O menino — Alec ainda não sabia seu nome — virou a cabeça e tornou a olhar para dentro da sala de cinema. Então saiu e a porta se fechou atrás dele, girando silenciosamente na dobradiça pneumática. Mesmo assim, ele não foi a lugar nenhum nem disse nada. Já fazia duas semanas que Os pássaros *estava em cartaz e, embora Alec*

tivesse visto outras pessoas saírem antes do final, nenhuma dessas saídas prematuras havia sido de um menino de 12 anos. Aquele era o tipo de filme que a maioria dos garotos dessa idade esperava o ano inteiro para assistir, mas quem poderia saber? Talvez aquele tivesse estômago fraco.

— Deixei minha Coca-Cola lá dentro — disse o garoto, com a voz distante, quase inaudível. — Ainda tinha um restinho.

— Quer entrar para procurar?

O menino ergueu os olhos com uma expressão de pânico, e foi então que Alec percebeu.

— Não — respondeu.

Alec terminou o cigarro e jogou-o longe.

— A moça morta sentou do meu lado — disse o menino de repente. — Ela falou comigo.

— O que foi que ela disse?

Alec tornou a olhar para o menino e viu sua expressão de incredulidade.

— "Eu preciso de alguém para conversar", foi isso que ela disse. "Quando fico entusiasmada com um filme, preciso falar com alguém."

Alec sabe que, quando ela fala com alguém, é sempre porque quer conversar sobre os filmes. Em geral ela fala com homens, embora às vezes fique sentada conversando com uma mulher — especialmente com Lois Weisel. Alec estava elaborando uma teoria sobre o que afazia aparecer. Vinha fazendo anotações em um bloquinho amarelo. Tinha uma lista das pessoas para quem ela costumava aparecer, além dos filmes e das datas (Leland King, Ensina-me a viver, *1972; Joel Harlowe,* Erasehead, *1977; Hal Lash,* Gosto de sangue, *1985; entre vários outros). Ao longo dos anos, havia desenvolvido idéias claras sobre as condições mais propícias ao seu aparecimento, embora as especificidades de sua teoria estivessem sujeitas a constantes revisões.*

Quando ele era jovem, ela estava sempre em seus pensamentos; tinha sido sua primeira e mais intensa obsessão. Depois de algum tempo, porém, isso melhorou — o cinema ia de vento em popa e ele se tornou um importante homem de negócios da comunidade, membro da Câmara de Comércio e do Conselho de Planejamento Urbano. Nessa época, passava dias sem pensar nela. Mas era só alguém vê-la — ou fingir tê-la visto — e tudo começava de novo.

Após o divórcio — a ex-mulher ficara com a casa e ele teve de se mudar para o quarto-e-sala embaixo do cinema — e não muito depois da inauguração do complexo de oito salas de exibição nos arredores da cidade, sua obsessão recomeçou. Dessa vez, era menos com ela e mais com o Rosebud em si (será que há alguma diferença entre as duas coisas? Na verdade, não, achava ele, pois pensamentos sobre uma sempre acabavam em pensamentos sobre a outra). Nunca havia se imaginado tão velho e devendo tanto dinheiro. Tem dificuldade para dormir, com a cabeça repleta de idéias — estapafúrdias, desesperadas — sobre como impedir que o cinema fosse à falência. Fica acordado pensando em receita, pessoal, bens com liquidez. E quando não consegue mais pensar em dinheiro, tenta imaginar para onde irá caso o cinema feche. Visualiza um asilo para idosos, colchões fedendo a pomada analgésica, velhotes corcundas sem dentadura sentados em uma sala de recreação bolorenta assistindo a seriados de TV; vê um lugar onde ele irá se consumir passivamente, como um papel de parede exposto à luz do sol que vai aos poucos perdendo a cor.

Isso, por si só, já é ruim. Pior ainda é tentar imaginar o que vai acontecer com ela *caso o Rosebud feche as portas. Ele vê o cinema sem poltronas, um espaço vazio cheio de ecos, com redemoinhos de poeira nos cantos e pedaços de chiclete petrificados grudados no cimento. Vê adolescentes do bairro arrombando o espaço para beber e trepar; garrafas de bebida espalhadas, pichações grosseiras nas paredes, uma única e grotesca camisinha usada no chão em frente à tela. Vê o lugar desolado e violentado onde ela irá se extinguir. Ou onde não irá se extinguir... o que é pior.*

A PRIMEIRA VEZ QUE ALEC A VIU E FALOU COM ELA FOI AOS 15 ANOS DE IDADE, SEIS dias depois de ficar sabendo que seu irmão fora morto em combate no Pacífico Sul. O presidente Truman enviara uma carta expressando suas condolências. Era uma carta-padrão, mas a assinatura no final... a assinatura era mesmo do presidente. Alec ainda não havia chorado. Anos mais tarde, entenderia que passara aquela semana inteira em estado de choque, que perdera a pessoa que mais amava no mundo e que isso o deixara gravemente traumatizado. Em 1945, porém, ninguém usava a palavra "trauma" para se referir a emoções — o único trauma

sobre o qual se falava, na época, era o produzido pela detonação de uma bomba.

DE MANHÃ, ALEC DIZIA À MÃE QUE ESTAVA INDO PARA A ESCOLA, MAS NÃO IA. Ficava vagando pelo centro da cidade procurando encrenca. Roubava balas de uma lanchonete e as comia numa fábrica de sapatos desativada (já que todos os homens estavam na França ou no Pacífico). Com o açúcar correndo nas veias, atirava pedras nas vidraças, treinando seus arremessos rápidos.

Um dia foi parar no beco atrás do Rosebud, olhou para a porta do cinema e viu que não estava bem fechada. Era uma superfície de metal liso, sem maçaneta, mas ele conseguiu abri-la usando as unhas. Entrou no meio da sessão de 15h30, com o cinema lotado de crianças com menos de 10 anos de idade acompanhadas das mães. A porta de emergência ficava escondida nas sombras, então ninguém o viu entrar. Subiu o corredor meio abaixado e encontrou um lugar nos fundos.

— Ouvi dizer que o Jimmy Stewart foi lutar no Pacífico — dissera-lhe o irmão durante a folga que passara em casa, antes de tornar a embarcar para a guerra. Estavam treinando arremessos de beisebol no quintal dos fundos. — O Sr. Smith a uma hora dessas deve estar expulsando aquelas porras daqueles japoneses desgraçados. O que você acha dessa idéia maluca?

O irmão de Alec, Ray, era um aficionado de cinema. Ele e Alec haviam assistido a todos os filmes que estrearam durante sua folga de um mês: *Patrulha de Bataan, Romance dos sete mares, O bom pastor.*

Alec esperou enquanto era exibido um episódio de uma série sobre as aventuras de um caubói cantor de longos cílios e boca tão escura que seus lábios chegavam a ser pretos. Aquilo não o interessava. Ele ficou limpando o nariz e imaginando como arrumar uma Coca-Cola sem pagar. O filme principal começou.

Alec não conseguiu identificar logo que diabo de filme era aquele, embora desde o início tenha tido a desoladora sensação de que seria um musical. Primeiro, os membros de uma orquestra ocuparam um palco em frente a um fundo azul desbotado. Então apareceu um cara de camisa engomada e começou a falar com os espectadores sobre o novíssimo tipo de entretenimento ao qual estavam prestes a assistir. Quando ele começou

a dizer baboseiras sobre Walt Disney e seus artistas, Alec pôs-se a afundar na poltrona, enterrando a cabeça nos ombros. A orquestra explodiu em acordes de instrumentos de corda e de sopro. Dali a instantes, seus piores temores viraram realidade. Não era apenas um musical: era *também* um desenho animado. É claro que seria um desenho animado, ele deveria ter percebido. O lugar estava lotado de criancinhas com suas mães, o filme estava sendo exibido às 15h30 de um dia de semana e começava com um episódio do Kid Batom, a bichinha cantante das planícies.

Depois de algum tempo, levantou a cabeça, deu uma espiada na tela por entre os dedos e assistiu a alguns minutos de animação abstrata: gotas de chuva prateadas caindo contra um fundo de fumaça revolta, raios de luz tremeluzindo em um céu cor de chumbo. Depois de algum tempo, endireitou-se numa posição mais confortável. Não tinha certeza do que sentia. Estava entediado, mas interessado também, e um pouco fascinando. Era difícil não olhar. As imagens o atingiam como um ataque hipnótico constante — fachos de luz vermelha, estrelas rodopiantes, montanhas de nuvens reluzindo à luz carmim de um sol poente.

As criancinhas se remexiam nas poltronas. Ele ouviu uma menininha perguntar bem alto: "Mamãe, quando é que o Mickey vai aparecer?" Quando começou a segunda parte do filme e a orquestra passou de Bach a Tchaikovsky, ele já estava sentado ereto, um pouco inclinado para a frente, com os antebraços apoiados nos joelhos. Viu fadas zunindo por uma floresta escura, tocando flores e teias de aranha com varinhas de condão e espalhando lençóis de orvalho cintilante, incandescente. Sentiu uma espécie de deslumbramento ao vê-las voar de um lado para outro, uma curiosa sensação de nostalgia. Ocorreu-lhe de repente que seria capaz de ficar ali para sempre assistindo àquilo.

— Eu poderia ficar sentada aqui neste cinema para sempre — sussurrou alguém ao seu lado. Era uma voz de menina. — Simplesmente ficar sentada aqui assistindo e nunca mais ir embora.

Ele não sabia que havia alguém sentado ao seu lado e sobressaltou-se ao ouvir uma voz tão próxima. Achava — achava, não, tinha certeza — que, quando se sentara, as duas poltronas ao seu lado estavam vazias. Virou a cabeça.

Ela era pouco mais velha do que ele, mas não devia ter mais de 20 anos, e seu primeiro pensamento foi que ela era uma gata; seu coração bateu mais depressa por ter uma menina assim falando com ele. Pensou

consigo mesmo: *Não vá estragar tudo.* Ela não estava olhando para ele. Tinha os olhos cravados na tela e sorria de uma forma que transmitia ao mesmo tempo a admiração e o encantamento de uma criança. Ele sentiu uma vontade danada de dizer alguma coisa inteligente, mas sua voz estava presa na garganta.

Ela se inclinou na direção dele sem tirar os olhos da tela e tocou de leve seu braço sobre o encosto da poltrona.

— Desculpe incomodar você — sussurrou ela. — Quando eu fico empolgada com um filme, sinto vontade de falar. Não consigo evitar.

No instante seguinte, ele reparou em duas coisas, mais ou menos ao mesmo tempo. A primeira era que a mão encostada em seu braço estava fria. Pôde sentir sua temperatura glacial através do suéter, um frio tão palpável que o deixou um pouco surpreso. A segunda coisa foi uma gotinha de sangue em seu lábio superior, debaixo da narina esquerda.

— Seu nariz está sangrando — disse ele numa voz alta demais. No mesmo instante desejou não ter dito isso. Só se tem uma única oportunidade de impressionar uma garota como aquela. Ele deveria ter encontrado alguma coisa e estendido para ela, murmurando algo ao estilo Sinatra: "Tome, você está sangrando." Enfiou as mãos nos bolsos, apalpando em busca de algo com que ela pudesse limpar o sangue. Não encontrou nada.

Mas ela não demonstrou tê-lo escutado nem pareceu ter a menor consciência de que ele havia falado. Distraída, esfregou o dorso de uma das mãos sob o nariz, deixando uma mancha escura de sangue no lábio superior... e Alec congelou com as mãos nos bolsos, encarando-a. Foi o primeiro indício de que havia alguma coisa errada com a garota sentada ao seu lado, alguma coisa ligeiramente *fora de lugar* na cena que se desenrolava entre eles. Por instinto, ele retesou o corpo e se afastou um pouco dela, sem saber muito bem por que estava fazendo aquilo.

Ela riu de alguma coisa, um som suave, arfante. Então inclinou-se para ele e sussurrou:

— Esse filme não é adequado para crianças. O Harry Parcells adora este cinema, mas só passa os filmes errados... Você conhece Harry Parcells, dono desta sala?

Uma nova gota vermelha escorria de sua narina esquerda e seus lábios estavam sujos de sangue, mas a essa altura a atenção de Alec já se voltara para outra coisa. Os dois estavam sentados bem debaixo do facho

do projetor, e insetos rodopiavam através da coluna de luz azul acima deles. Uma mariposa branca havia pousado no rosto dela. Subia pela sua bochecha, mas ela não reparou. Alec não comentou nada. O ar que tinha no peito não era suficiente para falar.

Ela disse, baixinho:

— Ele acha que só porque é um desenho animado as crianças vão gostar. Engraçado ele ser tão louco por filmes e saber tão pouca coisa sobre eles. Não vai durar muito como dono deste cinema.

Ela olhou para ele e sorriu. Seus dentes estavam manchados de sangue. Alec não conseguiu se levantar. Uma segunda mariposa, branca como marfim, aterrissou na borda interna da delicada orelha dela.

— Seu irmão Ray teria adorado este filme — disse ela.

— Vá embora daqui — sussurrou Alec com a voz rouca.

— O seu lugar é aqui, Alec — disse ela. — O seu lugar é aqui comigo.

Ele finalmente se mexeu, precipitando-se para fora da poltrona. A primeira mariposa estava se embrenhando nos cabelos dela. Ele pensou ter se ouvido gemer. Começou a se afastar dela. Ela o encarava. Ele recuou alguns passos pelo corredor e tropeçou nas pernas de uma criança que gritou. Alec desviou os olhos dela por um instante e cravou-os em um menino gorducho de camiseta listrada que o encarava, zangado, como quem diz: "Olha por onde anda, pateta."

Alec tornou a se virar para a garota, e ela agora estava afundada na poltrona. Tinha a cabeça caída sobre o ombro esquerdo. Suas pernas estavam abertas em uma pose lasciva. Grossos filetes de sangue, secos e rachados, saíam de suas narinas, emoldurando sua boca de lábios finos. Seus olhos estavam revirados nas órbitas. Em seu colo havia um saquinho de pipoca esparramado.

Ele achou que fosse dar um grito, mas não deu. Ela estava totalmente imóvel. Ele olhou para ela e em seguida para o menino em quem tinha tropeçado. O gordinho olhou casualmente na direção da garota morta, sem esboçar qualquer reação. Voltou-se para Alec, intrigado, com um dos cantos da boca erguido num sorriso de desdém.

— Moço — disse uma mulher, mãe do menino gordo. — Você pode sair da frente, *por favor?* Estamos tentando ver o filme.

Alec lançou um último olhar para a menina, mas agora a poltrona onde ela estivera sentada estava vazia, com o assento erguido. Ele

começou a recuar, esbarrando nas pernas das pessoas, quase caindo no chão, segurando-se em alguém para se apoiar. Então, de repente, a sala irrompeu em vivas e aplausos. Seu coração pulou. Ele gritou e olhou em volta, desnorteado. Era o Mickey na tela, usando uma túnica vermelha comprida — o Mickey finalmente havia aparecido.

Alec avançou pelo corredor e passou pelas portas forradas de couro até chegar ao saguão. Encolheu-se por causa da claridade do meio da tarde, apertando os olhos. Sentia-se enjoado. Então alguém segurou seu ombro, virou-o e o conduziu pelo vestíbulo até a escada que levava ao andar superior. Alec sentou-se no primeiro degrau, largando o corpo com força.

— Descanse um minuto — disse alguém. — Não se levante. Recupere o fôlego. Você acha que vai vomitar?

Alec fez que não com a cabeça.

— Porque, se você acha que vai vomitar, segure até eu pegar um saquinho. Não é muito fácil tirar manchas deste carpete. Além disso, quando as pessoas sentem cheiro de vômito, perdem a vontade de comer pipoca.

A pessoa ficou mais alguns instantes ao seu lado, depois virou-se e saiu, sem dizer uma palavra. Voltou em um minuto.

— Tome. É por conta da casa. Beba devagar. O gás vai fazer seu enjôo melhorar. Alec pegou o copo de papel encerado coberto de gotículas de água fria, encontrou o canudo com a boca e sugou uma Coca-Cola geladíssima e cheia de gás. Ergueu os olhos. O homem em pé ao seu lado era alto, de ombros caídos, com um pneu flácido em volta do torso. Seus cabelos eram escuros e estavam cortados bem curtos. Seus olhos, atrás dos óculos absurdamente grossos, eram pequenos, claros e nervosos.

— Tem uma menina morta lá dentro — disse Alec, sem conseguir reconhecer a própria voz.

O rosto do homem alto perdeu a cor, e ele lançou um olhar triste para as portas que conduziam à sala de exibição.

— Ela nunca veio à matinê antes. Achei que só aparecesse nas sessões noturnas, achei que... pelo amor de Deus, é um filme infantil. O que ela está tentando fazer comigo?

Alec abriu a boca; não sabia o que iria dizer, provavelmente alguma coisa sobre a menina, mas não foi isso que saiu.

— Na verdade, esse filme não é para crianças.

— Claro que é. É um filme do Walt Disney — respondeu o homem, um pouco irritado.

Alec passou vários instantes observando-o, depois arriscou:

— O senhor deve ser Harry Parcells.

— Eu mesmo. Como é que você descobriu?

— Foi chute — respondeu Alec. — Obrigado pela Coca.

ALEC SEGUIU HARRY PARCELLS ATÉ O BALCÃO DA LANCHONETE, ATRAVESSOU UMA porta e chegou a um patamar ao pé de uma escada. Harry abriu uma porta à direita e os dois entraram em um escritório pequeno, abarrotado de coisas. O chão estava coberto de latas de filme. Cartazes desbotados cobriam as paredes, um se sobrepondo ao outro: *Cidade dos meninos, David Copperfield,... E o vento levou.*

— Sinto muito por ela ter assustado você — disse Harry, desabando na cadeira atrás da escrivaninha. — Tem certeza de que está tudo bem? Você parece abalado.

— Quem é a garota?

— Alguma coisa estourou dentro do cérebro dela — disse Harry, apontando um dedo para a têmpora esquerda, como se fingisse segurar uma arma contra a própria cabeça. — Seis anos atrás. Durante O *mágico de Oz,* no dia da estréia. Foi uma coisa horrível. Ela vinha aqui sempre, era minha cliente mais assídua. Costumávamos conversar, brincar um com o outro... — A voz dele sumiu, confusa e triste. Ele apertou as mãos rechonchudas sobre o tampo da mesa à sua frente e por fim falou: — Agora está tentando me levar à falência.

— Ela já apareceu para o senhor. Não era uma pergunta. Harry aquiesceu.

— Sim, alguns meses depois de morrer. Disse que o meu lugar não é aqui. Não sei por que ela agora quer me assustar, se antes nos dávamos tão bem. Ela disse a você que fosse embora?

— Por que ela está aqui? — perguntou Alec, numa voz ainda rouca. Aquela era uma pergunta estranha. Durante algum tempo, Harry ficou simplesmente olhando para ele através dos óculos grossos, com uma expressão que parecia de total incompreensão. Então sacudiu a cabeça e respondeu.

— Ela está infeliz. Morreu antes do final de O *mágico de Oz* e ainda está triste por causa disso. Eu entendo. Era um ótimo filme. Eu também me sentiria injustiçado.

— Olá? — gritou alguém do saguão. — Tem alguém aí?

— Só um minuto — berrou Harry em resposta. Lançou um olhar consternado para Alec. — A funcionária da lanchonete comunicou ontem que vai embora. Não deu aviso prévio nem nada.

— Por causa do fantasma?

— Não, não. Uma das unhas postiças dela caiu dentro da comida de alguém, então eu disse a ela que parasse de usar as unhas. Ninguém quer encontrar uma unha no meio de um bocado de pipoca. Ela me disse que uma porção de rapazes que ela conhece vem a este cinema e que, se ela não pudesse usar as unhas, não iria mais trabalhar para mim. Agora eu tenho que fazer tudo sozinho. — Disse isso enquanto dava a volta na escrivaninha. Estava segurando um recorte de jornal. — Isto aqui fala sobre ela. — Então lançou um olhar para Alec, não exatamente zangado, mas com um ar de advertência, e arrematou: — Não saia daqui. Ainda precisamos conversar.

Harry saiu da sala e Alec ficou observando-o, perguntando-se o que significaria aquele olhar esquisito. Baixou os olhos para o recorte. Era um obituário — o obituário dela. O papel estava amassado, os cantos carcomidos, a tinta gasta; parecia ter sido manuseado muitas vezes. A garota se chamava Imogene Gilchrist, morrera aos 19 anos, trabalhava numa papelaria na Water Street. Deixava os pais, Colm e Mary. Amigos e parentes mencionavam sua linda risada, seu senso de humor contagiante. Falavam sobre como ela adorava cinema. Assistia a todos os filmes no dia da estréia, na primeira sessão. Era capaz de recitar o elenco inteiro de quase qualquer filme — sabia até os nomes dos atores que só tinham uma fala. Era presidente do grupo de teatro do seu colégio, atuava em todas as peças, montava os cenários, preparava a iluminação. “Sempre achei que ela fosse ser uma estrela de cinema”, dizia seu professor de teatro. “Tinha aquela beleza, aquela risada. Só precisava que alguém apontasse uma câmera para ela, e teria ficado famosa.”

Quando terminou de ler, Alec olhou em volta. O escritório continuava vazio. Tornou a olhar para o obituário, esfregando a borda do papel entre o polegar e o indicador. Estava revoltado com a injustiça daquilo, e por um instante sentiu uma pressão atrás dos olhos, uma

ardência, e teve a ridícula sensação de que ia chorar. Sentia-se mal por viver em um mundo onde uma menina de 19 anos, cheia de humor e de vida, podia ser morta daquela forma, sem motivo. A intensidade de suas emoções não fazia muito sentido, considerando que ele não a conhecera em vida; não fazia sentido até ele pensar em Ray, até pensar na carta de Truman para sua mãe e nas palavras "morreu com coragem, defendendo a liberdade. Os Estados Unidos sentem orgulho dele". Pensou em quando Ray o levara para assistir a *Romance dos sete mares* bem ali naquele cinema, e em como haviam sentado ombro a ombro e colocado os pés nos encostos das poltronas da fileira da frente. A ardência em seus olhos estava tão forte que ele não conseguia suportar, e respirar lhe causava dor. Esfregou o nariz úmido e se esforçou para chorar o mais silenciosamente possível.

Limpou o rosto com a borda da camisa, pôs o obituário em cima da escrivaninha de Harry Parcells, olhou em volta. Viu os cartazes e as pilhas de latas. Havia um pedaço de rolo de filme em um dos cantos da sala, somente uns oito quadros. Perguntou-se de onde teria saído aquilo e pegou para examinar. Viu uma garota fechando os olhos e erguendo o rosto, em uma série de pequenos movimentos, para beijar o homem que a segurava em um abraço apertado; estava entregando-se a ele. Alec queria ser beijado daquele jeito algum dia. Sentiu uma curiosa empolgação por estar segurando um pedaço de filme de verdade. Por impulso, enfiou-o no bolso.

Saiu da sala e voltou para o patamar ao pé da escada. Espiou o saguão, esperando encontrar Harry atrás do balcão da lanchonete servindo algum cliente, mas não havia ninguém ali. Alec hesitou, imaginando aonde o homem teria ido. Enquanto pensava nisso, se deu conta de um leve ruído vindo do topo da escada. Olhou lá para cima e então compreendeu — era o projetor. Harry estava trocando os rolos.

Alec subiu os degraus e entrou na sala de projeção, um compartimento escuro, de teto baixo. Um par de janelas quadradas dava para a sala de cinema. O projetor, um grande aparelho de aço inox escovado, com a palavra VITAPHONE impressa no corpo, apontava para uma delas. Harry estava atrás da máquina, inclinado para a frente, olhando pela mesma janelinha através da qual o projetor lançava seu facho de luz. O homem ouviu Alec na porta e lançou-lhe um rápido olhar. Alec esperou que ele fosse mandá-lo embora, mas Harry não disse nada, apenas aquiesceu e voltou à sua silenciosa vigília.

Alec andou até o VITAPHONE, caminhando com cautela no escuro. Observou a pequena janela por um momento, sem ter certeza se teria coragem, então encostou o rosto no vidro e espiou a sala escura lá embaixo.

A imagem na tela iluminava a sala comum azul-marinho profundo: ali estavam novamente o maestro e a silhueta da orquestra. O locutor apresentava a atração seguinte. Alec baixou os olhos e vasculhou as fileiras de assentos. Não foi muito difícil descobrir onde estivera sentado: uma série de poltronas vazias nos fundos, à direita. Quase esperou encontrar a menina ali, afundada na cadeira, com o rosto erguido na direção do teto e coberto de sangue — talvez com os olhos virados para *ele*. A idéia de vê-la encheu-o ao mesmo tempo de temor e de uma estranha expectativa e, quando percebeu que ela não estava lá, ficou um pouco surpreso com a própria decepção.

A música começou: primeiro as vibrações agudas dos violinos, subindo e descendo em movimentos compassados, depois uma série de irrupções ameaçadoras dos sopros, sons de natureza quase militar. O olhar de Alec tornou a subir até a tela — ergueu-se e parou ali. Sentiu um calafrio percorrer seu corpo. A pele de seus braços se arrepiou. Na tela, mortos se levantavam dos túmulos, um exército de espectros brancos e pálidos saindo da terra em direção à noite. Um demônio de ombros quadrados, agachado no cume de uma montanha, fazia-lhes sinal. Eles foram até lá, com as mortalhas brancas rasgadas flutuando em volta dos corpos emaciados, os rostos cheios de angústia, pesarosos. Alec soltou um arquejo e prendeu a respiração, assistindo com uma sensação que era um misto de choque e deslumbramento.

O demônio rachou uma fenda na montanha, abrindo o Inferno. Chamas saltavam, os condenados pulavam e dançavam, e Alec percebeu que o que estava assistindo era sobre a guerra. Sobre o seu irmão morto sem motivo no Pacífico Sul, sobre "Os Estados Unidos sentem orgulho dele", sobre corpos destruídos e sem remédio, cadáveres se virando e revirando para lá e para cá enquanto rolavam pelas ondas na beira de uma praia qualquer em algum lugar do Extremo Oriente, encharcando-se, inflando. Era sobre Imogene Gilchrist, que adorava cinema e morrera de pernas abertas e com o cérebro inchado de sangue, e que tinha 19 anos, filha de Colm e Mary. Era sobre pessoas jovens, corpos jovens e saudáveis, todos furados, com a vida a se esvair em golfadas, sem um único sonho

realizado, sem uma única ambição alcançada. Era sobre jovens que amavam e eram amados indo embora para nunca mais voltar, e sobre as patéticas recordações que marcavam sua partida, "Minhas preces hoje estão com a senhora. Harry Truman", e "Eu sempre achei que ela fosse ser uma estrela de cinema".

Um sino de igreja tocou em algum lugar, muito longe. Alec olhou para cima. Era no filme. Os mortos estavam se dispersando. O demônio monstruoso de ombros quadrados se cobriu com suas grandes asas negras, escondendo o rosto da chegada da aurora. Uma fileira de homens de túnica percorria o terreno mais abaixo, carregando tochas que brilhavam com uma luz suave. A música avançava em pulsações delicadas. O céu tinha um azul frio, tremeluzente, e a luz ia despontando ali, com o brilho do sol a se espalhar pelos galhos das bétulas e dos pinheiros. Alec ficou olhando, tomado por um sentimento que parecia o êxtase religioso, até o filme terminar.

— Gostei mais de *Dumbo* — disse Harry.

Ele acionou um interruptor na parede e uma única lâmpada se acendeu, enchendo a sala de projeção de uma luz branca agressiva. O restinho da película passou pelo VITAPHONE e saiu na outra ponta, sendo recolhido por uma bobina. O final do filme ficou girando, girando, fazendo *tec, tec, tec*. Harry desligou o projetor e olhou para Alec por cima da máquina.

— Você está com uma cara melhor. Recuperou a cor.

— Sobre o que o senhor queria conversar? — Alec se lembrava da expressão séria com que Harry dissera a ele que não saísse dali, e ocorreu-lhe a idéia de que talvez o homem soubesse que ele havia entrado sem comprar ingresso. Talvez estivesse encrencado.

Mas Harry falou:

— Eu me disponho a reembolsar você ou a oferecer dois ingressos gratuitos para o filme que você quiser. É o melhor que posso fazer.

Alec o encarou. Demorou muito tempo até conseguir responder.

— Em troca de quê?

— Em troca de quê? Do seu silêncio. Sabe o que iria acontecer com este lugar se ficassem sabendo sobre ela? Algo me diz que as pessoas não querem pagar para ficar sentadas no escuro ao lado de uma menina morta.

Alec sacudiu a cabeça. Estava surpreso por Harry pensar que as pessoas iriam deixar de ir ao Rosebud se ficassem sabendo que o cinema

era assombrado. Ele pensava que o efeito seria justamente o oposto. As pessoas ficavam felizes em pagar pela oportunidade de vivenciar um pouco de horror no escuro — caso contrário, os filmes de terror não fariam tanto sucesso. Então se lembrou do que Imogene Gilchrist havia lhe dito sobre Harry Parcells: "Não vai durar muito como dono deste cinema."

— Então, o que é que você prefere? — perguntou Harry. — Os ingressos? Alec fez que não com a cabeça.

— Então quer o reembolso.

— Não.

Harry lançou a Alec um olhar surpreso, hostil.

— Então o que é que você quer?

— Que tal um emprego? O senhor precisa de alguém para vender pipoca. Prometo não usar minhas unhas postiças para trabalhar.

Harry passou um bom tempo olhando para ele, sem responder, em seguida retirou lentamente a mão do bolso de trás da calça.

— Você topa trabalhar nos fins de semana?

Em outubro, Alec fica sabendo que Steven Greenberg está de volta a New Hampshire, filmando externas para seu novo filme no terreno do colégio Phillips Exeter — alguma coisa com Tom Hanks e Haley Joel Osment no elenco, um professor incompreendido servindo de inspiração para gênios-mirins atormentados. Alec não precisa ouvir mais do que isso para saber que Steven talvez estivesse a caminho de mais um Oscar. Mas Alec preferia seu trabalho de antes, as fantasias e os thrillers.

Alec pensa em ir até o colégio para dar uma olhada, imaginando se poderia convencer alguém a deixá-lo entrar no set — "Eu conhecia Steven quando ele era garoto" — ou até conseguir permissão para falar com o próprio Steven. Mas logo desiste da idéia. Deve haver centenas de pessoas nessa região que conheceram Steven quando ele era pequeno, e, na realidade, os dois nunca foram próximos. Na verdade, só tiveram mesmo aquela única conversa, no dia em que ele a viu. Nada antes; pouca coisa depois.

Então Alec fica surpreso quando, numa tarde de sexta-feira, perto do fim do mês, recebe um telefonema da assistente pessoal de Steven, uma mulher aparentemente eficiente e de voz alegre chamada Marcia. Ela quer lhe avisar que Steven gostaria de encontrá-lo e pergunta se ele poderia ir

até o set: "No domingo de manhã está bom? Haverá uma credencial à sua espera no prédio principal, no terreno do colégio." Estarão esperando por ele por volta das 10h da manhã, diz ela antes de desligar, com sua voz jovial e melodiosa. Só muito depois de a conversa terminar é que Alec percebe que não recebeu um convite, e sim uma intimação.

Um assistente de produção de cavanhaque recebe Alec no prédio principal e leva-o até o lugar onde estão filmando. Alec vai se postar junto a umas outras 30 pessoas, olhando de longe enquanto Hanks e Osment passeiam juntos por um pátio quadrado coberto de grama e folhas caídas, Hanks meneando a cabeça como quem está pensando, enquanto Osment fala e gesticula. Na sua frente há uma plataforma móvel, com dois homens e suas câmeras sentados em cima e outros dois empurrando. Steven e um pequeno grupo de pessoas assistem de perto, e Steven confere num monitor de vídeo o que está sendo filmado. É a primeira vez que Alec visita um set de filmagem, e é com grande prazer que observa aquele trabalho de faz-de-conta profissional.

Depois de conseguir a cena que queria e de conversar por alguns minutos com Hanks sobre a seqüência, Steven começa a andar na direção do grupo onde Alec está. Seu rosto tem uma expressão tímida, como quem procura alguma coisa. Então ele vê Alec e abre a boca em um sorriso de dentes separados, ergue uma das mãos com um aceno e por um instante se parece muito com o garoto magrelo novamente. Pergunta a Alec se ele quer acompanhá-lo até o refeitório para comer um cachorro-quente e tomar um refrigerante.

Durante a caminhada, Steven parece nervoso, chacoalhando as moedas no bolso e lhe lançando olhares de esguelha. Alec sabe que ele quer falar sobre Imogene, mas não consegue pensar em como abordar o assunto. Quando finalmente começa a falar, é sobre as lembranças que tem do Rosebud. Fala de como amava aquele lugar, de todos os ótimos filmes que assistiu lá pela primeira vez. Alec sorri e meneia a cabeça, mas, no fundo, fica um pouco espantado com o tamanho da ilusão de Steven. Ele nunca mais voltou ao Rosebud depois de Os pássaros. *Não assistiu a nenhum dos filmes que diz ter assistido lá.*

Por fim, Steven gagueja:

— O que vai acontecer com o cinema depois que o senhor se aposentar? Não que o senhor deva se aposentar! Só estou querendo dizer que... o senhor acha que vai ficar mais muito tempo nesse trabalho?

— Não muito — responde Alec.

É a verdade, mas não diz mais nada. Está preocupado em não se humilhar pedindo ajuda (embora, no fundo, pense que foi isso que o fez ir até ali). Desde que recebeu o convite de Steven para visitar o set, vem fantasiando conversas sobre o Rosebud em que Steven, rico e tão apaixonado por cinema, se oferece para jogar uma bóia salva-vidas para Alec.

— Os cinemas antigos são tesouros nacionais — diz Steven. — Eu tenho um ou dois, acredite. Administro como se fossem salas de cinema retrô. Adoraria fazer algo desse tipo com o Rosebud algum dia. É um sonho que eu tenho, sabe?

Essa é a sua chance, a oportunidade que Alec não queria admitir que estava esperando. Porém, em vez de dizer que a situação do Rosebud é desesperadora, que o cinema com certeza vai fechar as portas, Alec muda de assunto... e, no fim das contas, não tem coragem de fazer o que precisa ser feito.

— Qual o seu próximo projeto? — pergunta Alec.

— Depois deste aqui? Eu estava pensando em fazer um remake — diz Steven, e lança-lhe mais um daqueles olhares dissimulados, com o canto dos olhos. — O senhor nunca seria capaz de adivinhar o que é. — Então, de repente, ele estende a mão e toca o braço de Alec. — Voltar para New Hampshire realmente reavivou algumas das minhas lembranças. O senhor acredita que eu tive um sonho com a nossa velha amiga?

— A nossa velha... — começa Alec, e então entende de quem ele está falando.

— Sonhei que o cinema tinha fechado. As portas da frente estavam trancadas com uma corrente, e as janelas, lacradas com tábuas de madeira. Sonhei que ouvia uma menina chorando lá dentro — diz Steven, com um sorriso nervoso. — Já ouviu coisa mais esquisita?

Alec volta para casa de carro suando frio no rosto, pouco à vontade. Não entende por que não disse nada, por que não conseguiu dizer nada. Greenberg estava praticamente implorando para lhe dar dinheiro. Alec pensa com amargura que se transformou em um velho muito tolo e inútil.

Quando chega ao cinema, há nove recados gravados em sua secretária eletrônica. O primeiro é de Lois Weisel, de quem Alec não tem notícias há muitos anos. Sua voz está frágil. Ela diz: "Oi, Alec, aqui é a

Lois Weisel, da Universidade de Boston." Como se ele pudesse tê-la esquecido. Lois viu Imogene em Perdidos na noite. *Agora leciona cinema documental para alunos de pós-graduação. Alec sabe que essas duas coisas estão interligadas, assim como não é nenhum acidente Steven Greenberg ter se transformado em quem se transformou. "Será que você poderia me ligar? Eu queria conversar com você sobre... é que... pode me ligar?" Ela então ri, um riso estranho, assustado, e diz: "Que loucura." Expele o ar com força. "Eu só queria saber se aconteceu alguma coisa com o Rosebud. Alguma coisa ruim. Então... ligue para mim."*

O recado seguinte é de Dana Llewellyn, que viu Imogene em Meu ódio será tua herança. *Depois há um recado de Shane Leonard, que a viu em* Loucuras de verão. *Depois Darren Campbell, que a viu em* Cães de aluguel. *Alguns mencionam o sonho, um sonho idêntico ao que Steven Greenberg descreveu: janelas lacradas com madeira, correntes nas portas, uma menina chorando. Outros dizem apenas que querem conversar. Quando a fita da secretária eletrônica termina, Alec está sentado no chão do escritório, com os punhos das mãos cerrados, chorando descontroladamente.*

Umas 20 pessoas devem ter visto Imogene nos últimos 25 anos e quase metade delas deixou recado para Alec. A outra metade entrará em contato ao longo dos dias seguintes, para perguntar sobre o Rosebud, para conversar sobre o sonho. Alec irá falar com quase todas as pessoas vivas que jamais a viram, mas com quem Imogene se sentiu impelida a conversar: um professor de arte dramática, o diretor de uma locadora de vídeo, um investidor aposentado que, quando jovem, costumava escrever resenhas de filmes iradas e cômicas para a Gazeta de Lansdowne, *entre outros. Uma congregação de pessoas que, aos domingos, em vez de ir à igreja, reunia-se no Rosebud, onde preces eram regidas por Paddy Chayefsky e hinos eram compostos por John Williams. Uma gente cuja intensa fé é um chamado ao qual Imogene não consegue resistir. Gente como o próprio Alec.*

Depois da venda, o Rosebud passa dois meses fechado para reformas. Poltronas novas, um sistema de som de última geração. Uma dúzia de artesãos ergue andaimes e trabalha com pequenos pincéis para restaurar a sanca de gesso esfarelada do teto. Steven chama mais gente para

supervisionar o dia-a-dia da obra. Embora o lugar pertença a Steven agora, Alec concorda em continuar administrando as coisas durante algum tempo.

Lois Weisel aparece três vezes por semana para filmar um documentário sobre a reforma, usando seus alunos em diversas funções: eletricistas, técnicos de som, pau-para-toda-obra. Steven quer uma reinauguração em grande estilo para celebrar o passado do Rosebud. Quando Alec descobre o que ele está planejando para a primeira exibição — uma sessão dupla com O mágico de Oz *e* Os pássaros —, *seus braços ficam arrepiados; mas ele não discute.*

Na noite da reinauguração, o lugar fica lotado como não ficava desde a estréia de Titanic. *A imprensa local está presente para filmar as pessoas vestidas com suas melhores roupas. Steven também está lá, é claro, o que explica todo o bafafá... embora Alec ache que a noite teria lotação esgotada mesmo sem Steven, pois as pessoas teriam comparecido apenas para ver o resultado da reforma. Alec e Steven posam para os fotógrafos, os dois debaixo da marquise, de smoking, apertando-se as mãos. O smoking de Steven é um Armani, comprado especialmente para a ocasião. O de Alec é o mesmo que ele usou em seu casamento.*

Steven chega mais perto dele, encostando o ombro no seu peito.

— O que você vai fazer da vida agora?

Antes de receber o dinheiro de Steven, Alec teria ido se sentar atrás do guichê para vender ingressos, e depois subido para ligar o projetor. Mas Steven contratou alguém para vender os ingressos e operar o projetor.

— Acho que vou sentar e ver o filme — Alex responde.

— Guarde um lugar para mim — diz Steven. — Mas talvez eu só consiga entrar para ver Os pássaros. *Preciso falar um pouco mais com a imprensa.*

Lois Weisel instala uma câmera na frente da sala, virada para o público e carregada com uma película ultra-sensível para tomadas no escuro. Filma os espectadores em diferentes momentos, registrando suas reações a O mágico de Oz. *Essa era a conclusão prevista para o seu documentário — uma casa cheia assistindo a um clássico do século XX naquele templo do cinema restaurado com amor —, mas o filme não termina como ela pensava.*

Nos primeiros planos da bobina de Lois, é possível ver Alec sentado no fundo da sala, à esquerda, com o rosto erguido para a tela, os óculos reluzindo no escuro com reflexos azuis. O assento à sua esquerda, no corredor, está vazio; é o único lugar vazio no cinema. Algumas vezes, ele pode ser visto comendo pipoca. Em outros momentos, está simplesmente sentado assistindo, com a boca frouxa, um pouco aberta, e uma expressão quase transfigurada no rosto.

Então, em um dos planos, ele se vira para o assento vazio. Ao seu lado agora está sentada uma mulher de azul. Ele se inclina na direção dela. Não há dúvida de que estão se beijando. Ninguém à sua volta lhes dá a menor atenção. O mágico de Oz *está no fim. Sabemos disso porque podemos ouvir Judy Garland repetindo sem parar as mesmas palavras com uma voz suave, melancólica, dizendo... bom, vocês sabem o que ela está dizendo. São simplesmente as palavras mais bonitas jamais ditas em toda a história do cinema.*

No plano que vem imediatamente depois, as luzes da sala se acendem e várias pessoas estão reunidas em volta do corpo de Alec, afundado pesadamente na poltrona. Steven

Greenberg está no corredor, gritando, histérico, para alguém chamar um médico. Uma criança chora. O resto do público emite um chiado baixo e indistinto de conversas animadas. Mas pouco importa esse plano. As imagens anteriores são muito mais interessantes.

A cena em que Alec aparece ao lado de sua companheira não identificada dura apenas alguns segundos — umas poucas centenas de quadros —, mas é a ela que Lois Weisel irá dever sua reputação — sem falar de sua fortuna. A seqüência será exibida em programas de televisão sobre fenômenos inexplicáveis, vista e revista em reuniões de pessoas fascinadas pelo sobrenatural. Será estudada, debatida, refutada, confirmada e celebrada. Então vamos vê-la mais uma vez.

Ele se inclina sobre ela. Ela vira o rosto em sua direção e fecha os olhos. Ela é muito jovem e está se entregando a ele por completo. Alec tira os óculos. Está segurando de leve a cintura dela. É assim que as pessoas sonham ser beijadas, um beijo de estrela de cinema. Olhar para eles quase nos faz torcer para esse instante não acabar nunca. E, durante todo esse tempo, a voz delicada e corajosa de Dorothy enche o cinema escuro. Ela está dizendo alguma coisa sobre voltar para casa. Está dizendo uma coisa que todo mundo sabe.

POP ART

QUANDO EU TINHA 12 ANOS, MEU MELHOR AMIGO ERA INFLÁVEL. SEU NOME era Arthur Roth, o que significa que, além de ser inflável, ele também era judeu, embora durante nossas eventuais conversas sobre vida após a morte eu não me lembre de ele ter defendido nenhum ponto de vista especificamente judaico. O que mais fazíamos era conversar — na situação dele, brincadeiras brutas estavam fora de cogitação —, e o tema da morte e do que poderia vir depois dela surgiu mais de uma vez. Acho que Arthur sabia que teria sorte se sobrevivesse ao ensino médio. Quando o conheci, ele já tinha quase sido morto uma dúzia de vezes, uma para cada ano que vivera. A vida após a morte não lhe saía da cabeça; assim como sua possível inexistência.

Quando digo que conversávamos, estou querendo dizer que nós nos comunicávamos, discutíamos, arrasávamos um com o outro, incentivávamos um ao outro. Para ser exato, quem falava era *eu* — Art não podia falar. Ele não tinha boca. Quando tinha alguma coisa a dizer, escrevia. Usava um bloquinho em volta do pescoço preso a um pedaço de barbante e carregava lápis de cera no bolso. Fazia os trabalhos do colégio com lápis de cera, entregava as provas em lápis de cera. Vocês podem imaginar os perigos que um lápis de ponta fina poderia representar para um menino de 120 gramas feito de plástico e cheio de ar.

Acho que um dos motivos de sermos melhores amigos era ele saber escutar tão bem. Eu precisava de alguém para me ouvir. Minha mãe tinha ido embora, e com meu pai eu não conseguia conversar. Ela fugiu de casa quando eu tinha três anos e mandou para o meu pai uma carta confusa da Flórida, falando de manchas de sol, raios gama, da radiação emitida pelos postes de energia e de como o sinal de nascença no dorso de sua mão direita havia subido pelo seu braço até o ombro. Depois disso, uns dois cartões-postais e mais nada.

Meu pai tinha enxaqueca. Durante as tardes, ele ficava sentado em frente à TV na sala de estar escura assistindo a novelas, triste e com os olhos úmidos. Detestava que o incomodassem. Não era possível conversar sobre nada com ele. O simples fato de tentar era um erro.

— Blá, blá — dizia ele, me interrompendo no meio de uma frase. — Minha cabeça está estourando. Você está me matando com esse seu blablablá.

Mas Art gostava de escutar e, em troca, eu lhe oferecia proteção. As outras crianças sentiam medo de mim. Minha reputação era má. Eu tinha um canivete, e algumas vezes o levava para o colégio e deixava os outros alunos verem; eles ficavam morrendo de medo. Mas a única coisa em que eu enfiava o canivete era a parede do meu quarto. Ficava deitado na cama e arremessava-o no quadro forrado de cortiça para vê-lo se enterrar de ponta ali, *tuc*.

Um dia, quando Art estava na minha casa, viu as marcas na parede. Eu expliquei, uma coisa puxou outra e, antes de eu perceber, ele estava implorando para tentar.

— Qual é o seu problema? — perguntei a ele. — A sua cabeça é completamente oca? Pode esquecer. Nem pensar.

E lá veio um lápis de cera alaranjado, cor de terra-de-siena.

ENTÃO PELO MENOS ME DEIXE OLHAR.

Abri o canivete. Ele ficou olhando, com os olhos esbugalhados. Na verdade, ele olhava para tudo com os olhos esbugalhados. Seus olhos eram feitos de um plástico que imitava vidro, colados à superfície de seu rosto. Ele não conseguia piscar nem nada disso. Mas aquele olhar era diferente do seu olhar esbugalhado habitual. Eu podia ver que ele estava realmente fascinado.

Ele escreveu:

VOU TOMAR CUIDADO PROMETO JURO <u>POR FAVOR</u>!

Entreguei o canivete a ele. Art pressionou a ponta da lâmina no chão, fazendo-a entrar no cabo. Então apertou o botão e a lâmina tornou a aparecer. Ele estremeceu, com os olhos fixos no canivete em sua mão. Então, de uma hora para outra, arremessou-o contra a parede. É claro que não conseguiu enterrá-lo na cortiça; isso exige prática, coisa que ele não tinha, e coordenação motora, coisa que, para ser sincero, ele nunca iria ter. O canivete bateu na parede e voltou voando para cima dele. Art saltou tão depressa que parecia que eu estava vendo o fantasma dele fugir de seu

corpo. O canivete aterrissou no lugar onde ele estivera e saiu rolando para debaixo da minha cama.

Puxei Art do teto do quarto com violência. Ele escreveu:

VOCÊ TINHA RAZÃO, FOI UMA BURRICE. EU SOU UM FRACASSADO — UM IMBECIL.

— É mesmo — concordei.

Mas ele não era nem fracassado nem imbecil. Meu pai é um fracassado. Os alunos do colégio eram imbecis. Art era diferente. Ele era só coração. Simplesmente queria que alguém gostasse dele.

Além disso, posso dizer com toda a certeza que ele era a pessoa mais inofensiva que eu jamais conheci na vida. Não apenas seria incapaz de fazer mal a uma mosca: ele não tinha *condições* de fazer mal a uma mosca. Se desse um tapa em uma mosca e levantasse a mão, o inseto sairia voando como se nada tivesse acontecido. Ele parecia um santo de uma história bíblica, alguém capaz de curar partes do seu corpo dilaceradas e infectadas com uma simples imposição das mãos. Vocês sabem como são as histórias bíblicas. Esse tipo de pessoa nunca dura muito. Os fracassados e os imbecis enfiam pregos nela e ficam vendo o ar escapar.

HAVIA ALGO DE ESPECIAL EM ART, UM TRAÇO ESPECIAL E INVISÍVEL QUE FAZIA AS outras crianças naturalmente quererem sacaneá-lo. Ele era novo em nosso colégio. Os pais dele haviam acabado de se mudar para a cidade. Os dois eram normais, com o corpo cheio de sangue, não de ar. O problema de Art era uma daquelas doenças genéticas que brincam de amarelinha com as gerações, como o mal de Tay-Sachs (Art me disse certa vez que tinha um tio-avô, também inflável, que um dia flutuou para o meio de uma pilha de folhas e estourou nos dentes de um ancinho enterrado). No primeiro dia de aula, a professora Gannon fez Art ficar em pé na frente da sala e contou tudo sobre ele para os alunos, enquanto ele mantinha a cabeça abaixada de tanta vergonha.

Ele era branco. Não caucasiano, *branco,* branco feito um marshmallow ou o Gasparzinho. Uma costura descia de sua cabeça pelas laterais do corpo. Debaixo de um dos braços havia uma válvula de plástico por onde ele podia ser enchido de ar.

A professora Gannon nos disse que devíamos tomar um cuidado especial para não correr com tesouras ou canetas na mão. Um furo provavelmente iria matá-lo. Ele não conseguia falar; todo mundo precisava entender isso. Ele se interessava por astronautas, fotografia e os romances de Bernard Malamud.

Antes de encaminhá-lo de volta até seu lugar, ela deu um apertão de leve no ombro dele e, quando pressionou os dedos, ele soltou um fraco assobio. Era sua única forma de emitir sons. Flexionando o corpo, ele podia emitir pequenos ganidos e chiados. Quando as pessoas o apertavam, ele emitia um apito baixo, musical.

Ele flutuou pela sala e ocupou um lugar vazio ao meu lado. Billy Spears, que estava sentado logo atrás dele, ficou jogando tachinhas na sua cabeça durante toda a manhã. Nas primeiras vezes, Art fingiu não perceber. Então, quando a professora Gannon não estava olhando, ele escreveu um bilhete para Billy. O bilhete dizia:

PARE COM ISSO. POR FAVOR! NÃO QUERO FALAR NADA PARA A PROFESSORA GANNON, MAS NÃO É SEGURO FICAR JOGANDO TACHINHAS EM MIM. NÃO ESTOU BRINCANDO.

Billy escreveu de volta:

SE CRIAR ALGUM PROBLEMA, NÃO VAI SOBRAR NADA DE VOCÊ, NEM PARA REMENDAR UM PNEU. PENSE NISSO.

Depois desse episódio, as coisas não ficaram nada fáceis para Art. Na aula de laboratório de biologia, Art fazia dupla com Cassius Delamitri, que estava repetindo a quinta série. Cassius era um menino gordo, com um rosto rechonchudo e emburrado e uma desagradável penugem preta acima dos lábios contraídos e franzidos.

O exercício era destilar madeira, o que envolvia o uso de um maçarico — Cassius realizou a experiência, enquanto Art ficava olhando e escrevia bilhetes de incentivo:

NÃO ACREDITO QUE VOCÊ TIROU NOTA BAIXA NESTA EXPERIÊNCIA NO ANO PASSADO — VOCÊ SABE MESMO COMO

FAZER ISSO! OS MEUS PAIS ME DERAM UM JOGO DE LABORATÓRIO DE ANIVERSÁRIO.

VOCÊ PODERIA IR LÁ EM CASA UM DIA PARA A GENTE BRINCAR DE CIENTISTA LOUCO. VOCÊ QUER?

Depois de três ou quatro bilhetes assim, Cassius perdeu a paciência e enfiou na cabeça que Art era alguma espécie de homossexual... especialmente com aquele papo de convidá-lo para brincar de médico ou algo do gênero. Quando o professor estava distraído ajudando outros alunos, Cassius empurrou Art para baixo e amarrou-o em volta de uma das pernas da mesa, formando um nó cheio de chiados, cabeça, braços, corpo e tudo o mais. Quando o professor Milton perguntou aonde Art tinha ido, o gorducho disse que achava que ele tinha corrido para o banheiro.

— É mesmo? — perguntou o professor Milton. — Que alívio. Eu nem sabia que esse menino *conseguia* ir ao banheiro.

Em outra ocasião, John Erikson segurou Art durante o recreio e escreveu SACO DE COLISTOMIA em sua barriga com caneta de tinta indelével. Só saiu na primavera.

O PIOR FOI QUE MINHA MÃE VIU. JÁ É RUIM O SUFICIENTE ELA SABER QUE EU APANHO TODO DIA NO COLÉGIO. MAS ELA FICOU CHATEADA MESMO PORQUE O INSULTO ESTAVA ESCRITO ERRADO.

Ele acrescentou:

NÃO SEI O QUE ELA ESTÁ PENSANDO — ISTO AQUI É A QUINTA SÉRIE. SERÁ QUE ELA POR ACASO NÃO SE LEMBRA DE COMO ERA A QUINTA SÉRIE? DESCULPE, MAS, SENDO REALISTA, QUAIS SÃO AS CHANCES DE VOCÊ APANHAR DO GRANDE CAMPEÃO DE ORTOGRAFIA?

— Do jeito que o seu ano está indo — falei —, acho que as chances podem ser bem grandes.

ART E EU FICAMOS AMIGOS DA SEGUINTE MANEIRA:

Durante o recreio, eu sempre ficava trepado sozinho no alto do brinquedo de escalar, lendo revistas esportivas. Estava cultivando minha

reputação de delinqüente e possível traficante de drogas. Para ajudar a construir minha imagem, usava uma jaqueta jeans preta e não conversava nem fazia amizade com ninguém.

No alto do brinquedo — uma construção em forma de arco montada em um dos cantos da área asfaltada atrás da escola —, eu ficava a uns três metros do chão e podia ver o pátio inteiro. Certo dia, vi Billy Spears chegar correndo com Cassius Delamitri e John Erikson. Billy segurava uma bola de beisebol e um taco, e os três estavam tentando arremessar a bola através de uma janela aberta no segundo andar. Depois de 15 minutos sem nem sequer chegar perto, John Erikson deu sorte e acertou.

Cassius disse:

— Merda... Lá se vai a bola. Agora a gente precisa de alguma outra coisa para arremessar.

— Ei — gritou Billy. — Olhem ali! É o Art!

Art tentava manter distância, mas os meninos conseguiram alcançá-lo. Billy começou a arremessá-lo no ar e a bater nele com o taco para ver até onde conseguia lançá-lo. A cada tacada, Art produzia um barulho oco de ricochete: *tóim!* Ele saía voando, depois ficava flutuando um pouquinho, caindo devagar no chão. Assim que seus calcanhares tocavam o solo, ele começava a correr, mas a velocidade não era um dos seus fortes. John e Cassius se divertiam agarrando Art e batendo nele com o taco para ver quem conseguia arremessá-lo mais alto.

Aos poucos, os três foram jogando Art até o canto do pátio onde eu estava. Ele se desvencilhou por tempo suficiente para correr até debaixo das barras de escalar. Billy o alcançou, deu-lhe uma tacada na bunda e o fez sair voando.

Art flutuou até o topo do brinquedo. Quando seu corpo tocou as barras de aço, ele ficou preso, de barriga para cima — eletricidade estática.

— Ei! — berrou Billy. — Jogue ele aqui pra baixo!

Até aquele momento, eu nunca tinha me visto cara a cara com Art. Embora tivéssemos aulas juntos, e até nos sentássemos um ao lado do outro na sala da professora Gannon, não havíamos trocado uma única palavra. Ele olhou para mim com aqueles imensos olhos de plástico e sua expressão triste e vazia, e eu retribuí o olhar. Ele pegou o bloquinho que

trazia em volta do pescoço, escreveu um bilhete em verde-primavera, rasgou-o e segurou-o para eu ver.

ESTOU POUCO LIGANDO PARA O QUE ELES FIZEREM, MAS SERÁ QUE VOCÊ PODERIA IR EMBORA? DETESTO QUE BATAM EM MIM NA FRENTE DE UMA PLATÉIA.

— O que ele está escrevendo? — gritou Billy.

Tirei os olhos do bilhete, olhei para Art e em seguida lá para baixo, onde os meninos estavam reunidos. De repente, percebi que podia sentir o *cheiro* deles, de todos os três, um cheiro úmido, *humano,* um fedor de suor azedo. Aquilo me revirou o estômago.

— Por que vocês estão chateando ele? — perguntei.

— A gente está só gozando da cara dele — respondeu Billy.

— Estamos só tentando ver até onde conseguimos arremessar ele — disse Cassius. — Você deveria descer aqui. Deveria tentar. A gente vai chutar ele até o telhado do colégio!

— Tenho uma idéia ainda mais interessante — falei, pois *interessante* era uma excelente palavra para se usar quando se queria impressionar outros meninos e fazê-los pensar que você talvez fosse um psicopata débil mental. — Que tal a gente tentar ver se eu consigo chutar a sua bunda gorda até o telhado do colégio?

— Qual é o seu problema? — perguntou Billy. — Está naqueles dias?

Agarrei Art e desci do brinquedo. Cassius empalideceu. John Erikson recuou aos tropeções. Segurei Art debaixo de um dos braços, com os pés esticados apontando na direção dos garotos e a cabeça voltada para o outro lado.

— Vocês são uns babacas — falei. Em alguns momentos simplesmente não dá para fazer piada.

E virei as costas. Minha nuca se arrepiou quando pensei no taco de beisebol de Billy me atingindo na cabeça, mas ele não fez nada, e me deixou passar.

Saímos para o campo de beisebol e nos sentamos no montinho do arremessador. Art me escreveu um bilhete agradecendo, outro dizendo que eu não precisava ter feito o que fiz, mas que estava feliz por eu ter feito, e um terceiro dizendo que ele me devia uma. Enfiei os três bilhetes no bolso

depois de ler, sem saber o motivo. Naquela noite, sozinho no quarto, tirei do bolso uma bola de papel amassado, do tamanho de um limão, separei cada bilhete, estiquei em cima da cama e li todos os três outra vez. Não havia nenhum motivo para não jogá-los fora, mas eu não o fiz e, pelo contrário, comecei uma coleção. Era como se alguma parte de mim soubesse, já naquela época, que eu talvez fosse querer guardar alguma coisa que lembrasse Art depois de ele ir embora. Juntei centenas desses bilhetes ao longo do ano seguinte, alguns com poucas palavras, outros verdadeiros manifestos de seis páginas. Ainda tenho a maioria deles, desde o primeiro bilhete que ele me entregou, o que começa com "Estou pouco ligando para o que eles fizerem", até o último, que termina assim:

QUERO VER SE Ê VERDADE. SE O CÉU SE ABRE LÁ EM CIMA.

NO INÍCIO, MEU PAI NÃO GOSTOU DE ART, MAS DEPOIS DE CONHECÊ-LO MELHOR passou a detestá-lo de verdade.

— Por que ele está sempre andando desse jeito esquisito? — perguntou meu pai. — Ele é bicha, por acaso?

— Não, pai. Ele é inflável.

— Bom, ele se comporta feito uma bicha — disse ele. — Espero que você não esteja de veadagem com ele lá no seu quarto.

Art tentou fazer meu pai gostar dele, tentou construir um relacionamento. Mas as coisas que ele fazia eram mal interpretadas; as frases que ele dizia eram mal compreendidas. Meu pai certa vez comentou alguma coisa sobre um filme de que gostava. Art escreveu-lhe um bilhete dizendo que o livro era ainda melhor.

— Ele acha que eu sou um analfabeto — disse meu pai assim que Art foi embora. Em outra ocasião, Art reparou na pilha de pneus velhos guardados na nossa garagem e falou com o meu pai sobre um programa de reciclagem que, se você levasse seus pneus velhos, ganhava 20% de desconto em pneus novos da Goodyear.

— Ele acha que nós somos uns pobretões — reclamou meu pai antes mesmo de Art estar longe o suficiente para não escutá-lo. — Enxerido de meia-tigela.

Um dia, Art e eu chegamos do colégio e encontramos meu pai em frente à TV com um pit bull deitado a seus pés. O cachorro se projetou do

chão, latindo histericamente, e foi direto para cima de Art. Suas unhas fizeram um barulho escorregadio e estridente ao deslizarem sobre o peito de plástico de Art, que se apoiou em um dos meus ombros e projetou-se no ar. Ele realmente sabia pular quando precisava. Agarrou-se ao ventilador de teto — desligado — e ficou se segurando nas pás enquanto o pit bull latia e pulava no chão.

— Que diabo é isso? — perguntei.

— O cachorro da casa — disse meu pai. — Como você sempre quis.

— Eu nunca quis um cachorro que tentasse comer os meus amigos.

— Desça do ventilador, Art. Isso não foi feito para você se pendurar.

— Isso não é um cachorro — falei. — É um liquidificador peludo.

— Escute, você quer dar um nome para ele, ou dou eu? — perguntou papai. Art e eu fomos nos esconder no quarto e ficamos conversando sobre nomes.

— Floquinho — falei. — Docinho. Arco-íris.

QUE TAL FELIZ? SOA BEM, NÃO ACHA?

Estávamos brincando, mas Feliz não era brincadeira. Em apenas uma semana, Art teve pelo menos três encontros quase fatais com o feio cão do meu pai.

SE ELE CRAVAR OS DENTES EM MIM, ESTOU ACABADO. ELE VAI ME FURAR TODINHO.

Mas Feliz não aprendeu a fazer as necessidades fora de casa, e deixava cagalhões espalhados pela sala, difíceis de se ver no tapete marrom-escuro. Uma vez, meu pai pisou descalço em um cocô fresco e isso o deixou um pouco fora de si. Ele perseguiu Feliz pelo térreo com um taco de golfe, abriu um rombo na parede e espatifou uns pratos na bancada da cozinha com um golpe descontrolado.

No dia seguinte construiu um cercado gradeado no quintal. Feliz entrou lá dentro e nunca mais saiu.

Àquela altura, porém, Art já ficava nervoso quando visitava a minha casa, e preferia que nos encontrássemos na sua. Eu não via razão

para isso. A caminhada até a casa dele era longa, e a minha casa ficava logo ali, depois da esquina.

— Com o que você está preocupado? — perguntei a ele. — Ele está no canil. Você sabe que o Feliz não vai aprender a abrir o portão.

Art sabia... mas, mesmo assim, não queria mais ir à minha casa e, quando ia, em geral levava uns adesivos de consertar pneus de bicicleta como garantia para o caso de acontecer algo sinistro.

DEPOIS QUE SE TORNOU UM HÁBITO IRMOS À CASA DE ART TODOS OS DIAS, FIQUEI me perguntando por que antes eu preferia que fôssemos à minha. Acostumei-me com a caminhada — fiz aquele percurso tantas vezes que deixei de reparar que era tão comprido a ponto de ser quase interminável. Chegava até a ansiar por ele, meu passeio vespertino por um emaranhado de ruas, passando por casas pintadas em tons de pastel dignas de Walt Disney: amarelo-limão, madrepérola, tangerina. Enquanto eu ia percorrendo a distância que separava a minha casa da de Artie, parecia que estava entrando cada vez mais fundo em um mundo de silêncio e ordem, e no coração de toda essa paz estava o meu amigo.

Art não podia correr, nem conversar, nem chegar perto de nada pontiagudo, mas na sua casa conseguíamos nos manter entretidos. Ficávamos vendo TV. Eu não era como as outras crianças, não sabia nada sobre televisão. Meu pai, como já disse, tinha enxaquecas terríveis. Vivia do seguro por invalidez, morava na sala e passava o dia inteiro acompanhando cinco novelas diferentes. Eu tentava não incomodá-lo, e raramente me sentava para ver TV com ele — sentia que a minha presença era uma distração em um momento em que ele queria se concentrar.

Art teria assistido a qualquer coisa que eu quisesse, mas eu não sabia o que fazer com um controle remoto. Não conseguia escolher, não sabia escolher. Havia perdido o hábito. Art era fã da NASA, então víamos qualquer coisa que tivesse a ver com o espaço. Nunca perdíamos o lançamento de um foguete. Ele escreveu:

QUERO SER ASTRONAUTA. ME ADAPTARIA MUITO BEM À AUSÊNCIA DE PESO. EU JÁ QUASE NÃO TENHO PESO.

Isso aconteceu quando estavam montando a Estação Espacial Internacional. Falavam sobre como é difícil as pessoas passarem muito

tempo no espaço. Os músculos se atrofiam. O coração encolhe até ficar com um terço do tamanho.

AS VANTAGENS DE ME MANDAR PARA O ESPAÇO SÓ AUMENTAM. EU NÃO TENHO MÚSCULOS PARA ATROFIAR NÃO TENHO CORAÇÃO PARA ENCOLHER ESTOU DIZENDO. EU SOU O ASTRONAUTA IDEAL. O ESPAÇO É O MEU LUGAR

— Conheço um cara que pode te ajudar a ir para lá. Deixa eu ligar para o Billy Spears. Ele está doido para te mandar para o espaço que nem um foguete. Art me lançou um olhar duro e rabiscou uma resposta grosseira. Nem sempre era possível ficar deitado na frente da telinha na casa de Art. Seu pai era professor de música e dava aulas para crianças pequenas no piano de cauda que ficava na sala, perto da televisão. Se ele tivesse de dar uma aula, precisávamos arrumar outra coisa para fazer. Íamos para o quarto de Art brincar no computador mas, depois de 20 minutos de canções infantis ressoando através das paredes — um som estridente, fora de compasso —, começávamos a lançar olhares de desespero um para o outro e saíamos pela janela para não precisar dar explicações.

Os pais de Art tinham talento para a música, a mãe dele era violoncelista. Queriam que Art tivesse estudado música, mas isso só trouxera fracasso e decepção desde o início.

NÃO SEI TOCAR NEM APITO.

Piano estava fora de cogitação. Ele só tinha polegares e uma almofada fofinha onde deveriam ficar os outros dedos. Com mãos assim, precisou de anos de trabalho com ura professor particular somente para aprender a escrever de forma legível com um lápis de cera. Por motivos evidentes, instrumentos de sopro também estavam fora de questão: Art não tinha pulmões, nem respirava. Tentou aprender a tocar percussão, mas não conseguia bater com força suficiente nos instrumentos.

Sua mãe comprou-lhe uma câmera digital. “Faça música com cores”, disse ela. “Crie melodias com luz.”

A Sra. Roth estava sempre dizendo coisas assim. Falava sobre unicidade, sobre a elegância das árvores, sobre as pessoas não se sentirem

gratas pelo cheiro de grama cortada. Art me disse que, quando eu não estava por perto, ela fazia perguntas a meu respeito. Ficava preocupada por eu não ter uma válvula de escape saudável para meu lado criativo. Dizia que eu precisava de alguma coisa para alimentar meu eu interior. Comprou-me um livro de origami, e nem era meu aniversário.

— Eu não sabia que o meu eu interior estava com fome — falei para Art.

É PORQUE ELE JÁ MORREU DE INANIÇÃO.

Ela ficou alarmada ao descobrir que eu não tinha nenhum tipo de religião. Meu pai não me levava à igreja nem me mandava para o catecismo. Dizia que a religião era um engodo. A Sra. Roth era educada demais para fazer qualquer comentário comigo a respeito do meu pai, mas fazia com Art, e Art contava para mim. Disse a ele que, caso meu pai negligenciasse o cuidado com meu corpo do mesmo jeito que negligenciava o cuidado com meu espírito, ele seria preso e eu iria parar em uma família adotiva. Também disse a Art que, se eu fosse parar em uma família adotiva, ela própria iria me adotar, e eu poderia dormir no quarto de hóspedes. Eu a amava e sentia meu coração disparar sempre que ela me perguntava se eu queria um copo de limonada. Teria feito qualquer coisa que ela pedisse.

— A sua mãe é uma idiota — falei para Art. — Uma retardada completa. Espero que você saiba disso. Não existe nenhuma unicidade. É cada um por si. Qualquer pessoa que pense que nós somos todos irmãos acaba sentada debaixo da bunda gorda do Cassius Delamitri no recreio, cheirando a cueca dele.

A Sra. Roth queria me levar à sinagoga — não para me converter, somente como uma experiência educativa, uma exposição a outras culturas, essas coisas —, mas o pai de Art jogou-lhe um balde de água fria dizendo nem pensar, isso não é problema nosso, ficou maluca? Ela havia colado um adesivo no carro com a estrela-de-davi e a palavra ORGULHO escrita ao lado, arrematada por um grande ponto de exclamação.

— Então, Art — disse em outra ocasião. — Eu tenho uma pergunta judaica para te fazer. Você e a sua família são judeus da pesada, não é?

NÃO SEI SE EU DESCREVERIA A GENTE EXATAMENTE COMO DA PESADA. NA VERDADE, A GENTE É BEM RELAXADO. MAS VAI À SINAGOGA E RESPEITA OS FERIADOS — ESSE TIPO DE COISAS.

— Eu achei que os judeus tivessem de cortar o pinto — falei, segurando minhas partes. — Em nome da fé. Então me diga...

Mas Art já estava escrevendo.

NÃO NO MEU CASO. EU ME LIVREI DESSA. OS MEUS PAIS ERAM AMIGOS DE UM RABINO MODERNO. CONVERSARAM COM ELE SOBRE ISSO LOGO QUE EU NASCI. SÓ PARA DESCOBRIR QUAL ERA A POSIÇÃO OFICIAL.

— E o que foi que ele disse?

DISSE QUE A POSIÇÃO OFICIAL ERA ABRIR UMA EXCEÇÃO PARA QUALQUER PESSOA QUE FOSSE DE FATO EXPLODIR DURANTE A CIRCUNCISÃO. MEUS PAIS

ACHARAM QUE ELE ESTIVESSE BRINCANDO, MAS DEPOIS A MINHA MÃE FEZ UMAS PESQUISAS. COM BASE NO QUE ELA DESCOBRIU, PARECE QUE EU ESTOU

NUMA BOA — TALMUDICAMENTE FALANDO. MAMÃE DISSE QUE O PREPÚCIO TEM QUE SER DE PELE. SE NÃO FOR NÃO PRECISA SER CORTADO.

— Que engraçado — falei. — Eu sempre achei que a sua mãe não conhecesse um pau. Mas agora está parecendo que ela *conhece,* sim. É especialista, até. Ei, se ela algum dia quiser fazer mais pesquisas, eu tenho um espécime diferente para ela examinar.

E Art escreveu que ela iria precisar trazer um microscópio, e eu disse que ela iria precisar recuar alguns metros quando eu abrisse a braguilha, e coisa e tal, nem preciso contar, vocês podem imaginar o resto da conversa. Sempre que tinha uma oportunidade, eu sacaneava Art por causa de sua mãe; não conseguia evitar. Começava a falar na hora em que ela saía da sala, sussurrando que, para uma velha, ela ainda tinha uma bunda bem legal, e perguntava o que Art iria pensar se o seu pai morresse e eu me casasse com ela. Art, por sua vez, nunca fez nenhuma piada sobre

o meu pai. Se alguma vez ele quisesse me provocar, zombava da forma como eu lambia os dedos depois de comer, ou de como eu nem sempre usava as duas meias iguais. Não é difícil entender por que Art nunca jogou meu pai na minha cara, do mesmo jeito que eu o enchia em relação à sua mãe. Quando o seu melhor amigo é feio — quero dizer, feio mesmo, *deformado* —, você não fica fazendo piadas sobre espelhos quebrados. Em uma amizade, especialmente uma amizade entre dois garotos, você tem permissão para causar uma determinada quantidade de dor. Isso é até esperado. Mas não pode causar nenhum ferimento grave; nunca, em circunstância alguma, deve deixar feridas que irão resultar em cicatrizes permanentes.

A CASA DE ARTHUR TAMBÉM ERA ONDE GERALMENTE FAZÍAMOS O DEVER DE CASA. No início da noite, íamos para o seu quarto estudar. A essa altura, seu pai já tinha terminado as aulas, então não havia nenhum plim-plim vindo da sala ao lado para nos distrair. Eu gostava de estudar no quarto de Art, gostava do silêncio e de estar em um lugar cercado de livros; Art tinha prateleiras e mais prateleiras de livros. Eu achava legais as nossas sessões de estudo, mas elas me deixavam preocupado: era durante esses encontros — cercados por toda aquela imobilidade tranqüila — que Art tinha mais probabilidade de dizer alguma coisa sobre a morte.

Eu sempre tentava controlar as nossas conversas, mas Art era astuto e conseguia incluir a morte em qualquer tema.

— Um árabe *inventou* o conceito do número zero — falei. — Não é estranho? Alguém teve que pensar no zero.

É PORQUE NÃO É ÓBVIO QUE O NADA SEJA ALGUMA COISA. QUE UMA COISA QUE NÃO PODE SER MEDIDA NEM VISTA MESMO ASSIM. EXISTA E TENHA SIGNIFICADO. É A MESMA COISA COM A ALMA, PENSANDO BEM.

— Verdadeiro ou falso — disse em outra ocasião, quando estávamos estudando para uma prova de ciências. — A energia nunca é destruída, pode apenas ser transformada de uma forma para outra.

ESPERO QUE ISSO SEJA VERDADE — SERIA UM BOM ARGUMENTO A FAVOR DA TESE DE QUE VOCÊ CONTINUA EXISTINDO DEPOIS DE MORRER MESMO QUE SE TRANSFORME EM ALGUMA COISA COMPLETAMENTE DIFERENTE DO QUE ERA ANTES.

Ele falava muito sobre a morte e o que poderia vir depois dela, mas o que eu mais me lembro é das coisas que ele dizia sobre Marte. Estávamos fazendo um trabalho juntos e Art havia escolhido Marte como nosso tema, enfocando a questão de se o homem algum dia iria colonizar o planeta. Ele era totalmente a favor da colonização, cidades sob tendas de plástico, água tirada dos pólos gelados. O próprio Art queria ir para lá.

— Talvez seja até engraçado imaginar isso, mas a coisa em si seria uma merda. Poeira. Um frio glacial. Tudo vermelho. Você iria ficar cego de olhar para tanto vermelho. Na verdade, não iria querer fazer isso... ir embora deste mundo e nunca mais voltar.

Art ficou olhando para mim durante muito tempo, em seguida inclinou a cabeça e escreveu um bilhete curto em azul-turquesa.

MAS EU VOU TER QUE FAZER ISSO DE QUALQUER MANEIRA. TODO MUNDO TEM.

Em seguida escreveu:

VOCÊ VIVE UMA VIDA DE ASTRONAUTA QUER QUEIRA, QUER NÃO. DEIXA TUDO PARA. TRÁS EM TROCA DE UM MUNDO QUE DESCONHECE. SIMPLESMENTE É ASSIM QUE ACONTECE.

Na primavera, Art inventou um jogo chamado Satélite Espião. Havia uma loja no centro da cidade, o Empório da Festa, onde se podia comprar balões cheios de gás hélio por 25 centavos. Eu os comprava e ia encontrar Art em algum lugar. Ele levava a câmera digital.

Assim que eu lhe entregava os balões, Art se desprendia da terra e erguia-se no ar. À medida que ia subindo, o vento o empurrava mais para cima e mais para longe. Quando achava que já estava alto o suficiente, ele soltava alguns balões, estabilizava-se e começava a tirar fotos. Quando estava pronto para descer, soltava mais balões. Eu o encontrava onde ele

havia aterrissado e íamos para a sua casa olhar as fotos no seu lap-top. Fotos de gente nadando em suas piscinas, de homens consertando telhados; fotos em que eu aparecia sozinho em ruas desertas, com o rosto virado para cima como um borrão marrom minúsculo, os traços distantes demais para se poder identificar; fotos que sempre tinham os tênis de Art pendurados na extremidade inferior do quadro.

Algumas de suas melhores fotos eram de baixa altitude, tiradas quando ele estava a poucos metros do chão. Certa vez, Art pegou os balões e saiu flutuando por cima do canil de Feliz, na lateral da nossa casa. O cachorro ficava o dia inteiro naquele lugar fechado, latindo freneticamente para mulheres que passavam com carrinhos, para o tilintar da carrocinha do sorveteiro, para os esquilos. Havia pisoteado todo o chão do seu cercado até transformá-lo em lama. À sua volta estavam espalhadas dúzias de pilhas de cocô seco. No meio de toda essa feia paisagem marrom ficava o próprio Feliz e, em todas as fotos que Art tirou dele, o cachorro aparecia pulando sobre as patas traseiras, com a boca aberta exibindo a cavidade interna cor-de-rosa e os olhos fixos nos tênis pendurados de Art.

ESTOU DEPRIMIDO. QUE LUGAR HORRÍVEL PARA SE VIVER

— Deixe de ser idiota — falei. — Se criaturas como o Feliz tivessem permissão para andar soltas, o mundo inteiro ficaria como aquele canil. Ele não quer viver em nenhum outro lugar. Cocô e lama: é essa a imagem que o Feliz tem de um jardim.

DISCORDO TOTALMENTE.

Apesar da opinião contrária de Arthur, o tempo não havia abrandado minhas opiniões com relação a esse assunto. Acredito que, em geral, criaturas da laia de Feliz — estou pensando tanto em cães quanto em seres humanos — vivem mais livres do que presas, e na verdade o que elas desejam é um mundo de lama e fezes, um mundo onde não exista Art nem ninguém parecido com ele, um lugar onde ninguém fale de livros nem de Deus nem dos mundos que existem além deste, um lugar onde a única comunicação seja o latido histérico de cachorros famintos e cheios de ódio.

Em uma manhã de sábado, em meados de abril, meu pai abriu a porta do quarto e me acordou jogando meus tênis em cima da cama.

— Você tem consulta no dentista daqui a meia hora. Levante esse traseiro daí.

Fui a pé — o dentista ficava a poucos quarteirões de casa —, e já estava sentado na sala de espera havia 20 minutos, morrendo de tédio, quando me lembrei de que dissera a Art que passaria na sua casa assim que acordasse. A recepcionista me deixou usar o telefone para ligar para ele. A mãe dele atendeu.

— Ele acabou de sair para ir à sua casa encontrar você — disse ela.

Liguei para o meu pai.

— Ele não apareceu por aqui — ele respondeu. — Não o vi, não.

— Fique de olho.

— Ah, tá. Estou com dor de cabeça. O Art sabe usar a campainha.

Fiquei sentado na cadeira do dentista, com a boca escancarada, sentindo gosto de sangue e hortelã e lutando contra o nervosismo e a impaciência para sair dali. Talvez eu não confiasse no meu pai para tratar Art com decência sem eu estar presente. A assistente do dentista não parava de tocar no meu ombro dizendo que eu relaxasse.

Quando a consulta terminou e eu saí do consultório, o azul profundo e vivido do céu me desorientou um pouco. A luz do sol era tão brilhante que fazia doer minha cabeça, incomodava meus olhos. Eu já estava acordado fazia duas horas, mas ainda sentia a cabeça enevoada e os movimentos embotados como se não estivesse totalmente desperto. Comecei a correr.

A primeira coisa que vi quando cheguei perto da minha casa foi Feliz, fora do canil. Ele nem sequer latiu para mim. Estava deitado de bruços na grama, com a cabeça entre as patas. Ergueu as pálpebras sonolentas para me ver chegar, depois deixou-as desabarem até tornarem a se fechar. A porta do seu cercado estava aberta.

Estava tentando ver se ele estava deitado em cima de uma pilha de plástico rasgado quando ouvi o primeiro barulho fraco de alguém batendo em alguma coisa. Virei a cabeça e vi Art dentro da caminhonete do meu pai, batendo com as mãos no vidro. Fui até lá e abri a porta. Nesse instante, Feliz explodiu num acesso de latidos descontrolados. Agarrei Art

com os dois braços, dei meia-volta e saí correndo. Os dentes de Feliz abocanharam um pedaço da perna esvoaçante da minha calça. Ouvi um barulho nítido de algo se rasgando, tropecei e segui em frente.

Corri até sentir uma pontada de dor na lateral do abdômen e até não ver mais nenhum cachorro — pelo menos uns seis quarteirões. Desabei no quintal de alguém. A perna da minha calça estava rasgada do joelho até o tornozelo. Dei a primeira olhada em Art. Foi uma visão perturbadora. Eu estava tão ofegante que tudo que consegui foi emitir um ganido débil, apagado — do tipo que ele estava sempre soltando.

O seu corpo havia perdido a brancura de marshmallow. Agora estava mais escuro, marrom-dourado, o que lhe dava o aspecto de um marshmallow ligeiramente tostado. Ele parecia ter esvaziado até mais ou menos metade do seu tamanho habitual. O queixo estava caído para a frente do corpo. Ele não conseguia manter a cabeça erguida.

Art estava atravessando o nosso gramado quando Feliz irrompeu de seu esconderijo debaixo da cerca. Nesse primeiro instante crucial, Art viu que nunca iria conseguir correr mais do que o cachorro da família. Qualquer tentativa de fazer isso iria deixá-lo com o traseiro cheio de furos fatais. Então, em vez disso, ele pulou para dentro da caminhonete e bateu a porta.

As janelas eram automáticas — não havia como abri-las. Se Art tentasse abrir qualquer porta, Feliz tentava enfiar a boca lá dentro para mordê-lo. Fora do carro a temperatura era de 21 graus, e do lado de dentro era de quase 40. Art ficou olhando desolado enquanto Feliz se aboletava no gramado ao lado da caminhonete para esperar.

Art ficou sentado. Feliz não saiu do lugar. Cortadores de grama zumbiam ao longe. A manhã foi passando. Com o tempo, Art começou a murchar com o calor. Sentiu-se mal, tonto. Sua pele de plástico começou a colar nos assentos.

AÍ VOCÊ APARECEU. BEM A TEMPO. VOCÊ SALVOU A MINHA VIDA.

Mas meus olhos se enevoaram e as lágrimas escorreram pelo meu rosto, molhando o seu bilhete. Eu não havia chegado a tempo — não mesmo.

Art nunca mais foi o mesmo depois disso. Sua pele conservou uma cor amarelada, e ele desenvolveu um problema de esvaziamento crônico. Seus pais o enchiam de ar e, durante algum tempo, ele ficava bem, com o corpo cheio de oxigênio, mas dali a pouco tornava a ficar vazio e murcho. O médico deu uma olhada nele e disse a seus pais que não adiassem mais a ida à Disney.

Eu também nunca mais fui o mesmo. Estava infeliz — não conseguia comer, sofria com dores de estômago inesperadas, estava sempre taciturno e carrancudo.

— Tire essa expressão da cara — disse meu pai certa noite, durante o jantar. — A vida continua. Encare os fatos.

Eu estava encarando os fatos. Sabia que o portão do canil de Feliz não abria sozinho. Fiz vários furos nos pneus da caminhonete, depois deixei o canivete enfiado em um deles, para meu pai ter certeza de quem tinha sido o responsável. Ele chamou a polícia e fez eles fingirem que iam me prender. Os policiais me levaram para dar uma volta na viatura e falaram duro comigo durante algum tempo, depois disseram que me levariam de volta para casa se eu "andasse na linha". No dia seguinte, tranquei Feliz dentro da caminhonete e ele cagou no banco do motorista. Meu pai recolheu todos os livros que Art me indicara, o Bernard Malamud, o Ray Bradbury, o Isaac Bachevis Singer. Queimou tudo na churrasqueira.

— E agora, espertinho? — perguntava-me ele enquanto despejava fluido de isqueiro em cima dos livros.

— Por mim, tudo bem — retruquei. — Eu peguei esses livros com o seu cartão da biblioteca.

Nesse verão, passei muitas noites na casa de Art.

NÃO FIQUE BRAVO. NÃO É CULPA DE NINGUÉM.

— Não seja idiota — falei, mas depois não consegui dizer mais nada, porque o simples fato de olhar para ele me fazia chorar.

No fim de agosto, Art me telefonou. Eram quase sete quilômetros de ladeira até o lugar onde ele sugeriu que nos encontrássemos — Scarswell Cove —, mas, àquela altura, os meses indo a pé até a casa de Art depois da

aula já haviam me deixado acostumado a longas caminhadas. Levei vários balões, conforme ele havia me pedido.

Scarswell Cove é uma praia de seixos protegida que dá para o mar aberto, onde as pessoas entram na água para pescar na parte rasa. Não havia ninguém lá, com exceção de um casal de velhos pescadores e de Art, sentado no calçadão. Seu corpo tinha um aspecto mole e murcho, sua cabeça pendia para a frente e balançava, sem força, sobre o pescoço inexistente. Fui me sentar ao seu lado. A pouco menos de um quilômetro, as águas azul-escuras se erguiam em ondas geladas.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Art pensou um pouco. Então começou a escrever.

SABIA QUE TEVE GENTE QUE JÁ FOI PARA O ESPAÇO SIDERAL SEM USAR FOGUETES? CHUCK YEAGER VOOU TÃO ALTO EM UM JATO DE ALTA PERFORMANCE QUE O AVIÃO COMEÇOU A DESPENCAR — DESPENCAR PARA CIMA. NÃO PARA BAIXO. VOOU TÃO ALTO QUE A GRAVIDADE DEIXOU DE FUNCIONAR SOBRE ELE. O JATO DELE CAIU PARA FORA DA ESTRATOSFERA. A COR DO CÉU SE DESMANCHOU. ERA COMO SE O CÉU AZUL FOSSE FEITO DE PAPEL E HOUVESSE UM BURACO ABERTO NO MEIO DELE, E ATRÁS DISSO FOSSE TUDO PRETO. TUDO ESTAVA CHEIO DE ESTRELAS. IMAGINE CAIR PARA CIMA.

Olhei para o bilhete dele, depois novamente para seu rosto. Ele estava escrevendo de novo. Seu segundo recado foi mais simples.

ESTOU DE SACO CHEIO. SÉRIO — PRA MIM, CHEGA. ESTOU ESVAZIANDO UMAS 15 OU 16 VEZES POR DIA. PRECISO DE ALGUÉM PARA ME ENCHER PRATICAMENTE DE HORA EM HORA. ME SINTO MAL O TEMPO TODO E DETESTO ISSO. NÃO É VIDA

— Ah, não — falei. Minha visão embaçou. Lágrimas brotaram e transbordaram dos meus olhos. — Tudo vai melhorar.

NÃO. EU ACHO QUE NÃO. A QUESTÃO NÃO É SE EU VOU MORRER, A QUESTÃO É DESCOBRIR ONDE. E EU JÁ DECIDI. VOU VER ATÉ ONDE CONSIGO SUBIR. QUERO VER SE É VERDADE. SE O CÉU SE ABRE LÁ EM CIMA.

Não sei o que mais eu disse a ele. Muitas coisas, imagino. Pedi-lhe para não fazer aquilo, para não me abandonar. Disse que não era justo. Disse que eu não tinha mais nenhum amigo. Disse que sempre tinha me sentido sozinho. Falei até começar a trocar as palavras e ficar engasgado, soluçando sem conseguir me conter, e ele me abraçou com seus braços murchos de plástico e ficou me segurando enquanto eu escondia o rosto no seu peito.

Ele pegou os balões da minha mão e enrolou-os em um dos pulsos. Segurei sua outra mão e andamos até a beira d'água. As ondas batiam e molhavam meus tênis. O mar estava tão frio que tive cãibras nos pés. Levantei-o e segurei-o com os dois braços, apertando-o até ele emitir um gemido triste. Ficamos um tempão abraçados. Então o soltei. Espero que, se existir um outro mundo, não sejamos julgados pelas coisas que fizemos de errado aqui embaixo — espero que sejamos ao menos perdoados pelos erros que cometemos por amor. Não tenho dúvidas de que isso foi uma espécie de pecado, soltar alguém assim.

Ele saiu voando. O vento o virou, deixando-o de frente para mim enquanto saía flutuando por cima d'água, com o braço esquerdo erguido acima da cabeça e os balões presos ao pulso. Sua cabeça estava inclinada para baixo, em um ângulo pensativo, fazendo parecer que ele estava me examinando.

Fiquei sentado na praia vendo-o ir embora. Olhei até não conseguir mais distingui-lo das gaivotas que voavam em círculos e davam rasantes na água, a alguns quilômetros de distância. Ele era apenas mais um pontinho passeando pelo céu. Não me mexi. Não tinha certeza se conseguiria me levantar. Depois de algum tempo, o horizonte adquiriu um tom cor-de-rosa desbotado, e o céu azul escureceu até ficar preto. Deitei-me na areia e fiquei vendo as estrelas pipocarem no céu. Continuei olhando até ser dominado pela tontura, imaginando meu corpo sendo sugado do chão e caindo para dentro da noite lá em cima.

DESENVOLVI PROBLEMAS EMOCIONAIS. QUANDO AS AULAS RECOMEÇARAM, chorava ao ver alguma carteira vazia. Não conseguia responder às perguntas nem fazer o dever de casa. Fui reprovado e tive de repetir a sexta série.

O pior de tudo é que ninguém mais acreditava que eu fosse perigoso. Era impossível sentir medo de mim depois de ter me visto me debulhar em lágrimas tantas vezes. Eu não tinha mais o canivete; meu pai o havia confiscado.

Um dia, depois da aula, Billy Spears me deu uma surra — abriu meu lábio, deixou um dente mole. John Erikson me segurou no chão e escreveu BOLSA DE COLOSTIMIA na minha testa com *pilot*. Ainda estava tentando acertar a ortografia. Cassius Delamitri me pegou de tocaia, me empurrou e pulou em cima de mim, esmagando-me com seu peso, tirando todo o ar dos meus pulmões. Era como se eu tivesse sido esvaziado; Art teria entendido perfeitamente.

Eu evitava passar pela casa dos Roths. Queria, mais do que tudo, ver a mãe de Art, mas mantinha distância. Tinha medo de que, se eu falasse com ela, acabasse despejando tudo, que eu estivera lá no final, que havia ficado em pé no meio das ondas e soltado a mão de Art. Tinha medo do que talvez fosse ver nos olhos dela; tinha medo de sua mágoa, de sua raiva.

Menos de seis meses depois de o corpo vazio de Art ser encontrado boiando na praia de North Scarswell, uma placa de "Vende-se" apareceu na frente da casa dos Roths. Nunca mais vi nem seu pai nem sua mãe. A Sra. Roth me mandava cartas de vez em quando, perguntando como eu estava passando, mas eu nunca respondia. No final das cartas, ela sempre escrevia "com amor".

Comecei a praticar atletismo no ensino médio e me destaquei no salto com vara. Meu treinador dizia que a lei da gravidade não se aplicava a mim. Ele não sabia porra nenhuma sobre gravidade. Por mais alto que eu subisse, sempre acabava descendo, igualzinho a todo mundo.

O salto com vara me valeu uma bolsa na universidade estadual. Eu me socializava pouco. Ninguém na faculdade me conhecia, e finalmente consegui reconstruir minha reputação de sociopata. Não freqüentava as festas. Não saía com nenhuma garota. Não queria conhecer ninguém.

Certa manhã, eu estava atravessando o campus e vi uma menina novinha vindo na minha direção, com os cabelos tão pretos que tinham o brilho frio e azul do petróleo. Estava usando um suéter grosso e uma saia na altura do tornozelo; um traje bem pouco sexy, mas mesmo assim dava para ver que tinha um corpo lindo, quadris estreitos, seios altos e cheios. Seus olhos eram de vidro azul, sempre abertos, e sua pele era branca como

a de Art. Era a primeira vez que eu via uma pessoa inflável desde que Art saíra flutuando nos balões. Um garoto que vinha atrás de mim assobiou para ela. Eu dei um passo para o lado e, quando ele passou, estiquei a perna para ele cair e vi seus livros voarem para tudo quanto é lado.

— Você é algum tipo de psicopata? — guinchou ele.

— Sou — respondi. — Exatamente.

O nome dela era Ruth Goldman. Tinha um remendo de borracha redondo no calcanhar de um dos pés, de quando pisara em um caco de vidro ainda menina, e um remendo quadrado um pouco maior no ombro esquerdo, onde um galho pontiagudo a havia furado num dia de vento. Uma educação em casa com professores particulares e pais obsessivamente protetores a haviam salvado de maiores danos. Ambos fazíamos Letras. Seu escritor preferido era Kafka — porque ele compreendia o absurdo. O meu preferido era Malamud — porque ele compreendia a solidão.

Nós nos casamos no mesmo ano de nossa formatura. Embora eu permaneça cético em relação à vida eterna, converti-me ao judaísmo sem qualquer pressão da parte dela, cedendo finalmente ao desejo de ter alguma conversa sobre espiritualidade na minha vida. Será que se pode chamar isso realmente de conversão? De toda forma, o nosso casamento foi uma cerimônia judaica, com vidro debaixo de uma toalha branca, esmigalhado pelo salto da bota.

Certa tarde, contei a ela sobre Art.

QUE HISTÓRIA MAIS TRISTE. EU SINTO MUITO.

Ela escreveu isso com lápis de cera e pôs a mão por cima da minha.

O QUE HOUVE? ELE FICOU SEM AR?

— Não. Ficou sem céu — respondi.

VOCÊS IRÃO OUVIR O CANTO DO GAFANHOTO

1

FRANCIS KAY ACORDOU DE SONHOS QUE NÃO ERAM ANGUSTIADOS, MAS exultantes, e descobriu que tinha virado um inseto. Não ficou surpreso; já achava que isso poderia acontecer. Ou melhor, achava, não: torcia para que acontecesse, tinha fantasias a respeito, se não aquilo exatamente, pelo menos algo parecido. Durante algum tempo, havia pensado que aprenderia a controlar baratas por telepatia, que iria chefiar uma horda dessas criaturas de cascas marrons e enviá-las para lutar em seu nome. Ou então, como naquele filme com Vincent Price, só iria se transformar pela metade, sua cabeça viraria a cabeça de uma mosca, de onde brotariam pêlos pretos obscenos, e seus olhos saltados e facetados refletiriam mil rostos transtornados de pavor.

Continuava usando sua antiga pele como um casaco, a pele de quem costumava ser quando era humano. Quatro de suas seis patas despontavam através da úmida, bege, espinhenta, verruguenta, trágica e fedorenta capa de carne. Ao ver aquela pele arruinada, abandonada, ele sentiu um leve arrepio de êxtase e pensou: “Já vai tarde.” Estava deitado de costas, e suas pernas — segmentadas, cujas articulações as faziam se dobrar para trás — agitavam-se, impotentes, acima de seu corpo, cobertas por uma armadura de placas curvas de um verde metálico brilhante, reluzentes como se fossem cromadas, e, com a luz do sol que entrava pelas janelas do quarto, borrões de uma luminosidade sobrenatural corriam por sua superfície. Esses apêndices terminavam em ganchos curvos de esmalte preto endurecido, arrematados por milhares de pêlos pontiagudos.

Francis ainda não estava completamente acordado. Temia o instante em que seus pensamentos ficariam nítidos e tudo estaria terminado, seu casaco de carne novamente abotoado, a forma de humano

novamente restaurada, não haveria mais nada além da lembrança de um sonho particularmente vivido, que persistira por alguns instantes depois de ele despertar. Pensou que, se no fim das contas ele estivesse apenas imaginando aquilo tudo, a decepção iria rachá-lo ao meio, seria terrível demais para suportar. No mínimo, ele precisaria faltar à escola.

Então ele se lembrou de que estivera planejando faltar à escola de qualquer forma. Huey Chester tinha desconfiado dos olhares que Francis lhe lançara no vestiário depois da aula de educação física, quando os dois estavam trocando de roupa. Huey pegou um cocô na privada com um taco de hóquei e arremessou-o em Francis para lhe ensinar a não ficar olhando para os caras, e isso foi tão engraçado que ele disse que deveria virar um novo esporte. Huey e os outros ficaram discutindo qual seria o nome mais apropriado. "Lança-merda" era um dos preferidos. "Arremesso de merda à distância" era outro. Francis decidira na mesma hora manter-se afastado durante um ou dois dias de Huey Chester e da aula de educação física — da escola como um todo.

Huey já havia gostado de Francis; ou melhor, não gostado dele exatamente, mas gostado de exibi-lo para os outros. Fora no primário. No verão anterior, Francis fora morar com sua tia-avó Reagan no trailer dela em Tuba City. Reagan afogava grilos em melado e servia-os à tarde com chá. Vê-los cozinhar era uma diversão e tanto. Francis ficava inclinado por cima da panela de melado, que fervilhava e exalava um cheiro viscoso, doce e enjoativo, e entrava em uma espécie de transe vendo os grilos se debaterem em câmera lenta enquanto se afogavam. Gostava dos bichos carame-lados, de seu sabor doce e sua textura crocante, do travo oleoso e verde, e gostava de Reagan, e torcia para poder ficar com ela para sempre, mas seu pai apareceu e levou-o embora assim mesmo, é claro.

Então, certo dia na escola, Francis contou a Huey que comia grilos, e Huey quis ver, só que eles não tinham nem melado nem grilos, então Francis capturou uma barata e comeu-a ainda viva. Era salgada e amarga, de um gosto forte e metálico, horrível, na verdade. Mas Huey riu e Francis experimentou uma onda de orgulho tão intensa que por um instante não conseguiu respirar; como um grilo que se afoga em melado, sentiu-se sufocado em um mar de doçura.

Depois disso, Huey passou a juntar os amigos para shows de horror vespertinos no parquinho. Francis comia as baratas que lhe traziam. Enfiava mariposas com lindas asas verde-claras na boca e mastigava

devagar. As crianças lhe perguntavam o que ele estava sentindo e ele dizia "Estou sentindo fome". Quando perguntavam que gosto tinha, ele respondia "Parece o gramado da casa de alguém". Derramava mel no chão para atrair formigas e sugava-as com um canudo, os insetos fazendo um som estranho ao subir pelo tubo de plástico. A platéia soltava grunhidos e Francis ficava radiante, inebriado por aquela celebridade recém-descoberta.

Só que ele nunca tinha sido famoso antes e não soube julgar o que seus fãs conseguiriam tolerar ou não. Numa tarde, capturou moscas que voejavam em torno de uma pilha endurecida de cocô de cachorro, engolindo-as aos punhados. Novamente, ficou deliciado com os gemidos dos que haviam se juntado para assistir. Mas moscas de cocô de cachorro não eram a mesma coisa que formigas cobertas de mel. Estas últimas eram repulsivas e cômicas. As primeiras eram patologicamente perturbadoras. Depois disso, começaram a chamá-lo de comedor de merda, besouro de bosta. Certo dia, alguém colocou um rato morto dentro da sua lancheira. Na aula de biologia, enquanto o professor Krause estava fora da sala, Huey e seus amigos o bombardeavam com salamandras semidissecadas.

Francis deixou o olhar vagar pelo telhado de sua casa. Pedaços de papel adesivo para capturar moscas, ondulados por causa do sol, esvoaçavam com a brisa criada pelo ventilador velho e barulhento ligado no canto. Ele morava com o pai e a namorada dele nos aposentos atrás do posto de gasolina. Suas janelas davam vista para arbustos e ervas rasteiras e, mais além, para a boca de um cano de esgoto repleto de lixo, que era onde terminava o aterro sanitário da cidade. Do outro lado do cano havia uma pequena elevação e, depois dela, os prédios pintados de vermelho onde, em algumas noites, ainda acendiam A Bomba. Ele já a vira uma vez — A Bomba. Tinha oito anos. Acordara com um vento forte soprando nos fundos do posto de gasolina, erguendo no ar montinhos de vegetação. Ficara em pé em cima da cama para espiar por uma das janelas altas, e vira algo como o nascer do sol às duas da manhã, uma bola gasosa de luz néon cor de sangue explodindo rumo ao céu em uma fina coluna de fumaça. Ficou olhando até sentir uma dor aguda despontar na parte de trás das órbitas de seus olhos.

Perguntou-se se seria tarde. Não tinha relógio, não se preocupava mais em chegar na hora certa aos lugares. Seus professores raramente prestavam atenção se ele estava presente às aulas, ou quando ele entrava

na sala. Ficou tentando escutar algum som vindo do mundo externo ao seu quarto e ouviu a televisão, o que significava que Ella estava acordada. Ella era a gigantesca namorada de seu pai, uma mulher de pernas gordas cheias de varizes que passava o dia inteiro no sofá.

Ele estava com fome; precisaria se levantar logo. Ocorreu-lhe então que continuava sendo um inseto, fato que o surpreendeu e o deixou imobilizado. Sua velha pele havia deslizado pelos braços e pendia em uma massa borrachuda de seus — o que seria aquilo, ombros? —, enfim, sua pele estava jogada embaixo dele como um lençol amarfanhado feito de algum material sintético elástico. Sentiu vontade de se virar, descer até o chão e dar uma olhada melhor. Imaginou se poderia encontrar seu rosto em algum lugar no meio daquilo tudo, a máscara enrugada com buracos onde antes ficavam seus olhos.

Tentou tocar a parede, com a intenção de usá-la para se virar. Mas seus movimentos estavam descoordenados, e suas pernas sofriam espasmos, contorcendo-se em todas as direções exceto na que ele queria. Enquanto ele se debatia com os próprios membros, sentiu uma pressão gasosa se acumular na parte inferior de seu abdômen. Tentou se sentar e, nesse instante, a pressão explodiu por sua extremidade traseira, um barulho forte e sibilante como todo o ar saindo de um pneu ao mesmo tempo: *pfffff*. Ele sentiu uma quentura estranha em volta das patas de trás e olhou para baixo a tempo de ver uma distorção ondulante passar pelo ar, como o calor que se ergue de uma estrada castigada pelo sol.

Aquilo foi engraçado. Um peido gigante de inseto; ou, quem sabe, um cocô gigante de inseto. Ele não tinha certeza, mas achou que estivesse sentindo uma umidade lá embaixo. Estremeceu com uma risada e, pela primeira vez, tomou consciência de umas placas incrivelmente finas e duras presas entre a curva de suas costas e o monte embolado de sua antiga pele. Pensou no que poderiam ser. Faziam parte dele e parecia que ele talvez fosse capaz de movimentá-las da mesma forma que seus braços, só que não eram braços.

Imaginou se alguém iria entrar no quarto dele, pensou em Ella batendo na porta, em seguida passando pelo batente... e depois gritando, a boca escancarada, os olhos miúdos e muito juntos brilhando de terror. Mas não, Ella não iria até o quarto ver se ele estava bem. Era trabalhoso demais levantar-se do sofá. Durante algum tempo, ele ficou tendo fantasias em que saía marchando sobre as seis patas e passava direto por ela, enquanto

ela gritava e se encolhia. Seria possível que morresse de enfarte? Imaginou os gritos dela tornando-se engasgados, a pele sob o pó-de-arroz adquirindo um desagradável tom cinzento, as pálpebras vibrando e os olhos se revirando para exibir a parte branca reluzente.

Descobriu que conseguia se movimentar balançando o corpo inteiro para cima e para o lado, avançando aos pouquinhos na direção da beirada da cama. À medida que ia se remexendo para mais perto da borda, tentou imaginar o que faria *depois* de provocar o enfarte de Ella. Visualizou-se saindo para a luz quente da manhã do Arizona, rastejando até o meio da auto-estrada. Já podia ver a cena: carros desviando para evitar atropelá-lo, buzinas ecoando, o guinchar de pneus, pessoas batendo com as picapes em postes telefônicos, caipiras gritando "Que porra é essa?", e em seguida estendendo a mão para pegar a espingarda no banco do carona... pensando bem, talvez fosse melhor ficar longe da auto-estrada.

Queria ir até a casa de Eric Hickman, esgueirar-se até o porão e ficar ali esperando por ele. Eric era um menino franzino de 17 anos, com uma doença de pele que havia feito dúzias de verrugas surgirem em seu rosto, a maior parte coberta por tufos de grossos pêlos; tinha também um bigodinho preto ralo que crescia nos cantos dos lábios, como os bigodes de um peixe-gato. Eric e Francis iam ao cinema juntos de vez em quando. Tinham visto *A mosca da cabeça branca,* com Vincent Price, e duas vezes *O mundo em perigo.* Eric adorava *O mundo em perigo.* Ele iria se babar todinho quando visse o que tinha acontecido. Eric era inteligente — tinha lido tudo o que Mickey Spillane já havia escrito —, e juntos poderiam planejar o que fazer em seguida. Talvez Eric também conseguisse alguma coisa para ele comer. Francis queria alguma coisa doce. Um bolinho Ana Maria. Sua barriga roncou perigosamente.

No instante seguinte, Francis escutou — não, *sentiu* — seu pai entrando na sala. Cada passo de Buddy Kay propagava uma vibração sutil que Francis podia sentir na estrutura metálica de sua cama, zumbindo no ar seco e quente em volta da sua cabeça. As paredes de estuque do posto de gasolina eram relativamente grossas e absorviam bem os sons. Ele nunca conseguira ouvir com nitidez uma conversa no cômodo ao lado. Agora, porém, *sentia,* mais do que ouvia, o que Ella estava dizendo, e como seu pai lhe respondia. Sentia suas vozes como uma série de fracas reverberações que agitavam as sensibilíssimas antenas no topo de sua

cabeça. As vozes estavam distorcidas, mais graves do que o normal — como se a conversa estivesse ocorrendo debaixo d'água —, mas eram perfeitamente compreensíveis.

Ella dizia:

— Ele não foi para o colégio.

— Que história é essa? — perguntou Buddy.

— A história é que ele não foi para o colégio. Passou a manhã inteira aqui.

— Ele está acordado?

— Não sei.

— Você não foi olhar?

— Você sabe que eu não gosto de forçar a minha perna.

— Sua vaca preguiçosa — disse seu pai, começando a andar em direção ao quarto. Cada passo fazia uma outra onda vibrante de prazer e alarme percorrer as antenas de Francis.

A essa altura, Francis já havia conseguido chegar à beira da cama. A pele de seu velho corpo, porém, não tinha ido junto com ele, estava embolada de qualquer maneira no centro do colchão, um invólucro sem ossos cheio de sangue. Ele se equilibrou no trilho de ferro que corria pela lateral externa de sua cama. Tentou avançar mais alguns centímetros para perto da beirada, ainda sem ter certeza de como descer, e virou-se de bruços. Sua pele velha repuxou seus membros, e o peso o puxou para trás. Ouviu os saltos das botas do pai ressoando do outro lado da porta, e impeliu-se para a frente, alarmado com a idéia de ser encontrado indefeso, de costas. Seu pai poderia não reconhecê-lo e ir buscar a arma — que ficava pendurada na parede da sala, a poucos passos — para estourar sua barriga compartimentada com um jorro verde esbranquiçado de entranhas de inseto.

Quando Francis se jogou pela beira da cama, os trapos de sua velha pele se desfizeram, com um barulho de algo se rompendo como se alguém estivesse rasgando um lençol. Ele caiu, girou o corpo na mesma hora e aterrissou com uma leveza flexível sobre as seis patas, com uma graciosidade que jamais tivera em seus dias de humano.

Estava de costas para a porta do quarto. Não teve tempo para pensar e, talvez por esse motivo, suas patas fizeram exatamente o que deveriam fazer. Ele se virou, com as patas traseiras correndo para a direita enquanto as dianteiras rastejavam para a esquerda, fazendo girar seu corpo

baixo e estreito de l,50m de comprimento. Sentiu as placas finíssimas de escudos em suas costas estremecerem de forma estranha e teve apenas um segundo para se perguntar novamente o que seriam. Então seu pai começou a gritar do lado de fora.

— Que porra você está fazendo aí dentro? Vá já para a droga do colégio...

A porta se abriu de supetão. Francis recuou, erguendo as duas patas da frente. Suas mandíbulas emitiram um rápido chacoalhar, como uma datilografa muito veloz testando as teclas de uma máquina de escrever. Buddy ficou na soleira da porta, com uma das mãos ainda segurando a maçaneta. Seu olhar recaiu sobre a forma agachada do filho transformado. A cor se esvaiu de seu rosto encovado e emoldurado por costeletas, até fazê-lo parecer uma máscara de cera de si próprio.

Então ele gritou, um grito agudo e penetrante que fez uma corrente elétrica descer pelas antenas de Francis. O próprio Francis gritou, embora o que tenha saído de sua garganta não se parecesse nada com um grito humano. Pelo contrário, era o ruído de alguém sacudindo uma fina folha de alumínio, um trinado orídulante, inumano.

Procurou uma saída. Havia janelas altas na parede acima de sua cama. Mas não eram grandes o suficiente, somente uma série de fendas largas, que mal passavam de 30 centímetros de altura. Seu olhar pousou sobre a cama e deteve-se ali por um segundo, espantado. Ele havia se livrado dos lençóis durante a noite, chutando-os para o pé da cama. Agora eles estavam cobertos por uma espécie de baba branca, e estavam *se dissolvendo* nessa gosma... haviam ao mesmo tempo se liquefeito e escurecido, transformados em uma massa gosmenta orgânica e borbulhante.

A cama tinha uma profunda depressão no centro. Seu traje descartado de carne estava ali, como uma fantasia de uma só peça que havia sido rasgada ao meio. Não olhou para o próprio rosto, mas viu uma das mãos, uma luva enrugada cor da pele sem nada dentro, com os dedos curvados para dentro. A espuma que havia derretido os lençóis escorria na direção de sua antiga pele e, nos pontos onde a tocava, formava bolhas e fumegava. Francis se lembrou de ter peidado e da sensação de um líquido vazando entre suas patas traseiras. De alguma forma, *ele* tinha feito aquilo.

O ar estremeceu com um baque pesado e repentino. Ele olhou para trás e viu o pai no chão. Por cima dele, viu Ella na sala, lutando para se

levantar do sofá. Em vez de ficar cinza e levar a mão ao peito, ela se retesou ao vê-lo, e a expressão em seu rosto tornou-se fixa e neutra. Tinha na mão uma garrafa de Coca-Cola — ainda não eram 10 horas da manhã — e ficou ali sentada, congelada, com a garrafa erguida a meio caminho da boca.

— Ai, meu Deus — disse ela, em um tom de voz espantado, mas relativamente normal. — Olhe só para você.

A Coca começou a derramar da garrafa, escorrendo por seus seios. Ela nem percebeu.

Ele teria de ir embora, e havia apenas uma saída. Avançou, hesitante no início — desviou-se para a direita com um pouco de força demais ao atravessar a porta, e bateu com a lateral do corpo no batente, mas quase não sentiu —, e passou por cima do corpo desmaiado do pai. Seguiu em frente, espremendo-se entre o sofá e a mesa de centro, mirando na porta da frente. Ella ergueu delicadamente os pés para cima do sofá para deixá-lo passar. Sussurrava coisas para si mesma, tão baixinho que alguém sentado bem ao seu lado poderia não ter percebido. Francis, porém, não perdeu uma só palavra, suas antenas tremendo a cada sílaba.

"E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra, e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra. E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma..." Ele agora estava na porta; parou para escutar. "... mas somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus. E foi-lhes permitido não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem. E nesses dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles."

Ele estremeceu, embora não fosse capaz de explicar por que; aquelas palavras o comoveram e fascinaram. Ele ergueu as patas dianteiras para a porta, abriu-a com um empurrão e saiu rumo ao calor branco e ofuscante do dia.

2

O CANO ESTAVA CHEIO DE LIXO POR QUASE UM QUILOMETRO, A SUJEIRA DE cinco cidades reunida. Coleta de lixo era a principal atividade de Calliphora. Dois em cada cinco adultos da cidade trabalhavam com lixo; um em cada cinco trabalhava na Divisão Radiológica do Exército em Camp Calliphora, 1,5 quilômetro mais ao norte; os outros dois ficavam em casa vendo televisão, raspando bilhetes de loteria e comendo comida congelada. O pai de Francis era uma rara exceção, um homem que tinha o seu próprio negócio. Buddy se autodenominava empreendedor. Tivera uma idéia que achava que poderia revolucionar o ramo dos postos de gasolina. Chamava-se auto-atendimento. Significava que você deixava o cliente encher seu próprio tanque e cobrava exatamente a mesma coisa que os lugares onde o atendimento era completo.

De dentro do cano era difícil ver alguma coisa de Calliphora sobre a plataforma de pedra mais acima. Quando Francis espiou pelo declive íngreme, conseguiu distinguir o único marco possível de ser identificado: o grande mastro de bandeira em frente ao posto de gasolina de seu pai. A bandeira tinha a reputação de ser a maior do estado. Era grande o suficiente para ser enrolada em volta da cabine de um caminhão de quatro eixos e pesada demais para ser movida até mesmo por ventos fortes. Francis só a vira tremular uma vez — durante a explosão que ressoou em Calliphora depois de soltarem A Bomba.

Seu pai tinha vários clientes do Exército. Sempre que tinha de sair do escritório por algum motivo, para checar o motor superaquecido de algum jipe, por exemplo, em geral vestia a parte de cima do uniforme caqui sobre a camiseta. Medalhas balançavam e luziam no bolso esquerdo. Nenhuma delas era sua — ele havia comprado tudo na loja de penhores certa tarde —, mas pelo menos o uniforme ele conseguira de forma honesta, na Segunda Guerra Mundial. Ele havia gostado da guerra. — Não existe xoxota melhor do que a que a gente consegue em um país que acabou de bombardear — disse ele certa noite, erguendo uma lata de cerveja como se estivesse brindando, com os olhos marejados pelas boas lembranças.

Francis se escondeu no meio do lixo, enfiando-se entre dois sacos plásticos cheios. Assustado, ficou esperando pelos carros da polícia, as antenas agitadas e atentas ao barulho ritmado, terrível e ensurdecedor dos helicópteros. Mas não houve carros de polícia nem helicópteros. Uma ou duas vezes, uma caminhonete desceu a estrada de terra batida que

contornava os montes de lixo, e ele se encolheu desesperado, andando para trás, enterrando-se tão fundo na sujeira que apenas as antenas ficavam, de fora. Mas foi só isso. Havia pouco tráfego naquela parte do lixão, que ficava a quase um quilômetro do centro de processamento onde era feito o trabalho de verdade.

Mais tarde, deu uma corridinha até o topo de um dos grandes montes para se certificar de que não estava sendo cercado. Não estava, mas não ficou ali por muito tempo. Não gostava do brilho direto do sol. Depois de apenas alguns instantes do lado de fora, sentiu uma lassidão dormente tomar conta dele, como se houvessem lhe dado uma injeção de anestésico. Na parte de trás do lixão, porém, onde o cano ficava mais estreito, viu um trailer estacionado em cima de uma plataforma de cimento. Desceu e rastejou até lá. Achou que estivesse abandonado, e de fato estava. O espaço abaixo do trailer estava tomado por sombras deliciosamente frescas. Entrar debaixo dele foi tão refrescante quanto mergulhar em um lago.

Ele descansou. Foi Eric Hickman quem o acordou; não que Francis estivesse dormindo, no sentido literal da palavra. Em vez disso, havia se acomodado em um estado de imobilidade consciente, em que não sabia nada e ao mesmo tempo estava completamente alerta. Ouviu os pés de Eric sé arrastando pelo chão a mais de um metro de distância e levantou a cabeça. Eric apertava os olhos atrás das lentes dos óculos por causa da luz da tarde. Ele estava sempre apertando os olhos — para ler alguma coisa ou simplesmente quando estava concentrado —, de forma que ficava parecendo um macaco. Era uma expressão tão desagradável que naturalmente levava as pessoas a quererem lhe fazer alguma coisa para justificar aquela careta.

— Francis — disse Eric bem alto. Trazia na mão um saco de papel respingado de gordura que talvez contivesse o seu almoço e, ao ver isso, Francis sentiu uma forte pontada de fome, mas não saiu de onde estava. — Francis, você está por aqui? — tornou a chamar, quase gritando, antes de sumir de vista.

Ele queria aparecer para o amigo, mas não conseguiu. Pensou na possibilidade de Eric estar ali só para atraí-lo para céu aberto. Imaginou uma equipe de atiradores de elite agachados sobre os montes de lixo, olhando a estrada através das miras dos fuzis à procura de algum sinal do gigante gafanhoto assassino. Continuou parado, agachado e tenso,

monitorando o local em busca de algum movimento. Prendeu a respiração. Uma lata caiu, fazendo alarde. Era apenas um corvo.

Depois de algum tempo, teve de reconhecer que havia se deixado dominar pela ansiedade. Eric fora até lá sozinho. Um instante depois, percebeu que não havia ninguém à sua procura, porque ninguém iria acreditar em seu pai quando ele contasse o que vira. Se Buddy tentasse dizer que havia encontrado um inseto gigante no quarto do filho, agachado ao lado do corpo estripado do menino, teria sorte se não fosse parar num hospício. Sequer acreditariam nele quando dissesse que seu filho estava morto. Afinal de contas, não havia corpo, tampouco pele descartada: a excreção leitosa que saíra borbulhando do traseiro de Francis já devia tê-la derretido.

No Dia das Bruxas do ano anterior, seu pai tinha sido preso por embriaguez, e não podia ser considerado uma testemunha confiável. Ella talvez confirmasse a história, mas sua palavra não valia mais do que a dele — possivelmente menos. Ela estava sempre ligando para o escritório do *Fenômenos de Calliphora,* às vezes até uma vez por mês, para relatar que tinha visto nuvens com a forma de Jesus. Tinha um álbum inteiro com fotos de nuvens que dizia retratarem o rosto do Salvador. Francis já o havia folheado, mas era incapaz de ver qualquer traço religioso, embora tivesse que reconhecer que uma das nuvens se parecia com um homem gordo usando um chapéu em forma de cone.

A polícia local estaria em busca do Francis de verdade, é claro, mas ele não tinha certeza de como iriam procurá-lo na prática. Ele estava com 18 anos — tinha liberdade para fazer o que quisesse —, e muitas vezes faltava à escola sem dar explicação. Havia apenas quatro policiais em Calliphora: o xerife George Walker e três agentes que trabalhavam em meio expediente. Isso só permitia um grupo de busca bem reduzido e, além do mais, havia outras coisas a se fazer em um dia bonito e sem vento como aquele: importunar trabalhadores ilegais, por exemplo, ou ficar sentado escondido na estrada esperando os adolescentes ultrapassarem o limite de velocidade no caminho de Phoenix.

De toda forma, estava ficando difícil se preocupar muito com o fato de alguém estar procurando por ele. Francis estava novamente sonhando acordado com bolinhos doces. Não conseguia se lembrar da última vez que sentira tanta fome.

Embora o céu estivesse claro e limpo, uma superfície azul esmaltada, sombras vespertinas haviam se espalhado por cima do cano, à medida que o sol ia caindo por trás da muralha de rocha vermelha a oeste. Francis rastejou para longe do trailer e foi abrindo caminho entre os detritos, parando junto a um saco rasgado cujo conteúdo havia vazado para fora. Examinou o lixo com as antenas. Entre papéis amassados, copos de isopor quebrados e fraldas enroladas, encontrou um pirulito todo sujo de terra. Inclinou-se para a frente e, desajeitadamente, enfiou o doce inteiro na boca, inclusive o palito de papelão, agarrando-o com as mandíbulas, a baba escorrendo até o chão.

Durante alguns segundos, o interior de sua boca se encheu com uma explosão fortíssima de doçura açucarada, e ele sentiu o sangue sendo bombeado pelo coração. Segundos depois, porém, se deu conta de uma desagradável cosquinha no tórax, e sua garganta pareceu se fechar. Seu estômago se revirou. Ele cuspiu o pirulito, enojado. Não teve melhor sorte com as asas de frango meio comidas que encontrou. Os poucos pedaços de carne e gordura presos aos ossos tinham um gosto rançoso e ele teve vontade de vomitar.

Moscas-varejeiras zumbiam gulosas em volta das pilhas de lixo. Francis lhes lançou um olhar de ressentimento e pensou em devorá-las. Alguns insetos comiam outros insetos, mas ele não sabia como capturá-las sem mãos (embora tivesse a sensação de que não iria lhe faltar velocidade) e não iria aliviar seu sofrimento com meia dúzia de moscas-varejeiras. Com a cabeça doendo, irritado de fome, pensou nos grilos caramelados e em todos os outros insetos que já havia comido. Era por causa deles que aquilo havia acontecido, imaginou, então veio um flash em sua mente: o sol nascendo às duas da manhã, o vento atingindo o posto de gasolina em rajadas fumegantes, batendo na construção com tanta força que fazia a poeira se derramar pelo telhado.

O pai de Huey Chester, Vern, certa vez atropelou um coelho enquanto entrava na garagem de casa, saltou do carro e deu de cara com um animal com quatro olhos de um cor-de-rosa anormal. Levou-o à cidade para exibi-lo, mas um biólogo, acompanhado por um cabo e dois recrutas portando metralhadoras, apareceu para levar o coelho embora, pagando 500 dólares a Vern para que ele assinasse uma declaração afirmando que não iria falar nada a respeito. Certa vez, apenas uma semana depois de um dos testes no deserto, uma névoa densa e úmida com um cheiro horrível de

bacon cobriu a cidade inteira. Era tão espessa que as aulas foram canceladas e o supermercado e os correios fecharam as portas. Corujas voavam à luz do dia, explosões e trovoadas abafadas ecoavam a toda hora. Os cientistas do deserto estavam abrindo buracos no céu e na terra, talvez rasgando o tecido do próprio universo. Atearam fogo nas nuvens. Então, pela primeira vez, Francis entendeu com clareza que ele era uma criatura contaminada, uma aberração a ser destruída e ocultada por um soldado do governo com uma pasta cheia de declarações oficiais de silêncio. No início havia sido difícil para ele reconhecer isso, talvez porque *sempre* tivesse se sentido contaminado, algo que as outras pessoas não queriam ver.

Frustrado, ele se impeliu para longe do saco rasgado, movendo-se sem pensar. Suas patas dianteiras, dotadas de um forte molejo, o lançavam para cima, e as pétalas endurecidas de suas costas se agitavam furiosamente. Sua barriga projetou-se para a frente. O chão escuro, coalhado de lixo, oscilava perigosamente abaixo dele. Ele achou que fosse cair, mas não caiu, e se viu saltando no ar e aterrissando poucos segundos depois em cima de um dos imensos montes, acomodando-se em um ponto ainda iluminado pelo sol. Sua respiração explodiu; ele sequer tinha percebido que a estava prendendo.

Por alguns instantes ficou equilibrado ali, tomado por uma sensação de choque tão grande que um formigamento lhe subiu pelas antenas. Havia escalado, corrido, nadado — não, por Deus, ele havia voado! — uma distância de 10 metros no ar do Arizona. Não passou muito tempo pensando no que havia acontecido; tinha medo de pensar a respeito. Tornou a se projetar no ar. Suas asas emitiram um zumbido quase mecânico e ele se viu traçando um arco trôpego no céu, por cima do mar de mercadorias descartáveis que apodrecia lá embaixo. Esqueceu-se por um instante de que precisava comer. Esqueceu-se de que, poucos segundos antes, sentira algo próximo do desespero. Encolheu as pernas para junto das armaduras nas laterais do seu corpo e, com o ar a lhe fustigar o rosto, olhou para o lixão vários metros abaixo dele, enfeitiçado pela visão de sua improvável sombra a percorrê-lo.

3

DEPOIS QUE O SOL SE PÔS, QUANDO AINDA HAVIA UM POUCO DE LUZ NO CÉU, Francis voltou para casa. Não tinha nenhum outro lugar aonde ir, e estava com muita fome. Havia a casa de Eric, é claro, mas para chegar lá ele precisaria atravessar várias ruas, e suas asas não eram capazes de fazê-lo voar suficientemente alto para não ser visto.

Ficou agachado um tempão nos arbustos dos fundos do posto de gasolina. As bombas estavam desligadas, as luzes acima delas apagadas e as persianas abaixadas nas janelas do escritório da frente. Seu pai nunca havia fechado o posto tão cedo.

Tudo estava completamente imóvel naquela parte de Estrella Avenue e, com exceção da passagem de algum caminhão ocasional, não havia sinal de vida ali. Imaginou se o pai estaria em casa, mas não conseguiu pensar em outra possibilidade. Buddy Kay também não tinha para onde ir.

Francis se arrastou pelo cascalho, tonto, até a porta da frente. Ergueu-se nas patas traseiras e espiou para dentro da sala. O que viu lá dentro era tão diferente de tudo que já vira antes que ele ficou desorientado, cambaleando, quando uma súbita fraqueza percorreu seu corpo.

Seu pai estava estendido no sofá, de lado, com o rosto colado nos seios de Ella. Os dois pareciam estar dormindo. Ella envolvia os ombros de Buddy, com os dedos rechonchudos e cheios de anéis encostados em suas costas. Ele mal estava em cima do sofá — não havia espaço suficiente —, e parecia prestes a sufocar. Francis não conseguia se lembrar da última vez que vira Buddy e Ella se abraçando e havia se esquecido de como seu pai parecia pequeno perto dela. Com o rosto enterrado no peito de Ella, lembrava uma criança que adormecera chorando no colo da mãe. Os dois eram tão velhos e solitários, pareciam tão esgotados, que vê-los daquele jeito — seus corpos embolados como que para se proteger de uma ventania — provocou em Francis uma sensação lancinante de arrependimento. Seu pensamento seguinte foi de que a vida com eles havia terminado. Caso acordassem e o vissem, novamente viriam os gritos e desmaios, depois as armas e a polícia.

Ficou desesperado. Estava prestes a se afastar da porta e voltar para o lixão quando viu a tigela sobre a mesa, à direita da porta. Ella havia feito uma salada mexicana. Não conseguia ver o que havia dentro do pirex, mas adivinhara o que era pelo cheiro. Podia sentir todos os cheiros agora: a

ferrugem da porta da frente, o mofo do carpete felpudo, os biscoitos salgados de milho, os hambúrgueres embebidos em molho mexicano apimentado. Imaginou grandes folhas de alface cheias de molho e sua boca se encheu de saliva.

Francis se inclinou para a frente, esticando o pescoço para tentar ver alguma coisa dentro da tigela. Os ganchos irregulares de suas patas dianteiras já estavam encostados na porta de tela e, antes de perceber o que estava fazendo, o peso de seu corpo já a havia aberto pela metade. Ele entrou, lançando um olhar furtivo para o pai e Ella. Nenhum dos dois se mexeu.

A mola do lado de dentro da porta era velha e estava deformada. Depois que ele passou, a porta não se fechou com um baque, mas com um gemido seco, chocando-se de leve no batente. Esse leve baque foi suficiente para fazer o coração de Francis dar um salto dentro do peito. Mas seu pai pareceu se aninhar ainda mais na fenda enrugada entre os seios de Ella. Francis rastejou até a lateral da mesa e inclinou-se por cima da tigela. Não havia sobrado quase nada, exceto uma sopa gordurosa de molho mexicano e alguns pedaços de alface grudados na borda. Tentou pescar um deles, mas suas mãos não eram mais mãos. A lâmina em formato de pá na extremidade de sua pata dianteira raspou o interior da tigela, virando-a de lado. Ele tentou segurá-la antes que caísse da mesa, mas o objeto escorregou e bateu no chão com um ruído estridente.

Francis se agachou, rígido. Ao seu lado, Ella emitiu um som indistinto de quem acaba de acordar. Em seguida, ouviu um baque metálico. Ele olhou para trás. Seu pai estava em pé, a menos de um metro de distância. Havia acordado antes de a tigela cair — Francis entendeu isso no mesmo instante —, ou talvez estivesse fingindo dormir desde o início. Em uma das mãos, Buddy segurava a espingarda, aberta para ser carregada, a coronha debaixo da axila. Na outra tinha uma caixa de balas. Estivera com a espingarda na mão o tempo todo, escondendo-a entre o seu corpo e o de Ella.

O lábio superior de Buddy se contorceu numa expressão de nojo e incredulidade. Faltavam-lhe alguns dentes, e os que restavam estavam escurecidos e podres.

— Sua coisa escrota e nojenta — disse ele. Abriu a caixa de balas com o polegar. — Acho que agora vão acreditar em mim.

Ella mudou de posição, usando as mãos para puxar seu corpo e olhar por cima do encosto do sofá. Soltou um grito engasgado.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Jesus.

Francis tentou falar. Tentou dizer "Não, não me machuquem, eu não vou fazer mal a vocês". Mas o que saiu foi aquele som de alguém sacudindo furiosamente um pedaço de metal flexível.

— Por que ele está fazendo esse barulho? — gritou Ella. Tentava se levantar, mas estava afundada demais no sofá e não conseguia se erguer. — Saia de perto dele, Buddy!

Buddy olhou para ela.

— Como assim, sair de perto? Eu vou estourar esse troço. Vou mostrar para aquele babaca do George Walker... ele fica lá, rindo de mim. — Deu uma risada nervosa, suas mãos tremendo tanto que deixaram as balas caírem no chão. — Amanhã de manhã vão estampar a minha foto na primeira página do jornal.

Seus dedos finalmente encontraram uma bala e ele carregou a espingarda. Francis desistiu de tentar falar e ergueu as patas dianteiras, com os ganchos afiados levantados, em um gesto de rendição.

— Ele está fazendo alguma coisa! — gritou Ella.

— Quer calar essa boca, sua vaca histérica? — disse Buddy. — É só um inseto, estou pouco ligando se é grande. Ele não faz a menor idéia do que eu estou fazendo. — Buddy girou o pulso, encaixando o cano da arma.

Francis projetou-se para a frente, com a intenção de fazer Buddy recuar e ele poder correr até a porta. Quando sua pata dianteira direita se abaixou, abriu um grande rasgo vermelho no rosto do pai. O talho começava na têmpora direita, passava pela órbita do olho, corria por cima do nariz e depois descia por mais 10 centímetros pela face esquerda. A boca de Buddy se escancarou, de modo que ele ficou com uma expressão de surpresa, como um homem acusado de algo chocante e sem palavras para reagir. A arma disparou com um estrondo tão ensurdecedor que fez uma onda de dor percorrer as sensíveis antenas de Francis. Um pouco da pólvora caiu em seu ombro, causando uma ardência desconfortável, mas a maior parte do disparo atingiu a parede de gesso atrás dele. Francis gritou de terror e dor: mais um daqueles sons distorcidos, parecendo o retinir de uma chapa metálica, só que dessa vez urgente e agudo. Sua outra pata em forma de gancho se abaixou, um cutelo projetado para baixo com todo o

seu peso. Atingiu em cheio o peito do pai. Francis sentiu o impacto estremecer todas as suas articulações.

Tentou remover a pata do tórax do pai. Em vez disso, ergueu Buddy no ar. Ella gritava, arranhando o próprio rosto com as duas mãos. Francis sacudiu a pata para cima e para baixo, tentando separar o pai da foice que antes era sua mão. Seu pai de repente virou uma coisa sem ossos, braços e pernas se debatendo de um lado para outro. Os gritos agudos de Ella causavam tamanha dor que Francis achou que talvez fossem fazê-lo desmaiar. Ele jogou o pai contra a parede. O posto de gasolina tremeu. Dessa vez, quando ele puxou a pata, Buddy se soltou. Escorregou pela parede, com as mãos unidas sobre a funda ferida no peito. Deixou um rastro escuro no gesso atrás de si. Francis não sabia o que tinha acontecido com a espingarda. Ella se ajoelhou no sofá, balançando o corpo para a frente e para trás, gritando e arranhando o próprio rosto, totalmente fora de si. Francis se jogou em cima dela, dilacerando-a com as mãos afiadas. O barulho parecia o de uma equipe de homens enfiando pás em lama molhada. Durante vários minutos a sala foi tomada pelo som de alguém escavando furiosamente.

4

DURANTE MUITO TEMPO DEPOIS DISSO, FRANCIS FICOU ESCONDIDO DEBAIXO da mesa, esperando alguém chegar para acabar com aquilo. Seu ombro latejava. Sua pulsação era um tiquetaque forte e acelerado na garganta. Ninguém apareceu.

Mais tarde, ele saiu de baixo da mesa e agachou-se junto ao pai. Buddy tinha deslizado até a base da parede, de modo que apenas sua cabeça permanecia encostada nela, e seu corpo estava esparramado no chão. Seu pai sempre fora um homem muito magro, meio esfaimado, mas ali, sentado como estava, com o queixo apoiado no peito e as bochechas pendendo, parecia subitamente gordo e diferente do que sempre fora. Francis descobriu que conseguia envolver a cabeça dele com os ganchos

curvados, afiados, que agora lhe serviam de mãos — as armas do crime. Não agüentava olhar para o que tinha feito com Ella.

Estava enjoado. A pressão intensa e gasosa do início da manhã havia retornado. Queria dizer a alguém que sentia muito, que aquilo era horrível, que desejava poder desfazer tudo, mas não havia ninguém a quem dizer isso, e, mesmo que houvesse, ninguém teria entendido sua nova voz de gafanhoto. Sentiu vontade de soluçar. Em vez disso, soltou um peido, e o ácido branco espumante jorrou de seu traseiro em uns poucos jatos espasmódicos. A substância respingou no tórax de seu pai, encharcando sua camiseta, corroendo-a com um chiado borbulhante. Francis virou o rosto de Buddy para um lado e para o outro, esperando que, de algum outro ângulo, o pai voltasse a ficar mais parecido consigo mesmo. Mas, por mais que o virasse, Buddy continuava estranho, um desconhecido.

Um cheiro parecido com gordura de bacon tostada chamou a atenção de Francis e, quando ele olhou para baixo, viu que a barriga do pai havia se aberto e se transformado numa massa transbordante de gosma cor-de-rosa; os ossos vermelhos das costelas reluziam, com nacos fibrosos de tecido semicorroído ainda presos a eles. Francis sentiu a barriga se contrair com uma fome lancinante, desesperada. Inclinou-se um pouco mais para examinar a gororoba com as antenas; mas não conseguiu esperar mais, não conseguiu se conter. Engoliu as entranhas liqüefeitas do pai em grandes bocados sôfregos, emitindo estalos úmidos com as mandíbulas. Foi comendo de fora para dentro, e em seguida cambaleou para longe, meio embriagado, com os ouvidos zumbindo, a barriga doendo de tão cheia. Andou com dificuldade até debaixo da mesa e descansou.

Através da porta de tela podia ver um pedaço da auto-estrada. Em um transe saciado, ficou olhando um caminhão passar deslocando o ar, correndo rumo ao deserto, com os faróis varrendo o asfalto, passando por cima de uma pequena elevação e em seguida disparando até sumir de vista. A visão daqueles faróis deslizando sem esforço pela escuridão trouxe à sua mente a sensação que tivera ao voar, ao subir ao céu com um grande salto veloz.

A idéia de atravessar o ar fresco lhe deu vontade de respirar um pouco. Saiu pela porta de tela. Estava cheio demais para voar. Sua barriga ainda doía. Foi até o estacionamento de chão de cascalho, inclinou a cabeça para trás e fitou a noite. A Via Láctea era um rio espumante de brilho. Podia ouvir nitidamente os grilos na grama, a música metálica que

produziam, uma vibração triste que subia e descia, subia e descia. *Sempre o estiveram chamando,* pensou.

Caminhou sem medo até o meio da auto-estrada, esperando aparecer algum caminhão, esperando os faróis se derramarem sobre ele... esperou o guinchar dos freios e o grito rouco, assustado. Mas não havia tráfego nenhum na estrada. Ele estava com a barriga muito cheia e andava devagar. Não tinha medo do que iria lhe acontecer agora. Não sabia qual era o seu destino, e pouco lhe importava. Seu ombro estava doendo um pouco. O chumbo da espingarda não havia perfurado sua armadura — é claro que não poderia perfurá-la —, apenas machucara de leve o tecido debaixo dela.

Certa vez, ele e o pai tinham ido juntos ao lixão. Levaram a espingarda e ficaram atirando em latas, ratos e gaivotas. "Imagine que são os alemães", dissera seu pai. Francis não sabia que aspecto tinham os soldados alemães, então fingiu que estava atirando nas outras crianças da escola. A lembrança desse dia no lixão deixou-o um pouco sentimental em relação ao pai — os dois tinham tido alguns bons momentos juntos e, no fim das contas, Buddy lhe proporcionara uma refeição decente. Sério, o que mais se podia querer de um pai?

Percebeu que estava perto do colégio quando o primeiro rubor cor-de-rosa começou a colorir o leste. Não tivera a intenção de ir até lá, talvez tivesse sido levado pela lembrança da tarde em que saíra para atirar com o pai. Examinou o comprido edifício de tijolinhos, com suas fileiras de janelas pequenas, e se deu conta de como era feio. Até mesmo as vespas moravam melhor, construíam suas casas nos galhos mais altos das árvores, onde, na primavera, podiam se esconder em meio a perfumados tufos de brotos, sem nada para incomodá-las a não ser a corrente fresca da brisa.

Um carro entrou no estacionamento e Francis deu uma corridinha até a lateral do prédio, dobrando a esquina em seguida para não ser visto. Ouviu uma porta de carro bater. Continuou a rastejar para trás e então, por acaso, viu a fileira de janelas que dava para o porão. Com a cabeça, empurrou uma delas, que se abriu imediatamente — suas dobradiças tinham 40 anos de idade. Francis se jogou lá para dentro.

Totalmente imóvel, ficou aguardando em um dos cantos do porão, atrás de alguns canos cobertos de gotas de água gelada, enquanto o sol ia nascendo do outro lado da seqüência de janelas no alto da parede. A princípio, a luz era fraca e cinzenta, depois adquiriu um delicado tom

amarelo-limão, e foi iluminando lentamente o porão à sua volta, revelando um cortador de grama, fileiras de cadeiras metálicas dobráveis, latas de tinta empilhadas. Durante muito tempo, ficou descansando sem dormir, sem pensar em nada, mas alerta, como fizera no dia anterior debaixo do velho trailer no lixão. O sol brilhava nas janelas quando ele ouviu os primeiros escaninhos sendo abertos lá em cima, pés pisando o chão do andar superior e vozes altas, animadas.

Atravessou o porão até a escada e subiu. À medida que se movia na direção dos sons, porém, eles surpreendentemente iam se afastando, como se Francis estivesse entrando em uma bolha de silêncio. Pensou na Bomba, no sol vermelho explodindo do solo do deserto às duas da manhã, no vento castigando o posto de gasolina; então, da fumaça, surgiam gafanhotos sobre a terra. Enquanto subia as escadas, foi sentindo uma excitação crescente, uma súbita e intensa sensação de determinação. A porta de cima estava fechada e ele não sabia como abri-la. Bateu nela com um dos ganchos, fazendo-a balançar ruidosamente. E aguardou.

Por fim, a porta se abriu. Do outro lado estava Eric Hickman. Atrás dele, o corredor estava repleto de alunos que guardavam objetos nos escaninhos, conversavam aos gritos uns com os outros, mas era como assistir a um filme sem som. Alguns alunos olharam na sua direção, viram-no e ficaram rígidos, imobilizando-se em poses nada naturais. Uma menina de cabelos claros abriu a boca para gritar; tinha os braços cheios de livros, que escorregaram um por um e caíram no chão com um barulho alto.

Eric olhou para Francis através das lentes engorduradas dos óculos ridiculamente grossos. Remexeu-se, chocado, deu um passo largo para trás, mas então sua boca se abriu em um sorriso incrédulo.

— Incrível — disse Eric. Francis ouviu-o com perfeição.

Francis precipitou-se para a frente e rasgou o pescoço de Eric com as mandíbulas, usando-as como uma tesoura gigante. Matou-o primeiro — porque o amava. Eric caiu com as pernas estrebuchando em espasmos involuntários, e seu sangue respingou em cima da menina de cabelos claros que não se mexeu, simplesmente ficou ali gritando. Então todos os sons se precipitaram para dentro de sua cabeça ao mesmo tempo, em um estrondo de portas batendo, pés correndo e gritos clamando por Deus. Francis avançou lentamente, tomando impulso em suas potentes molas traseiras, derrubando as pessoas ao passar, jogando-as de cara no chão.

Encontrou Huey Chester no final do corredor correndo para uma saída, então enfiou uma das garras afiadas e curvas na base de suas costas até ela sair pelo outro lado, projetando-o no ar. Huey deslizou pelo braço verde de Francis, emitindo sons estrangulados. Seus pés continuaram a pedalar no ar de forma cômica, como se ele ainda estivesse tentando correr.

Francis voltou por onde tinha chegado, rasgando e cortando, embora tenha deixado em paz a menina de cabelos claros, que caíra de joelhos e rezava por cima das mãos unidas. Matou quatro no corredor antes de ir para o andar de cima. Encontrou outros seis amontoados debaixo das mesas de um dos laboratórios de biologia, matando-os em seguida. Então pensou que, no fim das contas, deveria matar também a menina de cabelos claros, mas, quando tornou a descer a escada, ela já havia ido embora.

Francis estava arrancando pedaços de Huey Chester e comendo-os quando ouviu o eco distorcido de um megafone do lado de fora. Pulou para a parede e percorreu o teto andando de cabeça para baixo até chegar a uma janela empoeirada. Havia caminhões militares estacionados do outro lado da rua, soldados empilhavam sacos de areia. Ouviu uns estalos altos e os roncos de um motor muito grande. Olhou para o começo de Estrella Avenue e viu que tinham trazido um tanque também. *Bom,* pensou. Iriam precisar mesmo.

Francis furou a janela à sua frente com uma garra pontiaguda, espalhando os cacos de vidro. No dia claro e fresco do lado de fora homens gritavam. O tanque parou e o canhão começou a girar. Alguém berrava ordens em um megafone. Soldados se preparavam para a ação. Francis saltou para o lado de fora em direção ao céu, com as asas vibrando e emitindo o ruído mecânico de madeira cortada por uma serra circular. Ao se erguer acima da escola, ele começou a cantar.

OS MENINOS DE ABRAHAH

MAXIMILIAN FOI PROCURÁ-LOS NO GALPÃO NO CURRAL E ATÉ NO FRIGORÍFICO, embora tivesse quase certeza de que não iria encontrá-los lá. Rudy nunca iria se esconder em um lugar daqueles, úmido e frio, sem janelas e com tão pouca luz, com cheiro de morcego. Aquilo era parecido demais com um porão. Em casa, Rudy sempre evitava ir ao porão, pois tinha medo de que a porta se fechasse e ele ficasse preso na escuridão sufocante.

Por último, Max verificou o estábulo, mas eles tampouco estavam escondidos ali. Ao chegar ao pátio em frente à casa, levou um susto ao ver que a noite já tinha caído. Não imaginara que pudesse ser tão tarde.

— Chega dessa brincadeira! — gritou. — Rudolf! Precisamos ir embora. — O som que saiu parecia o de um cavalo relinchando. Max detestava a própria voz e invejava o sotaque norte-americano do irmão caçula. Rudolf havia nascido ali e nunca tinha ido a Amsterdã. Max passara os cinco primeiros anos de sua vida lá, em um apartamento mal iluminado que recendia ao bolor das cortinas de veludo e ao fedor de latrina do canal que passava na rua.

Max berrou até sentir a garganta arder, mas seus gritos só serviram para atrair a Sra. Kutchner, que chegou arrastando os pés devagar pela varanda, abraçando o próprio corpo para se aquecer, embora não estivesse fazendo frio. Quando chegou ao portão, ela se apoiou com as duas mãos e se inclinou para a frente.

Nessa mesma época do ano anterior, a Sra. Kutchner era agradavelmente roliça, tinha covinhas nas bochechas carnudas e faces sempre coradas pelo calor da cozinha. Agora seu rosto estava encovado, a pele repuxada por cima do crânio, os olhos febris com um brilho de ave nas órbitas ossudas. Sua filha Arlene — que nesse exato momento estava escondida com Rudy em algum lugar — havia contado que a mãe mantinha um balde ao lado da cama e toda manhã, quando seu pai o levava para esvaziá-lo, ele continha quase um centímetro de sangue malcheiroso.

— Pode ir andando se quiser, meu bem — disse ela. — Eu digo ao seu irmão que corra para casa quando sair do buraco onde está enfiado.

— Eu a acordei, Sra. Kutchner? — perguntou ele. Ela negou com a cabeça, mas o sentimento de culpa dele não diminuiu. — Desculpe tirar a senhora da cama. Eu e minha boca grande... — A frase seguinte foi dita em um tom hesitante. — A senhora tem certeza de que deveria estar de pé?

— Está bancando o meu médico, Max Van Helsing? Não acha que eu já escuto bastante do seu pai? — perguntou ela, com um dos cantos da boca se erguendo em um sorriso fraco.

— Não, senhora. Quero dizer, sim, senhora.

Rudy teria dito alguma coisa inteligente para fazê-la rir e bater palmas. O lugar dele era no rádio, como estrela-mirim de algum programa de variedades. Mas Max nunca sabia o que dizer e, de qualquer forma, não se adequava mesmo à comédia. Não só por causa do sotaque — embora isso fosse motivo de constante desconforto —, mas porque gostava de falar o mínimo possível. Era também uma questão de temperamento: muitas vezes ele era incapaz de vencer a própria timidez sufocante.

— Ele é bem severo, faz sempre questão que vocês dois estejam em casa antes de escurecer, não é?

— É, sim, senhora — respondeu Max.

— Tem muita gente como ele — disse ela. — Gente que trouxe o velho mundo consigo. Mas não achava que um médico pudesse ser tão supersticioso. Um homem tão instruído.

Max reprimiu um calafrio de repulsa. Chamar seu pai de supersticioso era um eufemismo de proporções tão grotescas que chegava a ser engraçado.

— Ninguém diria que ele fosse se preocupar tanto com alguém como você — continuou ela. — Não posso imaginar você correndo nenhum risco na vida.

— Obrigado, senhora — disse Max, mas o que realmente gostaria de dizer era que queria que ela voltasse para dentro de casa, fosse se deitar e descansasse. Algumas vezes, ele tinha a impressão de que era alérgico ao ato de se expressar. Com freqüência, quando queria desesperadamente dizer alguma coisa, sentia a laringe se fechar contra a própria vontade, interrompendo seu fluxo de ar. Naquele momento, queria se oferecer para ajudá-la a entrar, imaginou-se segurando seu cotovelo, inclinando-se perto o suficiente para sentir o cheiro de seus cabelos. Queria lhe dizer que rezava por ela à noite; não que suas preces tivessem algum valor: Max

também havia rezado pela própria mãe, mas isso não tinha feito a menor diferença. Não disse nenhuma dessas coisas. “Obrigado, senhora” foi o máximo que conseguiu.

— Vá andando — disse ela. — Diga ao seu pai que eu pedi ao Rudy que ficasse aqui e me ajudasse a limpar uma sujeira na cozinha. Já, já o mando para casa.

— Sim, senhora. Obrigado, senhora. Diga a ele que venha logo, por favor. Quando estava na estrada, olhou para trás. A Sra. Kutchner estava pressionando um lenço nos lábios, mas imediatamente o retirou e agitou-o em um aceno alegre, um gesto tão encantador que deixou Max arrasado. Ergueu a mão para ela também e em seguida virou as costas. O ruído de sua tosse áspera, seca, acompanhou-o pelo caminho durante algum tempo.

Quando entrou no quintal de sua casa, o céu tinha um tom azul quase preto, com exceção de uma tênue faixa alaranjada a oeste, onde o sol havia acabado de se pôr. Seu pai estava sentado na varanda, esperando com o chicote. Max parou no primeiro degrau, erguendo a cabeça para ele. Os olhos do pai estavam encobertos, escondidos por baixo dos emaranhados fartos e grisalhos das sobrancelhas.

Max esperou que ele dissesse alguma coisa. Ele não disse nada. Por fim, Max desistiu de esperar.

— Ainda está claro.

— O sol já baixou.

— Nós só estávamos na casa da Arlene. Não fica nem a 10 minutos daqui.

— Ah, sim, a casa da Sra. Kutchner é muito segura. Uma verdadeira fortaleza. Protegida por um fazendeiro que mal consegue se abaixar de tanto que lhe dói o reumatismo e por uma camponesa analfabeta cujas entranhas estão sendo devoradas pelo câncer.

— Ela não é analfabeta — retrucou Max. Percebeu o tom defensivo de sua própria voz e, quando tornou a falar, foi com uma racionalidade cuidadosamente modulada. — Eles não suportam a luz. O senhor mesmo disse. Se não estiver escuro, não há nada a temer. Veja como o céu está claro.

Seu pai assentiu.

— E onde está Rudolf? — perguntou em seguida.

— Está vindo logo atrás de mim.

O velho inclinou a cabeça, em uma mímica exagerada de quem vasculha a estrada vazia atrás de Max.

— Isto é, ele vem daqui a pouco — disse Max. — Parou para limpar uma coisa para a senhora Kutchner.

— Limpar o quê?

— Um saco de farinha, eu acho. O saco abriu, espalhou farinha por toda parte. Ela ia limpar sozinha, mas o Rudy se ofereceu para ajudar. Eu disse a ele que vinha na frente para o senhor não ficar sem saber onde estávamos. Ele vai chegar a qualquer momento.

Seu pai estava imóvel, sentado ereto, o rosto impassível. Então, justo quando Max achou que a conversa tivesse terminado, ele falou, lentamente:

— Então você o deixou lá?

Max percebeu na mesma hora, com uma pontada de desespero, a enrascada em que tinha se metido. Mas agora era tarde demais, não havia como argumentar naquela situação.

— Sim, senhor.

— Para voltar sozinho para casa? No escuro?

— Sim, senhor.

— Entendo. Entre. Vá estudar.

Max subiu os degraus em direção à porta da frente, que estava parcialmente aberta. Sentiu o corpo se contrair ao passar pela cadeira de balanço, esperando pelo chicote. Em vez disso, seu pai esticou o corpo e agarrou com força o pulso de Max, apertando tanto que o filho sentiu os ossos se separando das articulações.

Seu pai sugou o ar por entre os dentes, uma inspiração sibilante, um som que Max aprendera o que significava.

— Você conhece os nossos inimigos? E mesmo assim fica brincando com seus amigos até o cair da noite?

Max tentou responder, mas não conseguiu e sentiu a traquéia se fechar, novamente sufocado por aquilo que tinha vontade mas não coragem de dizer.

— Eu já esperava que Rudolf não fosse aprender. Ele é americano. Aqui as pessoas acreditam que o filho é que tem de ensinar o pai. Eu vejo como ele me olha quando eu falo. Como faz força para não rir. Isso é ruim. Mas você... Pelo menos, quando Rudolf desobedece, é porque quer. Eu sinto que ele está zombando de mim. Você desobedece por distração, sem

pensar, e depois se pergunta por que algumas vezes eu mal consigo olhar na sua cara. O Sr. Barnum tem um cavalo capaz de fazer somas simples. É considerado uma das grandes maravilhas do circo. Se você algum dia demonstrasse a mais leve compreensão das coisas que eu lhe digo, seria uma maravilha do mesmo naipe. — Ele largou o pulso de Max, que deu um passo trôpego para trás, com o braço latejando. — Entre e suma da minha frente. Deve estar querendo descansar. Esse zumbido desagradável na sua cabeça é o seu pensamento. Sei que a sensação deve ser bem estranha. — E seu pai cutucou a própria têmpora para mostrar onde ficavam os pensamentos.

— Sim, senhor — disse Max em um tom que lhe soou estúpido e bronco.

Por que o sotaque do seu pai parecia de alguém culto e experiente enquanto o mesmo sotaque o fazia parecer um capataz holandês idiota, que poderia até ser bom para ordenhar vacas, mas que tremeria de medo diante de um livro? Max virou-se na direção da casa, sem olhar para onde estava indo, e bateu com a testa nas cabeças de alho penduradas no batente da porta. Seu pai deu um suspiro irritado.

Max sentou-se na cozinha e acendeu uma lamparina que não era suficiente para aplacar a escuridão do aposento. Esperou, alerta, inclinando a cabeça para poder espiar o quintal pela janela. Tinha a gramática de inglês aberta à sua frente, mas não estava olhando para ela, não conseguia encontrar forças para fazer outra coisa além de permanecer sentado esperando Rudy chegar. Pouco depois, no entanto, ficou escuro demais para ver a estrada ou qualquer pessoa que chegasse por ela. Os pinheiros eram sombras negras desenhadas no crepúsculo. Logo até mesmo isso desapareceu, e um punhado de estrelas surgiu no céu, uma profusão de pontinhos reluzentes. Max escutou o pai na cadeira de balanço, o suave rangido seguido pelo baque das peças curvas de madeira oscilando para lá e para cá sobre as tábuas da varanda. Max passou as mãos pelos cabelos, puxando-os, entoando para si mesmo “Rudy, venha logo”, querendo mais do que tudo que aquela espera terminasse. Talvez tenha demorado uma hora. Talvez 15 minutos.

Então ele ouviu o leve arrastar dos pés do irmão na terra batida esbranquiçada que margeava a estrada. Rudy diminuiu o passo ao entrar no quintal, mas Max desconfiou que pouco antes estivera correndo, hipótese confirmada assim que Rudy abriu a boca para falar. Embora tenha tentado

imprimir à voz seu costumeiro tom bem-humorado, ele estava arfante e só conseguiu falar em espasmos.

— Desculpe, desculpe. A Sra. Kutchner. Um acidente. Me pediu para ajudar. Eu sei. Atrasado.

A cadeira de balanço parou de se mexer. As tábuas rangeram quando seu pai se levantou.

— Foi o que Max disse. E você limpou a sujeira?

— Limpei. Arlene e eu. Arlene passou correndo pela cozinha. Não prestou atenção. A Sra. Kutchner... a Sra. Kutchner deixou cair uma pilha de pratos...

Max apertou os olhos e inclinou a cabeça para a frente, puxando os cabelos de tão angustiado.

— A Sra. Kutchner não deveria se cansar. Ela não está passando bem. Na verdade, acho que ela mal consegue se levantar da cama.

— Foi isso... foi isso que eu pensei. Também. — A voz de Rudy vinha de baixo, da varanda. Ele estava começando a recuperar o fôlego. — Na verdade, ainda não está completamente escuro.

— Ah, não? Quando se chega à minha idade, a visão começa a falhar um pouco e muitas vezes confundimos o crepúsculo com a noite. E eu aqui pensando que o pôr-do-sol já tinha sido há uns 20 minutos. Que horas...? — Max ouviu o estalo metálico do pai abrindo o relógio de bolso. Ele deu um suspiro. — Mas está escuro demais para eu ver as horas. Bom. Eu admiro a sua preocupação com a Sra. Kutchner.

— Ora, não foi nada... — disse Rudy, pondo o pé sobre o primeiro degrau da escada da varanda.

— Mas você deveria se preocupar mais com o seu próprio bem-estar, Rudolf, deveria mesmo — recomendou o pai com a voz calma, benevolente, no tom que Max imaginava que ele usava para falar com pacientes terminais.

— Desculpe, eu...

— Você agora está pedindo desculpas. Mas o seu arrependimento vai ser mais palpável daqui a pouco.

O chicote o acertou com um estalo, e Rudy — que iria completar 10 anos dali a duas semanas — gritou. Max rangeu os dentes, as mãos ainda enterradas nos cabelos; apertou os pulsos contra os ouvidos, tentando em vão abafar o barulho dos gritos e do chicote atingindo pele, gordura e osso do irmão.

Com os ouvidos tapados, não percebeu quando o pai entrou em casa. Ergueu os olhos quando uma sombra recaiu sobre ele. Abraham estava na soleira da porta do corredor, cabelos revoltos, colarinho torto, o chicote apontado para o chão. Max esperou apanhar com ele, mas nenhum golpe foi desferido.

— Ajude seu irmão a entrar.

Max se levantou, hesitante. Não conseguia encarar o pai, então abaixou os olhos e ficou observando o chicote fixamente. O dorso da mão de seu pai estava respingado de sangue. Max respirou, desolado.

— Está vendo o que você me obriga a fazer?

Max não respondeu. Talvez nenhuma resposta fosse necessária.

Seu pai passou mais alguns instantes ali, depois se virou e foi andando em direção aos fundos da casa, rumo ao escritório particular que mantinha sempre trancado, onde os meninos estavam proibidos de entrar sem a sua autorização. Muitas noites, ele caía no sono lá dentro, e era possível ouvi-lo gritando enquanto dormia, vociferando injúrias em holandês.

— PARE DE CORRER — GRITOU MAX. — VOU ACABAR PEGANDO VOCÊ.

Rudolf passou saltitando pelo curral, agarrou a cerca e lançou o corpo por cima dela, disparando em direção à lateral da casa, deixando atrás de si um rastro de riso.

— Devolva — disse Max, pulando a cerca sem desacelerar, atingindo o chão sem perder um passo. Estava realmente zangado, e sua fúria lhe conferia uma graça improvável; improvável porque ele era corpulento como o pai, a destreza grosseira de um búfalo andando sobre duas patas.

Rudy, por sua vez, tinha a estrutura delicada da mãe, além de sua pele de porcelana. Era veloz, mas mesmo assim Max o estava alcançando. Rudy olhava para trás muitas vezes, sem se preocupar em saber para onde estava indo. Já estava quase na lateral da casa. Quando chegasse lá, Max iria encurralá-lo no muro e poderia facilmente impedir qualquer tentativa do irmão de escapar pela esquerda ou pela direita.

Mas Rudy não tentou escapar pela esquerda nem pela direita. A janela que dava para o escritório do pai estava uns 30 centímetros aberta, revelando uma penumbra fresca de biblioteca. Rudy agarrou o parapeito

acima de sua cabeça — ainda segurando a carta de Max na outra mão — e, lançando um olhar maroto para o irmão, saltou para o meio das sombras.

Qualquer que fosse a reação do pai ao fato de os meninos chegarem em casa depois de escurecer, não era nada comparada ao que ele faria caso descobrisse que algum dos dois havia entrado em seu santuário mais íntimo. Mas Abraham havia saído, e Max não diminuiu o passo para pensar no que iria acontecer caso ele voltasse de repente. Pulou e agarrou o tornozelo do irmão, pensando em puxar o pestinha de volta para a luz, mas Rudy deu um grito e desvencilhou-se de Max. Caiu no aposento escuro, espatifando-se nas tábuas do piso com um baque que causou um leve chacoalhar de vidro contra vidro em algum lugar do escritório. Então Max apoiou-se no parapeito, ergueu o corpo e...

— Devagar, Max, a altura é... — advertiu o irmão.

...jogou-se pela janela.

— ...grande — concluiu Rudy.

É claro que Max já estivera no escritório do pai antes (às vezes, Abraham os convidava a irem até lá para "uma conversa", o que significava que ele falaria e os filhos escutariam), mas nunca havia entrado pela janela. Caiu para a frente, surpreso ao ver o chão quase um metro mais abaixo, e percebeu que estava prestes a aterrissar de cara. No canto de sua visão, distinguiu uma mesinha redonda ao lado de uma das poltronas do pai e estendeu a mão para o móvel tentando aparar a queda. Seu impulso continuou a jogá-lo para a frente, até que ele desabou no chão. No último instante antes de bater no chão, virou o rosto de lado e a maior parte do seu peso recaiu sobre seu ombro direito. O móvel se desequilibrou e virou, derrubando tudo o que havia em cima. Max ouviu um estalo de vidro se quebrando, o que lhe causou mais dor do que a própria queda.

Rudy estava sentado a um metro de distância, ainda com um sorriso um pouco tolo no rosto. Segurava a carta amarfanhada em uma das mãos, esquecida.

A mesinha estava caída, e felizmente não havia quebrado. Mas um tinteiro vazio havia se partido e espalhara-se em cacos em volta do joelho de Max. Uma pilha de livros fora lançada sobre o tapete persa. Alguns papéis rodopiaram pelo ar, caindo lentamente no chão com um leve farfalhar.

— Está vendo o que você me obriga a fazer? — disse Max, apontando para o tinteiro. Então se retraiu, percebendo que isso era exatamente o que o pai havia lhe dito algumas noites antes. Não gostava quando o velho falava através dele como se ele fosse uma marionete.

— Vamos jogar fora e pronto — disse Rudy.

— Ele sabe onde fica cada coisa no escritório. Vai perceber que sumiu.

— Não vai nada. Ele só entra aqui para tomar conhaque, peidar no sofá e dormir. Eu já entrei aqui várias vezes. Peguei o isqueiro dele no mês passado para fumar e ele ainda não percebeu.

— Você fez o quê? — indagou Max, encarando o irmão caçula com genuína surpresa e uma pontada de inveja. Afinal, era papel do irmão mais velho assumir pequenos riscos e fingir-se de desinteressado depois.

— Para quem é essa carta que você estava escrevendo escondido? Eu estava lendo por cima do seu ombro. *Ainda me lembro de como segurei a sua mão com a minha...* — Rudy forçou a voz, imitando um tom apaixonado.

Max se atirou em cima do irmão, mas não foi rápido o suficiente: Rudy já havia virado a carta e estava lendo o início. O sorriso começou a se dissipar e rugas de concentração franziram a superfície pálida de sua testa. Então Max arrancou-lhe a folha de papel das mãos.

— Mãe? — perguntou Rudy, inteiramente perplexo.

— Era um dever da escola. Perguntaram se fôssemos escrever uma carta para alguém, para quem seria. A professora Louden nos disse que podia ser alguém imaginário ou... um personagem histórico. Alguém que já tivesse morrido.

— Você vai apresentar isso aí? E deixar a sua professora ler?

— Não sei. Ainda não terminei. — Porém, enquanto falava, Max já estava começando a perceber que havia cometido um erro, que se deixara levar pelas fascinantes possibilidades do dever de casa, pelo irresistível poder do "e se". Escrevera coisas demasiado pessoais para mostrar a quem quer que fosse. Coisas como *você era a única com quem eu sabia conversar* e *algumas vezes me sinto muito sozinho.* Realmente imaginara sua mãe lendo a carta, de alguma forma, em algum lugar — talvez, enquanto ele escrevia, alguma versão dela o estivesse vendo, sorrindo comovida enquanto sua caneta arranhava o papel. Era uma fantasia piegas,

absurda, e ele sentiu uma profunda vergonha ao pensar em como havia se entregado a ela de forma tão completa.

Sua mãe já estava fraca e doente quando o escândalo obrigara a família a deixar Amsterdã. Passaram algum tempo morando na Inglaterra, mas a notícia da coisa terrível que seu pai havia feito (qualquer que fosse essa coisa — Max duvidava que algum dia fosse saber) os perseguiu. Mudaram-se para os Estados Unidos. Seu pai acreditava ter conseguido uma vaga de professor no Vassar College. Tinha tanta certeza disso que utilizara a maior parte de suas economias para comprar uma bela fazenda nos arredores da universidade. Em Nova York, porém, o reitor disse a Abraham Van Helsing que não podia permitir que o médico trabalhasse sem supervisão junto a moças ainda menores de idade. Max soube então que, de certa forma, o pai havia matado a mãe. Não fora a viagem que havia acabado com ela — embora esta tivesse sido ruim o suficiente, um esforço excessivo para uma mulher grávida e debilitada por uma doença crônica de sangue que a deixava cheia de hematomas ao mais leve toque. Fora a humilhação. Mina não conseguira sobreviver à vergonha do que o marido tinha feito, daquilo de que eles todos estavam sendo obrigados a fugir.

— Vamos — disse Max. — Vamos limpar isso e sair daqui.

Ele endireitou a mesa e começou a juntar os livros, mas virou a cabeça quando Rudy perguntou:

— Max, você acredita em vampiros?

Rudy estava ajoelhado em frente a uma poltrona do outro lado do escritório. Abaixara-se para recolher alguns papéis e pegara a surrada maleta de médico que encontrara debaixo do móvel. Deu um puxão no terço passado em volta das alças.

— Não mexa nisso — disse Max. — Precisamos arrumar as coisas, não fazer mais bagunça ainda.

— Acredita?

Max passou alguns segundos sem responder.

— Mamãe foi atacada. O sangue dela nunca mais foi o mesmo depois. A doença.

— Foi *ela* quem disse que tinha sido atacada? Ou foi ele que contou?

— Eu tinha seis anos quando ela morreu. Ela não podia falar esse tipo de coisa para uma criança.

— Mas... você acha que estamos correndo perigo? — Rudy havia aberto a maleta. Enfiou a mão lá dentro para retirar um embrulho cuidadosamente envolto em tecido roxo. Dentro do veludo, um ruído de madeira se chocando com madeira. — Acha que existem vampiros soltos por aí, esperando uma chance para nos pegar? Só esperando que a gente baixe a guarda?

— Eu não descartaria essa possibilidade, por mais improvável que seja.

— Por mais improvável que seja... — repetiu o irmão, rindo baixinho. Abriu o embrulho de veludo e olhou para as estacas de 23 centímetros, espetos de madeira clara, com os cabos envoltos em um couro oleado. — Bom. eu acho tudo isso uma bobajada. *Bobajaaaaada.* — Começou a cantarolar.

O rumo da discussão estava deixando Max incomodado. Por um instante, sentiu-se tonto, como se de repente tivesse ido parar na beira de um precipício. E talvez isso não estivesse muito distante da realidade. Sempre soubera que os dois algum dia teriam aquela conversa, e receava a direção em que ela poderia conduzi-los. Rudy ficava exultante quando podia defender um ponto de vista, mas não ia fundo em suas próprias dúvidas. Podia dizer que era tudo uma grande bobagem, mas não parava para pensar no que aquilo significava em relação ao pai, um homem que temia a noite como alguém que não sabe nadar teme o oceano. Max quase *precisava* que aquilo fosse verdade, que vampiros existissem de fato, porque a outra possibilidade — seu pai estar tomado por uma fantasia psicótica — era terrível demais.

Max ainda estava refletindo sobre o que dizer quando sua atenção foi atraída por um porta-retratos meio enfiado entre as almofadas da poltrona do pai. Estava de cabeça para baixo, mas Max sabia o que veria quando o desvirasse. Era uma fotografia em sépia da mãe, posando na biblioteca da casa em Amsterdã. Usava um chapéu de palha branco, e seus cabelos cor de ébano se enrascavam em leves cachos debaixo dele. Uma de suas mãos enluvadas estava erguida em um gesto enigmático, de modo que ela quase parecia estar segurando um cigarro invisível. Tinha os lábios entreabertos; estava dizendo alguma coisa. Max muitas vezes havia se perguntado o que seria. Por algum motivo, imaginava a si próprio em pé do lado de fora do quadro do retrato, aos quatro anos de idade, encarando a mãe com um olhar solene. Sentia que ela estava erguendo a mão para

impedi-lo de se aproximar, para evitar que ele aparecesse na foto. Se isso fosse verdade, parecia razoável concluir que ela havia sido imortalizada para sempre no ato de chamar o seu nome.

Quando Max pegou o porta-retratos e o virou, ouviu o tilintar característico: o vidro havia se partido ao meio. Começou a retirar cuidadosamente pequenas lascas cintilantes de vidro da moldura e a colocá-las ao lado, com medo de que alguma delas pudesse arranhar a fotografia. Ao retirar um comprido caco do canto superior da moldura, uma ponta da foto ficou grudada no vidro. Max ergueu o dedo para desgrudá-la e colocá-la no lugar... então hesitou, franzindo o cenho, pensando por um instante que havia ficado vesgo e que estava vendo tudo em dobro. Parecia haver um segundo retrato debaixo do primeiro. Ele retirou a fotografia da mãe e ficou olhando, confuso, para a imagem que acabara de ser revelada embaixo. Uma dormência se espalhou pelo seu peito, penetrando em sua garganta. Max olhou em volta e ficou aliviado ao ver Rudy ainda ajoelhado junto à poltrona, cantarolando baixinho, envolvendo as estacas novamente em sua mortalha de veludo.

Tornou a olhar para a fotografia secreta. A mulher retratada estava morta. Nua da cintura para cima, tinha o vestido rasgado e enrolado até a cintura. Estava estendida em uma cama de dossel, presa por cordas que lhe rodeavam o pescoço e repuxavam seus braços para cima da cabeça. Era jovem, e talvez tivesse sido bela, era difícil dizer; um de seus olhos estava fechado, o outro, aberto em uma fenda que revelava uma opacidade antinatural da órbita abaixo. Sua boca fora aberta à força, e dentro dela havia uma bola deformada. Ela na verdade a estava mordendo, e seu lábio superior afastado exibia uma fileira pequenina e regular de dentes. A lateral de seu rosto estava cheia de hematomas. Entre as curvas brancas e pesadas de seus seios estava cravada uma estaca de madeira clara. O lado esquerdo de seu peito estava manchado de sangue.

Mesmo quando escutou o carro chegando, Max não conseguiu se mexer, não conseguiu desviar os olhos da fotografia. Então Rudy já estava em pé, cutucando o ombro de Max, dizendo-lhe que tinham de ir embora dali, Max encostou a foto contra o peito para não deixar o irmão ver. Disse “Vá indo, eu já vou”, e Rudy foi saindo.

Max manuseou desajeitadamente o porta-retratos, tentando encaixar a fotografia da mulher assassinada de volta no lugar... e então viu outra coisa e tornou a ficar imóvel. Até aquele instante, ele não havia

percebido a figura no canto esquerdo da foto, um homem em pé ao lado da cama. Estava de costas para o fotógrafo, tão próximo da câmera que parecia uma forma embaçada, usando um chapéu preto de aba reta e um sobretudo preto. Não havia como ter certeza de quem era aquele homem, mas Max *teve* certeza, reconhecendo-o pela forma como ele sustentava a cabeça, pela maneira cuidadosa, quase rígida, como ele a equilibrava em cima do grosso pescoço. Em uma das mãos, o homem segurava uma machadinha. Na outra, uma maleta de médico.

O carro foi desligado com um chiado e um leve sacolejo. Max enfiou a fotografia da mulher morta no porta-retratos e arrumou o retrato da mãe por cima. Ajeitou o objeto sem vidro sobre a mesinha, lançou um último olhar para ele e então viu, horrorizado, que havia colocado Mina de cabeça para baixo. Começou a estender a mão para pegá-la.

— *Vamos!* — gritou Rudy. — *Max, por favor.* — Rudy estava do lado de fora, na ponta dos pés, espiando para dentro do escritório.

Max chutou o vidro quebrado para debaixo da poltrona, foi até a janela e deu um grito. Ou melhor, tentou dar um grito — não teve ar suficiente nos pulmões, não conseguiu fazê-lo subir pela garganta.

Seu pai estava em pé atrás de Rudy, encarando Max por cima da cabeça do caçula. Rudy não o viu, não percebeu que o pai estava ali até ele pousar as mãos em seus ombros. Rudolf, porém, não teve nenhuma dificuldade em gritar e deu um salto tão alto que parecia que queria pular de volta para dentro do escritório.

Abraham olhava para seu filho mais velho sem dizer nada. Max o encarava de volta com metade da cabeça para fora da janela, as mãos no parapeito.

— Se quiser — disse seu pai —, eu posso abrir a porta para você sair pelo corredor. Embora menos dramática, é a forma mais conveniente.

— Não — disse Max. — Não, obrigado. Obrigado. Eu... nós... isto aqui é... um erro. Eu sinto muito.

— Erro é não saber qual é a capital de Portugal em um teste de geografia. Isto aqui é outra coisa. — Ele fez uma pausa, abaixando a cabeça, com uma expressão impassível no rosto. Então soltou Rudy e deu as costas aos dois, abrindo uma das mãos e apontando-a para o quintal em um gesto que parecia dizer “Saiam por ali”. — Conversaremos sobre isso em outra ocasião. Agora, se não for pedir muito, gostaria que saíssem no meu escritório.

Max ficou olhando, pasmo. Era a primeira vez que o pai adiava uma punição — invadir seu escritório merecia no mínimo uma surra vigorosa —, e ele tentou pensar no motivo dessa reação. Abraham esperou. Max pulou a janela e caiu sobre o canteiro de flores. Rudy olhava para ele com olhos impotentes, interrogando silenciosamente o que deveriam fazer. Max inclinou a cabeça em direção ao estábulo — o seu próprio escritório particular — e começou a se afastar de forma lenta e deliberada. O caçula o seguiu, sem parar de tremer.

Antes que conseguissem escapar, porém, a mão do pai segurou o braço de Max.

— As minhas regras são proteger você, Maximilian — disse ele. — Você agora vai me dizer que não quer mais ser protegido? Quando você era pequeno, eu tapava seus olhos no teatro quando os assassinos vinham matar Clarence em *Ricardo III*. Mas depois, quando fomos assistir a *Macbeth,* você afastou a minha mão, você *quis* ver. Agora tenho a sensação de que a história se repete, não?

Max não respondeu. O pai havia soltado seu braço.

Os meninos já tinham dado uns 10 passos quando ele tornou a falar.

— Ah, quase me esqueci. Não disse por que tinha saído nem aonde ia, mas não tenho boas notícias para vocês. O Sr. Kutchner veio até aqui enquanto vocês estavam na escola, me implorando para ajudar sua mulher. Fui até a casa dele, mas assim que eu a vi ardendo em febre, percebi que ela precisava ir para a enfermaria do Dr. Rosen, na cidade. Mas, infelizmente, já era tarde demais. Quando a estávamos levando para o meu carro, os intestinos dela caíram para fora. — Ele deu um leve estalo com a língua, tentando imitar o som que havia feito. — Vou mandar lavar nossos ternos. O enterro será na sexta-feira.

ARLENE KUTCHNER FALTOU À ESCOLA NO DIA SEGUINTE. VOLTANDO DA AULA, OS meninos passaram pela frente da casa dela, mas as persianas pretas estavam fechadas e o lugar transmitia uma sensação de silêncio excessivo, de abandono. O enterro seria na cidade na manhã seguinte, e talvez Arlene e o pai já tivessem ido para lá. Tinham parentes na cidade. Quando os dois meninos chegaram em casa, o Ford de Abraham estava estacionado no quintal e as portas duplas que conduziam ao porão estavam abertas.

Rudy tomou o rumo do estábulo — tinham um único animal, uma pônei cansada chamada Rice, e era o seu dia de limpar a baia —, e Max entrou em casa sozinho. Estava sentado à mesa da cozinha quando escutou as portas do porão se fecharem com um estrondo. Pouco depois, seu pai subiu a escada e apareceu na soleira do porão.

— O senhor está trabalhando em alguma coisa lá embaixo? — perguntou Max. O pai o examinou, mas seus olhos estavam desprovidos de expressão.

— Mais tarde vou revelar tudo a vocês — disse.

Max ficou olhando enquanto ele retirava uma chave de prata do bolso do colete e a girava na fechadura da porta do porão. A chave nunca havia sido usada antes e, até aquele momento, Max sequer sabia que ela existia.

Max passou o resto da tarde inquieto, sem parar de olhar para a porta trancada, perturbado pela promessa do pai. *Mais tarde vou revelar tudo a vocês*. É claro que não houve oportunidade de conversar a respeito com Rudy durante o jantar, para especular sobre *o que* exatamente poderia lhes ser revelado, mas tampouco puderam falar depois, quando permaneceram sentados à mesa da cozinha com seus livros escolares. Em geral, seu pai se recolhia cedo ao escritório para ficar sozinho, e só tornavam a vê-lo pela manhã. Nessa noite, porém, Abraham parecia agitado, entrando e saindo da cozinha a toda hora, para lavar um copo, para achar seus óculos e, por fim, para acender uma lamparina. Ajustou a mecha, fazendo uma chama vermelha e baixa tremeluzir no fundo da cúpula de vidro, e em seguida pousou-a sobre a mesa, na frente de Max.

— Meninos — chamou, virando-se para o porão e abrindo a tranca. — Desçam. Esperem por mim e não toquem em nada.

Rudy lançou para Max um olhar aterrorizado. Ele não suportava o porão, seu teto baixo e seu cheiro, os véus rendados das teias de aranha nos cantos. Sempre que era incumbido de cumprir alguma tarefa lá, implorava a Max que fosse com ele. Max abriu a boca para questionar o pai, mas ele já estava indo embora, saindo da cozinha, desaparecendo pelo corredor em direção ao escritório.

Max olhou para Rudy, que sacudia a cabeça, em uma negação muda.

— Vai ficar tudo bem — prometeu Max. — Eu vou cuidar de você.

Rudy segurou a lamparina e deixou Max descer a escada na frente. A luz avermelhada criava sombras que se projetavam nas paredes. Max desceu os últimos degraus e lançou à sua volta um olhar hesitante, inseguro. À esquerda da escada ficava uma mesa de trabalho. Em cima dela havia algo coberto com um pedaço de tecido branco encardido — talvez uma pilha de tijolos ou de roupas recém-lavadas e dobradas, era difícil saber ao certo no escuro sem chegar mais perto. Max avançou a passos lentos, arrastados, até chegar à mesa, e então parou, compreendendo de repente o que o lençol cobria.

— Temos que ir embora daqui, Max — disse Rudy com uma voz fraca, logo atrás dele. Max não sabia que ele estava tão perto, pensou que ainda estivesse na escada. — Temos que ir embora daqui agora mesmo. — Max sabia que o irmão não estava falando de ir embora do porão, mas sim de ir embora daquela casa, de fugir do lugar onde haviam morado durante 10 anos, para nunca mais voltar.

Mas não havia tempo para fugir. Os pés de seu pai pesaram sobre as tábuas de madeira empoeiradas dos degraus atrás deles. Max ergueu os olhos para o alto da escada e o viu. Ele estava trazendo sua maleta de médico.

— A sua violação do meu escritório particular — começou Abraham — só me permite deduzir que vocês finalmente desenvolveram algum interesse pelo trabalho secreto em nome do qual eu tanto me sacrifico. Já tive de matar seis mortos-vivos com as minhas próprias mãos, sendo a última aquela vadia doente da fotografia que guardava escondida no meu escritório... Acho que vocês dois já viram. — Rudy lançou um olhar de pânico para Max, que só fez sacudir a cabeça como quem diz *Fique quieto.* O pai prosseguiu. — Já treinei outros na arte de destruir vampiros, incluindo o coitado do primeiro marido da sua mãe, Jonathan Harker, que Deus o tenha, então posso ser considerado indiretamente responsável pela morte de uns 50 espécimes dessa laia suja e infecta. E agora vejo que chegou a hora de os meus próprios meninos aprenderem como se faz. Como ter certeza. Para que vocês saibam como atacar aqueles que os atacarem.

— Eu não quero saber — choramingou Rudy.

— Ele não viu o retrato — disse Max ao mesmo tempo.

Seu pai pareceu não escutar nenhum dos dois. Passou por eles a caminho da mesa, depois ergueu um dos cantos do lençol. Espiou o que

havia embaixo, emitiu um ruído indistinto de aprovação e retirou a coberta.

A Sra. Kutchner estava nua e pavorosamente magra, com as bochechas encovadas, a boca aberta. Sua barriga estava tão funda que dava a impressão de que seus órgãos tinham sido removidos pela pressão de um aspirador. As costas exibiam um grande hematoma azul-arroxeado por causa do sangue que havia se acumulado ali. Rudy soltou um gemido e escondeu o rosto na lateral do corpo de Max.

Seu pai pousou a maleta de médico ao lado do cadáver e a abriu.

— É claro que ela não está morta-viva. Está apenas morta. Vampiros de verdade são raros, e não seria prático nem recomendável eu encontrar um deles para vocês praticarem. Mas, para fins demonstrativos, ela vai servir. — Ele retirou de dentro da maleta o embrulho de estacas envoltas em veludo.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou Max. — O enterro é amanhã.

— Mas eu hoje vou realizar uma autópsia para minhas pesquisas particulares. O Sr. Kutchner entende e aceita de bom grado cooperar, se isso garantir que nunca mais nenhuma outra mulher morrerá desse jeito. — Ele segurava uma estaca em uma das mãos e uma marreta na outra.

Rudy começou a chorar.

Max sentiu que estava se desprendendo de si mesmo. Seu corpo deu alguns passos para a frente, sem que ele fosse junto; outra parte dele permaneceu ao lado de Rudy, com um braço em volta dos ombros convulsos do irmão. Rudy dizia *Por favor, eu quero subir.* Max se viu andar, desajeitado, até seu pai, que o encarava com uma expressão que mesclava curiosidade e uma espécie de aprovação muda.

Max voltou a si quando o pai lhe entregou a marreta. Tornou a entrar no próprio corpo, consciente do peso do instrumento que puxava seu pulso para baixo. Seu pai agarrou-lhe a outra mão e a ergueu, conduzindo-a na direção dos seios esquálidos da Sra. Kutchner. Pressionou as pontas dos dedos de Max em um ponto entre duas costelas, e o rapaz fitou o rosto da mulher morta. Sua boca estava aberta como se estivesse prestes a falar: *Está bancando o meu médico, Max Van Helsing?*

— Aqui — disse seu pai, fechando os dedos do filho em torno de uma das estacas. — Você enfia aqui. Até o fundo. Em um caso real, o primeiro golpe será seguido por lamentos, blasfêmias, e uma luta frenética

para se soltar. Os amaldiçoados nunca vão embora em paz. Agüente firme. Não desista do seu trabalho até eles pararem de resistir. Tudo irá terminar bem depressa.

Max ergueu a marreta. Olhou para o rosto dela e desejou poder dizer que sentia muito, que não queria fazer aquilo. Quando bateu com a marreta, fazendo soar uma pancada ribombante, ouviu um grito alto e estridente, e quase gritou também, acreditando por um instante que fosse ela, que de alguma forma ainda estivesse viva; só depois percebeu que era Rudy. Max tinha uma constituição física vigorosa, peito forte e ombros largos. Com o primeiro golpe, já conseguiu enfiar dois terços da estaca. Só precisou bater com a marreta mais uma vez. O sangue que esguichou em volta da madeira estava frio e tinha uma consistência espessa, viscosa. Max cambaleou, tonto; e seu pai o segurou.

— Muito bem — sussurrou Abraham em seu ouvido, com os braços à sua volta, apertando-o com tanta força que suas costelas estalaram. Max sentiu uma pequena onda de prazer, uma reação automática ao intenso e inconfundível afeto do abraço do pai. Essa sensação o deixou enjoado. — Sei que não é fácil ofender a morada do espírito humano, mesmo depois de o seu ocupante já ter ido embora.

Seu pai continuou a abraçá-lo. Max encarou fixamente a boca aberta da Sra. Kutchner, a delicada fileira de seus dentes superiores, e pegou-se recordando a moça da fotografia, com a grande cabeça de alho enfiada dentro da boca.

— Onde estavam as presas dela? — perguntou Max.

— Hein? De quem? O quê? — retrucou seu pai.

— Aquela mulher que você matou — disse Max, virando a cabeça e encarando o pai de frente. — Ela não tinha presas.

Seu pai fitou-o com um olhar inexpressivo, sem entender. Então disse:

— Elas desaparecem depois que o vampiro morre. *Puff*.

Abraham finalmente o soltou, e Max conseguiu voltar a respirar normalmente. O pai endireitou o corpo.

— Agora falta uma coisa — disse ele. — A cabeça tem que ser removida e a boca preenchida de alho. Rudolf!

Max virou a cabeça devagar. Seu pai havia recuado um passo. Em uma das mãos ele segurava uma machadinha que Max não sabia de onde tinha saído. Rudy estava na escada, a três degraus do chão. Estava

encolhido contra a parede, com o pulso esquerdo enfiado na boca para conter os próprios gritos. Sacudia a cabeça de um lado para outro.

Max estendeu a mão para pegar a machadinha do pai.

— Pode deixar que eu faço.

E faria mesmo, estava confiante. Via agora que sempre carregara dentro de si a disposição do pai para perfurar carne e lidar com sangue. Via isso claramente, com uma espécie de desolação.

— Não — disse Abraham, arrancando-lhe a machadinha da mão e o empurrando para trás. Max esbarrou na mesa e algumas estacas saíram rolando pelo chão de terra batida. — Agora recolha isso.

Rudy tentou correr, mas escorregou nos degraus, caindo de quatro e batendo com os joelhos. Seu pai agarrou-o pelos cabelos e puxou-o violentamente para trás, arremessando-o no chão.

— *Por favor!* — gritou, com a voz irreconhecível. — *Por favor, não! Eu estou com medo. Por favor, pai, não me obrigue afazer isso.*

Com a marreta em uma das mãos e meia dúzia de estacas na outra, Max deu um passo à frente, pensando em intervir, mas seu pai girou e segurou seu cotovelo, empurrando-o na direção da escada.

— Lá para cima. Agora.

Enquanto falava, deu outro empurrão.

Max caiu em cima da escada, ralando a perna.

Abraham se curvou para arrastar Rudy pelo braço, mas ele se contorceu e conseguiu se desvencilhar, rastejando de quatro até um canto afastado do porão.

— Venha. Eu ajudo você — disse o pai. — O pescoço dela é frágil. Não vai demorar muito.

Rudy sacudiu a cabeça e se encolheu ainda mais no canto. Seu pai jogou a machadinha no chão.

— Então vai ficar aqui até mostrar uma disposição mais cooperativa. Virou-se, segurou o braço de Max e empurrou-o na direção do alto da escada.

— *Não!* — berrou Rudy, levantando-se e indo em direção à escada.

Mas o cabo da machadinha prendeu-se entre seus pés e ele tropeçou novamente, caindo de joelhos. Tornou a se levantar, e a essa altura seu pai já estava empurrando Max para fora do porão e saindo atrás dele. Bateu a porta atrás dos dois. Rudy chegou à porta no instante seguinte, quando seu pai estava girando a chave prateada na fechadura.

— Por favor! — gritou Rudy. — Estou com medo! Estou com medo! Quero sair! Max ficou em pé na cozinha. Seus ouvidos zumbiam. Queria dizer pare com isso, abra essa porta, mas não conseguiu fazer as palavras saírem, sentiu a garganta se fechar. Seus braços estavam pendurados ao longo do corpo, as mãos pesadas, como se fossem feitas de chumbo. Não — não era chumbo. Suas mãos estavam pesadas por causa das coisas que seguravam. A marreta. As estacas.

Seu pai ofegava, a testa larga apoiada na porta fechada. Quando ele finalmente se afastou, seus cabelos estavam desgrenhados e a gola de sua blusa, esgarçada.

— Está vendo o que ele me obriga a fazer? — falou Abraham. — A sua mãe também era assim, tão intransigente e histérica quanto ele, e também precisava de instrução firme. Eu tentei, eu...

O velho se virou para olhar para ele e, um segundo antes de Max o golpear com a marreta, teve tempo de expressar seu choque, sua incredulidade. Max o atingiu no maxilar, um golpe que produziu um ruído de osso se partindo, forte o suficiente para ele sentir o tremor do impacto lhe subir pelo braço. Seu pai caiu de joelhos, mas Max o atacou de novo para fazê-lo cair de costas.

As pálpebras de Abraham foram se fechando quando ele começou a ficar inconsciente, mas tornaram a se abrir quando Max se sentou em cima dele. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Max já havia escutado o bastante, não tinha mais nada a dizer e, de qualquer forma, nunca tinha sido muito bom em conversas. O que importava agora era o trabalho que tinha pela frente; trabalho para o qual ele tinha um instinto natural, para o qual havia nascido.

Encostou a ponta da estaca no ponto exato que seu pai havia ensinado e golpeou a madeira com a marreta. Descobriu que tudo que o velho lhe dissera no porão era verdade. Houve lamentos, blasfêmias e uma luta frenética para se soltar, mas tudo terminou bem depressa.

MELHOR DO QUE LÁ EM CASA

MEU PAI ESTÁ NA TELEVISÃO, PRESTES A SER EXPULSO DE MAIS UMA PARTIDA. Posso sentir isso. Alguns dos torcedores no Tiger Stadium também estão percebendo, por isso estão emitindo uns ruídos grosseiros e entusiasmados. Eles querem que meu pai seja expulso. Estão ansiosos para ver isso acontecer.

Sei que ele vai sair do jogo porque o juiz da base principal está tentando se afastar dele, mas meu pai o está seguindo por toda parte. Os dedos da mão direita do meu pai estão enfiados na frente da calça, enquanto a esquerda gesticula no ar, zangada. Os locutores tagarelam alegremente para informar aos telespectadores o que o meu pai está tentando dizer ao juiz e o que o juiz está fazendo para não escutar.

— Dava para perceber, pelo andar da carruagem, que, mais cedo ou mais tarde, os ânimos iriam fugir ao controle — diz um dos locutores.

Minha tia Mandy ri, nervosa.

— Jessica, talvez você queira ver isso. O Ernie está dando um ataque.

Minha mãe aparece no vão da porta da cozinha, vê o que está acontecendo na televisão e se encosta no batente, de braços cruzados.

— Não consigo nem assistir — diz Mandy. — Isso é *tão* desagradável.

Tia Mandy está em uma das pontas do sofá. Eu estou na outra, com os pés debaixo do corpo e os calcanhares pressionados contra as nádegas. Estou me balançando para a frente e para trás. Não consigo ficar parado. Alguma coisa em mim simplesmente precisa se sacudir. Minha boca está aberta e fazendo o que sempre faz quando estou nervoso. Nem sei que estou fazendo isso até sentir a umidade morna escorrer pelo canto da minha boca. Quando estou tenso e minha boca está aberta e retesada desse jeito, começa a sair saliva pelo canto, e ela acaba escorrendo pelo meu queixo. Quando estou muito nervoso, como agora, fico fazendo uns barulhinhos de sucção, sugando a baba de volta para dentro da minha cabeça.

O juiz da terceira base, Comins, interpõe-se entre meu pai e Welkie, o juiz da base principal, dando a Welkie a chance de se afastar. Meu pai poderia simplesmente dar a volta em Comins, mas não o faz. Isso é um bom sinal, talvez o pior ainda possa ser evitado. A boca de meu pai abre e fecha, a mão esquerda gesticula. Comins está escutando, sorrindo e balançando a cabeça de forma educada e compreensiva, porém firme. Meu pai está infeliz. Nosso time está perdendo de 4 x 1. O arremessador do Detroit é um novato, um homem que nunca na vida ganhou um jogo da liga principal — na verdade, perdeu todos os seus cinco jogos até agora — mas, apesar de sua consolidada mediocridade, hoje conseguiu eliminar oito adversários por *strike out* em apenas cinco *innings*. Meu pai está reclamando do último *strike out,* marcado depois de uma rebatida interrompida. Está reclamando porque Welkie marcou o *strike* sem olhar para o juiz da terceira base para checar se o rebatedor de fato havia interrompido a rebatida ou não. É isso que ele deveria ter feito, mas não fez.

Mas Welkie não precisava ter conferido a jogada com Comins. Era óbvio que o rebatedor, Ramon Diego, havia erguido discretamente o taco acima da plataforma e depois recolhido, para fazer o juiz pensar que ele não levantara o taco. Mas ele erguera o taco, sim, todos tinham visto, todos sabiam que ele se deixara enganar por uma bola baixa que quase havia quicado no chão em frente à base principal — todos menos meu pai, é claro.

Por fim, meu pai diz algumas últimas palavras para Comins, vira-se e começa a se dirigir ao banco. Está na metade do caminho quando gira o corpo e berra umas últimas barbaridades para o juiz principal. Welkie está de costas para ele, curvado, limpando a base com sua escovinha, as nádegas volumosas arreganhadas, o considerável traseiro apontado na direção do meu pai.

O que quer que meu pai tenha gritado fez Welkie se virar para trás e erguer uma das pernas, dando um pulinho de gordo e projetando o dedo no ar. Meu pai joga o boné no chão e volta correndo para a base principal.

Quando isso acontece, a primeira coisa que enlouquece são os cabelos do meu pai. Eles passaram a maior parte do jogo presos dentro do boné. Quando meu pai os liberta, estão cobertos de suor e ficam completamente desgrenhados ao serem atingidos pelo forte vento de Detroit. Uns fios estão grudados, outros arrepiados. Há mechas úmidas

coladas em sua nuca suada e queimada de sol. Outras se espalham para todos os lados enquanto ele grita.

— Ai, meu Deus. Lá vai ele — diz tia Mandy.

— É. Estou vendo — responde minha mãe. — Mais um instante de glória para os melhores momentos de Ernie Feltz.

Welkie cruza os braços. Ele não tem mais nada para dizer e fica olhando para o meu pai com os olhos enevoados. Meu pai chuta a terra solta do chão em cima dos sapatos dele. Comins tenta intervir novamente, mas meu pai também chuta terra em cima dele. Depois arranca seu próprio casaco e joga-o no chão, chutando-o até a linha da terceira base. Então o pega do chão e tenta lançá-lo para fora do campo, embora só consiga arremessá-lo uns poucos metros. Alguns Tigers se reuniram no morrinho do arremessador. O jogador da segunda base leva a luva à boca para meu pai não vê-lo rir, e vira o rosto para o grupo de jogadores, sacudindo os ombros ao rir.

Meu pai pula para o abrigo no chão onde fica o banco de reservas. Empilhadas na lateral do abrigo estão três torres de copos de papel com o logo do Gatorade. Meu pai as golpeia com as duas mãos, fazendo os copos saírem voando pelo gramado. Não toca nas garrafinhas de Gatorade pois alguns dos jogadores podem querer beber, mas pega um capacete de rebatedor pela viseira e o joga longe, fazendo-o ricochetear e sair rolando até a linha da terceira base. Meu insano pai grita mais alguma coisa para Welkie e Comins, em seguida atravessa a área dos reservas, desce alguns degraus e desaparece. Só que não desaparece de verdade, pois de repente torna a surgir no alto da escada, pega um monte de tacos de madeira do suporte e joga a pilha inteira na grama. Então fica ali parado, berrando e esbravejando, com perdigotos voando e os olhos lacrimejando. O menino que carrega os tacos a essa altura já pegou a jaqueta do meu pai e levou-a até o abrigo, mas está com medo de chegar mais perto, então meu pai é obrigado a subir alguns degraus e arrancar-lhe o casaco das mãos. Grita mais umas grosserias, veste a jaqueta pelo avesso, com a etiqueta flutuando na nuca, e desaparece, dessa vez de forma definitiva. Deixo escapar uma expiração trêmula que nem sabia que tinha prendido.

— Que espetáculo — comenta minha tia.

— Hora de tomar banho, garoto — diz minha mãe, chegando por trás de mim e passando os dedos entre os meus cabelos. — A melhor parte do jogo já terminou.

No meu quarto, tiro a roupa e fico só de cueca. Começo a descer o corredor em direção ao banheiro mas, quando o telefone toca, desvio minha rota para o quarto dos meus pais e me atiro de bruços na cama, atendendo o telefone sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Residência dos Feltz.

— Oi, Homer — diz meu pai. — Consegui um minutinho para ligar. Resolvi dizer boa-noite. Vocês estavam vendo o jogo?

— Ahã — respondo, e sugo um pouco de baba.

Não é o tipo de coisa que quero que ele ouça, mas ele ouve assim mesmo.

— Está tudo bem com você?

— É a minha boca. Ela fica fazendo isso. Não consigo evitar.

— Você está nervoso?

— Não.

— Com quem você está falando, meu amor?

— Com o papai!

— Você acha que ele interrompeu a rebatida? — pergunta meu pai, à queima-roupa.

— No começo não tive certeza se ele tinha rebatido, mas depois vi o *replay* e dá para ver que ele rebateu.

— Ah, merda — resmunga meu pai, e então minha mãe pega a extensão na cozinha e junta-se à conversa.

— Oi — diz ela. — É da Associação do Espírito Esportivo?

— Tudo bem? — diz meu pai. — Consegui me liberar um minutinho e resolvi ligar para dizer boa-noite para o garoto.

— Na minha opinião, eu acho que você deveria ser liberado pelo resto da noite.

— Não vou dizer que acho que agi bem.

— Você pode até ter agido mal — diz ela. — Mas, com certeza, foi um momento inspirador. Um daqueles momentos especiais do beisebol que exaltam o espírito humano. Há um quê de magia em ver Ernie Feltz chamar o juiz de filho-da-puta puxa-saco e ser arrastado para fora do campo com uma camisa-de-força pelos homens de jaleco branco.

— Tudo bem — é a resposta dele. — Eu sei. Foi bem ruim.

— Você tem que trabalhar isso.

— Puxa vida. Desculpe. Sério. Sem brincadeira... desculpe — diz ele. — Ei, mas me diga uma coisa.

— O quê?
— Você viu o *replay?* Você achou que ele rebateu?

O VAZAMENTO NO CANTO DA MINHA BOCA NÃO É O ÚNICO PROBLEMA CONTRA o qual preciso lutar, é só um dos mais óbvios, e é por isso que tenho consulta com o Dr. Faber duas vezes por mês. O Dr. Faber e eu nos encontramos para conversar sobre como lidar com as coisas que me estressam. Há muitas coisas que me estressam. Por exemplo, eu não consigo nem sequer olhar para papel-alumínio sem me sentir fraco e enjoado, e o barulho de alguém amassando uma folha dessas provoca em mim uma dor lancinante que atravessa todos os meus dentes e sobe até meus tímpanos. Também não suporto quando o videocassete rebobina uma fita. Tenho que sair da sala por causa do barulho que o aparelho faz quando o filme está passando ao contrário pelo cabeçote. E o que dizer do cheiro de tinta fresca ou de canetas fluorescentes destampadas? Melhor nem entrarmos nesse assunto.

Eu incomodo as pessoas quando destruo minha comida para inspecionar os ingredientes. Faço isso principalmente com hambúrgueres. Fiquei profundamente afetado por uma reportagem que vi na televisão sobre o que pode acontecer se você comer um hambúrguer estragado. A carne estava contaminada com *E. coli,* a doença da vaca louca. Chegaram a mostrar uma vaca louca de verdade, jogando a cabeça para um dos lados e cambaleando por um cercado, mugindo. Quando vamos comer hambúrgueres no Wendys, espalho todas as partes, descarto qualquer legume que pareça suspeito e dou uma boa cheirada na carne para me certificar de que não está podre. Não uma, mas duas vezes, de fato, encontrei um hambúrguer estragado e me recusei a comer. Nas duas ocasiões, isso causou uma imensa gritaria entre minha mãe e eu sobre se a carne estava mesmo ruim ou não, e é claro que tais embates inevitavelmente conduziam a um único desfecho: eu me deitando no chão, gritando e chutando qualquer pessoa que tentasse me tocar, o que, segundo o Dr. Faber, constitui uma das minhas compulsões histéricas. Em geral, o que eu faço hoje em dia é jogar o hambúrguer no lixo sem inspecioná-lo e simplesmente comer o pão. Meus problemas alimentares não são nem um pouco agradáveis. Eu detesto gosto de peixe. Não como carne de porco porque, quando ela está crua, aparecem umas larvi-nhas brancas se você

despeja álcool em cima. O que eu gosto mesmo é de cereal matinal. Se pudesse escolher, comeria cereal matinal três vezes ao dia. Também gosto de salada de frutas em conserva. Quando estou no parque, como um saquinho de amendoins, mas não sou capaz de comer um cachorro-quente nem por todo o chá da China (coisa que eu não iria querer mesmo, porque a cafeína provoca em mim um comportamento histérico e hiperativo, além de súbitos sangramentos nasais).

O Dr. Faber é ura bom sujeito. Ficamos sentados no chão da sua sala jogando Candy Land e conversando.

— Eu já ouvi muita coisa esquisita, mas isso é simplesmente uma loucura — diz meu psiquiatra. — Você acha mesmo que o McDonald's iria servir hambúrguer estragado? Eles seriam interditados! Você poderia processá-los! — Ele faz uma pausa para andar com sua peça no tabuleiro, depois olha para cima e continua. — Você e eu precisamos conversar sobre essa infelicidade que você sente toda vez que põe o almoço na boca. Eu acho que você está exagerando as coisas. Deixando a sua imaginação assustar você. Vou dizer mais uma coisa. Você pode até encontrar uma comida meio podre, o que eu afirmo ser muito pouco provável, porque a cadeia McDonald's tem um interesse velado em não ser processada. Mas as pessoas costumam comer umas coisas bem horríveis sem *morrer*.

— Sabe o Todd Dickey, que joga na terceira base? Ele uma vez comeu um esquilo — digo. — Por mil dólares. Foi quando ele jogava na segunda divisão. O ônibus do time esmagou o bicho dando ré e ele comeu. Dizem que o pessoal lá de onde ele vem sempre come.

O Dr. Faber olha para mim com uma expressão perplexa, o rosto redondo e simpático pálido de nojo.

— De onde ele é?

— De Minnesota. Quase todo mundo lá vive de comer esquilo. É isso que o Todd diz. Assim eles têm mais dinheiro para comprar coisas importantes... como cerveja e bilhetes de loteria.

— Ele comeu o esquilo... cru?

— Ah, não. Comeu frito. Com molho picante. Disse que foi o dinheiro mais fácil que já tinha ganhado na vida. Os 1.000 dólares. Isso é muito dinheiro para quem está na segunda divisão. Dez caras tiveram que contribuir com 100 dólares cada um. Todd disse que era a mesma coisa que; receber 1.000 pratas para comer um Big Mac.

— Muito bem — diz ele. — Isso nos traz de volta à questão do McDonald's. Se o Todd Dickey é capaz de comer um esquilo que recolheu do estacionamento sem sofrer nenhum efeito colateral... cardápio que eu, como seu médico, não posso recomendar... então você pode agüentar um Big Mac.

— Ahã.

Eu entendo o que ele quer dizer. Entendo mesmo. Ele está dizendo que Todd Dickey é um jovem atleta profissional cheio de vigor, e lá está ele comendo toda aquela porcaria tipo esquilo com molho enlatado e Big Mac esguichando gordura, e *ele* não morre de doença da vaca louca. Depois de um certo ponto, eu simplesmente paro de discutir. Mas eu conheço Todd, ele não é um cara normal. Bem lá no fundo, tem alguma coisa errada com ele.

Quando Todd entra em uma partida e está na terceira base, ele fica apertando a boca na luva e parece que fica sussurrando para ela. Ramon Diego, interbases do nosso time e um dos meus melhores amigos, diz que ele está *mesmo* sussurrando. Fica olhando o rebatedor subir na base e cochichando para a luva: "Vamos derrotar, vamos destruir. É fácil acabar com eles. Vamos derrotar, vamos destruir. Ou vamos foder com eles. Qualquer um dos três. De todo jeito vamos derrotar, vamos destruir ou vamos botar para foder, vamos foder esses caras, porra, vamos foder esses caras!" Segundo Ramon, Todd baba a luva inteira.

Além disso, quando os jogadores começam a falar sobre as fãs de beisebol que eles já comeram (na verdade, eu não deveria escutar esse tipo de conversa, mas tente conviver com atletas profissionais sem ouvir pelo menos algumas coisas), Todd fica escutando, com as bochechas vermelhas e um olhar estranho. Algumas vezes, os músculos do lado esquerdo do rosto dele começam a pular e a se repuxar, e *ele nem sabe o que seu rosto está fazendo quando isso acontece.*

Ramon Diego acha Todd esquisito, e eu também acho. Nada de esquilo de estacionamento para mim. Existe uma diferença entre ser um caipira bebedor de licor e um assassino psicopata sussurrante com o rosto acometido por uma doença nervosa degenerativa.

MEU PAI LIDA MUITO BEM COM OS MEUS PROBLEMAS, COMO NA VEZ EM QUE ME levou para fazer uma viagem de carro com ele e ficamos hospedados no

Four Seasons de Chicago para assistir a uma partida contra o White-Sox.

Ficamos numa suíte com uma grande sala de estar, que tinha em uma das extremidades uma porta que dava para o quarto dele e na outra uma porta que dava para o meu quarto. Ficamos acordados até meia-noite vendo um filme na TV a cabo do hotel. Para jantar, pedimos cereais matinais pelo serviço de quarto (idéia dele — eu nem pedi). Ele estava afundado na cadeira, vestindo só uma cueca samba-canção, com os dedos da mão direita enfiados debaixo do elástico da cintura, como sempre ficam — exceto na presença da minha mãe —, assistindo à televisão de um jeito sonolento, distraído. Não me lembro de ter pegado no sono. O que me lembro é de ter acordado quando ele me tirou do sofá de couro fresquinho para me levar até o quarto, meu rosto imprensado contra o seu peito, sentindo o seu cheiro bom. Não saberia dizer que cheiro é esse, só sei que é um cheiro de grama e terra, de suor e vestiário, e também o perfume de uma pele já madura, vivida. Aposto que os fazendeiros têm esse mesmo cheiro gostoso.

Depois que ele foi embora, fiquei deitado no escuro, o mais confortavelmente possível no meu ninho gelado de lençóis, quando percebi um chiado fino, estridente, tão incômodo quanto uma fita sendo rebobinada no vídeo. Quase no mesmo instante em que reparei no barulho, senti a primeira pontada nos dentes de trás. Perdi o sono — ser carregado no colo me sacudiu e me fez começar a acordar, e o choque dos lençóis frios acabou de me despertar —, então me sentei e fiquei escutando o mundo escuro à minha volta. O tráfego na rua passava zunindo, as buzinas ecoavam ao longe. Levei o rádio relógio ao ouvido, mas não era dele que estava vindo o barulho. Ergui-me e saí da cama. Acendi a luz. Achei que devia ser o ar-condicionado. Na maioria dos hotéis, o ar-condicionado geralmente é uma caixa de metal junto à parede debaixo da janela, mas não no Four Seasons, que é elegante demais para isso. O único componente de ar-condicionado que consegui detectar foi um duto de ventilação gradeado no teto, e, quando fiquei em pé debaixo dele, descobri que ali estava o culpado. O chiado era demais para mim. Meus tímpanos doíam. Tirei da bolsa um livro de capa dura que estava lendo, fiquei em pé debaixo da grade e atirei o livro nela.

— Fique quieto! Cale a boca! Pare com isso! *Chega!*

Acertei umas duas boas pauladas na grade com o livro. Um parafuso se soltou de um canto e a grade inteira se desprendeu em uma das

extremidades, mas não tive muita sorte — não apenas ela continuou chiando como também passou a emitir um delicado zumbido, como se um pedaço de metal tivesse se soltado lá dentro e estivesse estremecendo de leve. Um líquido frio escorreu pelo canto da minha boca. Suguei a baba e lancei um último olhar impotente para o duto de ventilação quebrado, então entrei na saleta com os dedos tapando os ouvidos para não ouvir o ruído, mas o chiado dentro da saleta estava ainda mais forte. Não tinha para onde ir, e os dedos nas orelhas não estavam adiantando nada.

O som me levou até o quarto do meu pai.

— Pai — disse, depois limpei o queixo no ombro, pois meu maxilar estava coberto de saliva. Então continuei. — Pai, posso dormir com você?

— Hã? Tá bom. Mas eu peido. Cuidado.

Subi na cama dele e me cobri com os lençóis. É claro que no quarto dele também dava para ouvir o chiado estridente.

— Está tudo bem com você? — perguntou ele.

— É o ar-condicionado. Está fazendo barulho. Está fazendo os meus dentes doerem. Eu não consegui desligar.

— O botão fica na saleta. Do lado da porta da frente.

— Vou lá — falei, escorregando até o pé da cama.

— Ei — disse ele, segurando meu braço. — Melhor não. Isto aqui é Chicago e a gente está em junho. Está fazendo quase 40 graus. Vai ficar quente demais. Estou falando sério, a gente vai morrer sufocado aqui dentro.

— Mas eu não consigo ficar escutando esse barulho. Você está ouvindo? Está ouvindo como está alto? Está fazendo doer os meus dentes. Igual a quando alguém amassa papel-alumínio, pai, tão ruim quanto.

— Tá bom — respondeu ele. Ficou calado e durante muito tempo pareceu estar prestando atenção no barulho. Então prosseguiu. — Você tem razão. O ar-condicionado aqui é uma droga. Mas é um mal necessário. Sem o ar-condicionado, a gente vai acabar derretendo.

O som do meu pai falando tem um efeito calmante sobre mim. Quando subi na cama, os lençóis estavam com aquela textura fria e dura de quarto de hotel, mas àquela altura já estavam aquecidos e eu não estava mais tremendo tanto. Fui me sentindo melhor, embora os espasmos de dor ainda estivessem atravessando meu maxilar e subindo até meus tímpanos, chegando à minha cabeça. Além disso, conforme me avisou, meu pai peida

mesmo, mas de certa forma até o cheiro ruim e azedo do seu pum parece vagamente reconfortante.

— Tá bom — decide ele. — Vamos fazer o seguinte. Venha cá.

Ele desceu da cama. Segui seus passos pelo escuro até o banheiro. Ele acendeu a luz. O banheiro era amplo, feito de mármore bege, com torneiras douradas na pia e um chuveiro com blindex texturizado. Era o quarto de hotel dos sonhos de qualquer um. Ao lado da pia havia uma coleção de frasquinhos de xampu, condicionador, loção hidratante e caixinhas de sabonete, um recipiente de plástico com cotonetes e outro cheio de bolas de algodão. Meu pai abriu o recipiente de bolas de algodão e enfiou uma em cada ouvido. Dei uma risada ao olhar para ele, ao vê-lo com um pedaço de algodão pendurado nas suas grandes orelhas queimadas de sol.

— Tome aqui — disse ele. — Enfie um pouco disto no ouvido.

Forcei algumas bolas bem para o fundo do meu ouvido. Com o algodão ali, o mundo se encheu de um ronco profundo, oco e constante. O *meu* ronco, um fluxo regular do meu próprio som particular, um som que eu considero extremamente agradável.

Olhei para o meu pai. Ele disse:

— Hm hmghmrm, hmmmndm sth dhmndhm phmrhm shhmmmvhmr hm chh-mmdmm?

— O quê? — grito, contente.

Ele aquiesceu, fazendo um gesto de "o.k." com os dedos, então voltamos para a cama. É isso que eu quero dizer quando falo que meu pai lida muito bem com os meus problemas. Ambos tivemos uma excelente noite de sono e, no dia seguinte, ele chamou o serviço de quarto e pediu salada de frutas em conserva para o nosso café da manhã.

NEM TODO MUNDO LIDA TÃO BEM ASSIM COMIGO, COMO, POR EXEMPLO, minha tia Mandy.

Tia Mandy já tentou fazer muitas coisas na vida, mas nenhuma delas deu em nada. Mamãe e papai pagaram um curso de artes para ela, porque ela pensou que iria ser fotógrafa. Depois que ela desistiu disso, eles também a ajudaram a montar uma galeria de arte em Cape Cod, mas, como diz tia Mandy, a galeria nunca *rolou,* nunca decolou. Ela estudou cinema em Los Angeles e tentou a sorte como roteirista. Não deu certo.

Casou-se com um homem que achou que fosse se tornar escritor, mas ele se revelou apenas um professor de inglês — e não muito feliz, ainda por cima —, e foi a *tia Mandy* quem teve de pagar pensão para ele durante um tempo. Então nem mesmo o fato de ser uma pessoa casada deu muito certo para ela.

O que tia Mandy diria sobre isso é que ela ainda está tentando descobrir o que fazer da vida. O que meu pai diria é que ela está redondamente enganada se acha mesmo que essa pergunta ainda não foi respondida — ela já é a pessoa que sempre esteve fadada a se tornar. É como Brad McGuane, que jogava na lateral direita quando meu pai virou técnico do time: a média de rendimento dele é 29,2%, mas ele só consegue chegar aos 20% quando há jogadores em posição de marcar, e nunca acertou uma única rebatida na temporada complementar, apesar de ter cumprido cerca de 25 rodadas como rebatedor na última vez que chegou à fase final do campeonato. Um caso perdido — é assim que meu pai se refere a ele. McGuane foi passando de time em time, e as pessoas foram continuando a contratá-lo por causa dos seus bons escores gerais, e também porque pensam que alguém que sabe rebater tão bem, com certeza, vai *progredir*. Mas o que essas pessoas não vêem é que *eleja* progrediu, e que foi nisso que ele se transformou. Ele perdeu sua chance e, com certeza, não deve haver muitas outras oportunidades para os jovens que tentam a sorte no beisebol, nem para as mulheres de meia-idade que se casam com as pessoas erradas, nem para aqueles que nunca estão felizes com o que fazem porque só conseguem pensar que o mundo pode lhes oferecer algo melhor, nem, na verdade, para nenhum de nós. Imagino que seja disso que eu tenha medo no meu próprio caso, já que está bastante claro que, ao contrário do que o Dr. Faber diz, na verdade eu não estou muito melhor. Na verdade, mesmo, estou mais ou menos igual ao que sempre estive, situação que todos podemos afirmar que não é a ideal.

É inútil dizer — já que vocês já devem ter constatado pela diferença de filosofia de vida e pontos de vista — que tia Mandy e meu pai não se dão muito bem, embora finjam se gostar por respeito à minha mãe.

Certo domingo, tia Mandy e eu fomos sozinhos a North Altamont, porque mamãe achou que eu estivesse passando tempo demais no parque. O que realmente a estava incomodando era que o time do papai havia sofrido cinco derrotas consecutivas, e ela achava que eu estava ficando muito nervoso por causa isso. Estava certa nesse aspecto. A seqüência de

derrotas de fato me incomodava. Minha baba nunca havia escorrido tanto quanto durante a última temporada.

Não sei por que North Altamont. Quando a tia Mandy fala de lá, sempre diz que *precisa ir* à Lincoln Street, como se a Lincoln Street fosse um daqueles lugares famosos que todo mundo conhece e sempre *precisa ir,* como *precisam ir* à Disney quando vão à Flórida ou *precisam ir* a um espetáculo da Broadway quando estão em Nova York. Sim, a Lincoln Street até é uma rua engraçadinha, daquele jeito tranqüilo de cidade pequena da Nova Inglaterra. Fica em uma encosta íngreme e é toda feita de tijolinhos. Por ela não passam carros, as pessoas andam a cavalo no meio da rua e de vez em quando encontramos uns montinhos de cocô secos e verdes espalhados pelo chão. Enfim — um lugar *pitoresco.*

Visitamos uma série de lojas mal iluminadas e com cheiro de ervas. Entramos em uma delas, onde estão fazendo uma liquidação de suéteres pesados feitos de lã de lhamas criadas em Vermont, e há uma música baixinha tocando, um tipo de música que mistura flautas, sons indistintos de harpas e assobios agudos de pássaros. Em outra loja, ficamos examinando o trabalho de artesãos locais — vacas de cerâmica reluzentes, com tetas de cerâmica rosada balançando ao pularem por cima de cercas também de cerâmica —, enquanto do alto-falante da loja sai o som esganiçado de uma música do Grateful Dead.

Uma dúzia de lojas depois, já estou exausto. Tenho dormido mal a semana inteira — além dos tremores, sofro com pesadelos e várias outras coisas —, e toda essa caminhada me deixou cansado e irritado. Meu humor não melhora ao constatar que, no último lugar onde entramos, uma loja de antigüidades montada dentro de um galpão de carroças reformado, os alto-falantes não estão transmitindo nem música *new age* nem música *hippie,* mas algo ainda pior — a partida de beisebol de domingo. Nessa loja não há nenhum sistema de som, apenas um pequeno rádio em cima do balcão da frente. O dono da loja, um velho de macacão, está escutando o jogo com o polegar enfiado na boca. Seus olhos estão vidrados, impotentes.

Fico zanzando em volta do balcão para escutar também, e descubro por que ele está com uma cara tão triste. É a nossa vez na base. Nosso primeiro rebatedor zune a bola para a esquerda, e nosso segundo a isola para a direita. Hap Diehl entra tentando rebater e sofre dois *strikes* em tempo recorde.

“Hap Diehl tem sido um *fracasso* com o taco ultimamente”, diz o locutor. “Na última semana, ele vem apresentando o rendimento *incrivelmente baixo* de 16%, e quando será que nós vamos começar a questionar a decisão de Ernie de continuar deixando Diehl no time quando ele está simplesmente sendo *destruído* na base? Partridge agora se prepara e arremessa — ai, *péssima rebatida* de Hap Diehl, *péssima mesmo,* uma tacada rápida que subiu quase *dois quilômetros* acima da sua cabeça — esperem aí, ele caiu, na verdade eu acho que ele *se contundiu...”*

Tia Mandy avisa que vamos a pé até o Wheelhouse Park fazer um piquenique. Estou acostumado a parques urbanos, áreas abertas com gramados e pistas de asfalto e meninas de collant andando de patins. O Wheelhouse Park, de certa forma, é mais escuro do que um parque comum, cheio de pinheiros altos e antigos. As trilhas são feitas de um cascalho azulado pouco amistoso para quem está de patins. Não há parquinho. Não há quadras de tênis. Não há campo de beisebol. Somente a misteriosa penumbra com cheiro adocicado de pinheiro — debaixo dos generosos galhos das árvores de Natal não bate nenhuma luz solar direta — e as ocasionais rajadas suaves de vento. Não cruzamos com ninguém.

— Tem um bom lugar para sentar ali na frente — diz minha tia. — Logo ali, depois daquela ponte coberta.

Chegamos perto de uma clareira, embora até mesmo ali a luz esteja tênue e fraca. O caminho serpenteia de forma irregular até uma ponte coberta que fica apenas um metro acima de um rio largo, de curso lento. Do outro lado da ponte há uma área gramada com alguns bancos.

Basta um olhar e já não gosto nada dessa ponte, que está afundada no meio. Antigamente, muito tempo atrás, ela era vermelha como um carro de bombeiros, mas o apodrecimento e a chuva levaram embora a maior parte da pintura, e ninguém fez nenhum esforço para retocá-la. A madeira está ressecada, cheia de farpas, e não inspira confiança. O interior do túnel é uma confusão de sacos plásticos furados e lixo espalhado. Hesito um instante, mas tia Mandy continua seguindo em frente. Arrasto-me atrás dela com tamanha falta de entusiasmo que ela logo já atravessou a ponte e eu sequer entrei.

No limiar, faço outra pausa. Aromas doces e enjoativos: cheiro de decomposição e fungos. Um caminho estreito passa entre as pilhas de sacos de lixo. Fico desconcertado com a escuridão e o cheiro de esgoto,

mas tia Mandy está do outro lado, fora do meu campo de visão, e fico nervoso ao pensar que estou sendo deixado para trás. Aperto o passo.

O que acontece depois disso é que, após avançar apenas alguns metros, eu respiro fundo, e o cheiro que sinto me faz parar de andar imediatamente e congelar no mesmo lugar, incapaz de seguir em frente. Sinto um fedor quente e rançoso de roedor, misturado com um toque de amônia, um cheiro que já senti em sótãos e porões, um *fedor de morcego.* De repente, imagino um teto coalhado de morcegos. Imagino-me inclinando a cabeça para trás e vendo uma colônia de milhares de morcegos cobrindo o teto, formando uma superfície ondulante de corpos de penugem marrom, com os torsos envoltos em asas finas como membranas. Imagino os guinchos agudos dos morcegos, tão parecidos com o ruído quase inaudível de aparelhos de ar-condicionado com defeito e videocassetes rebobinando. Imagino os morcegos, mas não consigo me forçar a procurá-los. Dou uns poucos passos inseguros para a frente e piso em um jornal muito antigo. Ouço um som terrível de algo se partindo. Dou um pulo para trás, pois o barulho faz meu coração dar uma cambalhota no meu peito.

Meu pé toca em alguma coisa, talvez uma tora de madeira, que rola debaixo do meu calcanhar. Cambaleio para trás, agitando os braços para recuperar o equilíbrio, e finalmente consigo me aprumar sem cair. Viro-me para olhar para aquilo em que acabei de pisar.

Não é uma tora, e sim a perna de um homem. Um homem está deitado de lado em cima de um monte de folhas. Está usando um boné de beisebol imundo — um boné do nosso time, que um dia foi azul-escuro, mas desbotou até ficar quase branco na borda, e está manchado de velhas gotas de suor —, uma calça jeans e uma camisa quadriculada. Sua barba está cheia de folhas. Fico olhando para ele enquanto a primeira onda de pânico percorre o meu corpo. Acabei de pisar em cima dele — e ele *não acordou.*

Fico olhando para o rosto do homem e, como nas histórias em quadrinhos, estou tremendo de terror. Um leve movimento atrai meu olhar. Vejo uma mosca andando por seu lábio superior. O corpo da mosca cintila como metal. O inseto pára no canto de sua boca, depois entra lá e desaparece, e *ele não acorda.*

Solto um grito lancinante; não há outra forma de descrever. Dou meia-volta e torno a sair da ponte, onde me ponho a gritar por tia Mandy

até minha voz ficar rouca.

— Tia Mandy, volte! Volte aqui *agora!*

Dali a poucos instantes, ela aparece do outro lado da ponte.

— Por que você está gritando desse jeito?

— Tia Mandy, volte, volte aqui, *por favor!*

Sugo um pouco de saliva. Pela primeira vez, tenho consciência da baba escorrendo pelo meu queixo.

Ela começa a cruzar a ponte, vindo na minha direção com a cabeça baixa, como se estivesse andando contra um vento forte.

— Quer parar agora mesmo com essa gritaria? Por que está berrando assim?

— Por causa dele! *Dele!* — aponto para o homem.

Ela pára depois de percorrer um quarto da ponte e olha para o velho cadáver rígido deitado no meio do lixo. Fica olhando para ele durante alguns segundos, depois diz:

— Ah. Ele. Bom, vamos indo. Ele vai ficar bem, Homer. Deixe ele cuidar da vida dele que a gente cuida da nossa.

— Não, tia Mandy, a gente tem que ir embora! Por favor, volte aqui, por favor!

— Eu não vou ouvir mais nenhum segundo dessa bobagem. Venha já aqui.

— Não! — grito. — Não vou, *não!*

Giro o corpo e saio correndo, o pânico aumentando dentro de mim, enjoado até a alma, enjoado por causa do cheiro de lixo, dos morcegos, do homem morto, do horrível barulho de jornal velho, do fedor de mijo de morcego, das rebatidas de merda de Hap Diehl e da forma como o nosso time está afundando como no ano passado. Corro com as lágrimas jorrando dos olhos, enxugando a baba do rosto de modo lamentável e sentindo que, por maior que fosse a intensidade dos meus soluços, eu mal conseguia aspirar o ar para dentro dos meus pulmões.

— Pare! — grita tia Mandy quando consegue me alcançar. Ela joga a bolsa que contém o nosso almoço para o lado, ficando com as duas mãos livres. — Pare com isso! Meu Deus... *Cale a boca!*

Ela me segura pela cintura. Fico me debatendo, aos gritos, sem querer ser erguido do chão, sem querer que toquem em mim. Dou um golpe para trás com um dos cotovelos, que bate com força no rosto dela. Ela dá um grito, e nós dois caímos no chão, tia Mandy por cima de mim.

Seu queixo bate no alto da minha cabeça. Os dentes dela se chocam uns contra os outros e a fazem soltar um arquejo, enquanto em mim a batida provoca uma intensa corrente de dor que me faz soltar um grunhido. Dou um salto e quase consigo me soltar, mas ela me agarra com as duas mãos pelo cós de elástico do meu short.

— Seu desgraçado, pare aí!

Meu rosto reluz com um calor infernal.

— Não! Não, eu não vou voltar, não vou voltar, me solte!

Torno a me jogar para a frente, saindo do chão como um corredor que dá o impulso da largada, e, de repente, consigo sair de baixo dela e corro a toda a velocidade, escutando-a se esgoelar atrás de mim.

— Homer! — grita ela. — Homer, volte aqui *neste instante!*

Já percorri quase todo o caminho de volta até Lincoln Street quando sinto uma lufada de ar frio entre as pernas. Então olho para baixo e percebo pela primeira vez como foi que escapei. Ela estava me segurando pelo short, e eu o deixei para trás — o short, a cueca, tudo. Baixo os olhos para as minhas partes íntimas, rosadas, lisas e pequeninas, quicando de uma coxa para a outra enquanto corro. A visão de toda essa nudez me traz uma inesperada golfada de energia.

Ela me alcança quando já estou quase chegando ao carro, na Lincoln Street. Uma multidão observa enquanto ela me derruba no chão, puxando-me pelos cabelos, e nos engalfinhamos.

— Sente aí, seu maluco! — grita ela. — Seu babaca doido!

— Gorda piranha vagabunda! — grito eu. — Parasita capitalista! Bom, não foi bem isso. Mas foi algo desse tipo.

NÃO SEI, MAS É POSSÍVEL QUE O EPISÓDIO DO WHEELHOUSE PARK TENHA SIDO A gota d'água, porque, duas semanas depois, meus pais e eu vamos de carro até Vermont para visitar um colégio interno chamado Academia Biden, em que minha mãe quer que a gente dê uma olhada. Ela me diz que é um colégio interno, mas eu vi um folheto cheio de palavras em código — necessidades especiais, ambiente estável, normalização social —, então eu sei bem que tipo de colégio estamos indo visitar.

Um rapaz usando uma camisa azul surrada, calça jeans e botas de caminhada nos recebe nos degraus em frente ao prédio principal. Apresenta-se como Archer Grace, da secretaria. Ele vai nos mostrar a

escola. A Academia Biden fica na serra das White Mountains. Uma brisa fria passa assobiando entre os pinheiros, de modo que me lembra a sensação gelada e cheia de energia da temporada do World Series, o campeonato da liga profissional de beisebol norte-americana. O Sr. Grace nos leva para passear pelo campus. Visitamos uns dois prédios de tijolinhos escondidos por uma hera bem verde. Espiamos para dentro de salas de aula vazias. Caminhamos por um auditório com paredes revestidas de madeira escura e muitas cortinas vermelhas pesadas penduradas. Em um dos cantos da sala há um busto de Benjamin Franklin esculpido em um mármore claro e leitoso. No outro, um busto de Martin Luther King talhado em pedra preta, tipo ônix. Do seu lado da sala, Benjamim faz careta para Martin, que foi feito com uma cara de quem acabou de acordar e ainda está inchado de sono.

— É impressão minha ou está abafado aqui dentro? — pergunta meu pai. — Como se faltasse oxigênio?

— Pretendemos dar uma boa arejada nos aposentos antes do início do semestre — responde o Sr. Grace. — Agora não tem ninguém aqui, exceto uns poucos alunos dos cursos de verão.

Andamos juntos até o lado de fora e entramos em um bosque de árvores imensas, com cascas cinzentas de aspecto escorregadio. Numa das extremidades do bosque há um anfiteatro em forma de concha e uma arquibancada em diferentes níveis, onde acontecem as formaturas e são encenadas as eventuais peças de teatro ou espetáculos para os alunos.

— Que cheiro é esse? — pergunta meu pai. — Não está um cheiro estranho aqui? O mais interessante é que minha mãe e o Sr. Grace fingem não escutá-lo. Minha mãe fica fazendo várias perguntas sobre as produções teatrais da escola. Parece até que meu pai não está ali.

— Que árvores bonitas são essas? — pergunta minha mãe quando estamos saindo do bosque.

— *Ginkgo biloba* — responde o Sr. Grace. — Sabia que não existe nenhuma outra árvore como a *Ginkgo biloba?* Ela é a única sobrevivente de uma família de árvores que foi totalmente varrida da face da Terra.

Meu pai pára junto ao tronco de uma delas. Raspa a casca com um dos polegares. Dá uma cheirada no dedos. Faz cara de nojo.

— Então é *isto aqui* que está fedendo — resmunga ele. — Vou dizer uma coisa, a extinção nem sempre é ruim.

Olhamos para a piscina. O Sr. Grace fala sobre fisioterapia. Mostra-nos uma pista de corrida. Fala sobre a paraolimpíada juvenil. Mostra-nos o campo de beisebol.

— Então vocês formam um time — comenta meu pai. — E jogam umas partidas. É isso?

— Isso. Um time, umas partidas. Mas o que fazemos aqui é mais do que um jogo, mais do que uma simples brincadeira — começa o Sr. Grace. — Em Biden, nós desafiamos as crianças a aprenderem alguma coisa com tudo que fazem, até mesmo com as brincadeiras. Isto aqui também é uma sala de aula. Nós vemos isto aqui como um lugar para desenvolver nas crianças algumas das habilidades mais fundamentais para a vida, como a solução de conflitos e a construção de relações interpessoais, e para fazê-las aliviar o estresse por meio da atividade física. É como diz o velho clichê: o importante não é ganhar ou perder, e sim o que se tira do jogo, quanto se aprende sobre si mesmo e o que se cresce emocionalmente.

O Sr. Grace se vira e começa a se afastar.

— O que foi isso que ele acabou de me dizer? — pergunta meu pai, enquanto minha mãe também começa a se afastar. — Parece que foi em outra língua. Mas acho que ele quis dizer que aqui tem um daqueles timinhos porcarias em que ninguém nunca faz um *strike-out*.

Por último, o Sr. Grace nos leva até a biblioteca, e é lá que encontramos alguns dos alunos dos cursos de verão. Entramos em um grande cômodo circular, com as paredes cobertas por estantes de jacarandá. Ao longe, pode-se ouvir os cliques das teclas de um computador. Um menino mais ou menos da minha idade está deitado no chão. Uma mulher de vestido quadriculado o segura pelo braço direito. Acho que está tentando fazê-lo se levantar, mas tudo o que consegue fazer é arrastá-lo em círculos.

— Jeremy? — diz ela. — Se você não se levantar, a gente não vai poder ir brincar no computador. Está me ouvindo?

Jeremy não reage, e ela simplesmente continua a arrastá-lo de um lado para outro. Numa das vezes em que o vira na nossa direção, o menino me lança rapidamente um olhar vazio. Ele também tem o vazamento — seu queixo está coberto de baba.

— *Eu quero* — entoa ele numa voz arrastada, abobalhada. — *Eu queeeero.*

— A biblioteca acabou de instalar quatro novos computadores — diz o Sr. Grace. — Com conexão à internet.

— Olhe só este mármore — comenta minha mãe. Meu pai põe a mão no meu ombro e o aperta de leve.

NO PRIMEIRO DOMINGO DE SETEMBRO, VOU AO PARQUE COM MEU PAI, E É CLARO que chegamos cedo, tão cedo que ainda não tem ninguém, apenas uns dois jogadores novatos que estão lá desde o raiar do dia para impressionar meu pai. Ele está sentado na arquibancada atrás da grade, olhando para a base principal e sendo entrevistado por Shaughnessy para o caderno de esportes do jornal local, ao mesmo tempo que nós dois estamos fazendo uma brincadeira chamada jogo das coisas secretas, em que ele faz uma lista de coisas para eu procurar, cada qual valendo um número diferente de pontos, e eu tenho que correr pelo parque tentando encontrá-las (nada de vasculhar o lixo, embora ele saiba que, de qualquer forma, eu jamais faria isso): uma caneta esferográfica, uma moeda de 25 centavos, um pente de mulher, etc. Não é fácil, depois que os lixeiros já passaram para limpar o parque.

Conforme vou encontrando as coisas da lista, vou levando para ele: a caneta esferográfica, uma bala, um botão. Então, numa das vezes em que volto, vejo que Shaughnessy já foi embora e que meu pai está simplesmente sentado ali, com as mãos unidas atrás da cabeça e um saco de amendoim aberto no colo, os pés sobre o encosto do assento à sua frente.

— Por que você não sossega um pouco?

— Eu achei a caixa de fósforos. Quarenta pontos — digo, me aboletando no assento ao seu lado.

— Olhe só para isto aqui — comenta ele. — Como é agradável quando não tem ninguém. Quando está tudo calmo. Sabe do que eu mais gosto aqui? Do jeito que está agora?

— Do que você mais gosta aqui?

— A gente pode pensar um pouco e comer amendoim ao mesmo tempo — ele fala, enquanto tira a casca de um amendoim.

Está fazendo frio ao ar livre, e o céu exibe um azul esbranquiçado. Uma gaivota flutua acima do campo de beisebol, com as asas abertas, sem

parecer se mexer. Os novatos fazem alongamento e conversam no campo. Um deles ri, uma risada forte, jovem, saudável.

— Onde você pensa melhor? — pergunto. — Aqui ou lá em casa?

— Aqui é melhor do que lá em casa — responde ele. — Melhor para comer amendoim também, porque lá em casa você não pode simplesmente jogar as cascas no chão. — Ele joga algumas cascas no chão. — A menos que você queira levar uma bronca da mamãe.

Ficamos calados. Uma corrente contínua de ar fresco vinda do lado de fora do campo sopra em nosso rosto. Ninguém iria conseguir jogar direito naquele dia — não com aquele vento constante soprando na direção contrária.

— Bom — digo, levantando-me. — Quarenta pontos. Tome a caixinha de fósforos. É melhor eu retomar minha busca. Já encontrei quase tudo o que estou procurando.

— Que sorte a sua — diz ele para mim.

— Este jogo é legal. A gente poderia jogar lá em casa. Você poderia me mandar procurar coisas, e eu sairia para encontrar. Por que a gente nunca faz isso? Por que a gente nunca brinca de procurar coisas secretas lá em casa?

— Porque aqui é melhor, só por isso — responde ele.

Nessa hora, saio correndo para procurar o que sobrou da lista — um cadarço, um chaveiro de pé de coelho —, e deixo meu pai para trás. Torno a pensar nessa conversa mais tarde, e ela meio que fica presa na minha cabeça, de modo que penso nela o tempo todo. Algumas vezes me pergunto se esse foi um daqueles momentos que você não consegue esquecer, quando você acha que alguém está dizendo uma coisa mas, na verdade, está dizendo outra, quando existe um significado oculto em algum comentário que parecia totalmente corriqueiro. Gosto de pensar isso. É uma boa lembrança que tenho do meu pai, ele sentado ali, com as mãos unidas atrás da cabeça, e o céu azul de inverno acima de nós. É uma boa lembrança, aquela velha gaivota flutuando acima do campo sem ir a lugar nenhum, simplesmente suspensa no mesmo lugar, com as asas abertas, sem nunca chegar mais perto de aonde quer que esteja indo. É uma boa lembrança para se ter na cabeça. Todo mundo deveria ter uma lembrança igualzinha a essa.

O TELEFONE PRETO

1

O HOMEM GORDO DO OUTRO LADO DA RUA ESTAVA PRESTES A DEIXAR CAIR AS compras. Trazia uma sacola de papel em cada braço e estava se esforçando para enfiar a chave na porta traseira de sua caminhonete. Finney estava sentado nos degraus em frente à loja de ferragens Poole's com uma garrafa de refrigerante de uva em uma das mãos, observando tudo. O gordo ia soltar as compras no instante em que conseguisse abrir a porta. A sacola que trazia no braço esquerdo já estava caindo.

Ele não era um gordo normal, era um gordo grotesco. Sua cabeça raspada era lisa e reluzente, e duas grossas dobras de pele marcavam o lugar onde seu pescoço encontrava a base do crânio. Ele usava uma camisa chamativa de estampa havaiana — tucanos aninhados em meio a samambaias choronas —, embora estivesse frio demais para usar mangas curtas. O vento frio era cortante, e Finney constantemente se encolhia e virava o rosto para o outro lado, para se proteger. Ele também não estava vestido de forma apropriada para aquele clima. Teria sido mais lógico esperar pelo pai dentro da loja, mas John Finney não gostava do jeito como Tremont Poole olhava para ele, um olhar meio bravo, como se estivesse esperando que ele fosse quebrar ou roubar alguma coisa. Finney só tinha entrado lá para comprar um refrigerante de uva — precisava de um refrigerante de uva —, um vício seu.

O trinco deu um estalo e a porta traseira da caminhonete se abriu. O que aconteceu a seguir foi uma cena tão esdrúxula que poderia ter sido ensaiada — e só mais tarde ocorreu a Finney que provavelmente havia sido mesmo. A traseira da caminhonete estava cheia de balões de gás e, no instante em que a porta se abriu, os balões pularam para fora em uma confusão desordenada, precipitando-se para cima do gordo, que reagiu como se não tivesse a menor idéia de que os balões estavam ali. Ele deu um pulo para trás. A sacola que segurava em seu braço esquerdo caiu,

bateu no chão e se rasgou. Laranjas saíram rolando para todos os lados. O gordo cambaleou e os óculos escuros escorregaram do seu rosto. Ele recuperou o equilíbrio e começou a pular na ponta dos pés, tentando pegar os balões, mas já era tarde demais: eles estavam flutuando para longe, para fora do seu alcance.

O gordo soltou um palavrão e acenou com uma das mãos para os balões, em um gesto irritado. Pôs a outra sacola na traseira da caminhonete. Depois virou as costas, olhou para o chão e em seguida ficou de joelhos, tateando a calçada com as mãos à procura de seus óculos. Apoiou-se em cima de um ovo, que se partiu sob sua mão. Fez uma careta, sacudiu a mão no ar. Filamentos brilhantes de clara saíram voando.

A essa altura, Finney já estava atravessando a rua num passo apressado, depois de deixar o refrigerante em cima de um degrau do outro lado.

— Quer ajuda, moço?

O gordo o fitou com olhos embaçados, sem parecer vê-lo.

— Você viu essa merda que aconteceu?

Finney olhou para o final da rua. Os balões de gás já estavam a 10 metros de altura, numa trajetória que acompanhava a faixa dupla que marcava o meio da pista. Eram pretos... todos eles, pretos como pele de foca.

— Vi. Vi, eu... — disse, e então sua voz morreu e ele franziu o cenho, vendo os balões flutuarem no céu encoberto. Aquela imagem o deixou perturbado. Ninguém queria balões pretos; para que poderiam servir? Enterros, velórios? Ficou olhando fixo, momentaneamente perplexo, associando a imagem a uvas envenenadas. Moveu a língua pelo interior da boca e percebeu, pela primeira vez, que o seu amado refrigerante de uva deixava um sabor metálico desagradável, um gosto que dava a sensação de que ele estivera mastigando um fio de cobre desencapado.

O gordo o tirou de seu devaneio.

— Você viu meus óculos?

Finney abaixou-se sobre um dos joelhos e inclinou-se para a frente para espiar debaixo da caminhonete. Os óculos do gordo estavam sob o pára-choque.

— Achei — disse ele, esticando um dos braços na frente da perna do gordo para pegá-los. — Para que eram aqueles balões?

— Eu faço uns bicos como palhaço — disse o gordo. Estava esticando a mão para dentro da caminhonete, para tirar alguma coisa da sacola de papel que havia pousado ali. — Pode me chamar de Al. Ei, quer ver uma coisa engraçada?

Finney olhou para cima a tempo de ver Al segurando uma latinha de metal amarela e preta, decorada com desenhos de moscas. Estava agitando-a furiosamente. Finney começou a sorrir, e teve a idéia maluca de que Al iria cobri-lo com spray de serpentina.

O palhaço atingiu-o no rosto com uma rajada de espuma branca. Finney tentou desviar o rosto, mas não deu tempo de impedir que o líquido entrasse em seus olhos. Deu um grito e a espuma entrou em sua boca, um gosto forte e químico. Seus olhos pareciam carvões em brasa, cozinhando nas órbitas. Sua garganta queimava; em toda a sua vida, ele nunca tinha sentido nenhuma dor como aquela, uma mistura ardente de frio e calor. Seu estômago se contraiu com um espasmo e o refrigerante de uva voltou em um jorro quente e doce.

Al segurou-o pela nuca e começou a empurrá-lo para a frente, para dentro da caminhonete. Os olhos de Finney estavam abertos, mas tudo o que ele conseguia ver eram manchas alaranjadas e marrons que pulsavam, piscavam, escorriam, misturavam-se umas às outras e se dissipavam. O gordo segurava um chumaço de seus cabelos em uma das mãos e a outra estava pousada entre as pernas de Finney, suspendendo-o pela virilha. A parte interna do braço de Al roçou em sua bochecha. Finney virou a cabeça e mordeu um bocado de carne flácida, apertando até sentir gosto de sangue.

O gordo uivou e soltou-o, e por um instante Finney tornou a pousar os pés no chão. Deu um passo para trás e pisou com o calcanhar em cima de uma laranja, torcendo o tornozelo. Ele cambaleou, quase caiu, e então o gordo tornou a segurá-lo pelo pescoço. Empurrou-o para a frente. Finney bateu com a cabeça em uma das portas, fazendo um barulho grave, enquanto toda a força se esvaía de suas pernas.

Al estava com um dos braços debaixo do seu peito; inclinou-o para a frente, enfiando-o na traseira da caminhonete. Só que não era uma caminhonete. Era uma calha de carvão, e Finney despencou com uma velocidade aterrorizante para dentro da escuridão.

2

UMA PORTA SE ABRIU COM UM BAQUE. OS PÉS E OS JOELHOS DE FINNEY estavam escorregando em uma superfície de linóleo. Ele não conseguia ver direito, estava sendo puxado no escuro em direção a um véu de luz cinzenta que não parava de ondular cada vez mais para longe dele. Outra porta bateu e ele foi levado para baixo de um lance de escada. Na descida, seus joelhos bateram em cada degrau.

— Porra de braço. Eu deveria quebrar o seu pescoço agora mesmo por causa do que você fez com o meu braço — disse Al.

FINNEY PENSOU EM RESISTIR, FORAM PENSAMENTOS DISTANTES, ABSTRATOS. Ouviu uma fechadura se abrir e foi puxado através de uma última porta, arrastado por um piso de cimento e finalmente empurrado para um colchão. Al jogou-o em cima do colchão. O mundo deu um giro lento, nauseante. Finney se esparramou de costas e esperou a náusea passar.

Al sentou-se ao seu lado, ofegando para recuperar o fôlego.

— Meu Deus, estou coberto de sangue. Parece que matei alguém. Olhe só para este braço — disse ele. Então riu, uma risada rouca, irônica. — Não que você consiga ver alguma coisa.

Nenhum dos dois disse nada, e um silêncio desagradável tomou conta do aposento. Finney não parava de tremer; vinha tremendo constantemente, mais ou menos desde que recobrara a consciência.

Por fim, Al quebrou o silêncio.

— Sei que você está com medo de mim, mas não vou mais machucar você. Aquilo que eu disse sobre quebrar o seu pescoço foi só porque estava zangado. Você fez um estrago e tanto no meu braço, mas não vou guardar mágoa de você. Acho que estamos quites. Não precisa ter medo de mim, porque nada de ruim vai acontecer com você. Dou a minha palavra, Johnny.

Ao ouvir seu primeiro nome, Finney ficou totalmente imóvel, parando de tremer de repente. Não foi apenas o fato de o gordo saber seu nome. Foi a forma como ele o disse... com um tom de satisfação na voz.

Johnny. Finney sentiu um arrepio do couro cabeludo e percebeu que Al estava afagando seus cabelos.

— Quer um refrigerante? Vamos fazer o seguinte: eu trago um refrigerante para você e depois... espere! Você ouviu o telefone? — A voz de Al vacilou um pouco. — Ouviu um telefone tocar em algum lugar?

De uma distância impossível de avaliar, Finney ouviu o toque baixo de um telefone.

— Ah, merda — disse Al, soltando o ar, hesitante. — É só o telefone da cozinha. É claro que é só o telefone da... deixa pra lá. Vou ver quem é e pegar o refrigerante para você e já volto, aí explico tudo.

Finney ouviu-o sair de cima do colchão com um suspiro de esforço seguido pelo arrastar das botas quando ele se afastou. Uma porta bateu com uma pancada. Um trinco se fechou. Se o telefone do andar de cima tornou a tocar, Finney não escutou.

3

FINNEY NÃO SABIA O QUE AL IRIA DIZER QUANDO VOLTASSE, MAS ELE NÃO precisava explicar nada. Finney já sabia tudo sobre aquilo.

A primeira criança a desaparecer fora raptada dois anos antes, logo depois de a última neve do inverno derreter. O morro atrás de St. Luke's era uma encosta irregular de lama oleosa, tão escorregadia que as crianças deslizavam por ela em trenós, se esborrachando lá embaixo. Um menino de nove anos chamado Loren correu para o meio dos arbustos, um trecho mais afastado da Mission Road, para fazer xixi, e nunca mais voltou. Outro menino sumiu dois meses depois, no dia 1.° de junho. Os jornais batizaram o raptor de Seqüestrador de Galesburg, nome que Finney achava de certo modo inferior a Jack, o Estripador. Ele pegou um terceiro menino no dia 1.° de outubro, quando o ar estava perfumado com o cheiro das folhas mortas que estalavam sob os pés.

Naquela noite, John e sua irmã mais velha, Susannah, estavam sentados no alto da escada em sua casa e ouviram os pais batendo boca na cozinha. A mãe queria vender a casa, mudar-se dali; o pai dizia que

detestava quando ela ficava histérica. Alguma coisa caiu ou foi jogada. A mãe disse que não o suportava mais, que morar com ele a estava deixando louca. O pai respondeu "então não more mais" e ligou a televisão.

Oito semanas depois, no finalzinho de novembro, o Seqüestrador de Galesburg levou Bruce Yamada.

Finney não era amigo de Bruce Yamada, nunca tinha conversado com ele, mas o conhecia. Tinham jogado beisebol em times adversários no verão anterior ao desaparecimento dele. Bruce talvez tenha sido o melhor arremessador que o Galesburg Cardinals jamais tivera de enfrentar; com certeza, arremessava as bolas mais fortes. A bola fazia um barulho diferente quando ele a jogava dentro da luva do receptor, diferente de quando eram os outros meninos. O som da bola lançada por Bruce Yamada parecia o de alguém abrindo uma garrafa de champanhe.

O próprio Finney arremessava bem. Tinha perdido só uns dois *home runs,* e isso só porque Jay McGinty tinha deixado escapar uma bola superlenta pela esquerda que qualquer outra pessoa teria pegado. Depois do jogo — o Galesburg perdeu de 5 x 2 —, os times formaram duas filas e os jogadores começaram a se cumprimentar, batendo com as luvas umas nas outras. Foi quando Bruce e Finney se encontraram para tocar as luvas que eles se falaram pela primeira e única vez.

— Você mandou bem — disse Bruce.

Finney corou de surpresa e felicidade, e abriu a boca para responder — mas tudo o que saiu foi "jogo legal", o mesmo que dizia a todo mundo. Era uma expressão distraída, automática, repetida 20 vezes sem parar, e saiu de sua boca antes que ele conseguisse se controlar. Mais tarde, porém, ele desejou ter dito alguma coisa tão maneira quanto *Você mandou bem,* alguma coisa realmente bacana.

Não tornou a encontrar Bruce pelo resto do verão e, quando finalmente aconteceu de vê-lo — saindo do cinema naquele outono —, os dois não se falaram, simplesmente menearam a cabeça um para o outro. Algumas semanas mais tarde, Bruce saiu do fliperama Space Port, disse aos amigos que iria voltar a pé para casa, e nunca chegou lá. Uma rede pescou seus tênis de dentro do bueiro de Circus Street. Finney ficou espantado ao pensar que um menino que ele conhecia havia sido levado embora, arrancado de dentro dos próprios sapatos, e que nunca mais iria voltar. Que já estava morto em algum lugar, com terra em cima do rosto, insetos nos cabelos e os olhos abertos, fitando o nada.

Porém, um ano se passou, e depois mais de um ano, e nenhum outro menino sumiu. Então Finney completou 13 anos, uma idade segura — a pessoa que levava crianças nunca raptara ninguém com mais de 12 anos. As pessoas acharam que o Seqüestrador de Galesburg se mudara, fora preso por algum outro crime ou havia morrido. Talvez Bruce Yamada tivesse pegado uma pedra quando foi raptado e mais tarde achara uma oportunidade de mostrar ao bandido o seu arremesso rápido. Era uma idéia e tanto.

Só que Bruce não matou o seqüestrador, e sim o contrário. O homem é que o matou, assim como havia matado três outros meninos e do mesmo jeito que mataria Finney. Ele agora era um dos balões pretos e não havia ninguém para puxá-lo de volta.. Estava flutuando para longe de tudo o que conhecia, rumo a um futuro que se estendia diante dele, vasto e desconhecido como o céu de inverno.

4

ARRISCOU-SE A ABRIR OS OLHOS. O AR FEZ SEUS GLOBOS OCULARES ARDEREM. E foi como ver através de uma garrafa de Coca-Cola: tudo distorcido, tingido e colorido de um improvável tom de verde — mas era melhor do que não ver nada.

Ele estava deitado em cima de um colchão no canto de um aposento com paredes brancas de gesso, que pareciam se dobrar no alto e no chão, envolvendo o mundo entre elas como dois parênteses. Ele supôs — esperou — que isso fosse apenas uma ilusão criada por seus olhos envenenados.

Finney não conseguia ver o canto mais afastado do aposento, não conseguia ver a porta pela qual fora trazido. Era como se estivesse debaixo d'água, fitando as profundezas cor de jade, um mergulhador na cabine de um transatlântico afundado. À sua esquerda havia uma privada sem assento. À sua direita, no meio do aposento, havia uma caixa preta ou armário chumbado na parede. No início, não reconheceu o que era aquilo,

não por causa da visão prejudicada, mas porque estava muito fora de lugar ali, não combinava com uma cela de prisão.

Um telefone. Um telefone grande, antigo, preto, com o fone pendurado em um gancho prateado na lateral.

Al não o prenderia em um cômodo com um telefone funcionando. Se o aparelho funcionasse, um dos meninos o teria usado. Finney sabia disso, mas mesmo assim sentiu uma onda de esperança tão intensa que quase trouxe lágrimas a seus olhos. Talvez ele tivesse se recuperado mais rápido do que os outros. Talvez eles ainda estivessem cegos por causa do veneno de mosca quando Al os matou, e nunca tivessem sequer percebido o telefone. Ele fez uma careta, impressionado com a força de seus devaneios. Começou a rastejar na direção do aparelho, saltou da beirada do colchão para o chão, caindo três níveis mais abaixo. Seu queixo bateu no cimento. Um flash piscou na parte dianteira do seu cérebro, logo atrás dos olhos.

Ele se ergueu e ficou de quatro, balançando a cabeça devagar para um lado e para o outro, insensível por alguns instantes, até se recuperar. Arrastando-se pelo chão, atravessou um bom pedaço do quarto sem parecer chegar mais perto do telefone. Era como se uma esteira rolante o levasse sempre para trás, mesmo que ele estivesse avançando para a frente. Algumas vezes, quando apertava os olhos para focalizar a imagem do telefone, o aparelho parecia estar respirando, as laterais inflando e depois se contraindo para dentro. Em um dado momento, Finney teve de parar para encostar a testa quente contra o concreto gelado: foi o único jeito de fazer o quarto parar de se mexer.

Quando olhou para o alto, viu o telefone logo acima dele. Levantou os braços até alcançar o aparelho, usando-o como apoio para se erguer. Não era bem uma relíquia, mas com certeza era velho, com duas campainhas redondas prateadas na parte de cima e um badalo entre as duas, e um disco no lugar de botões. Finney encontrou o fone e levou-o à orelha, esperando dar linha. Nada. Empurrou o gancho prateado para baixo, deixou-o tornar a subir. O telefone preto continuou mudo. Discou o número da telefonista. O auscultador fez clique-clique-clique em seu ouvido, mas não tocou do outro lado; a ligação não se completou.

— Não funciona — disse Al. — Não funciona desde que eu era pequeno.

Finney girou nos calcanhares, depois se endireitou. Por algum motivo, não queria virar a cabeça e encarar seu raptor nos olhos, e permitiu-se apenas um olhar de esguelha na sua direção. A porta agora estava perto o suficiente para ser vista, Al estava na soleira.

— Desligue — disse ele, mas Finney continuou onde estava, com o fone em uma das mãos. Depois de alguns instantes, Al continuou. — Sei que você está com medo e quer ir para casa. Já, já vou levar você para casa. Mas é que... deu uma merda e tenho que ficar lá em cima por algum tempo. Aconteceu uma coisa.

— O quê?

— Nada, não.

Outra onda inútil, desagradável, de esperança. Talvez fosse Poole — o velho Sr. Poole pode ter visto Al empurrá-lo para dentro da caminhonete e chamado a polícia.

— Alguém viu alguma coisa? A polícia está vindo? Se você me soltar, eu não vou contar, não vou...

— Não — disse o gordo, com uma risada triste. — Não foi a polícia.

— Quem foi, então? Alguém está vindo para cá?

O seqüestrador se retesou, e os olhos muito juntos em seu rosto largo e feio demonstraram espanto e curiosidade. Al não respondeu, mas não precisava responder. O que Finney queria saber estava estampado na sua expressão, na sua linguagem corporal. Ou alguém estava vindo ou já estava lá, em algum lugar do andar de cima.

— Eu vou gritar — ameaçou Finney. — Se tiver alguém lá em cima, vai me escutar.

— Ele não vai escutar, não. Não com a porta fechada. — Ele?

O rosto de Al ficou sério, o sangue subiu-lhe às faces. Finney viu seus punhos se cerrarem, depois tornarem a se abrir devagar.

— Quando a porta está fechada, não dá para ouvir nada aqui embaixo — continuou Al, num tom de calma forçado. — Eu mesmo fiz o isolamento acústico. Então, se quiser, pode gritar, não vai incomodar ninguém.

— Foi você quem matou aqueles outros meninos.

— Não. Eu, não. Foi outra pessoa. Não vou obrigar você a fazer nada que não queira. Alguma coisa na construção dessa frase — *Não vou*

obrigar você a fazer nada que não queira — fez um calor febril subir pelo rosto de Finney, enquanto seu corpo ficava gelado, a pele toda arrepiada.

— Se você tentar tocar em mim, vou arranhar a sua cara, e quem vier te visitar vai perguntar por que você está machucado.

Al ficou olhando para ele por alguns instantes com uma expressão vazia, absorvendo a frase.

— Pode desligar o telefone agora — disse o gordo. Finney tornou a pôr o fone no gancho.

— Uma vez eu estava aqui e ele tocou — disse Al. — Foi sinistro. Acho que foi por causa da estática. Disparou quando eu estava bem ao lado dele, e eu atendi sem pensar, sabe, para ver se tinha alguém na linha.

Finney não queria ficar batendo papo com alguém que tinha a intenção de matá-lo na primeira oportunidade, e foi pego de surpresa quando se ouviu perguntar:

— E tinha?

— Não. Eu não falei que não funciona?

A porta se abriu e se fechou. No segundo em que ficou entreaberta, o homem imenso e desajeitado se espremeu para fora, saltitando nas pontas dos pés — um hipopótamo dançando balé —, e desapareceu antes de Finney conseguir abrir a boca para gritar.

5

MESMO ASSIM, ELE GRITOU. BERROU, JOGANDO-SE EM CIMA DA PORTA, arremessando o corpo inteiro contra ela. Sabia que não poderia derrubá-la, mas achou que, se houvesse alguém lá em cima, talvez escutasse o barulho. Nem precisou gritar até sua garganta ficar irritada; umas poucas vezes bastaram para convencê-lo de que ninguém iria escutar.

Finney olhou em volta de seu pequeno aquário, tentando descobrir de onde vinha a luz. Havia duas compridas fendas de vidro bem alto na parede, fora de alcance, que emitiam uma luz fraca, esverdeada. Grades enferrujadas haviam sido chumbadas nas janelas.

Finney estudou uma das janelas durante um longo tempo, em seguida correu até a parede, sem dar a si mesmo tempo para pensar em como estava exausto e enjoado; plantou um dos pés no gesso e pulou. Conseguiu segurar a grade por um instante, mas as malhas de aço eram fechadas demais para enfiar o dedo, então desabou, caindo de traseiro no chão. Mas, mesmo assim, havia ficado tempo suficiente lá em cima para conseguir olhar através do vidro escurecido de sujeira. Era uma janela dupla, no nível do chão, quase completamente escondida por arbustos emaranhados. Se conseguisse quebrá-la, alguém poderia ouvi-lo gritar.

Todos eles tiveram a mesma idéia, pensou. *E vejam aonde essa idéia os levou.*

Deu uma volta no quarto e viu-se novamente debaixo do telefone. Ficou observando-o atentamente. Seu olhar acompanhou o fino fio preto preso ao gesso por tachinhas. O fio subia pela parede cerca de 30 centímetros, depois terminava em um penacho de filamentos de cobre. Finney estava novamente com o fone na mão, mas não se lembrava de tê-lo pego. Estava levando-o à orelha... um ato inconsciente tão inútil, tão cruel, que o fez se encolher um pouco. Por que alguém iria instalar um telefone no porão? Mas havia também a privada. Talvez — que idéia horrível — alguém um dia tivesse morado naquele cômodo.

Finney voltou para cima do colchão e ficou olhando o teto através da janela turva cor de jade. Percebeu, pela primeira vez, que não havia chorado, e não achava que fosse chorar. Estava intencionalmente descansando, guardando energia para raciocinar e agir quando chegasse a hora. Iria dar outra volta no quarto à procura de algo que lhe desse vantagem, alguma coisa que pudesse usar contra Al antes de ele voltar. Finney poderia machucá-lo se tivesse alguma coisa, qualquer coisa, para usar como arma. Um caco de vidro, uma mola enferrujada. Será que o colchão tinha molas? Quando tivesse forças para se mexer, iria verificar.

A essa altura, seus pais já deviam saber que alguma coisa havia acontecido com ele. Deviam estar frenéticos. Mas, quando tentou imaginar a busca, não visualizou sua mãe em prantos respondendo às perguntas de um policial na cozinha, nem pensou em seu pai em frente à loja de ferragens Pooles observando outro policial trazer uma garrafa vazia de refrigerante de uva dentro de um saco plástico lacrado.

Em vez disso, imaginou Susannah em pé sobre os pedais da sua bicicleta de 10 marchas, deslizando pelo centro de incontáveis avenidas

residenciais, com a gola da jaqueta jeans levantada, fazendo careta por causa da ardência gelada do vento. Susannah era três anos mais velha do que Finney, mas ambos haviam nascido no mesmo dia, 21 de junho, fato que ela considerava de importância mística. Ela vivia cheia de idéias esotéricas, tinha um baralho de taro, lia livros que falavam da relação entre Stonehenge e seres extraterrestres. Quando os dois eram mais novos, Susannah tinha um estetoscópio de brinquedo, que pressionava contra a cabeça do irmão em uma tentativa de ler seus pensamentos. Certa vez, ele havia escolhido ao acaso cinco cartas de um baralho e ela havia adivinhado todas as cinco, uma depois da outra, enquanto mantinha o estetoscópio colado à testa dele — 5 de espadas, 5 de paus, 10 e valete de ouros, ás de copas —, mas nunca fora capaz de repetir aquele feito.

Finney visualizava sua irmã mais velha procurando-o por ruas que, na sua imaginação, não tinham pedestres nem carros. O vento sacudia as árvores jogando os galhos nus de um lado para outro, como se estivessem querendo varrer o céu baixo. Na fantasia de Finney, algumas vezes Susannah semicerrava os olhos para se concentrar melhor em algum som distante que a estivesse chamando. Estava tentando escutá-lo, escutar seu grito mudo, esperando ser guiada até ele graças a algum truque de telepatia.

Ela dobrou à esquerda, depois à direita, movendo-se automaticamente, e descobriu uma rua sem saída que nunca tinha visto antes. Dos dois lados havia casas com ar de abandonadas e jardins malcuidados, com brinquedos largados na entrada das garagens. Ao ver essa rua, a pulsação dela acelerou. Teve uma forte sensação de que o seqüestrador de Finney morava em algum lugar por ali. Começou a pedalar mais devagar, virando a cabeça de um lado para outro, fazendo uma inspeção ansiosa ao passar por cada casa. A rua inteira parecia imersa em um estado de silêncio improvável, como se cada pessoa que morasse ali houvesse sido levada embora semanas antes, carregando consigo seus bichos de estimação, trancando todas as portas, apagando todas as luzes. *Esta aqui, não,* pensou. *Aquela ali, não.* E assim por diante, até o final da rua sem saída e a última das casas.

Ela pôs um dos pés no chão e ficou parada em cima da bicicleta. Ainda não havia se sentido impotente, mas ali, em pé, mordendo o lábio e olhando em volta, começou a achar que não iria encontrar o irmão, que ninguém iria encontrá-lo. Era um lugar feio, o vento estava frio. Ela

imaginou que sentia aquele frio dentro de si, um calafrio que deixava seu corpo dormente.

No instante seguinte, ouviu um barulho, uma batida metálica que produziu um eco estranho. Olhou em volta, tentando localizar o ruído, e ergueu os olhos para o último poste de telefone da rua. Presa ali, enrolada nos fios, havia uma profusão de balões pretos. O vento fazia força para soltá-los, e eles se balançavam, lutando para escapar. Os fios seguravam implacavelmente os balões. Ela se encolheu diante daquela imagem. Aqueles balões eram horrorosos — de alguma forma, eram horrorosos —, eram um canto morto do céu. O vento repuxava a fiação e a fazia retinir.

Quando o telefone tocou, Finney abriu os olhos. A vivida historinha que estava contando a si mesmo sobre Susannah se dissipou. Era apenas uma ilusão, não uma visão: uma história de fantasma, e o fantasma era ele, ou seria em breve. Levantou a cabeça do colchão, surpreso ao ver que estava quase escuro... e seu olhar recaiu sobre o telefone preto. Parecia-lhe que o ar ainda estava vibrando de leve por causa do som estridente do badalo de aço nas campainhas enferrujadas.

Levantou-se com a ajuda das mãos. Sabia que o telefone não poderia ter tocado — ouvir isso fora apenas um truque de sua mente adormecida —, mas, mesmo assim, quase esperava que tornasse a tocar. Fora uma burrice ficar deitado ali, sonhando, enquanto o dia ia embora. Precisava de uma vantagem, de um prego enferrujado, de uma pedra para jogar. Dali a pouco estaria escuro, e ele não poderia vasculhar o cômodo. Ficou em pé. Sentia-se desorientado, tonto, com frio; estava frio naquele subsolo. Andou até o aparelho, levou o fone ao ouvido.

— Alô? — atendeu.

Ouviu o vento assobiar do lado de fora das janelas. Ficou escutando o telefone mudo. Quando estava prestes a desligar, pensou ter escutado um clique do outro lado.

— Alô? — tornou a dizer.

6

QUANDO A ESCURIDÃO SE ADENSOU E SE ABATEU SOBRE ELE, FINNEY SE encolheu no colchão, com os joelhos junto ao peito. Não dormiu. Mal piscou. Ficou esperando a porta abrir e o gordo entrar, esperando que os dois ficassem sozinhos no escuro. Mas Al não apareceu. Finney não conseguia pensar, toda a sua concentração estava fixa nas batidas rápidas de sua pulsação e no sopro distante do vento atrás das janelas altas. Não estava com medo. O que sentia era algo maior do que o medo, um terror narcótico que o deixava completamente anestesiado, que tornava impossível imaginar se mexer.

Não dormiu nem ficou acordado. Os minutos não passavam, acumulando-se em horas. Não havia razão para pensar no tempo da forma antiga. Havia apenas o momento, seguido de outro momento, uma sucessão de momentos que prosseguia numa procissão silenciosa, mortífera. Só foi despertado de sua paralisia quando uma das janelas começou a exibir um retângulo cinza flutuando bem alto na escuridão. Ele soube, meio sem entender por que, que não estaria vivo para ver a janela tingir-se com as cores da aurora. Essa idéia não lhe inspirou exatamente esperança, mas induziu-o ao movimento, e, com grande esforço, ele se sentou.

Seus olhos haviam melhorado. Quando ele os fixou na janela mais clara, viu luzes cintilantes na periferia de seu campo de visão... mas, mesmo assim, estava conseguindo enxergar melhor. Seu estômago roncava de tão vazio.

Finney forçou-se a ficar em pé e começou novamente a vasculhar o aposento, procurando alguma vantagem. Em um canto dos fundos, encontrou um lugar onde o cimento do chão estava esfarelando, formando pedaços granulados do tamanho de grãos de pipoca, com uma camada de terra arenosa mais embaixo. Estava colocando um punhado de pedrinhas cuidadosamente selecionadas no bolso quando ouviu o estalo do trinco girando.

O gordo estava na soleira da porta. Ficaram olhando um para o outro a uma distância de 5 metros. Al vestia uma cueca samba-canção listrada e uma camiseta branca sem manga, manchada de suor velho na frente. Suas pernas gordas eram chocantes de tão pálidas.

— Quero comer alguma coisa — disse Finney. — Estou com fome.

— Como estão seus olhos? Finney não respondeu.

— O que você está fazendo aí?

Finney estava agachado no canto, com o olhar ardente cravado nele.

— Não posso trazer nada para você comer. Vai ter que esperar — disse Al.

— Por quê? Tem alguém lá em cima que iria ver você me trazendo comida?

O rosto de Al tornou a ficar sério e seus punhos se fecharam com força. Quando ele retrucou, porém, seu tom não estava zangado, mas sim desanimado e derrotado:

— Deixe estar — falou o gordo. Finney interpretou isso como um *sim.*

— Se você não vai me dar comida, por que desceu até aqui? — perguntou Finney. Al balançou a cabeça, olhando para ele com uma espécie de ressentimento, como se aquela fosse mais uma pergunta injusta à qual ele não tinha a menor obrigação de responder. Mas então deu de ombros e disse:

— Só para olhar para você. Eu só queria olhar para você. — O lábio superior de Finney se contorceu numa expressão involuntária de nojo, e Al murchou visivelmente. — Vou embora.

Quando ele abriu a porta, Finney se levantou com um pulo e começou a gritar por socorro. Em sua pressa de recuar, Al tropeçou na soleira e quase caiu; em seguida bateu a porta.

Finney ficou em pé no meio do aposento, com as costelas subindo e descendo em busca de ar. Nunca pensara realmente que pudesse passar por Al e sair pela porta — que ficava longe demais —, só queria testar o tempo de reação do gordo. Ele era ainda mais lento do que Finney pensava. Além disso, havia outra pessoa na casa, no andar de cima. Quase contra a própria vontade, Finney experimentou uma empolgação crescente, uma agitação nervosa quase parecida com esperança.

Durante o resto do dia, e durante a noite inteira, Finney ficou sozinho.

7

QUANDO AS CÃIBRAS VOLTARAM A ATACAR, NO FINAL DE SER TERCEIRO DIA no porão, ele teve de se sentar no colchão listrado para esperar que passassem. Era como se alguém tivesse atravessado um espeto na lateral de seu corpo e o estivesse girando devagar. Ele apertou os dentes de trás e sentiu gosto de sangue.

Mais tarde, Finney bebeu água da caixa da descarga atrás da privada, e depois ficou ali, ajoelhado, investigando os parafusos e os canos. Não entendia por que não tinha pensado na privada antes. Trabalhou até suas mãos ficarem machucadas e raladas, tentando desenroscar um grosso parafuso de ferro de quase 8 centímetros de diâmetro, mas a peça estava coberta de ferrugem e ele não conseguiu movê-la.

Acordou com um sobressalto, com a luz entrando pela janela do lado oeste do aposento, penetrando em um facho brilhante de sol amarelo cheio de partículas cintilantes de poeira. Ficou alarmado por não conseguir se lembrar de ter se deitado no colchão para tirar um cochilo. Era difícil encaixar os acontecimentos, completar o raciocínio. Mesmo depois de passar 10 minutos desperto, continuou com a sensação de que havia acabado de acordar, tonto e desorientado.

Durante muito tempo, não conseguiu se levantar e ficou sentado com os braços cruzados sobre o peito enquanto a última réstia de luz desaparecia e as sombras se erguiam à sua volta. Algumas vezes, uma onda de calafrio percorria seu corpo, tão forte que fazia seus dentes baterem. Por mais que estivesse frio agora, seria pior depois que escurecesse. Não achava que fosse suportar outra noite tão fria quanto a última. Talvez fosse esse o plano de Al. Enfraquecê-lo de fome e de frio. Ou talvez não houvesse plano nenhum, talvez o gordo tivesse sucumbido a um ataque do coração e fosse assim que Finney iria morrer, um minuto frio de cada vez. O telefone estava novamente respirando. Finney o encarou, observando as laterais inflarem, recuarem e tornarem a inflar.

— Pare com isso — disse ele. O telefone parou.

Finney começou a andar. Precisava se manter aquecido. A lua nasceu, e durante algum tempo iluminou o telefone preto com sua luz pálida. O rosto de Finney queimava e seu hálito ardia, fazendo-o se parecer mais com um demônio do que com um menino.

Não conseguia sentir os pés; estavam frios demais. Bateu-os no chão, tentando fazê-los voltar à vida. Flexionou as mãos. Seus dedos também estavam frios, rígidos, e mexê-los causava dor. Ouviu um chiado

desafinado e percebeu que era ele próprio. O tempo e o pensamento transcorriam em saltos. Ele caiu por cima de alguma coisa no chão e então recuou, tateando em volta com as duas mãos, tentando descobrir o que o havia feito tropeçar, se era algo que ele pudesse usar como arma. Não conseguiu encontrar nada, e por fim teve de admitir que havia tropeçado nos próprios pés. Encostou a cabeça no cimento e fechou os olhos.

Acordou novamente com o barulho do telefone tocando. Sentou-se e olhou para o aparelho do outro lado do cômodo. A janela que dava para o leste exibia um tom azul-claro prateado. Estava tentando decidir se o telefone havia de fato tocado ou se teria sido apenas um sonho quando o aparelho tornou a tocar, com um estrondo alto, metálico.

Finney se levantou, depois esperou o chão parar de oscilar sob seus pés; era como ficar em pé em cima de um colchão d'água. O telefone tocou uma terceira vez, o badalo batendo nas campainhas. A realidade abrasiva daquele som limpou sua mente, trazendo-o de volta a si.

Pegou o fone e levou-o à orelha.

— Alô? — disse.

Ouviu o chiado abafado da estática.

— John — falou o menino do outro lado. A ligação estava tão ruim que poderia estar vindo do outro lado do mundo. — Escute, John. Vai ser hoje.

— Quem é?

— Não me lembro do meu nome — disse o menino. — É a primeira coisa que se perde.

— A primeira coisa que se perde quando?

— Você sabe quando.

Mas Finney pensou estar reconhecendo aquela voz, mesmo que eles só tivessem se falado aquela única vez.

— Bruce? Bruce Yamada?

— Quem sabe? — disse o menino. — E que diferença faz?

Finney ergueu os olhos para o fio preto que subia pela parede e ficou olhando para o ponto onde este terminava em um penacho de filamentos de cobre. Decidiu que não fazia diferença alguma.

— O que é que vai acontecer hoje? — perguntou Finney.

— Estou ligando para dizer que ele deixou um jeito de você lutar com ele.

— Que jeito?

— Esse que você está segurando.

Finney virou a cabeça, olhou para o fone que tinha nas mãos. Vindo do ausculta-dor, que não estava mais junto à sua orelha, ouviu o ruído distante da estática e o barulho metálico do menino morto dizendo mais alguma coisa.

— O quê? — perguntou Finney, levando novamente o fone ao ouvido.

— Areia — disse-lhe Bruce Yamada. — Deixe ele mais pesado. Não está pesado o suficiente. Entendeu?

— O telefone tocou para algum outro menino?

— Não pergunte para quem o telefone toca — disse Bruce, e depois deu uma risada suave, infantil. Então continuou falando. — Nenhum de nós escutou o telefone. Ele tocou, mas nenhum de nós escutou. Só você. A pessoa precisa ficar aqui um pouco antes de aprender a escutar. Você foi o único que durou tanto tempo assim. Ele matou os outros meninos antes de eles se recuperarem, mas não pode matar você, não pode nem descer aqui. O irmão dele passa a noite inteira sentado na sala dando telefonemas. O irmão dele é viciado em cocaína, não dorme nunca. O Albert detesta isso, mas não consegue fazer ele ir embora.

— Bruce? Você está mesmo aí ou eu estou ficando maluco?

— O Albert também escuta o telefone — respondeu Bruce, prosseguindo como se Finney não tivesse dito nada. — Algumas vezes, quando ele está no porão, a gente liga para ele para passar trote.

— Estou me sentindo muito fraco, não sei se consigo lutar com ele desse jeito.

— Vai conseguir. Você vai mandar bem. Estou feliz que seja você. Sabe, John, ela encontrou mesmo os balões. A Susannah.

— Encontrou?

— Pergunte a ela quando voltar para casa.

Houve um clique. Finney esperou o telefone dar linha, mas nada aconteceu.

8

UMA LUZ AMARELADA HAVIA COMEÇADO A TOMAR O APOSENTO QUANDO Finney ouviu o estalo familiar do trinco. Estava de costas para a porta, ajoelhado no canto do quarto, no lugar onde o cimento havia esfarelado e revelado a terra por baixo. Finney ainda sentia o amargo na boca, parecido com o gosto deixado pelo refrigerante. Virou a cabeça mas não se levantou, escondendo com o corpo o que tinha nas mãos.

Ficou tão espantado ao ver alguém que não fosse Albert que deu um grito, e levantou-se com dificuldade. O homem na soleira da porta era baixo e, embora seu rosto fosse redondo e cheio, o resto de seu corpo era magro demais para as roupas que vestia: uma jaqueta militar amarfanhada, um suéter largo de linha. Seus cabelos desgrenhados estavam rareando nas entradas da testa. Um dos cantos de sua boca se ergueu em um sorriso irônico, incrédulo.

— Puta merda — disse o irmão de Albert. — Eu sabia que tinha alguma coisa no porão que ele não queria que eu visse, mas puta merda.

Finney cambaleou na sua direção, as palavras jorrando de sua boca em uma confusão incoerente, desesperada, como pessoas que passaram a noite trancadas em um elevador e são finalmente resgatadas.

— Por favor... minha mãe... socorro... ligue para alguém... ligue para a minha irmã...

— Não se preocupe. Ele já foi. Teve de sair correndo para o trabalho — disse o homem. — Eu sou o Frank. Ei, fique calmo. Agora eu sei por que ele ficou histérico quando ligaram do trabalho. Estava com medo de que eu encontrasse você enquanto ele estivesse fora.

Albert surgiu ao lado de Frank segurando uma machadinha. Ele a ergueu no ar, suspendendo-a por cima de um dos ombros como se fosse um taco de beisebol. O irmão continuou falando:

— Ei, quer saber a história de como eu encontrei você?

— Não — disse Finney. — Não, não, não. Frank fez uma careta.

— Tá bom. Como você quiser. Outro dia eu conto. Está tudo bem agora. Albert fincou a machadinha na parte de trás da cabeça do irmão caçula, fazendo soar um barulho forte, úmido. O impacto fez o sangue espirrar no rosto de Al. Frank se dobrou para a frente. A machadinha continuava enterrada na cabeça dele, e as mãos de Albert continuavam segurando o cabo, de forma que, quando caiu, Frank puxou Al junto com ele.

Tombando de joelhos no chão do porão, Albert respirou pesadamente por entre os dentes cerrados. O cabo da machadinha escorregou de suas mãos, e Frank foi de cara no chão com um baque surdo. Albert fez uma careta, em seguida deixou escapar um grito engasgado, sem tirar os olhos do irmão com a machadinha enterrada na cabeça.

Finney estava em pé a um metro de distância, respirando com dificuldade, segurando o fone contra o peito com uma das mãos. Na outra havia um rolo de fio preto, que antes conectava o fone ao telefone. Fora preciso mastigá-lo para parti-lo. O fio era reto e não espiralado como em um aparelho moderno. Finney o enrolara três vezes em volta da mão direita.

— Está vendo isso? — disse Aí com a voz travada, irregular. Ergueu os olhos. — Viu o que tive de fazer por sua causa? — Então viu o que Finney estava segurando, e seu semblante se franziu de incompreensão. — Que porra você fez com o telefone?

Finney deu um passo na direção de Al e esmurrou seu rosto com o fone, acertando-o no nariz com um estalo seco, como plástico que se parte — só que não era plástico se partindo. Havia desatarraxado o bocal e enchido o auscultador oco com areia, tornando a enroscar o bocal para que a terra não caísse. O gordo emitiu um ruído, um grito sufocado, e o sangue jorrou de suas narinas. Ele ergueu uma das mãos. Finney tornou a abaixar o fone e esmagou-lhe os dedos.

A mão esmigalhada de Al tombou e ele olhou para cima, com um ruído animal a subir pela garganta. Finney tornou a bater nele para fazê-lo calar, esmurrando com o fone a curva careca de seu crânio. O contato do fone produziu um agradável som de pancada e um jato de areia cintilante espirrou contra a luz. Aos gritos, o gordo tentou se levantar, cambaleando para a frente, mas Finney deu um pulinho para trás — era muito mais rápido do que Albert — e atingiu-o na boca, com força suficiente para fazer sua cabeça dar meia-volta. Em seguida golpeou-o no joelho para derrubá-lo e fazê-lo parar.

Al caiu novamente, esticou os braços, pegou Finney pela cintura e derrubou-o no chão, desabando por cima das pernas do garoto, que se debateu para se libertar do peso. O gordo ergueu a cabeça, o sangue escorrendo pelo canto da boca e um gemido de fúria brotando de algum lugar no fundo de seu peito. Finney continuava a segurar o fone com uma das mãos e, com a outra, as três voltas de fio preto. Sentou-se, com a

intenção de golpear Albert mais uma vez, mas então suas mãos decidiram fazer outra coisa. Passou o fio em volta da garganta do gordo e apertou com força, cruzando os pulsos atrás do pescoço de Al. Albert conseguiu alcançar o rosto de Finney com uma das mãos e o arranhou, deixando sua bochecha direita em carne viva. Finney apertou mais um pouco o fio e a língua de Al saltou para fora da boca.

Do outro lado do aposento, o telefone preto tocou. O gordo estava sufocando. Parou de arranhar o rosto de Finney e encaixou os dedos debaixo do fio em volta de sua garganta. Só podia usar a mão esquerda, pois os dedos da direita estavam espatifados, dobrados em direções inimagináveis. O telefone tornou a tocar. O olhar do gordo se virou depressa na direção do aparelho, depois na do rosto de Finney. As pupilas de Albert estavam tão dilatadas que o anel dourado de suas íris havia quase desaparecido. Suas pupilas eram dois balões pretos que escondiam dois sóis gêmeos. O telefone não parava de tocar. Finney apertava mais o fio. No rosto escuro e cheio de hematomas de Albert estampava-se uma pergunta horrorizada.

— É para você — disse Finney.

ENCURRALADO

KENSINGTON CHEGOU AO TRABALHO NA QUINTA-FEIRA A TARDE COM UM *piercing* na língua. Wyatt percebeu por que ela não parava de abaixar a cabeça e apertar um lenço de papel na boca aberta. Em pouco tempo, a pequena bola de papel tingia-se de vermelho vivo. Ele se posicionou no terminal de computador à esquerda dela e ficou observando com o canto do olho enquanto se mantinha ocupado com uma pilha de fitas de vídeo devolvidas, dando entrada nos títulos com o leitor ótico. Na vez seguinte em que ela levou o lenço de papel até a boca, ele pôde ver com clareza o pino de aço inoxidável cravado em sua língua manchada de sangue. Aquele era um desdobramento interessante na história de Sarah Kensington.

Ela estava virando punk aos poucos. Quando ele começou a trabalhar na locadora Best Video, era gordinha e feia, com cabelos castanhos curtos e olhos miúdos, muito juntos; tinha a atitude rude e distante de alguém acostumado a não ser apreciado pelos outros. Wyatt também era um pouco assim, e havia imaginado que os dois pudessem se dar bem, mas isso não aconteceu. Ela só olhava para ele quando era absolutamente necessário, e muitas vezes fingia não escutar quando ele lhe dirigia a palavra. Com o tempo, ele percebeu que conhecê-la exigiria demasiado esforço. Era mais fácil detestá-la e evitá-la.

Certo dia, um sujeito mais velho havia entrado na locadora, um maluco de 40 anos com a cabeça raspada e uma coleira de cachorro em volta do pescoço, com uma correia pendurada. Queria pegar *Sid & Nancy*. Pediu a Kensington para ajudá-lo a procurar o filme, e os dois conversaram um pouco. Kensington ria de tudo o que ele dizia e, quando chegava a sua vez de falar, as palavras saíam de sua boca em um jorro ruidoso, animado. Foi uma cena e tanto vê-la se abrir daquele jeito com alguém. Então, quando Wyatt apareceu no trabalho no dia seguinte, os dois estavam do lado de fora da loja, num ponto de onde não dava para ver da rua. O esquisitão a havia imprensado contra a parede. Estavam de mãos dadas, com os dedos entrelaçados, enquanto ela enfiava a língua com desespero na boca do cara. Agora, alguns meses depois, os cabelos de

Kensington tinham um tom de cobre brilhante e extraterrestre, ela calçava coturnos e usava nos olhos uma sombra cor de casa mal-assombrada. Mas o *piercing* na língua era novidade.

— Por que está sangrando? — perguntou Wyatt.

— Porque acabei de fazer — respondeu ela sem erguer os olhos, num tom mal-humorado. O amor não a havia deixado calorosa e expansiva; ela ainda fechava a cara quando Wyatt lhe dirigia a palavra, evitando-o como se o ar à sua volta estivesse envenenado, detestando-o como sempre o havia detestado, por motivos que não foram nem nunca seriam revelados.

— Pensei que você tivesse prendido a língua em um zíper ou alguma coisa assim — disse ele. Em seguida arrematou: — Imagino que esse deva ser um jeito de fazer com que ele continue interessado em você. Porque pela sua beleza é que não vai ser.

Kensington era imprevisível, mas a reação dela o pegou desprevenido. Ela ergueu para ele uns olhos atônitos, tristes, e seu queixo tremia. Com uma voz que ele mal reconheceu, ela disse:

— Me deixe em paz.

Wyatt não gostou de sentir pena dela de repente. Desejou não ter dito nada, e pouco importava o fato de ter sido provocado. Ela virou as costas e ele começou a estender o braço com a intenção de segurá-la pela roupa, de mantê-la perto de si até conseguir pensar em um jeito de se desculpar sem de fato dizer que sentia muito. Mas então ela girou o corpo com uma expressão furiosa, os olhos marejados. Murmurou alguma coisa que ele só entendeu pela metade — disse *retardado* e em seguida alguma coisa sobre saber ler —, mas o que ele ouviu foi mais do que suficiente. Sentiu uma frieza súbita, quase dolorosa, se espalhar pelo seu peito.

— Se você abrir a boca mais uma vez, eu arranco esse pino da sua língua, sua vadia. Os olhos de Kensington ficaram opacos de ódio. *Ali* estava a Kensington com a qual ele estava acostumado. Ela começou a andar, dando a volta no balcão com suas pernas curtas e grossas, margeando a parede oposta em direção aos fundos da locadora. Uma sensação amarga e nauseante tomou conta dele, misturada com uma súbita irritabilidade. Ela estava indo para o escritório falar com a Sra. Badia; estava correndo para delatá-lo.

Ele resolveu fazer uma pausa; pegou sua jaqueta militar e saiu empurrando as portas de plexiglas. Acendeu um cigarro e ficou em pé

encostado na parede, com os ombros encolhidos. Fumava e tremia, lançando um olhar zangado para o outro lado da rua, na direção da loja de ferragens Miller's.

Wyatt viu a Sra. Prezar entrar com sua caminhonete no estacionamento da Miller's, com os dois filhos dentro do carro. A Sra. Prezar morava no final da sua rua, em uma casa cor de milk shake de morango. Ele já havia cortado a grama do jardim dela — não recentemente, mas alguns anos antes, quando cuidava dos jardins das pessoas.

A Sra. Prezar saltou do carro e andou depressa até a porta da loja. Deixou o carro ligado. Seu rosto era pesado e estava muito maquiado, mas não era feio. Alguma coisa em sua boca — o lábio inferior carnudo, sexy — sempre havia agradado a Wyatt. Sua expressão, quando entrou na loja, era tão vazia quanto a de um robô.

Ela deixou um dos meninos no banco da frente e o outro no banco de trás, preso em uma cadeirinha de bebê. O menino da frente — o nome dele era Baxter, Wyatt não sabia por que se lembrava disso — era magro e comprido, tinha uma estrutura delicada que devia ter herdado do pai. De onde Wyatt estava não dava para ver muito bem o bebê na cadeirinha, via-se apenas um emaranhado de cabelos escuros e um par de mãozinhas rechonchudas acenando.

Assim que a Sra. Prezar entrou na loja de ferragens, Baxter virou o corpo para olhar para o banco de trás. Segurava em uma das mãos uma bala de alcaçuz, e estendeu-a para o irmão menor. Quando o caçula esticou a mão para pegar a bala, Baxter puxou-a para que ele não alcançasse. Em seguida tornou a estendê-la. Quando o irmão se recusou a tentar pegá-la outra vez, Baxter deu-lhe um tabefe com a bala. A brincadeira continuou assim durante algum tempo, até Baxter parar para abrir o invólucro e pôr uma das pontas da bala comprida na boca, para saboreá-la sem pressa. Ele usava um boné do Twin City Pizza — o antigo time de Wyatt. Ele tentou avaliar se Baxter teria idade suficiente para jogar na liga juvenil. Parecia que não, mas talvez eles agora aceitassem crianças mais novas.

Wyatt tinha boas lembranças da liga juvenil. Em seu último ano no Twin City, quase bateu o recorde de bases roubadas da liga. Foi um dos poucos momentos de sua vida em que ele teve certeza de que era melhor em alguma coisa do que qualquer outro menino da sua idade. No fim da temporada, tinha alcançado um total de nove bases roubadas, e só fora

pego uma única vez. Um arremessador canhoto de rosto gordo o havia alcançado depois da primeira base, antes de Wyatt ter oportunidade de fazê-lo tropeçar, e ele de repente se virou correndo de um lado para o outro, encurralado entre duas bases, enquanto os jogadores da primeira e da segunda bases se aproximavam um de cada lado, lançando a bola de um para o outro devagar. No último segundo, Wyatt havia tentado disparar em direção à segunda base, com intenção de se jogar no chão e deslizar até lá... porém, quase na mesma hora em que tomou sua decisão, sentiu que era a decisão errada, e foi invadido por uma sensação de impotência, de estar correndo rumo ao inevitável. O jogador da segunda base — um menino que Wyatt conhecia, Treat Rendell, estrela do time adversário — estava plantado bem no meio do seu caminho, esperando por ele com os pés afastados, e pela primeira vez pareceu a Wyatt que, por mais depressa que corresse, não iria chegar mais perto do seu destino. Na verdade, não se lembrava da marcação interrompendo sua jogada, lembrava-se apenas de ter corrido, e da forma como Treat Rendeu estava no meio do seu caminho, aguardando-o com os olhos tão apertados que pareciam duas fendas.

Isso foi quase no final da temporada, e Wyatt não capturou mais nenhuma base nos últimos dois jogos, ficando duas bases roubadas abaixo do recorde. Nunca mais teve a oportunidade de descobrir do que era capaz. Nos anos seguintes não participou de uma partida sequer, estava sempre suspenso do colégio por motivos acadêmicos ou disciplinares. Na metade do penúltimo ano, descobriu-se que ele tinha uma deficiência de leitura — uma dificuldade para conectar os elementos em frases com mais de quatro ou cinco palavras, e durante anos tivera de dar duro para interpretar qualquer coisa mais comprida do que um título de filme —, e ele foi colocado em uma turma especial junto com um monte de deficientes mentais. O programa se chamava Superferramentas, mas era conhecido na escola inteira por vários outros apelidos, como Superjumentos e Só-para-Idiotas. Wyatt havia encontrado certa vez uma pichação no banheiro masculino que dizia *Istou na Çuper Feramentas & axo çuper legau.*

Passou o último ano do colégio vivendo à margem, sem olhar para as pessoas com quem cruzava no corredor, sem tentar fazer parte do time de beisebol. Treat Rendell, por sua vez, entrou para o time oficial no segundo ano da escola, acertava tudo o que via pela frente, e levou o time a ganhar dois títulos no campeonato regional. Agora era guarda florestal,

dirigia um Crown Victoria turbinado e era casado com Ellen Martin, uma loura platinada, sem dúvida a mais gata das líderes de torcida que Treat tinha a fama de ter traçado.

A Sra. Prezar saiu da loja. Só passou um minuto lá dentro e não havia comprado nada. Estava segurando o casaco embolado em uma das mãos, talvez para se proteger do vento forte. Seus olhos passaram direto por Wyatt pela segunda vez, sem dar sinal de tê-lo reconhecido ou sequer percebido que ele estava ali. Ela se sentou no banco do motorista e fechou a porta com um baque, dando ré tão depressa que saiu cantando pneus.

Ela tampouco o tinha olhado muito quando ele cortava seu gramado. Wyatt se lembrava de uma vez, depois de ter terminado o trabalho no jardim dela, em que entrara na casa por uma porta de correr de vidro que dava para o salão. Tinha passado a manhã inteira cortando sua grama — ela era rica, casada com um executivo de uma empresa de internet, e tinha o maior jardim da rua — e estava queimado de sol e todo se cocando, cheio de mato colado no rosto e nos braços. Ela estava falando ao telefone. Wyatt postou-se junto à porta do lado de dentro da sala, esperando que ela reparasse na sua presença.

E demorou muito. Ela estava sentada diante de uma pequena escrivaninha, enrolando um cacho de cabelos louros com um dos dedos, balançando-se para trás na cadeira, rindo de vez em quando. Tinha cartões de crédito espalhados à sua frente e os estava movendo distraidamente com o dedo mindinho. Mesmo quando ele pigarreou para chamar sua atenção, ela sequer olhou para ele. Ele esperou 10 minutos inteiros, e ela então desligou e virou-se de frente para ele, subitamente assumindo um tom profissional. Disse-lhe que tinha observado enquanto ele trabalhava e que não estava lhe pagando para conversar com todo mundo que passava na rua. Além disso, ela o vira bater o cortador em uma pedra, então, se a lâmina estivesse lascada, iria fazer questão de que ele comprasse uma nova. Ele ganhava 28 dólares pelo trabalho. Ela deu-lhe 30 e disse que ele tinha sorte de ganhar alguma gorjeta. Quando Wyatt saiu, ela já estava rindo de novo ao telefone, mexendo nos cartões de crédito, empurrando-os para formar a letra P.

O cigarro de Wyatt estava quase no fim, mas ele estava pensando em fumar mais um antes de entrar quando a porta se abriu atrás dele. A Sra. Badia saiu, vestindo seu suéter preto e um jaleco branco onde estava

preso o crachá que dizia *Pat Badia, Gerente*. Fez uma careta por causa do frio e abraçou o próprio corpo.

— A Sarah me contou o que você disse — começou a Sra. Badia.

Wyatt aquiesceu, esperou. Gostava razoavelmente dela. Às vezes conseguia lhe contar uma piada.

— Por que você não vai para casa, Wyatt? — disse ela. Ele jogou a guimba no asfalto.

— Tudo bem. Amanhã eu volto e compenso minhas horas. Ela não vai estar trabalhando — falou, gesticulando com a cabeça em direção à locadora.

— Não — disse a Sra. Badia. — Não volte amanhã. Volte na terça-feira que vem para pegar o seu último contracheque.

Por algum motivo, ele levou um instante para compreender. Então compreendeu, e sentiu um calor anormal subir-lhe às faces. A Sra. Badia havia recomeçado a falar.

— Você não pode ameaçar seus colegas de trabalho, Wyatt. Já estou cheia de ouvir as pessoas reclamarem de você. Estou cansada de um episódio atrás do outro. — A Sra. Badia fez uma careta e tornou a olhar na direção da locadora. — Ela está passando por um momento delicado, e você vem e diz que vai arrancar a língua dela!

— Eu *não* falei... era o *piercing* na... a senhora quer saber o que foi que ela me disse?

— O que foi?

Mas Wyatt não respondeu. Não podia repetir para ela o que Kensington tinha dito, porque ele não sabia, não tinha escutado tudo... E, mesmo que soubesse, talvez não contasse à Sra. Badia. O que quer que ela tivesse dito, fora alguma coisa sobre ele não saber ler. Wyatt sempre tentava evitar falar sobre o problema que tinha com gramática, ortografia e todo o resto; era um tema que inevitavelmente provocava mais constrangimento do que ele conseguia suportar.

A Sra. Badia ficou olhando para ele, esperando que falasse alguma coisa. Como ele não disse nada, ela emendou:

— Eu dei a você todas as chances possíveis. Mas, de certa forma, não é justo com os seus colegas de trabalho, não é justo pedir a eles que suportem isso. — Ela passou mais algum tempo olhando para ele, mordiscando o lábio inferior, pensativa. Então lançou um olhar descuidado para os pés dele e começou a se virar. — Amarre os cadarços, Wyatt.

Ela voltou para dentro e ele ficou ali, abrindo e fechando as mãos no ar gelado. Passou devagar em frente à locadora, dobrou a esquina e foi até a lateral da loja que não podia ser vista da rua. Curvou-se e cuspiu. Tirou outro cigarro do maço, acendeu e tragou, esperando as pernas pararem de tremer.

Ele pensou que a Sra. Badia gostasse dele. Tinha ficado depois do expediente algumas vezes para ajudá-la a fechar a loja — coisa que não era obrigado a fazer — pelo simples fato de que era fácil conversar com ela. Conversavam sobre filmes, sobre clientes esquisitos, e ela escutava suas histórias e suas opiniões como se estivesse realmente interessada. Conseguir se dar bem com o chefe era uma experiência incomum para ele. Mas, no fim das contas, tudo havia se revelado a mesma porcaria de sempre. Alguém tinha uma implicância pessoal com ele e não havia investigação justa, ninguém fazia o menor esforço para escutar as partes envolvidas e obter todas as informações. Ela disse *Já estou cheia de ouvir as pessoas reclamarem de você—,* mas não disse que pessoas nem quais eram as reclamações. Disse *Estou cansada de um episódio atrás do outro,* mas não era preciso julgar cada caso isoladamente?

Wyatt jogou longe o cigarro — que caiu sobre o asfalto, fazendo brasas vermelhas pipocarem —, virou-se e começou a andar. Dobrou a esquina com o passo acelerado. As janelas tinham vários cartazes de cinema colados. Kensington estava espiando o estacionamento por entre os cartazes de *Eclipse mortal* e *Os outros.* Tinha os olhos injetados, um pouco fora de foco. Ele pôde perceber, pela expressão tola e sonhadora de seu rosto, que ela achava que Wyatt já tivesse ido embora há muito tempo. Antes de conseguir se controlar, deu um peteleco no vidro bem em cima do rosto dela. Kensington deu um salto para trás, abrindo a boca numa careta de espanto.

Ele se virou e saiu chutando pedras pelo estacionamento. Um carro veio de repente, e o motorista teve de pisar com força no freio para não atropelá-lo, apertando a buzina com raiva. Wyatt ergueu o lábio superior em um sorriso de sarcasmo e fez-lhe um sinal obsceno com as mãos. Então chegou ao final do estacionamento e entrou na mata baixa, coalhada de lixo.

Foi andando por uma trilha estreita; era o caminho que sempre fazia para voltar para casa quando não tinha carona. Entre as árvores havia colchões apodrecidos, empapados de água, sacos de lixo estourando de tão

cheios e aparelhos eletrodomésticos cobertos de ferrugem. Um pequeno córrego tinha sua nascente no Lava-Jato Queen Bee. Não podia vê-lo, mas podia ouvi-lo escorrendo pela vegetação rasteira, e o cheiro de cera barata e xampu para estofado com aroma de cereja às vezes ficava muito forte. Ele agora estava andando lentamente, com a cabeça enfiada entre os ombros. Na penumbra cada vez mais escura do início da noite era difícil ver os galhos mais finos que se projetavam para o meio da trilha, e Wyatt não tinha a menor intenção de ficar esbarrando neles.

A trilha acabava no final de um beco que margeava um laguinho raso, visivelmente poluído. O beco o levaria até a auto-estrada 17K, e logo adiante ficava a estradinha que conduzia ao Parque Ronald Reagan, onde Wyatt morava em uma casa de um andar com a mãe, já que o pai tinha fugido para as montanhas anos antes — e já foi tarde. A estradinha, cheia de mato, era pouco usada. Às vezes havia carros parados ali, mas era pelos motivos que em geral levam as pessoas a lugares como aquele. Porém, quando Wyatt deixou para trás o último trecho de vegetação rasteira, já para os lados da auto-estrada, viu um carro estacionado ali.

A essa altura, as sombras debaixo das árvores formavam uma escuridão já bem próxima da noite de verdade — embora, olhando para cima, ele ainda pudesse ver alguma cor no céu, um roxo pálido que ia se transformando em amarelo-ouro. O carro estava em cima de um leve declive, e ele só o reconheceu quando chegou perto. Era a caminhonete da Sra. Prezar. A porta do motorista estava aberta.

Wyatt hesitou a alguns passos de distância, com o ar estranhamente preso nos pulmões, sem entender por quê. A princípio, achou que o carro estivesse vazio. Nenhum som saía dele, com exceção de alguns fracos estalos debaixo do capo onde o motor esfriava. Então viu o menino de quatro anos e cabelos pretos no banco de trás, ainda preso à cadeirinha infantil. O queixo do menino estava caído sobre o peito e seus olhos estavam fechados. Ele parecia estar dormindo.

Wyatt olhou em volta à procura da Sra. Prezar e Baxter, examinou as árvores e a margem do laguinho. Não podia imaginar por que alguém deixaria o menino dormindo daquele jeito. Mas então, quando tornou a olhar para o carro, viu a Sra. Prezar. Ela estava sentada no banco do motorista, curvada, de modo que Wyatt só conseguia ver o topo de sua cabeça loura pousada em cima do volante.

Precisou de alguns instantes antes de conseguir se mexer. Era difícil seguir em frente, estava muito perturbado com aquela cena. O menino adormecido no banco de trás lhe dava medo. À luz do crepúsculo, o rosto do garoto parecia inchado e levemente azulado.

Deu a volta com cuidado pela lateral do carro e parou novamente. O que viu deixou-o sem ar. A Sra. Prezar estava se balançando de leve para a frente e para trás. Baxter estava deitado no seu colo. Seus olhos estavam abertos, fixos. Ele havia perdido o boné do Twin City Pizza em algum lugar. Sua cabeça estava quase raspada, coberta por uma penugem sem cor. Seus lábios tinham um vermelho tão vivo que ele parecia estar usando batom. A cabeça estava jogada para trás, dando a impressão de que olhava para Wyatt. A primeira coisa que ele viu foi o talho na garganta de Baxter, uma linha preta reluzente mais ou menos do formato de um anzol. Havia outro ferimento em sua bochecha. Lembrava uma lesma preta e comprida colada em seu rosto muito branco.

Os olhos da Sra. Prezar também estavam arregalados, além de vermelhos e irritados de tanto chorar, mas ela não fazia barulho nenhum. Havia quatro compridas manchas de sangue na lateral de seu rosto, marcas deixadas pelos dedos de uma criança. Ela sorvia o ar em golfadas trêmulas.

— Ai, meu Deus — sussurrava toda vez que soltava o ar. — Ai, Baxter. Ai, meu Deus. Wyatt deu um passo para trás, recuando inconscientemente, e pisou na tampa plástica de um copo de refrigerante usado; ouviu-a amassando sob seu calcanhar. Os ombros da mulher saltaram, em um reflexo, e ela lançou-lhe um olhar esgazeado.

— Sra. Prezar — disse ele numa voz que mal reconheceu, abafada e áspera. Esperava lamentos e gritos mas, quando falou, foi com um sussurro quase inaudível.

— Por favor, ajude a gente.

Ele percebeu que a bolsa dela estava no chão, ao lado da porta do carro, junto com alguns dos objetos espalhados na lama.

— Vou chamar alguém — disse ele, imediatamente se preparando para subir correndo de volta à estradinha. Em um minuto estaria na 17K e poderia pedir ajuda a algum carro que estivesse passando.

— Não — disse ela com um tom de urgência súbita, assustada. — Não vá. Estou com medo. Não sei para onde ele foi. Ele ainda pode estar

em algum lugar por aí. Pode ter ido só se limpar. — Ela lançou um olhar de pânico para o laguinho.

— Quem? — perguntou Wyatt, olhando na direção do laguinho, o barranco íngreme, as fileiras compactas de arvorezinhas raquíticas, com uma desoladora sensação de alarme.

Ela não respondeu a sua pergunta e acrescentou:

— Eu tenho um celular. Não sei onde está. Ele levou, mas acho que deixou cair no chão ao lado do carro. Ai, meu Deus, ai, meu Deus. Você pode procurar? Ai, meu Deus, por favor, não deixe ele voltar.

Wyatt estava com a boca seca e sentia engulhos, mas moveu-se automaticamente para a frente, percorrendo com o olhar a área em volta da bolsa caída. Agachou-se, em parte para conseguir ver melhor o chão, em parte para ficar fora do campo de visão de qualquer pessoa que se aproximasse do carro pelo outro lado, o lado virado para o lago. Alguns papéis e um lenço amarfanhado haviam caído da bolsa. Uma das pontas do lenço — de seda, com fios cintilantes amarelos e vermelhos — flutuava em cinja de uma poça.

— Está na sua bolsa? — perguntou Wyatt, abrindo-a.

— Talvez. Não sei.

Ele vasculhou a bolsa, encontrou outros papéis, um batom, um estojo de pó compacto, pequenos pincéis de maquiagem, mas nenhum celular. Deixou a bolsa cair e ficou olhando fixamente para o chão o lado da caminhonete, mas era difícil distinguir muita coisa com as sombras do início da noite.

— Ele foi na direção da água? — perguntou Wyatt, com a garganta latejando.

— Não sei. Ele entrou no carro no sinal. Eu estava esperando o sinal abrir. Ele disse que não ia machucar a gente se eu fizesse o que ele queria. Ai, meu Deus, Baxter. Desculpe. Desculpe por ele ter machucado você. Desculpe por ele ter feito você chorar.

Ao ouvir o nome de Baxter, Wyatt ergueu os olhos, não pôde evitar fazê-lo, não foi capaz de ouvir o nome do menino sem sentir uma compulsão terrível de olhar para ele de novo. Ficou surpreso ao ver como o rosto de Baxter estava perto do seu. A cabeça dele pendia em cima das coxas da mãe, a menos de um metro de onde Wyatt estava. Ele estava vendo o rosto do menino de cabeça para baixo, o ferimento escuro de faca em seu rosto, os lábios vermelhos de palhaço — vermelhos por causa da

bala de alcaçuz, não do sangue, percebeu em um súbito clarão de lembrança —, os olhos arregalados, vidrados. Baxter fitava sem expressão alguma coisa por cima do ombro de Wyatt, com os olhos turvos; então esses olhos se agitaram de leve e se fixaram nele.

Wyatt soltou um grito. Pôs-se de pé atabalhoadamente.

— Ele não está... — disse, arfante, os pulmões sorvendo o ar com força. Era difícil absorver oxigênio suficiente para falar. Engoliu em seco e tentou de novo. — Ele não está... — Mas olhou para a Sra. Prezar e tornou a parar.

Até então, não tivera ângulo para ver a mão direita dela, que descansava sobre a perna de Baxter. Estava fechada em volta do cabo de uma faca.

Ele achou que estivesse reconhecendo aquela faca. Eram vendidas em estojos de plástico transparente na loja de ferragens Miller's, no balcão à esquerda da porta, logo depois das araras de jaquetas camufladas. Wyatt lembrou-se de uma delas em especial, com uma lâmina de 25 centímetros serrilhada em um dos lados, o aço polido até adquirir um brilho de espelho. Wyatt havia entrado lá certa vez e reparado na faca. Talvez tivesse até pedido para vê-la. Era a primeira que qualquer pessoa iria notar. E ele se lembrou do modo como a mulher saíra da Miller's, com o casaco embolado debaixo do braço, sem nenhuma sacola.

Ela o viu observando a faca. Desviou os olhos de Wyatt e fitou também a faca por alguns instantes, olhando-a com uma expressão de espanto, de quem não fazia idéia de como algo assim tinha ido parar na sua mão. Como se, talvez, não fizesse idéia de como se usava tal instrumento. Então voltou-se novamente para ele.

— Ele deixou cair — disse, mirando Wyatt com um olhar quase de súplica. — As mãos dele estavam sujas de sangue e ele enfiou a faca no Baxter. Quando tentou tirar, a faca escorregou de suas mãos. Caiu no chão e eu peguei. Foi por isso que ele não me matou. Porque eu estava com a faca. Foi por isso que ele saiu correndo.

A mão fechada em volta do cabo de Teflon estava toda banhada de sangue; o líquido vermelho escurecia cada sulco dos nós de seus dedos e as cutículas ao redor das unhas. Gotas de sangue ainda escorriam da manga impermeável do seu casaco, pingando sobre o assento de couro.

— Vou correndo buscar ajuda — disse ele, mas não teve certeza se ela o escutou. Falou tão baixinho que ele próprio mal conseguiu escutar.

Estava com as mãos erguidas na frente do corpo, as palmas para fora, em um gesto defensivo. Não sabia há quando tempo estava naquela posição.

Ela pousou um dos pés no chão e começou a se levantar. O movimento brusco o alarmou e ele recuou um passo. Então alguma coisa aconteceu com seu pé direito: ele tentou dar um passo para trás, mas de alguma forma o pé estava preso no chão e não se mexeu. Ele olhou para baixo a tempo de ver que estava pisando no cadarço desamarrado de seu tênis, e então cambaleou e perdeu o equilíbrio, desabando para a frente.

O impacto foi forte o suficiente para deixá-lo sem ar. Ele se estatelou de costas sobre um tapete úmido de folhas. Olhou para o céu lá em cima, que agora tinha um tom violeta-escuro, marcado aqui e ali pelas primeiras e mais brilhantes estrelas vespertinas. Sua vista lacrimejou. Ele piscou e sentou.

Ela estava fora do carro, a um metro de Wyatt. Segurava o tênis dele em uma das mãos e a faca na outra. O sapato havia saído completamente. Seu pé direito estava agora calçado apenas com uma meia soquete cinza, frio por causa da umidade gelada.

— Ele deixou cair — repetiu ela. — O homem que atacou a gente. Eu não faria isso. Meus filhinhos. Não iria machucar ninguém. Eu só peguei a faca.

Ele se levantou aos tropeços e pulou para longe dela em um pé só, colocando muito pouco peso no pé direito para evitar que afundasse na massa fria das folhas. Queria o tênis de volta antes de sair correndo. Olhou para o calçado — ela o estava estendendo na sua direção — e em seguida para a faca. A mão direita dela, a que segurava a arma, pendia inerte ao lado do corpo.

Novamente ela acompanhou o olhar dele e baixou o seu para a faca, depois virou para trás. Sacudiu a cabeça lentamente de um lado para o outro, em algum tipo de negação muda.

— Eu não faria isso — disse, deixando cair a faca. Inclinou-se na direção de Wyatt, oferecendo o sapato. — Tome.

Ele deu um passo na direção dela e tentou pegar o tênis com um puxão, mas ela não quis largá-lo. Quando soltou, foi apenas para agarrar o braço de Wyatt. Suas unhas se enterraram na carne macia da parte interna de seu pulso, pressionando dolorosamente a pele. Aquilo o assustou, a forma repentina como ela o segurou, a força de seu aperto.

— Não fui eu — disse ela. Ele tentou se desvencilhar. A outra mão dela estava segurando seu casaco aberto, seu suéter, sujando-o de sangue. — O que você vai dizer às pessoas? — perguntou ela.

Com o pânico que sentia, ele não teve certeza de tê-la escutado direito, e pouco lhe importava. Queria que ela o largasse. As unhas dela estavam se cravando profundamente em sua carne, mas, pior do que isso, ele estava ficando sujo de sangue, toda a sua mão, seu pulso, seu casaco. O sangue era pegajoso e desagradavelmente quente, e mais do que tudo ele não queria que ela o encostasse na sua pele. Wyatt agarrou a mão e o pulso esquerdos dela e tentou fazê-la soltar, apertou até sentir os ossos de seu pulso estalarem. Ela balbuciava coisas sem sentido, mantendo-o preso. Sua mão direita se fechou sobre o ombro dele, os dedos apertaram a junta com força, ele deu um safanão no braço dela e a empurrou, sem muita força, apenas para afastá-la. Os olhos da mulher se esbugalharam e ela soltou um gritinho medonho, sufocado. Sua mão direita se levantou e ela de repente começou a arranhar o rosto dele. Wyatt sentiu as unhas dela dilacerando sua pele, a ardência quente do sangue nos cortes recém-abertos.

Agarrou a mão dela e dobrou seus dedos para trás, até quase encostarem no dorso da mão. Então lhe deu um empurrão no peito e pôde ouvir o ar sair de dentro dela com uma golfada. Quando ela se recuperou e se dobrou para a frente, Wyatt a acertou no rosto, um golpe direcionado para baixo que fez os nós de seus dedos doerem. Ela cambaleou, trôpega, agarrando o casaco dele, e, ao cair no chão, levou-o junto consigo. Ainda o estava segurando pelo pulso, rasgando-lhe a pele com as unhas. Mais do que nunca, ele precisava se soltar. Agarrou-a pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás com força, até ela ficar com o pescoço exposto na sua direção. Ela arquejou e soltou o braço dele, tentando lhe dar um tapa no rosto enquanto Wyatt socava sua garganta.

Ela engasgou. Ele soltou seus cabelos e a cabeça dela caiu para a frente. Ela segurou o pescoço com as duas mãos e ficou ajoelhada, com os ombros curvados e os cabelos escondendo o rosto, respirando de forma irregular. Então olhou para a faca no chão atrás dela. Tirou a mão direita do pescoço e começou a se esticar para pegá-la, mas não foi rápida o suficiente, e ele se jogou na sua frente e pegou a arma do chão. Ele virou-se e golpeou o ar com a lâmina para mantê-la afastada.

Wyatt estava em pé a poucos metros dela, com a respiração também difícil, encarando-a. Ela o encarava de volta, do chão. Os cabelos cobriam seu rosto, mas ela o olhava por entre os cachos desgrenhados, empapados de sangue. Tudo o que ele conseguia ver era a parte branca de seus olhos. Ela agora estava respirando mais lentamente. Ficaram se estudando desse jeito durante cerca de cinco segundos.

— Socorro — disse ela com a voz rouca. — Socorro. Ele continuou a encará-la.

Ela se levantou, trôpega.

— Socorro — repetiu pela terceira vez.

Ele sentia arder o lado esquerdo de seu rosto, onde ela o havia arranhado. A dor estava especialmente forte perto do olho.

— Vou contar às pessoas o que você fez — disse ele.

Ela passou mais alguns instantes encarando-o, depois se virou e começou a correr.

— Socorro — gritava ela. — Alguém me ajude. — Ele pensou em sair correndo atrás dela e fazê-la parar de gritar, só que não sabia como agir se conseguisse alcançá-la, então deixou-a ir embora.

Deu alguns passos na direção do carro e apoiou um dos braços na porta aberta, descansando seu peso. Estava atordoado. Ela já estava bem mais à frente na estrada, uma forma escura destacada contra a sombra clara da mata.

Durante um tempo curto, Wyatt ficou ali em pé, ofegando. Então, por acaso, sua atenção voltou-se para baixo, e ele viu Baxter olhando para cima, para ele, com os olhos grandes e redondos no rosto fino e delicado. Wyatt viu, com uma nova onda de choque, a língua do menino se mexer dentro da boca aberta e vermelha, como se ele quisesse dizer alguma coisa.

Seu estômago se contraiu. Ele sentiu as pernas bambas quando tornou a olhar para o menino, para o talho em seu pescoço, para aquele formato de anzol que começava atrás da orelha direita e se curvava para baixo até logo depois do pomo-de-adão. Ao olhar diretamente para ele, Wyatt pôde ver o sangue ainda esguichando do ferimento em jatos espessos, lentos. O banco debaixo da cabeça de Baxter era uma poça vermelha.

Ele contornou a porta aberta e ficou em pé na frente de Baxter. Olhou para ver se as chaves do carro ainda estavam na ignição, achando

que talvez conseguisse dirigir até a 17K e depois... Mas as chaves não estavam lá, e quem poderia saber onde estavam? O sangramento. A coisa mais importante a fazer em uma situação como aquela era estancar o sangramento. Ele vira isso num seriado de TV. Você pegava uma toalha e a embolava, encostava-a no ferimento e fazia pressão até o socorro chegar. Ele não tinha nenhuma toalha, mas havia o lenço no chão ao lado do carro. Ele se ajoelhou e pegou o lenço. Uma das pontas estava molhada e pingando lama. Por um instante, sentiu repulsa e enjôo, depois embolou o lenço e o apertou sobre o talho no pescoço do menino. Podia sentir o sangue pulsando através do tecido.

Feito de seda fina, quase transparente, o lenço já estava molhado por causa da poça, e em poucos instantes ficou empapado. O sangue começou a escorrer por suas mãos, pela parte interna de seus braços. Ele soltou, deixou o pedaço de seda cair e limpou as mãos compulsivamente na camisa. Baxter olhava para ele com olhos atônitos, vidrados. Azuis como os da mãe.

Wyatt começou a chorar. Não percebeu que iria fazê-lo até já estar fazendo. Não conseguia se lembrar da última vez que havia chorado compulsivamente. Pegou alguns dos papéis que haviam caído da bolsa da Sra. Prezar e tentou pressioná-los por cima do ferimento, mas eles foram ainda mais inúteis do que o lenço. Eram papéis brancos brilhantes, nada absorventes, várias páginas grampeadas juntas; à luz do crepúsculo, Wyatt viu que estava segurando um extrato de cartão de crédito. Carimbadas na primeira página estavam as palavras PAGAMENTO EM ABERTO escritas com tinta vermelha.

Pensou em esvaziar o que ainda houvesse dentro da bolsa à procura de algo para usar como compressa, então tirou a jaqueta, despiu a camisa branca que usava para trabalhar e pressionou-a sobre o ferimento. Ficou apertando-a com as duas mãos, usando a maior parte do peso do corpo. Naquela luz mortiça, a camisa era quase fosforescente de tão branca; mas então ele viu uma mancha escura brotar através do pano e se espalhar, embebendo todo o tecido. Tentou pensar no que fazer em seguida, mas nada lhe ocorreu. Teve um clarão de lembrança de Kensington limpando a língua com lenços de papel, a forma como cada bolinha logo ficava ensopada de vermelho. Ocorreu-lhe uma idéia estranha para ele, uma idéia que interligava Kensington e o pino prateado em sua língua com o talho na garganta de Baxter; pensou em como os jovens eram feridos pelo amor,

corpos inocentes dilacerados e destruídos sem motivo exceto a conveniência de alguém que um dia os havia amado.

A mão esquerda de Baxter se ergueu na lateral de seu corpo. Wyatt quase deu um grito quando a viu na periferia de sua visão, uma forma branca aterradora deslizando na escuridão. Os dedos de Baxter se agitaram na direção de sua garganta. Então Wyatt teve uma idéia. Pegou a mão esquerda do menino e apertou-a em cima da compressa. Esticou o braço para dentro do carro, achou a outra mão e colocou-a por cima da primeira. Quando soltou, as duas mãos permaneceram em cima da camisa cheia de sangue. Estavam segurando de forma frouxa, mas mantinham-na no lugar.

— Vou ali só um minutinho — disse Wyatt, tremendo violentamente. — Vou ali chamar alguém. Vou até a estrada e vou chamar alguém e a gente vai levar você para o hospital. Você vai ficar bom. É só ficar segurando isso no seu pescoço. Você vai ficar bom, eu juro.

Baxter o fitava, sem expressão. Seus olhos tinham um aspecto fosco, embaçado, que não agradou a Wyatt. Ele se levantou e começou a correr. Correu alguns metros, então tirou o tênis que ainda estava calçando e recomeçou.

Ele impôs toda a sua velocidade, esticando bem as pernas, arfando por causa do ar frio e úmido. O único som que se ouvia eram as pancadas pesadas de seus pés sobre a terra dura. Pareceu-lhe, porém, que ele costumava ser mais veloz do que isso, que quando era mais jovem a corrida exigia menos esforço. Não havia ido muito longe quando sentiu a forte fisgada de uma cãibra na lateral do abdômen. Embora respirasse em grandes golfadas, não conseguia puxar ar suficiente para dentro dos pulmões. Talvez fossem os cigarros. Abaixou a cabeça e continuou a correr, mordendo o lábio, tentando não pensar em quão mais depressa poderia estar indo caso não estivesse sentindo aquela dor. Wyatt olhou para trás e viu que só havia percorrido uma centena de metros, que ainda conseguia ver o carro. Havia recomeçado a chorar. Enquanto corria, fez uma prece. As palavras lhe saíam da boca em jatos sussurrados a cada expiração.

— Por favor, meu Deus — murmurava ele para a escuridão de fevereiro. Por mais que se afastasse, não sentia que estava chegando perto da auto-estrada. Era como estar novamente encurralado entre duas bases, a mesma sensação de impotência, de ir rumo ao inevitável. Voltou a rezar.

— Por favor, faça com que eu corra rápido. Faça com que eu corra rápido de novo. Rápido como antigamente.

Na curva seguinte da estradinha, a 17K apareceu a menos de 400 metros de distância. Havia um poste de luz no final da rua, e um carro estava parado debaixo dele. Era um Crown Victoria marrom com um farol de polícia em cima do teto, desligado. *Um carro da guarda florestal,* pensou Wyatt, aliviado. Engraçado ele estar justamente pensando no dia em que ficara encurralado entre duas bases; quem sabe o guarda florestal no final das contas fosse Treat Rendell? Um homem — àquela distância, apenas uma silhueta preta — saltou do carro e ficou em pé junto ao capô. Wyatt começou a gritar e a agitar os braços pedindo socorro.

A CAPA

ÉRAMOS PEQUENOS.

Eu era o Raio Vermelho, e subi no tronco do olmo morto no canto do nosso quintal para fugir do meu irmão, que não era ninguém, só ele mesmo. Ele estava esperando a visita de uns amigos e queria que eu não existisse, mas eu não podia fazer nada: eu existia.

Eu estava com a máscara dele e disse que, quando seus amigos chegassem, eu iria revelar a sua identidade secreta. Ele falou que eu estava frito e ficou em pé debaixo da árvore atirando pedras em mim; mas ele atirava feito uma menina, e eu logo subi alto demais para ele conseguir me alcançar."

Ele já estava muito velho para brincar de super-herói. Isso havia acontecido de repente, sem aviso. Ele tinha passado vários dias antes do Halloween vestido de Corisco, um super-herói tão veloz que o chão derretia sob seus pés quando ele corria. Então o Halloween passou e ele não quis mais ser super-herói. Mais do que isso, queria que todo mundo esquecesse que ele um dia tinha sido super-herói, ele próprio queria esquecer, só que eu não deixava, porque estava no alto de uma árvore com a sua máscara, e os amigos dele estavam chegando.

Fazia muitos anos que o olmo estava morto. Sempre que ventava, as rajadas arrancavam galhos e os jogavam pelo gramado. A casca escamosa se soltava e estalava debaixo das solas dos meus tênis. O meu irmão não estava inclinado a me seguir — aquilo era indigno demais para ele —, e era inebriante poder fugir dele.

No início, fui subindo sem pensar, indo mais alto do que jamais tinha ido. Entrei numa espécie de transe subindo aquela árvore, encantado com a altitude e com a minha agilidade de menino de sete anos. Então ouvi meu irmão gritar que não estava nem prestando atenção em mim (prova cabal de que estava), e lembrei-me de que fora ele quem me mandara subir, para começo de conversa. Avistei um galho comprido, horizontal, em que eu poderia me sentar, deixar os pés pendurados e provocar meu irmão até fazê-lo ficar louco de raiva. Vesti a capa por cima dos ombros e continuei a subir, com esse objetivo em mente.

A capa havia começado sua vida como meu cobertor azul da sorte, e me fazia companhia desde que eu tinha dois anos de idade. Com o passar do tempo, a cor havia passado de um azul escuro e lustroso para um cinza de pombo cansado. Minha mãe o havia cortado até deixá-lo do tamanho de uma capa e costurado um raio de feltro vermelho no centro. Havia também um bordado da Marinha que pertencera a meu pai. Exibia o número 9 cortado por um raio. O bordado havia voltado do Vietnã dentro do baú do meu pai. Ele não viera junto. Minha mãe hasteou a bandeira preta de prisioneiro de guerra na varanda da frente, mas até eu sabia que meu pai não era prisioneiro de ninguém.

Eu colocava a capa assim que chegava em casa do colégio, ficava mastigando a bainha enquanto via televisão, limpava a boca com ela à mesa do jantar e, quase todas as noites, adormecia enrolado nela. Tirá-la me doía. Sem ela, eu me sentia nu e vulnerável. Ela era comprida o suficiente para me fazer tropeçar caso eu não tomasse cuidado.

Alcancei o galho alto, passei uma das pernas por cima e montei. Se meu irmão não estivesse presente para testemunhar o que aconteceu em seguida, eu próprio não teria acreditado. Mais tarde, teria dito a mim mesmo que fora uma fantasia produzida pelo pânico, uma ilusão que tomara conta de mim em um instante de terror e choque.

Nicky estava 5 metros mais abaixo, olhando para mim com fúria e dizendo o que iria fazer comigo quando eu descesse. Eu ergui sua máscara, uma máscara preta de Cavaleiro Solitário com buracos no lugar dos olhos, e acenei com ela.

— Venha me pegar, Corisco — falei.

— Espero que você esteja pretendendo ficar aí em cima para sempre.

— Você fede como merda.

— Tá bom. Agora você está ferrado — disse ele.

Meu irmão era tão ruim em dar resposta quanto em atirar pedras.

— Corisco, Corisco, Corisco — entoei, porque o nome em si já era um insulto. Enquanto repetia isso, eu ia me arrastando pelo galho. Abaixei a mão direita para segurar a capa, que havia escorregado do meu ombro. Quando tentei tornar a avançar, a capa prendeu e eu me desequilibrei. Ouvi o pano se rasgar. Caí com força em cima do galho, ralando o queixo, abraçando-o com as duas mãos. O galho se vergou abaixo de mim, subiu,

tornou a se vergar... e eu ouvi um estalo, um ruído seco que ecoou bem alto no ar gelado de novembro. Meu irmão empalideceu.

— Eric! — gritou ele. — Segura firme, Eric!

Por que ele disse que eu me segurasse? O galho estava se partindo — eu precisava era sair dele. Será que ele estava chocado demais para perceber isso, ou parte dele queria me ver cair? Congelei, lutando mentalmente para pensar o que fazer, e nesse meu instante de hesitação o galho cedeu.

Meu irmão deu um salto para trás. O galho de l,5m se quebrou, bateu no chão e se espatifou, fazendo casca e gravetos voarem. O céu acima de mim virou de ponta-cabeça. Meu estômago deu um salto mortal nauseante.

Levei um segundo para registrar que eu não estava caindo, que estava olhando para o quintal lá embaixo como se ainda estivesse sentado num galho de árvore bem alto.

Lancei um olhar nervoso para Nicky. Ele me olhou de volta, embasbacado.

Meus joelhos estavam encolhidos em direção ao peito. Meus braços estavam abertos um para cada lado, como que para me equilibrar. Eu flutuava no ar, sem nada me segurando. Balancei-me para a direita. Rolei para a esquerda. Parecia um joão-teimoso.

— Eric? — chamou meu irmão com a voz fraca.

— Nicky? — respondi, com a voz igual. Uma brisa soprava através dos galhos sem folhas do olmo, fazendo-os estalarem e chacoalharem uns contra os outros. A capa sobre meus ombros esvoaçava.

— Desça daí, Eric — disse meu irmão. — Desça.

Reuni toda a minha coragem e forcei-me a olhar por cima de meus joelhos para o chão lá embaixo. Meu irmão estava em pé, com os braços estendidos para o céu, como se fosse agarrar meu tornozelo e me puxar para baixo, embora estivesse longe demais para isso e afastado demais para ter qualquer esperança de fazê-lo.

Alguma coisa brilhou no canto da minha visão, e ergui os olhos. A capa ficava presa em volta do meu pescoço com um alfinete de fralda dourado, espetado em dois cantos opostos do cobertor. Mas o alfinete rasgara um dos cantos e pendia inútil do outro. Lembrei-me, então, do barulho de rasgão que havia escutado ao cair por cima do galho. Nada estava prendendo a capa a mim.

O vento deu uma nova rajada. A árvore gemeu. A brisa correu pelos meus cabelos e arrancou a capa das minhas costas. Eu a vi sair voando, como se estivesse sendo puxada por fios invisíveis, levando meu apoio junto com ela. No instante seguinte, comecei a rolar para a frente, e o chão se aproximou de mim com uma velocidade aterrorizante, tão depressa que não houve tempo de gritar.

Bati na terra dura, aterrissando em cima do galho espatifado. Um comprido espeto de madeira perfurou meu peito, logo abaixo da clavícula. Quando sarou, deixou uma cicatriz brilhante na forma de uma lua crescente, minha característica mais marcante. Quebrei a perna, pulverizei a rótula esquerda e fraturei o crânio em dois lugares. Saiu sangue do meu nariz, da minha boca, dos meus olhos.

Não me lembro da ambulância, embora tenha ficado sabendo que não cheguei a perder os sentidos. Lembro-me, isso sim, do rosto pálido e assustado do meu irmão curvado sobre o meu quando ainda estávamos no quintal. Minha capa estava embolada na mão dele. Inconscientemente, ele a torcia, dando nós.

Caso eu tivesse qualquer dúvida quanto ao fato de aquilo ter realmente acontecido, esta foi dissipada dois dias depois. Eu ainda estava no hospital quando meu irmão amarrou a capa em volta do pescoço e pulou do alto da escada da frente da nossa casa. Caiu todos os 18 degraus e deu de cara com o último. O hospital conseguiu interná-lo no mesmo quarto que eu, mas não conversamos. Ele passava a maior parte do dia de costas para mim, olhando para a parede. Não sei por que ele não queria me olhar — talvez estivesse com raiva porque a capa não havia funcionado com ele, ou com raiva de si mesmo por ter pensado que fosse funcionar, ou simplesmente com medo de como as outras crianças iriam gozar da cara dele quando soubessem que ele havia quebrado a cara tentando bancar o Super-Homem —, mas pelo menos consegui entender por que não conversamos. Seu maxilar estava preso por arames. Ele precisou de seis pinos e quatro cirurgias corretivas para seu rosto recuperar algum traço do que havia sido antes.

Quando nós dois saímos do hospital, a capa havia desaparecido. Minha mãe nos contou no carro. Ela a havia jogado no lixo que foi para o aterro sanitário, onde seria incinerada. Ninguém mais iria voar na casa da família Shooter.

Depois do meu acidente, virei um menino diferente. Meu joelho latejava quando eu andava demais, quando chovia, quando fazia frio. Luzes fortes me davam enxaquecas terríveis. Eu tinha dificuldade para me concentrar durante longos períodos, e achava complicado acompanhar uma aula do início ao fim, deixando-me levar ocasionalmente por fantasias no meio de alguma prova. Não podia correr, então era péssimo atleta. Não conseguia pensar, então era ainda pior como aluno.

Tentar acompanhar as outras crianças era um suplício, por isso, depois do colégio, eu ficava em casa lendo gibis. Não saberia dizer qual era meu super-herói preferido. Não me lembro de nenhuma das minhas histórias favoritas. Eu lia gibis compulsivamente, sem qualquer prazer particular nem qualquer pensamento especial, lia-os somente porque, quando via um, era incapaz de não lê-lo. Era fascinado por impressões de baixa qualidade, cores berrantes e identidades secretas. Os gibis me dominavam como se fossem uma droga, com suas imagens de homens zunindo pelo céu afora, rompendo as nuvens ao passar através delas. Quando os lia, parecia que eu estava vivendo. Todo o resto ficava um pouco fora de foco, os sons ficavam baixos demais, as cores não brilhavam o suficiente.

Passei mais de 10 anos sem voar.

EU NÃO ERA UM COLECIONADOR E, SE NÃO FOSSE O MEU IRMÃO, TERIA simplesmente deixado os gibis empilhados. Mas Nick os lia com a mesma compulsão que eu, e nutria por eles o mesmo fascínio. Durante anos, manteve-os guardados em sacos plásticos, organizados alfabeticamente em compridas caixas brancas.

Então, certo dia, quando eu tinha 15 anos e Nick estava entrando no último ano do ensino médio, ele chegou em casa com uma menina, acontecimento até então inédito. Ele a deixou na sala comigo, disse que ia largar a mochila no andar de cima, depois subiu correndo até o quarto e jogou fora nossos gibis, todos eles, os dele e os meus, quase 800 números. Enfiou-os dentro de dois sacos de lixo grandes e colocou-os atrás da casa, do lado de fora.

Eu entendo por que ele fez isso. Namorar era difícil para Nick. Ele era inseguro em relação ao seu rosto operado, que na verdade não era tão ruim assim. Seu maxilar e seu queixo talvez fossem um pouco mais

quadrados do que o normal, a pele esticada demais por cima dos ossos, então de vez em quando ele parecia uma caricatura de algum herói mal-encarado de história em quadrinhos. Estava longe de ser o Homem-Elefante, embora houvesse algo de terrível em suas tentativas retesadas de sorrir, na forma como ele parecia sentir dor ao mover os lábios para exibir os dentes grandes, brancos e falsos, perfeitos como os de Clark Kent. Ele não parava de se olhar no espelho à procura de algum sinal de desfiguramento, do defeito que fazia os outros evitarem a sua companhia. Não se sentia à vontade com garotas. Eu próprio já tivera mais relacionamentos do que ele, e era três anos mais novo. Com tudo isso pesando contra ele, Nick não podia se dar ao luxo de não ser um cara bacana. Os nossos gibis tinham de sumir.

O nome dela era Angie. Era da mesma idade que eu e tinha sido transferida de outro colégio, portanto era novata demais na escola para saber que o meu irmão era um panaca. Ela tinha cheiro de incenso e usava uma boina de crochê feita à mão com as cores da bandeira da Jamaica — vermelho, amarelo-ouro e verde. Tínhamos aula de inglês juntos, e ela me reconheceu. No dia seguinte haveria uma prova sobre O *senhor das moscas*. Perguntei a ela o que tinha achado do livro, e ela disse que ainda não tinha terminado, e eu disse que podia ajudá-la a estudar se ela quisesse.

Quando Nick voltou da expedição de dar fim à nossa coleção de gibis, estávamos os dois deitados de bruços, lado a lado, assistindo a *Spring Break* na MTV. Eu tinha pego o romance e estava lendo alguns trechos que havia selecionado, algo que em geral nunca fazia. Como eu já disse, era um péssimo aluno, desmotivado, mas O *senhor das moscas* me deixara empolgado, distraíra minha imaginação durante mais ou menos uma semana e me dera vontade de viver descalço e nu em uma ilha, com a minha própria tribo de meninos para dominar e chefiar em rituais selvagens. Lia e relia os trechos em que Jack pintava o rosto, tomado por um desejo de também passar lama colorida no rosto, de ser primitivo, impenetrável e livre.

Nick se sentou do outro lado de Angie, emburrado por não querer partilhar a atenção dela comigo. Não conseguiu conversar conosco sobre o livro — nunca o tinha lido. Ele sempre havia cursado aulas avançadas de inglês em que as leituras obrigatórias eram Milton e Chaucer. Enquanto isso, eu tirava C em "aventuras de inglês", um curso para os futuros

zeladores e técnicos de ar-condicionado do mundo. Éramos os alunos burros, aqueles que não chegariam a lugar nenhum e, pela nossa estupidez, éramos recompensados com os livros mais divertidos.

De vez em quando, Angie parava para ver o que estava passando na TV e fazer alguma pergunta provocadora: *Vocês acham aquela garota uma gata?* ou *Apanhar de uma mulher seria uma vergonha, ou a graça é justamente essa?* Nunca ficava claro com quem ela estava falando, e em geral quem respondia primeiro era eu, só para preencher os silêncios. Nick se comportava como se o seu maxilar ainda estivesse preso por arames, e sorria um sorriso amarelo quando as minhas respostas a faziam rir. Uma vez, quando ela estava dando uma risada especialmente gostosa, pôs a mão no meu braço. Nick fez cara feia por causa disso também.

ANGIE E EU FOMOS AMIGOS DURANTE DOIS ANOS ANTES DO NOSSO PRIMEIRO beijo, dentro de um closet, os dois bêbados em uma festa, com outras pessoas rindo e gritando nossos nomes do outro lado da porta. Transamos pela primeira vez três meses depois disso, no meu quarto, com as janelas abertas, banhados por uma brisa fresca que tinha um aroma doce de pinheiro. Depois dessa primeira vez, ela perguntou o que eu pretendia fazer quando crescesse. Eu disse que queria aprender a saltar de asa-delta. Tinha 18 anos, ela também. Foi uma resposta que satisfez nós dois.

Mais tarde, pouco depois de ela concluir o curso de enfermagem e de nos mudarmos juntos para um apartamento no centro da cidade, ela tornou a me perguntar o que eu queria fazer da vida. Eu passara o verão trabalhando como pintor de parede, mas o serviço havia terminado. Ainda não tinha encontrado outro trabalho, e Angie disse que eu deveria começar a pensar a longo prazo.

Ela queria que eu voltasse para a universidade. Eu lhe disse que iria pensar no assunto e, enquanto pensava, perdi o prazo de inscrição para o semestre seguinte. Ela sugeriu que eu virasse paramédico, e passou vários dias juntando formulários para eu preencher e poder entrar no curso: fichas de inscrição, questionários, formulários de auxílio financeiro. A pilha ficou ao lado da geladeira, colecionando manchas de café, até um de nós jogá-la fora. Não era a preguiça que me impedia de agir. Eu simplesmente não conseguia me obrigar a tomar uma atitude. Meu irmão estava estudando medicina em Boston. Ele iria achar que, por algum tipo

de carência, eu estava tentando ser como ele, e essa idéia me dava calafrios de repulsa.

Angie disse que tinha de haver alguma coisa que eu quisesse fazer na vida. Eu disse a ela que queria morar junto com ela em Barrow, no Alaska, na fronteira do círculo polar, e criar filhos e malamutes, e ter um jardim dentro de uma estufa: tomates, vagens, um canteiro de erva da boa. Ganharíamos a vida levando turistas para andar de trenó puxado por cachorros. Renunciaríamos ao mundo dos supermercados, da internet banda larga e da água encanada. Deixaríamos para trás a televisão. No inverno, o céu acima de nós passaria o dia inteiro colorido pela aurora boreal. Durante os verões, nossos filhos viveriam quase como selvagens, esquiando em montanhas distantes e sem nome, dando comida na boca de focas brincalhonas no cais atrás de nossa casa.

Havíamos acabado de virar adultos e estávamos dando os primeiros passos na direção de criar uma vida juntos. Nesses dias, quando eu falava sobre nossos filhos darem de comer às focas, Angie me olhava de uma forma que fazia eu me sentir ao mesmo tempo muito fraco e extremamente esperançoso... Esperançoso em relação a mim mesmo e a quem eu poderia vir a ser. A própria Angie tinha os olhos excessivamente grandes de uma foca, castanhos, com um anel de dourado brilhante em volta da pupila. Ficava olhando para mim sem piscar, ouvindo-me falar sobre aquilo, com os lábios entreabertos, prestando tanta atenção quanto uma criança que escuta sua história de ninar preferida.

Depois de eu ser preso dirigindo embriagado, porém, qualquer menção ao Alasca a levava a fazer uma careta. Ser preso também me custou meu emprego — não foi uma grande perda, reconheço, já que nessa época eu estava tentando a sorte como entregador de pizza —, e Angie arrancava os cabelos tentando pagar as contas. Ficava preocupada, e guardava essa preocupação só para si, já que ela me evitava tanto quanto possível, tarefa nada fácil considerando que dividíamos um apartamento de sala e dois quartos.

De vez em quando, eu mencionava o Alasca, tentando trazê-la de volta para mim, mas isso só fazia aumentar a sua raiva. Ela dizia *Se você nem sequer consegue manter o apartamento limpo quando passa o dia inteiro sozinho em casa, como é que seria o nosso iglu?* Via nossos filhos brincando em meio a pilhas de cocô de cachorro, a varanda da frente desmoronando, trenós enferrujados e cães mestiços perturbados

espalhados pelo quintal. Disse que me ouvir falar sobre aquilo lhe dava vontade de gritar, era patético, inteiramente desconectado de nossas vidas. Disse que tinha medo de eu estar com algum problema, talvez alcoolismo ou depressão crônica. Queria que eu procurasse ajuda — como se tivéssemos dinheiro para isso.

Nada disso explica por que Angie foi embora — ela fugiu sem avisar. Não foi por causa do processo, nem pelo fato de eu beber, nem pela minha falta de rumo. A verdadeira razão do nosso rompimento foi mais terrível do que isso, tão terrível que nunca conseguimos conversar a respeito. Se ela tivesse tocado no assunto, eu a teria ridicularizado. E eu não podia falar sobre aquilo, porque minha política era fingir que aquilo não tinha acontecido.

Certa noite, enquanto eu preparava o jantar, bacon com ovos, Angie chegou do trabalho. Eu sempre gostava de estar com o jantar pronto quando ela voltava do trabalho, era parte do meu plano para lhe mostrar que eu não estava totalmente na pior. Disse alguma coisa sobre como iríamos criar os nossos próprios porcos no Yukon, defumar o nosso próprio bacon, matar um leitão para a ceia de Natal. Ela disse que aquilo não tinha mais graça. O problema foi o seu tom, mais do que as suas palavras. Cantei a canção de *O senhor das moscas* — "mate o porco, tire o sangue" —, tentando arrancar uma risada de algo que nunca tinha sido engraçado, e ela disse *Pare com isso* com uma voz muito estridente, *pare com isso agora.* Nesse instante específico, eu por acaso estava com uma faca na mão, a mesma que havia usado para abrir o pacote de bacon, e ela estava com o traseiro encostado na bancada da cozinha, a poucos metros de mim. De repente, vi uma imagem nítida na minha cabeça. Imaginei a faca girando e cortando sua garganta. Na minha mente, vi a mão dela voar até o próprio pescoço, vi seus olhos de bebê foca se arregalarem de espanto, vi seu sangue vermelho jorrando e escorrendo pelo seu suéter com decote em V.

Ao mesmo tempo que esse pensamento me ocorria, eu por acaso olhei para sua garganta — e em seguida para os seus olhos. E ela me encarava também, e estava com medo. Pousou o copo de suco de laranja muito delicadamente sobre a pia e disse que não estava com fome, e que talvez precisasse se deitar um pouco. Quatro dias depois, fui à esquina comprar pão e leite e, quando voltei, ela havia ido embora. Ligou da casa dos pais para dizer que precisava de um tempo.

Foi só um pensamento. Quem não tem um pensamento assim de vez em quando?

QUANDO EU ESTAVA COM DOIS MESES DE ALUGUEL ATRASADOS E O PROPRIETÁRIO do apartamento já estava ameaçando me despejar, eu também voltei para a casa da minha mãe. Ela estava fazendo uma reforma, e eu disse que queria ajudar. Eu realmente queria ajudar. Eu estava desesperado para arrumar alguma coisa para fazer. Fazia quatro meses que não trabalhava, e tinha uma audiência marcada para dezembro.

Minha mãe havia derrubado as paredes do meu antigo quarto e removido as janelas. Os buracos na parede estavam cobertos de plástico, e o chão coalhado de pedaços de gesso. Fiz meu ninho no porão, em uma cama de solteiro em frente à máquina de lavar e a secadora de roupas. Pus minha TV em cima de um caixote de leite ao pé da cama. Não consegui deixá-la no apartamento, precisava dela para me fazer companhia.

Minha mãe não me fazia companhia. No dia em que voltei para casa, ela só falou comigo para dizer que eu não podia usar o seu carro. Se eu quisesse ficar bêbado e bater de carro, deveria comprar o meu próprio. A maior parte da sua comunicação era não-verbal. Ela me fazia entender que era hora de acordar pisando duro acima da minha cabeça, batendo os pés no teto do porão. Dizia-me que eu lhe dava nojo, fitando-me com raiva por cima do pé-de-cabra que usava para remover as tábuas do piso do meu quarto, arrancando-as com uma fúria silenciosa, como se quisesse remover qualquer vestígio da minha infância naquela casa.

O porão estava inacabado, com um chão de cimento cheio de buracos e um emaranhado de canos pendurados no teto. Pelo menos tinha um banheiro, um cômodo estranhamente bem-arrumado, com piso de linóleo florido e um potinho com sachês perfumados em cima do reservatório da descarga. Quando eu estava lá fazendo xixi, podia fechar os olhos e respirar aquele aroma, e imaginar o vento batendo na copa dos grandes pinheiros do norte do Alasca.

Certa noite, acordei na minha cela subterrânea sentindo um frio intenso, com a respiração condensando-se em um vapor azul prateado à luz da TV que eu deixara ligada. Tinha bebido umas duas garrafas de cerveja antes de dormir, e agora precisava urinar com tanta urgência que minha bexiga doía.

Em geral, eu dormia debaixo de um grande cobertor quadriculado, bordado à mão por minha avó, mas eu o havia sujado de comida chinesa e posto para lavar, depois nunca tivera a oportunidade de secá-lo. Para substituí-lo, tinha vasculhado o armário de roupa de cama antes de ir me deitar, e juntara uma pilha de cobertas velhas da minha infância: uma colcha de matelassê azul decorada com personagens de O *império contra-ataca,* um cobertor vermelho com frotas de triplanos Fokker em formação. Nenhuma delas por si só tinha tamanho suficiente para me cobrir, então eu espalhei as diferentes cobertas por cima do meu corpo, sobrepondo-as: uma para os meus pés, outra para minhas pernas, uma terceira para o peito.

Elas me proporcionaram conforto suficiente para adormecer, mas agora estavam todas desarrumadas, e eu estava encolhido de frio, abraçando os joelhos erguidos quase até o peito, os pés descobertos expostos ao frio. Não conseguia sentir os dedos dos pés, como se eles já tivessem sido amputados pela gangrena.

Minha cabeça estava confusa. Eu estava semi-acordado. Precisava fazer xixi. Precisava me aquecer. Levantei-me e flutuei até o banheiro no escuro, com a coberta menor jogada em cima dos ombros para me proteger da friagem. Embriagado de sono, pensei que ainda estivesse encolhido para me manter aquecido, com os joelhos junto ao peito, embora estivesse avançando. Foi somente quando estava acima da privada, tentando abrir a braguilha da minha cueca samba-canção, que por acaso olhei para baixo e vi que meus joelhos estavam *mesmo* levantados, e que meus pés não estavam tocando o chão. Estavam suspensos quase meio metro acima do assento da privada.

O quarto girou à minha volta, e fiquei atordoado por um instante, não de choque, mas de um espanto extasiado. Choque não tinha nada a ver com aquilo. Imagino que alguma parte de mim estivera aguardando todo aquele tempo para voar de novo, e eu quase desejava isso.

Nada do que eu estava fazendo poderia ser descrito como voar. Era mais como uma flutuação controlada. Eu era um joão-teimoso outra vez, instável e desengonçado. Meus braços se agitavam nervosamente. Meus dedos arranhavam a parede e me davam um certo equilíbrio.

Senti um pano se mexer em cima dos meus ombros e baixei o olhar com cuidado, como se até mesmo um repentino movimento dos olhos pudesse me fazer despencar no chão. Pelo canto da vista, reparei a barra de cetim azul de um cobertor e parte de um bordado vermelho e amarelo.

Uma nova onda de tontura tomou conta de mim e oscilei no ar. O cobertor escorregou — da mesma forma que havia escorregado naquele dia, quase 14 anos antes — e caiu dos meus ombros. Caí no mesmo instante, bati um dos joelhos na lateral da privada e enfiei uma das mãos dentro dela, mergulhando-a bem fundo na água gelada.

FIQUEI SENTADO COM A CAPA ESTENDIDA EM CIMA DAS PERNAS, ESTUDANDO-A, enquanto os primeiros raios prateados da aurora iluminavam as janelas que ficavam bem no alto das paredes do porão.

A capa era ainda menor do que eu me lembrava, mais ou menos do tamanho de uma fronha grande. O raio vermelho de feltro ainda estava costurado na parte de trás, embora alguns dos pontos tivessem se soltado e um dos cantos do raio estivesse virado para cima. O bordado da Marinha do meu pai também ainda estava lá, e fora o que eu vira com o canto dos olhos: um raio sobre um fundo que parecia de fogo.

É claro que minha mãe não a havia mandado para o aterro sanitário para que fosse incinerada. Ela nunca jogava nada fora, pois teoricamente poderia encontrar uma utilidade para tudo mais tarde. Guardar coisas velhas era uma mania, não gastar dinheiro, uma obsessão. Ela não sabia nada sobre reforma de casa, mas jamais teria sequer lhe passado pela cabeça contratar alguém para fazer o trabalho em seu lugar. O meu quarto seria destruído até o esqueleto e eu ficaria dormindo no porão até ela precisar usar fraldas e eu ficar encarregado de trocá-las. O que ela considerava auto-suficiência era na verdade um tipo de teimosia típico dos pobres, e em pouco tempo aquilo já havia começado a me dar nos nervos e eu desisti de ajudá-la.

A borda de cetim da capa era comprida o suficiente para eu amarrá-la em volta do pescoço.

Passei um tempão sentado na beira da minha cama, empoleirado como um pombo, com a capa pendurada até a base das minhas costas. O chão estava 15 centímetros mais abaixo, mas eu olhava para ele como se estivesse diante de uma escarpa de mais de 10 metros. Por fim, lancei-me.

E me sustentei. Oscilei, instável, para a frente e para trás, mas não caí. Minha respiração ficou presa atrás do diafragma e demorei um pouco para me forçar a expirar.

Ignorei os sapatos de salto de madeira da minha mãe batendo no andar de cima às nove da manhã. Ela tornou a tentar às 10, e dessa vez resolveu gritar lá para baixo: *Você algum dia vai acordar?* Gritei de volta que eu *já* estava de pé. Era verdade: estava de pé a meio metro do chão.

A essa altura, eu já estava voando havia muitas horas... mas, como eu já disse, descrever isso como voar provavelmente traz à mente o tipo errado de imagem. As pessoas vêem o Super-Homem. Imaginem, em vez disso, um homem sentado em cima de um tapete mágico, com os joelhos encolhidos em direção ao peito. Agora tirem o tapete mágico, e terão chegado perto.

Eu tinha uma única velocidade, que chamaria de solene. Avançava como um carro alegórico em um desfile. Tudo que precisava fazer para deslizar para a frente era olhar para a frente e já estava em movimento, como que impulsionado por um jato de gás poderoso mas invisível, a flatulência dos deuses.

Durante algum tempo, não conseguia fazer as curvas direito, mas depois aprendi a mudar de direção da mesma forma como se guia uma canoa. Passeando pelo quarto, erguia um braço e recolhia o outro. E, sem esforço nenhum, virava para a direita ou para a esquerda, dependendo de qual remo imaginário eu mergulhava na água. Depois de pegar o jeito, o ato de virar tornou-se emocionante, a forma como eu parecia acelerar nas curvas, em um súbito impulso que produzia uma sensação de cócegas na boca do meu estômago.

Eu podia subir inclinando-me para trás, como em uma espreguiçadeira. Na primeira vez que tentei, subi tão depressa que bati com a cabeça em um dos canos do teto, com força suficiente para me fazer ver estrelas. Mas eu apenas ri e esfreguei a mão no galo dolorido no meio da testa.

Quando finalmente parei, já quase ao meio-dia, estava exausto e fiquei deitado na cama, com os músculos da barriga tomados de espasmos involuntários pelo esforço de manter os joelhos flexionados durante todo aquele tempo. Eu havia me esquecido de comer, e a falta de açúcar no meu sangue me deixava zonzo. Mesmo assim, deitado debaixo dos meus lençóis no porão que se aquecia aos poucos, eu tinha a impressão de estar voando bem alto. Fechei os olhos e lancei-me na imensidão sem fim do sono.

NO FINAL DA TARDE, TIREI A CAPA E SUBI ATÉ O ANDAR DE CIMA PARA PREPARAR bacon e uns sanduíches. O telefone tocou, atendi automaticamente. Era meu irmão.

— Mamãe me disse que você não está ajudando na obra — disse ele.

— Oi. Eu vou bem, obrigado. E você?

— Ela também disse que você passa o dia inteiro sentado no porão vendo TV.

— Não é só isso que eu faço — falei. Estava soando mais na defensiva do que gostaria. — Se você está tão preocupado com ela, por que é que não vem aqui um dia desses bancar o faz-tudo?

— No terceiro ano do curso de medicina, você não pode tirar férias quando quer. Tenho que marcar minhas provas finais com antecedência. Em um dia da semana passada, por exemplo, passei 10 horas sem sair do pronto-socorro. Era para eu ter ido embora, mas apareceu uma velha com uma forte hemorragia vaginal... — Ao ouvir isso, dei uma risadinha, reação que foi recebida com um longo intervalo de silêncio reprovador. Então Nick continuou. — Fiquei mais uma hora trabalhando para ter certeza de que ela estava bem. É isso que eu quero para você. Que você faça alguma coisa que tire você desse seu mundinho.

— Eu estou fazendo umas coisas.

— Que coisas? Por exemplo, o que você fez hoje?

— Hoje... hoje não foi um dia normal. Eu passei a noite sem dormir. Fiquei só... tipo... flutuando para lá e para cá. — Não pude evitar; tornei a dar uma risadinha.

Ele passou algum tempo sem dizer nada. Então falou:

— Eric, se você estivesse em queda livre, acha que iria perceber?

PULEI DA BEIRA DO TELHADO COMO UM NADADOR QUE PULA DA BEIRA DA piscina para dentro d'água. Minhas entranhas se reviraram e meu couro cabeludo se arrepiou, eu suava frio, meu corpo inteiro se contraindo, pronto para a queda livre. *É assim que tudo termina,* pensei, e passou pela minha cabeça que tudo o que acontecera durante aquela manhã, todo aquele tempo voando pelo porão, tudo aquilo havia sido uma alucinação, uma fantasia esquizofrênica, e que agora eu iria cair e me espatifar, que a

gravidade iria confirmar sua existência. Em vez disso, flutuei para baixo, depois subi. A capa da minha infância tremulava às minhas costas.

Enquanto esperava minha mãe ir para a cama, eu havia pintado o rosto. Havia me trancado no banheiro do porão e usado um dos batons dela para desenhar uma máscara vermelha gordurosa, um par de elos interligados ao redor dos meus olhos. Não queria ser reconhecido enquanto estivesse voando lá fora e, caso isso acontecesse, achei que os círculos vermelhos fossem desviar a atenção de qualquer testemunha em potencial dos meus outros traços. Além disso, era agradável pintar o rosto, estranhamente excitante, a sensação do batom deslizando duro e suave pelo meu rosto. Quando terminei, passei algum tempo parado me admirando em frente ao espelho do banheiro. Gostava daquela minha máscara vermelha. Era uma coisa simples, mas tornava minhas feições estranhas e desconhecidas. Eu estava curioso em relação àquela nova pessoa que me encarava de volta do espelho do banheiro. Curioso em relação ao que ela queria. Ao que ela era capaz de fazer.

Depois que minha mãe se trancou no quarto para dormir, eu me esgueirei até o andar de cima e saí pelo buraco na parede do meu antigo quarto, onde antes ficava a janela horizontal, e depois subi no telhado. Algumas das telhas pintadas de preto estavam faltando, outras estavam soltas, tortas. Mais uma coisa que minha mãe poderia tentar consertar só para economizar alguns centavos. Teria sorte se não escorregasse do telhado e quebrasse o pescoço. Qualquer coisa poderia acontecer ali, onde o mundo encosta no céu. Ninguém sabia disso melhor do que eu.

O frio fazia arder meu rosto, anestesiava minhas mãos. Fiquei sentado um tempão flexionando os dedos, criando coragem para passar por cima de 100 mil anos de evolução, gritando para mim mesmo que iria morrer se pulasse do telhado. Então pulei, e me vi suspenso no ar limpo e congelado, 10 metros acima do gramado.

Vocês agora querem ouvir que eu senti uma onda de empolgação, que fiquei eufórico com a emoção de voar. Não. O que senti foi muito mais sutil. Minha pulsação se acelerou. Prendi a respiração por um instante. Então senti uma imobilidade tomando conta de mim, como a imobilidade do ar. Retraí-me completamente para dentro de mim mesmo, concentrando-me em permanecer equilibrado em cima da bolha invisível debaixo de mim (o que talvez dê a impressão de que eu conseguia sentir alguma coisa debaixo de mim, alguma almofada invisível como suporte;

mas não era o caso, e era por isso que eu não parava de me remexer em busca de equilíbrio). Tanto por instinto quanto por hábito, mantive os joelhos encolhidos junto ao peito e os braços estendidos ao lado do corpo.

A lua estava apenas um pouquinho maior do que o quarto crescente, mas clara o suficiente para desenhar no chão sombras muito negras e de contornos bem marcados e para fazer os quintais gelados lá embaixo reluzirem como se a grama fosse feita de fios de metal.

Deslizei para a frente. Dei umas piruetas em volta da copa sem folhas de um bordo vermelho. O olmo morto fora removido muito tempo antes, partido ao meio durante uma tempestade de vento havia quase oito anos. A metade de cima havia caído em cima da casa, e um galho comprido tinha estilhaçado uma das vidraças do meu quarto como se quisesse me pegar, como se ainda estivesse tentando me matar.

Eu estava gelado, e o frio aumentava conforme eu ia subindo. Nem liguei. Queria subir acima de todas as coisas.

A cidade era construída nas encostas de um vale, um emaranhado negro e grosseiro iluminado por luzes. Ouvi uma grasnada triste do meu lado esquerdo e meu coração deu um pulo. Olhei através da escuridão e vi um pato, com uma cabeça preta lustrosa e um pescoço verde-esmeralda vivo, batendo as asas e olhando para mim com ar curioso. Não ficou muito tempo ao meu lado; mergulhou, fez uma curva rumo ao sul e sumiu.

Durante algum tempo, eu não soube para onde estava indo. Tive um instante de aflição, pensando em como descer sem despencar 250 metros. No entanto, quando não consegui mais dobrar os dedos nem sentir nada no rosto, inclinei-me de leve para a frente e comecei a afundar de volta para a terra, descendo suavemente, do jeito que havia praticado durante horas e horas no porão.

Quando estabilizei meu curso acima da Powell Avenue, já sabia qual seria o meu destino. Flutuei três quarteirões, erguendo-me uma vez para não esbarrar nos fios que sustentavam um sinal de trânsito, depois virei à esquerda e segui voando, como em um sonho, até a casa de Angie. Ela devia estar voltando do plantão no hospital.

Só que ela chegou quase uma hora mais tarde. Eu estava sentado no telhado da garagem quando ela apareceu no velho Civic cor de bronze que um dia tinha sido nosso, sem o pára-choque e com o capo amassado de quando eu batera em uma lata de lixo durante uma vagarosa tentativa de fugir da polícia.

Angie estava maquiada e vestia sua saia verde estampada com flores tropicais, aquela que ela só usava nas reuniões da equipe no final do mês. Não estávamos no final do mês. Continuei sentado no telhado de zinco da garagem e a vi andar depressa até a porta da frente, de salto alto, e entrar na casa.

Em geral, ela tomava banho quando chegava em casa. Eu não tinha mais nada para fazer.

Deslizei do telhado da garagem e subi como um balão de gás em direção ao terceiro andar da alta casa em estilo vitoriano de seus pais. O quarto estava às escuras. Inclinei-me na direção da vidraça, espiando lá para dentro, olhando para a porta do quarto dela, esperando que se abrisse. Mas ela já estava dentro do quarto, e um segundo depois acendeu um abajur à esquerda da janela, sobre uma penteadeira baixa. Olhou pela janela, para mim, e eu a encarei de volta, sem me mexer — não conseguia me mexer, e estava chocado demais para emitir qualquer som. Ela me olhou com um ar cansado, sem interesse ou surpresa. Não estava me vendo. Não podia me enxergar através do próprio reflexo. Perguntei-me se ela algum dia fora capaz de me ver.

Fiquei flutuando do lado de fora da janela enquanto ela tirava a saia pela cabeça e se remexia para tirar uma cinta modeladora. Havia um banheiro contíguo ao seu quarto, e ela teve a consideração de deixar a porta aberta entre os dois cômodos. Vi-a tomar uma chuveirada através do vidro transparente do boxe. Ela passou um tempão debaixo do chuveiro, erguendo os braços para jogar para trás os cabelos cor de mel, com a água quente fustigando seus seios. Não era a primeira vez que eu a via tomar banho, mas havia muito tempo que não era tão interessante assim. Desejei que ela se masturbasse com o chuveirinho, algo que ela dissera ter feito quando era adolescente, mas ela não o fez.

Pouco depois, o vidro da janela ficou todo embaçado e eu não consegui ver mais quase nada. Fiquei observando sua silhueta rosada e clara se movendo de lá para cá. Então escutei sua voz. Ela estava falando ao telefone. Perguntou a alguém por que a pessoa estava estudando no sábado à noite. Disse que estava entediada, que queria jogar um jogo. Ficou insistindo num tom de petulância erótica.

Um círculo de vidro transparente surgiu no centro da vidraça e começou a se expandir à medida que o vapor de dentro do quarto de dissipava, revelando-me a cena aos poucos. Ela vestia um *top* branco justo

e uma calcinha branca de algodão, e estava sentada diante de uma pequena escrivaninha, com os cabelos enrolados em uma toalha. Havia desligado o telefone, mas estava jogando cartas no computador, parando vez por outra para digitar uma mensagem eletrônica. Bebia um copo de vinho branco. Fiquei vendo-a beber. Nos filmes, os voyeurs ficam olhando modelos passearem de lingerie francesa, mas o banal já é suficientemente sexy: lábios na borda de um copo de vinho, o elástico de uma calcinha despretensiosa sobre uma nádega branca.

Quando desligou o computador, ela parecia satisfeita consigo mesma, mas irrequieta. Subiu na cama, ligou a pequena TV e zapeou pelos canais. Parou no canal Think! para ver focas trepando. Um dos animais montou nas costas do outro e começou a arremeter, as banhas se sacudindo furiosamente. Ela olhava para o computador com um ar de desejo.

— Angie — falei.

Ela pareceu levar um momento para registrar que tinha escutado alguma coisa. Então sentou-se e se inclinou para a frente, escutando a casa. Repeti seu nome. Seus cílios se mexeram de nervoso. Quase relutante, ela virou a cabeça para a janela, mas novamente não me viu através do próprio reflexo... até eu bater no vidro.

Seus ombros deram um pulo. Sua boca se abriu para gritar, mas ela não emitiu nenhum som. Depois de alguns instantes, desceu da cama e se aproximou da janela com as pernas rígidas. Olhou para fora. Acenei um oi. Ela olhou para baixo de mim à procura da escada, depois tornou a erguer os olhos para o meu rosto. Cambaleou e pôs a mão na penteadeira para se apoiar.

— Destranque a janela — falei.

Seus dedos passaram um tempão manuseando o trinco. Ela empurrou a janela para cima.

— Ai, meu Deus — disse. — Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Como é que você está fazendo isso?

— Não sei. Posso entrar?

Apoiei-me no peitoril da janela, virando e dobrando o corpo, de modo que um dos meus braços ficou dentro do quarto dela, mas as minhas pernas continuaram de fora.

— Não — disse ela. — Eu não acredito.

— Sim. É verdade.

— Como?

— Não sei. Sério. — Segurei a barra da capa. — Mas eu já fiz isso uma vez. Muito tempo atrás. Sabe o meu joelho e a cicatriz no meu peito? Eu disse a você que tinha sido quando caí de uma árvore, lembra?

Uma expressão de surpresa, misturada com súbita compreensão, espalhou-se pelo rosto dela.

— O galho quebrou e caiu. Mas você não caiu. Não na mesma hora. Você ficou suspenso no ar. Estava usando sua capa e ela parecia mágica, e você não caiu.

Ela já sabia. Já sabia, e eu não tinha a menor idéia de como poderia saber, porque eu nunca havia lhe contado. Eu sabia voar; ela era vidente.

— O Nicky me contou — disse ela ao perceber o meu espanto. — Ele disse que, quando o galho caiu, achou que tivesse visto você voar. Disse que tinha tanta certeza que ele próprio tentou voar e foi por isso que aconteceu aquilo com o rosto dele. A gente estava conversando e ele estava tentando explicar por que tinha dentes falsos. Disse que era maluco naquela época. Que vocês dois eram.

— Quando foi que ele te contou sobre os dentes? — perguntei. Meu irmão nunca tinha superado sua insegurança em relação ao próprio rosto, sobretudo à boca, e não gostava que as pessoas ficassem sabendo sobre os seus dentes.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não me lembro.

Virei-me no peitoril da janela e pus os pés em cima da penteadeira.

— Quer ver como é voar?

Os olhos dela estavam vidrados de incredulidade. Sua boca estava aberta num sorriso inexpressivo, atônito. Então ela inclinou a cabeça para o lado e apertou os olhos.

— Como é que você está fazendo isso? — perguntou. — Sério.

— É alguma coisa com a capa. Não sei o quê. Mágica, imagino. Quando eu ponho a capa, consigo voar. Só isso.

Ela tocou o canto de um dos meus olhos, e eu me lembrei da máscara que havia desenhado com batom.

— E este negócio na sua cara? O que é que tem a ver?

— Faz eu me sentir sexy.

— Puta merda, como você é esquisito. E pensar que eu morei dois anos com você. — Mas ela estava rindo.

— Quer voar?

Deslizei o pouco que faltava para entrar no quarto e apoiei as pernas na lateral da penteadeira.

— Sente aqui no meu colo. Eu levo você para dar uma volta pelo quarto.

Ela olhou do meu colo para o meu rosto, com um sorriso agora zombeteiro e desconfiado. Uma brisa entrou pela janela atrás de mim, fazendo a capa esvoaçar. Ela abraçou o próprio corpo e estremeceu, depois baixou os olhos e percebeu que estava de calcinha e sutiã. Ela balançou a cabeça e tirou a toalha dos cabelos ainda úmidos.

— Espere um instante — disse.

Ela entrou no closet e fechou a porta, vasculhando a gaveta à procura de um mole-tom. Enquanto procurava, um grito agudo de pavor saiu da televisão, e meu olhar foi atraído para a tela. Uma foca mordia violentamente o pescoço de outra enquanto a vítima berrava. Um narrador dizia que os machos dominantes usavam todas as armas naturais à sua disposição para afugentar qualquer rival que pudesse impedir seu acesso às fêmeas do bando. O sangue parecia um jato de suco de morango sobre o gelo.

Angie teve de pigarrear para atrair minha atenção e, quando me virei para ela, sua boca pareceu fina e contraída, com os cantos voltados para baixo em uma expressão de irritação. Às vezes bastava um segundo para eu me afastar de mim mesmo e ser absorvido para dentro de algum programa de televisão, mesmo que ele fosse sobre algo que não me interessasse em nada. Eu não conseguia evitar. Era como se eu fosse um pólo negativo e a TV fosse um positivo. Juntos formamos um circuito e nada fora dele tem importância. Era a mesma coisa quando eu lia gibis. É uma fraqueza, reconheço, mas surpreendê-la ali me julgando me deixou aborrecido.

Ela arrumou uma mecha molhada de cabelo atrás da orelha e deu um sorriso fugaz e discreto, tentando fingir que não havia acabado de me lançar O Olhar. Reclinei-me para trás, e ela se lançou para cima de mim, sem jeito, até se sentar em cima das minhas coxas.

— Por que será que eu acho que isso é uma espécie de brincadeira sacana para me fazer sentar no seu colo? — perguntou. Inclinei-me novamente para a frente e me preparei para decolar. Ela tornou a falar. — A gente vai cair de b...

Deslizei para fora da penteadeira e me ergui no ar. Balançei-me para a frente e para trás de novo enquanto ela passava os braços em volta do meu pescoço e soltava um gritinho, um gritinho feliz, risonho, assustado.

Não sou especialmente forte, mas recebê-la no meu colo não foi como erguê-la do chão... na verdade, foi como se ela estivesse sentada nas minhas pernas e nós dois estivéssemos juntos em uma cadeira de balanço invisível. Tudo o que mudou foi o meu centro de gravidade, e agora eu me sentia desequilibrado, como uma canoa com gente demais dentro.

Flutuei junto com ela em volta da cama, depois subi e voei por cima da cama. Ela tornou a gritar-rir-gritar.

— Isto é a coisa mais louca... — disse ela. — Ai, meu Deus, ninguém vai acreditar — disse ela. — Sabia que você vai ser a pessoa mais famosa da história? — Ela simplesmente fitou o meu rosto, com os grandes olhos brilhando, como costumavam brilhar quando eu falava sobre o Alasca.

Fiz menção de voar de volta para meu poleiro na penteadeira, mas, quando cheguei lá, simplesmente segui em frente, encolhendo a cabeça quando saímos pela janela aberta.

— Não! O que você está fazendo? Caramba, que frio! — Ela me apertava com tanta força em volta do pescoço que era difícil respirar.

Fui subindo em direção à lua prateada.

— Fique com frio um pouco — falei. — Só por um minuto. Não vale a pena... em troca disso? De voar assim? Como se voa nos sonhos?

— Vale — respondeu ela. — Não é a coisa mais incrível?

— É.

Ela tremia convulsivamente, o que criava uma vibração interessante em seus seios, debaixo do moletom fino. Continuei a subir na direção de um grupo de nuvens que tinham a borda cor do mercúrio. Estava gostando do jeito como ela se agarrava a mim e de sentir o seu corpo tremendo.

— Quero voltar — disse ela.

— Ainda não.

Minha camisa estava um pouco aberta, e ela se aninhou ali, encostando o nariz gelado na minha pele.

— Eu estava querendo conversar com você — disse ela. — Queria ligar para você hoje à noite. Tenho pensado em você.

— Para quem você ligou então?

— Para ninguém — respondeu ela, e então percebeu que eu estava do lado de fora da janela escutando a conversa. — Para a Hannah. Você sabe, lá do trabalho.

— Ela está estudando para alguma coisa? Ouvi você perguntar por que ela estava estudando no sábado.

— Vamos voltar.

— Claro.

Ela enterrou novamente o rosto no meu peito. Seu nariz roçou minha cicatriz, uma marca curva e prateada como a lua. Eu ainda estava subindo em direção a ela. A lua de verdade não parecia tão distante assim. Angie tocou a velha cicatriz.

— Inacreditável — sussurrou. — Pense na sorte que você teve. Alguns centímetros mais embaixo e aquele galho poderia ter atravessado o seu coração.

— Quem disse que não atravessou? — falei. Inclinei-me para a frente e a soltei. Ela se segurou no meu pescoço, agitando as pernas, e tive de soltar seus dedos um a um antes de ela cair.

SEMPRE QUE MEU IRMÃO E EU BRINCÁVAMOS DE SUPER-HERÓIS, ELE ME FAZIA SER o vilão.

Alguém precisa ser o vilão.

MEU IRMÃO DIZ QUE EU DEVIA PEGAR UM AVIÃO ATÉ BOSTON UM DIA DESSES, PARA a gente sair para beber. Acho que ele quer me dar uns conselhos de irmão mais velho, me dizer que eu preciso reagir, que preciso tocar a vida. Talvez também queira compartilhar um pouco a sua própria tristeza. Tenho certeza de que ele também está triste.

Uma noite dessas, acho que eu vou mesmo... Vou voar até lá para lhe fazer uma visita. Mostrar-lhe a capa. Ver se ele quer experimentá-la. Ver se quer dar um salto da janela do quinto andar do seu apartamento.

Talvez ele não queira. Não depois do que aconteceu da última vez. Talvez ele precise de um pouco de incentivo; um empurrãozinho do irmão caçula.

E quem sabe? Talvez, se pular da janela vestindo a minha capa, ele suba em vez de cair, e saia flutuando pelo abraço fresco e imóvel do céu.

Mas eu acho que não. Não funcionou para ele quando éramos crianças. Por que iria funcionar agora? Por que jamais iria funcionar?

A capa é minha.

ÚLTIMO SUSPIRO

Uma família entrou para dar uma olhada pouco antes do meio-dia; um homem, uma mulher e o filho. Eram os primeiros visitantes do dia — até onde Alinger sabia, seriam os únicos, pois o museu nunca ficava cheio —, e ele estava livre para levá-los para fazer um tour.

Encontrou-os no guarda-volumes. A mulher ainda estava com um dos pés nos degraus da frente, hesitando para entrar. Fitava o marido por cima da cabeça do filho, lançando-lhe um olhar de incerteza, inquieto. O marido lhe respondia franzindo o cenho. As mãos dele estavam na lapela do casaco forrado de pele de carneiro, mas ele parecia na dúvida se deveria tirá-lo ou não. Alinger já vira a mesma cena uma centena de vezes. Quando as pessoas entravam e viam, logo após o vestíbulo, a penumbra fúnebre do salão, vacilavam, imaginando se teriam ido parar no lugar certo, e começavam a pensar em dar meia-volta. Somente o menininho parecia à vontade, e já estava tirando a jaqueta e pendurando-a em um dos ganchos mais baixos da parede, feitos para crianças.

Antes que eles pudessem ir embora, Alinger pigarreou para chamar atenção. Ninguém tinha coragem de ir embora depois de ser visto; na batalha entre nervosismo e convenção social, a convenção social quase sempre vencia. Ele uniu as mãos e sorriu para os três, um sorriso reconfortante, paternal. O efeito, no entanto, foi justamente o contrário. Alinger tinha uma palidez cadavérica, 2,08m de altura, têmporas encovadas, fundas e escuras. Seus dentes (ainda naturais, aos 80 anos de idade) eram miúdos e cinzentos, e davam a desagradável impressão de terem sido lixados. O pai se retraiu um pouco. A mulher, inconscientemente, estendeu a mão para segurar a do filho.

— Bom dia. Sou o Dr. Alinger. Por favor, entrem.

— Ah... olá — disse o pai. — Desculpe incomodar.

— Não é incômodo nenhum. Estamos abertos.

— Estão, é? Que bom! — disse o homem, com um entusiasmo nada convincente. — Então o que nós...

Sua voz morreu e ele se calou, talvez por ter esquecido o que ia dizer, ou porque não sabia como formular a frase, ou então porque lhe

faltava coragem.

Sua mulher tomou a frente.

— Soubemos que o senhor tem uma exposição aqui. Isto é algum tipo de museu de ciências?

Alinger tornou a lhes exibir o sorriso, e a pálpebra direita do pai começou a tremer descontroladamente.

— Ah. Vocês entenderam mal — disse Alinger. — Estavam esperando um museu da ciência. Isto aqui é o museu do *silêncio.*

— Ahn? — fez o pai.

A mãe arqueou as sobrancelhas.

— Acho que ainda estou entendendo mal.

— Vamos, mãe — disse o menino, soltando a mão dela. — Vamos, pai. Quero dar uma olhada. Quero ver.

— Por favor — disse Alinger, dando um passo para trás, gesticulando para o salão com a mão esquelética de dedos compridos. — Eu ficaria encantado em levar vocês para uma visita guiada.

AS PERSIANAS ESTAVAM FECHADAS, DE MODO QUE O APOSENTO, COM SUAS paredes revestidas de painéis de mogno, era tão escuro quanto um teatro segundos antes de o pano se erguer para revelar a cena. As vitrines de exposição, porém, estavam iluminadas de cima por spots de luz cuidadosamente posicionados, montados em um nicho no teto. Sobre as mesas e pedestais havia o que pareciam ser jarros de vidro vazios, polidos até ficarem muito brilhantes, tão reluzentes que tornavam a escuridão ao seu redor ainda mais negra.

Em cada jarro havia uma espécie de estetoscópio, com o diafragma inserido dentro do vidro, colado com adesivo transparente. As escutas esperavam que alguém as pegasse para ouvir. O menino foi na frente, seguido pelos pais e depois por Alinger. Pararam antes da primeira vitrine: um jarro em cima de um pedestal de mármore posicionado logo depois da entrada do salão, bem no meio do seu caminho.

— Não tem nada dentro — disse o menino. Olhou em volta, vasculhando todo o aposento, viu os outros jarros fechados. — Não tem nada dentro de nenhum deles. Estão todos vazios.

— Ah — disse o pai, sem humor.

— Não completamente vazios — retrucou Alinger. — Cada vidro está fechado a vácuo, hermeticamente vedado. Cada um deles contém o último suspiro de alguém. Eu tenho a maior coleção de últimos suspiros do mundo, mais de 100. Algumas dessas garrafas contêm a derradeira expiração de gente muito famosa.

Então a mulher começou a rir; uma risada de verdade, não uma risada forçada. Levou uma das mãos à boca e soluçou, mas não conseguiu conter o som totalmente. Alinger sorriu. Fazia anos que vinha mostrando a sua coleção. Estava acostumado com todo tipo de reação.

O menino, porém, havia se virado de volta para o jarro na sua frente, com os olhos fascinados. Pegou as escutas do aparelho que parecia um estetoscópio, mas não era.

— O que é isto? — perguntou.

— O mortoscópio — respondeu Alinger. — É muito sensível. Pode pôr, se quiser, e vai conseguir ouvir o último suspiro de William R. Sied.

— Ele é alguém famoso? — perguntou o menino. Alinger aquiesceu.

— Durante algum tempo, ele foi uma celebridade... daquele jeito que os criminosos às vezes ficam famosos. Alvo de ultraje e fascínio do público. Foi levado à cadeira elétrica 42 anos atrás. Eu mesmo emiti seu atestado de óbito. Ele tem lugar de honra no meu museu. Foi o primeiro último suspiro que eu registrei.

A essa altura, a mulher já havia se recuperado, embora ainda segurasse um lenço embolado junto aos lábios e desse a impressão de que estava fazendo um grande esforço para segurar um novo ataque de riso.

— O que foi que ele fez? — quis saber o menino.

— Ele estrangulava crianças — disse Alinger. — Guardava os corpos dentro de um freezer e os tirava lá de dentro de vez em quando para olhar. Eu sempre digo que as pessoas são capazes de colecionar qualquer coisa. — Ele se agachou até ficar na mesma altura do garoto e ficou olhando para o jarro junto com ele. — Pode escutar, se quiser.

O menino pegou as escutas e colocou-as nos ouvidos, com os olhos fixos, sem piscar, no recipiente que transbordava de luz. Escutou com atenção durante algum tempo, e então sua testa se franziu e ele fez uma careta.

— Não estou conseguindo ouvir nada. Começou a fazer o gesto de retirar as escutas. Alinger deteve sua mão.

— Espere. Existem muitos tipos diferentes de silêncio. O silêncio dentro de uma concha do mar. O silêncio depois de um tiro. O último suspiro dele ainda está aí dentro. Os seus ouvidos precisam de tempo para se acostumar. Daqui a pouco você vai conseguir escutar. O silêncio particular dele.

O menino inclinou a cabeça e fechou os olhos. Os adultos ficaram observando-o. Então seus olhos se arregalaram e ele olhou para cima, com o rosto rechonchudo brilhando de ansiedade.

— Ouviu? — perguntou Alinger. O menino retirou os fones.

— Parece um soluço, só que ao contrário! Sabe? Parece... Ele parou e soltou um arquejo curto, sem som. Alinger afagou seus cabelos e se levantou.

A mãe enxugou os olhos com o lenço.

— O senhor é médico?

— Aposentado.

— Não acha que isto aqui é pouco científico? Mesmo que o senhor tenha mesmo conseguido capturar o último vestígio de monóxido de carbono que alguém emitiu...

— Dióxido — corrigiu ele.

— Não haveria nenhum barulho. Não é possível engarrafar o som do último suspiro de alguém.

— Não — concordou Alinger. — Mas não se trata de engarrafar um som. Somente um certo silêncio. Nós todos temos nossos diferentes silêncios. O seu marido não tem um silêncio quando está contente e outro quando está zangado com a senhora, dona? Os seus ouvidos são capazes de distinguir entre tipos diferentes de nada.

Ela não gostou de ser chamada de *dona,* apertou os olhos para ele e abriu a boca para dizer alguma coisa desagradável, mas seu marido falou primeiro, proporcionando a Alinger um motivo para dar as costas a ela. O marido havia se aproximado de um jarro em cima de uma mesa junto à parede, ao lado de uma namoradeira escura, estofada.

— Como é que o senhor recolhe esses suspiros?

— Com um aspirador. Uma pequena bomba que suga a exalação de uma pessoa para dentro de um recipiente a vácuo. Carrego essa bomba sempre comigo dentro da minha maleta de médico, por garantia. É um aparelho que eu mesmo inventei, embora existam equipamentos semelhantes desde o início do século xix.

— Aqui está escrito Poe — disse o pai, passando o dedo por um cartão cor de marfim em pé sobre a mesa em frente ao jarro.

— Sim — disse Alinger. Ele tossiu, encabulado. — As pessoas vêm colecionando últimos suspiros desde que foram inventados aparelhos para tornar possível esse hobby. Eu reconheço que paguei 12 mil dólares por esse daí. Quem me ofereceu foi o bisneto do médico que o viu morrer.

A mulher recomeçou a rir. Paciente, Alinger prosseguiu.

— Pode parecer muito dinheiro, mas, acreditem, foi uma pechincha. Em Paris, Scrimm recentemente pagou três vezes isso pelo último suspiro de Enrico Caruso. O pai mexeu no mortoscópio preso ao jarro onde estava escrito Poe.

— Alguns silêncios parecem reverberar de sentimento — disse Alinger. — Quase se pode senti-los tentando articular uma idéia. Muitos dos que escutam o último suspiro de Poe começam em pouco tempo a sentir uma única palavra não sendo dita, a expressão de um desejo muito específico. Escute e veja se também consegue perceber isso.

O pai se curvou e pôs as escutas.

— Isso é ridículo — disse a mulher.

O pai ouviu com atenção. O filho chegou bem perto dele, apertando-se com força contra sua perna.

— Posso escutar, pai? — perguntou o menino. — Posso escutar um pouco?

— Shh — fez o pai.

Ficaram todos em silêncio, com exceção da mulher, que sussurrava consigo mesma em um tom de assombro aflito.

— Uísque — articulou o pai com um movimento quase imperceptível dos lábios.

— Vire o cartão onde está o nome dele — disse Alinger.

O pai virou o cartão cor de marfim onde estava escrito POE em um dos lados. Do outro lado estava escrito UÍSQUE.

Retirou as escutas, com uma expressão solene no rosto, e os olhos baixados para o jarro com respeito.

— Claro. O alcoolismo. Pobre homem. Sabem... eu decorei *O corvo* quando estava na quinta série — disse o pai. — E recitei o poema na frente de toda a turma sem errar.

— Ah, por favor — disse a mulher. — É um truque. Provavelmente tem um alto-falante escondido embaixo do jarro, e quando você presta

atenção ouve a gravação de alguém sussurrando *uísque*.

— Eu não ouvi nenhum sussurro — disse o pai. — O que eu tive foi um pensamento... como a voz de alguém dentro da minha cabeça... quanta decepção...

— O volume está baixo — disse ela. — É tudo subliminar. Igual ao que fazem no cinema. O menino colocou as escutas para não-escutar a mesma coisa que o pai havia não-escutado.

— *Todos* os suspiros que o senhor tem aqui são de pessoas famosas? — perguntou o pai. Seu rosto estava pálido, mas levemente manchado com pontinhos de rubor vermelho em suas bochechas, como se ele estivesse febril.

— De forma alguma — disse Alinger. — Eu já engarrafei últimos suspiros de universitários, funcionários públicos, críticos literários... uma profusão de gente sem importância. Um dos mais belos silêncios da minha coleção é o último suspiro de um zelador.

— Carrie Mayfield — disse a mulher, lendo um cartão em frente a um jarro alto e empoeirado. — Ela é uma das suas pessoas sem importância? Aposto que é uma dona-de-casa.

— Não — respondeu Alinger. — Ainda não tenho donas-de-casa na minha coleção. Carrie Mayfield foi uma jovem Miss Flórida, belíssima, que estava a caminho de Nova York com os pais e o noivo para posar para a capa de uma revista feminina. Sua grande chance. Só que o avião onde eles estavam caiu no Parque Nacional de Everglades. Muitas pessoas morreram, foi um acidente famoso. Mas Carrie sobreviveu. Por algum tempo. Para fugir dos escombros, ela nadou em combustível fervendo, e mais de 80% do seu corpo ficou queimado. Ela perdeu a voz de tanto gritar por socorro. Durou pouco mais de uma semana na UTI. Nessa ocasião eu era professor e levei meus alunos do curso de medicina para visitá-la, a título de curiosidade. Na época, era raro ver ainda vivo alguém que tivesse sido queimado assim. De forma tão completa. Partes do corpo dela se fundiram com outras partes. Felizmente eu tinha levado meu aspirador, já que ela morreu enquanto estávamos ali examinando-a.

— Essa é a coisa mais horrível que eu já ouvi na minha vida — disse a mulher. — E os pais dela? E o noivo?

— Morreram no acidente. Morreram queimados na frente dela. Não tenho certeza se os corpos deles foram encontrados. Os jacarés...

— Eu não acredito no senhor. Em nenhuma palavra. Não acredito em nada em relação a este lugar. E não me importo de dizer que é um jeito ridículo de tirar dinheiro das pessoas.

— Ora, querida — disse o marido.

— A senhora talvez se lembre de que eu não lhes cobrei entrada — disse Alinger. — É uma mostra gratuita.

— Ei, pai, olhe aqui! — chamou o menino do outro lado da sala, lendo um nome em um cartão. — É o cara que escreveu *James e o pêssego gigante!*

Alinger virou-se para ele, pronto para apresentar o item em questão, quando viu a mulher se movendo. Tornou a se virar para ela.

— Eu escutaria um dos outros primeiro — disse Alinger. Ela estava levando as escutas aos ouvidos. — Algumas pessoas não gostam muito daquilo que não-escutam no jarro de Carrie Mayfield.

Ela o ignorou, colocou o aparelho e ficou ouvindo, com os lábios franzidos. Alinger uniu as mãos e se inclinou na direção dela, observando sua expressão.

Então, sem aviso, ela deu um passo rápido para trás. Ainda estava com as escutas nos ouvidos. O movimento abrupto arrastou o jarro a uma curta distância por cima do tampo da mesa, o que deixou Alinger assustado. Ele estendeu as mãos depressa para evitar que o vidro caísse no chão. A mulher retirou as escutas, subitamente atrapalhada.

— Roadl Dahl — disse o pai, pousando a mão no ombro do filho e admirando o jarro que o menino acabara de descobrir. — Está de brincadeira! O senhor gostava mesmo das personalidades literárias, hein?

— Não estou gostando deste lugar — disse a mulher.

Os olhos dela estavam fora de foco. Ela encarava fixamente o jarro que continha o último suspiro de Carrie Mayfield, mas sem vê-lo. Engoliu com dificuldade, levando uma das mãos à garganta.

— Querida? — disse o marido. Atravessou a sala até onde ela estava, com uma expressão preocupada. — Você quer ir embora? Mas a gente acabou de chegar.

— Estou pouco ligando — disse ela. — Quero ir embora.

— Ah, mãe — reclamou o menino.

— Espero que assinem o meu livro de visitas — falou Alinger, seguindo-os até o guarda-volumes.

O pai se mostrava solícito, tocando o cotovelo da mulher, fitando-a com olhos úmidos, preocupados.

— Você poderia esperar sozinha no carro, então? Tom e eu queríamos dar mais uma olhada.

— Eu quero sair daqui imediatamente — insistiu ela com a voz vazia, distante. — Todos nós devemos sair.

O pai ajudou-a a vestir o casaco. O menino enfiou os punhos cerrados no bolso da calça e, emburrado, deu um chute em uma maleta de médico velha e surrada pousada ao lado do porta-chapéus. Então percebeu o que estava chutando. Agachou-se e, sem a menor vergonha, destrancou a maleta para examinar o aspirador.

A mulher calçou as luvas de pelica com grande cuidado, esticando-as bem em torno dos dedos. Parecia muito entretida com os próprios pensamentos, então foi uma surpresa quando ela de repente despertou, virou-se e cravou os olhos em Alinger.

— O senhor é desprezível — disse ela. — Parece uma espécie de ladrão de túmulos. Alinger uniu as mãos na frente do corpo e olhou para ela com empatia. Fazia anos que vinha mostrando sua coleção. Estava mesmo acostumado com todo tipo de reação.

— Ah, meu amor — disse o marido. — Abra um pouco a sua mente.

— Vou voltar para o carro agora — disse ela, abaixando a cabeça e tornando a se retrair. — Venham logo.

— Espere aí — disse o pai. — Espere a gente.

Ele estava sem casaco. O menino também estava sem o seu e continuava ajoelhado, com a maleta aberta e as pontas dos dedos deslizando devagar pela superfície do aspirador, uma engenhoca que parecia uma garrafa térmica cromada, com tubos de borracha e uma máscara facial de plástico presos a uma das extremidades.

Ela não ouviu o que o marido falou, virou-se e foi saindo, deixando a porta aberta atrás de si. Desceu os íngremes degraus de granito até a calçada, sem tirar os olhos do chão. Estava com as pernas bambas quando saiu para a rua com passos de sonâmbula. Não olhou para a frente, foi logo atravessando a rua em direção a seu carro estacionado do outro lado.

Alinger estava se virando para pegar o livro de visitas — pensou que talvez o homem ainda quisesse assinar — quando ouviu o guincho dos freios e um ruído de metal sendo amassado, como se um carro tivesse

batido de frente em uma árvore. Mas, antes mesmo de olhar, sabia que não tinha sido uma árvore.

O pai gritou, depois gritou novamente. Alinger virou-se a tempo de vê-lo correr escada abaixo. Na rua, havia um Cadillac preto virado em um ângulo improvável, com vapor saindo pelas laterais do capo amassado. A porta do motorista estava aberta, e o motorista estava no meio da rua, com um chapéu-coco inclinado na cabeça.

Apesar do zumbido em seus ouvidos, Alinger pôde ouvir o lamento do motorista:

— Ela nem olhou. Entrou bem na frente do carro. Meu Deus do céu. O que é que eu podia fazer?

O pai não estava escutando. Estava na rua, ajoelhado, abraçando a mulher. O menino estava no guarda-volumes, com o casaco vestido pela metade, olhando para fora. Uma veia saltada pulsava na sua testa.

— Doutor! — gritou o pai. — Por favor! Doutor! — Estava olhando para Alinger. Alinger parou para pegar o casaco pendurado em um gancho. Era março, estava ventando, e ele não queria se resfriar. Não havia chegado aos 80 anos sendo descuidado nem fazendo as coisas de forma apressada. Fez um afago na cabeça do menino ao passar por ele. Mas ainda não havia chegado ao meio da escada quando a criança o chamou.

— Doutor — gaguejou o menino, e Alinger olhou para trás.

O menino estava lhe estendendo sua maleta, ainda destrancada.

— Sua maleta — disse ele. — Talvez o senhor precise de uma coisa que está aqui dentro. Alinger sorriu, satisfeito, tornou a subir os degraus e pegou a maleta dos dedos frios do menino.

— Obrigado — falou. — Talvez eu precise mesmo.

MADEIRA MORTA

JÁ FOI PROVADO QUE AS ÁRVORES PODEM APARECER DO NADA, COMO FANTASMAS. Relatos de ocorrências desse tipo são comuns na literatura sobre parapsicologia. Há o famoso pinheiro branco de West Belfry, no Maine. Foi derrubado em 1842. Era um pinheiro imenso, com uma casca lisa e branca como ninguém jamais vira antes, e pinhas da cor de aço escovado. Em seu lugar construíram uma lanchonete e uma pousada. No canto da sala de jantar havia um ponto gelado, uma zona de frio penetrante, do diâmetro exato do tronco do pinheiro branco. Logo acima da sala de jantar ficava um pequeno quarto de dormir, mas nenhum hóspede aceitava passar a noite ali. Quem tentava, dizia ter o sono perturbado pelo lamento de um vento fantasma, o zumbido baixo e suave do ar correndo pelos galhos altos. As rajadas faziam papéis saírem voando pelo quarto e derrubavam as cortinas. Em março, as paredes vertiam seiva.

Certo dia de 1959, uma floresta fantasma inteira apareceu em Canaanville, na Pensilvânia, durante 20 minutos. Há fotografias. Aconteceu em um bairro recém-criado, com ruas sinuosas e pequenos e modernos bangalôs. Os moradores acordaram numa manhã de domingo e se viram no meio de um bosque de bétulas que pareciam brotar do chão de seus quartos. Plantas subaquáticas ondulavam e flutuavam nas piscinas dos quintais. O fenômeno se estendeu até um shopping center próximo. O andar térreo da Sears se encheu de arbustos espinhosos, pendurando saias em liquidação nos galhos de bordos noruegueses, e um bando de pardais pousou sobre o balcão de jóias, bicando pérolas e correntes de ouro.

De certa forma, é mais fácil imaginar o fantasma de uma árvore do que o fantasma de uma pessoa. Pense em como uma árvore vive 100 anos, embebendo-se da luz do sol e retirando umidade da terra, sorvendo sua vida do solo de forma incansável, como alguém que puxa um balde de um poço sem fundo. As raízes de uma árvore cortada continuam a sugar água meses depois de sua morte, tão acostumadas ao hábito da vida que não conseguem largá-lo. Evidentemente, não se pode esperar que algo que não tem noção de estar vivo saiba quando morreu.

Depois que você foi embora — não imediatamente, mas depois de o verão acabar —, eu derrubei o amieiro debaixo do qual costumávamos ficar lendo, sentados lado a lado na toalha de piquenique da sua mãe; debaixo do qual adormecemos daquela vez, escutando o zumbido das abelhas. Estava velho, podre e todo bichado, embora brotos ainda surgissem em seus galhos na primavera. Eu disse a mim mesmo que não queria que o vento o derrubasse em cima da casa, muito embora ele não estivesse inclinado na direção dela. Mas agora, às vezes, quando estou lá fora no grande vazio do quintal, o vento sopra e assobia, puxando as minhas roupas. Fico pensando: o que mais estará assobiando junto com ele?

O DESJEJUM DA VIÚVA

KILLIAN DEIXOU O COBERTOR EM CIMA DE GAGE — NÃO O QUERIA — E DEIXOU Gage onde estava, deitado em um declive acima do leito de um regato em algum lugar ao leste de Ohio. Depois disso, não parou de andar durante quase um mês, passando a maior parte do verão de 1935 a bordo de trens de carga em direção ao norte e ao leste, como se ainda estivesse indo visitar a prima preferida de Gage em New Hampshire. Mas não estava. Killian nunca mais iria encontrá-la. Não sabia para onde estava indo.

Passou algum tempo em New Haven, mas não ficou. Certa manhã bem cedo, quando ainda estava escuro, foi a um lugar do qual tinha ouvido falar, onde os trilhos formavam um grande arco e os trens tinham de desacelerar quase até parar para fazer a curva. Ficou ali, esperando. Um menino vestindo um paletó mal-ajambrado e sujo agachou-se ao seu lado no sopé do barranco. Quando o trem que ia em direção ao nordeste apareceu, Killian se levantou com um pulo e pôs-se a correr, subindo em um vagão de carga lotado. O menino subiu atrás dele.

Passaram algum tempo viajando juntos, no escuro, com os vagões sacudindo de um lado para o outro, as rodas batendo e ecoando nos trilhos. Killian cochilou e despertou com o menino puxando a fivela de seu cinto. O garoto disse que queria 25 centavos, mas Killian não tinha 25 centavos e, mesmo se tivesse, não os gastaria daquela forma.

Segurou o menino pelo braço e afastou suas mãos com algum esforço, enterrando as unhas nas laterais macias de seus pulsos, machucando-o de propósito. Killian lhe disse que fosse embora e empurrou-o para longe. Disse que ele parecia ser um bom menino e perguntou por que ele estava se comportando daquele jeito. Killian pediu ao menino que o acordasse quando o trem parasse em Westfield. O garoto se sentou do outro lado do vagão com um dos joelhos erguidos junto ao peito e os braços passados em volta das pernas, e não disse nada. De vez em quando, uma fina réstia de luz cinza da manhã entrava por entre uma das ripas da parede do vagão e subia lentamente pelo rosto do menino,

deslizando por cima de seus olhos cruéis e febris. Killian tornou a adormecer com o menino ainda a fitá-lo com aquele olhar raivoso.

Quando acordou, o garoto havia sumido. A essa altura o dia já estava claro, mas ainda era bem cedo. Fazia frio o suficiente para o hálito de Killian ser arrancado de dentro dele em nuvens de vapor congelado quando ele se postou na soleira da porta entreaberta do vagão. Ele segurou o batente com uma das mãos, e os dedos que ficaram do lado de fora logo foram esfolados pela corrente cortante e gelada do ar. Havia um rasgo na manga da sua camisa, e o vento frio entrou por ali também. Ele não sabia se Westfield já tinha chegado ou não, mas sentiu que dormira durante muito tempo — e provavelmente a cidade já havia ficado para trás. Devia ter sido lá que o menino saltara. Depois de Westfield, não haveria mais nenhuma parada até o trem chegar ao seu destino, em Northampton, e Killian não queria ir para lá. Ficou parado na porta, com o vento frio a castigá-lo. Algumas vezes, imaginava que havia morrido junto com Gage, e desde então vinha vagando como um fantasma. Mas isso não era verdade. As coisas não paravam de lembrar que isso não era verdade, como seu pescoço duro e dolorido por causa da posição em que dormira ou o ar frio que entrava pelos furos da sua camisa.

Em uma estação de trens em Lima, um guarda ferroviário havia surpreendido Killian e Gage cochilando juntos debaixo do cobertor que dividiam, no barracão onde estavam escondidos. Acordara-os com chutes e os mandara ir embora. Como eles não foram rápidos o suficiente, o guarda acertou a nuca de Gage com o cassetete, fazendo-o cair de joelhos no chão.

Durante os dois dias seguintes, quando Gage acordava de manhã, dizia a Killian que estava vendo tudo em dobro, mas achava isso engraçado. Passava algum tempo sentado no mesmo lugar, virando a cabeça de um lado para o outro e rindo daquela visão multiplicada do mundo. Precisava piscar várias vezes e esfregar os olhos até a visão se acertar. Então, três dias depois do incidente em Lima, Gage começou a cair. Estavam andando juntos e, de repente, Killian percebia que estava sozinho; olhava para trás e via Gage sentado no chão, com o rosto pálido e assustado. Pararam para descansar um pouco em um lugar ermo, mas não deveriam ter parado, Killian não deveria ter deixado que parassem. Deveriam ter ido para onde houvesse um médico. Killian sabia disso agora. Na manhã seguinte, Gage amanhecera morto, com os olhos abertos e espantados ao lado do regato.

Mais tarde, num acampamento, Killian ouviu alguns homens falando sobre um policial ferroviário chamado Lima Slim. Pelas descrições, adivinhou que fora esse o homem que havia batido em Gage. Lima Slim havia atirado em invasores muitas vezes; numa ocasião, forçou um grupo de homens a pular de um trem a 80 quilômetros por hora ameaçando-os com uma arma. Lima Slim era famoso pelas coisas que tinha feito. Pelo menos entre os vagabundos.

Havia um guarda na estação de Northampton chamado Arnold Choke, que alguns diziam ser tão ruim quanto Lima Slim, e era por isso que Killian não queria ir para lá. Depois de muito tempo parado no vão da porta aberta, sentiu o trem desacelerar. Killian não entendeu a razão; não estava vendo nenhuma cidade à frente. Talvez estivessem se aproximando de uma agulha. Perguntou-se se o trem iria parar por completo, mas não parou e, depois de alguns segundos de desaceleração, em uma série de safanões rápidos e violentos, começou a acelerar novamente. Killian pulou. O trem já não estava tão devagar, e ele caiu por cima do pé esquerdo, escorregando no cascalho. O pé se dobrou debaixo dele e uma dor aguda percorreu seu tornozelo. Mas ele não gritou ao mergulhar de cara nos arbustos.

Era outubro — ou novembro, talvez, Killian não sabia ao certo —, e nas matas ao lado dos trilhos havia um tapete de folhas mortas em tons amarelados. Killian saiu mancando por cima delas. Nem todas as folhas haviam caído das árvores, sobrando uma ou outra cor de carmim. Uma fumaça branca fria pairava sobre o chão entre os troncos das bétulas e pinhos. Killian se sentou em cima de um toco úmido, segurando o tornozelo delicadamente com as mãos enquanto o sol ia subindo e a névoa da manhã ia se dissipando. Seus sapatos estavam arrebentados, presos por tiras de juta encrostadas de sujeira, e seus dedos dos pés estavam tão frios que chegavam a ficar dormentes. Gage tinha sapatos melhores, mas Killian os havia deixado com ele, da mesma forma que havia deixado o cobertor. Tentara rezar sobre o corpo de Gage, mas não fora capaz de se lembrar de nenhum trecho da Bíblia, apenas de uma frase que dizia *Maria, porém, guardava todas estas coisas, meditando-as em seu coração;* mas isso era sobre o nascimento de Jesus e não era coisa para se dizer junto ao corpo de um homem morto.

Provavelmente ia fazer calor naquele dia, mas, quando Killian finalmente se levantou, ainda estava frio sob as sombras dos pinheiros. Ele

seguiu os trilhos até que seu tornozelo começou a latejar tanto que não pôde mais prosseguir, e teve de se sentar no barranco para descansar novamente. Estava inchando muito agora e, quando ele apoiava o peso sobre o pé, sentia uma dor aguda penetrar-lhe até o osso. Sempre havia confiado em Gage para saber quando pular. Confiava em Gage para tudo.

Do outro lado das árvores havia um chalé branco. Killian olhou para ele, olhou de volta para o próprio tornozelo, mas depois ergueu a cabeça e fitou as árvores. No tronco de um pinheiro próximo, alguém havia retirado um pedaço da casca e marcado a madeira com um x, esfregando carvão para destacá-lo em preto. Não existiam marcas secretas de andarilhos, como algumas pessoas diziam; ou, se existiam, Killian não as conhecia, assim como Gage também não as havia conhecido. Mas um x daqueles poderia significar que havia algum lugar para comer por ali. Ele estava consciente do vazio dolorido do próprio estômago.

Caminhou com dificuldade entre as árvores até o quintal atrás do chalé e hesitou na beira da mata. A pintura branca das paredes estava descascada e as janelas, enegrecidas de fuligem. Nos fundos da casa havia um canteiro, um comprido retângulo de terra mais ou menos do tamanho de uma cova. Nada crescia em cima dele.

Killian estava em pé ali, olhando para a casa, quando reparou nas meninas. Como estavam imóveis e caladas, não as vira imediatamente. Chegara ao chalé pelos fundos, mas a floresta se estendia pela lateral da casa e era ali que as meninas estavam, ajoelhadas no meio de umas samambaias, de costas para ele. Não conseguia ver o que faziam, mas estavam totalmente estáticas. Eram duas, ambas ajoelhadas vestindo suas roupas de domingo. Seus cabelos eram louros quase brancos, longos, escovados e limpos, adornados com várias presilhas prateadas.

Ficou parado observando as meninas, que continuavam ajoelhadas e quietas. Uma delas virou a cabeça e olhou para ele. Seu rosto tinha formato de coração, e os olhos eram de um azul glacial. Ela o fitou com uma expressão vazia. No instante seguinte, a outra menina também se virou para ele. Essa estava sorrindo de leve; devia ter uns sete anos. Sua irmã inexpressiva devia ter uns 10. Killian ergueu a mão num cumprimento. A menina que não sorria ficou olhando para ele por mais alguns segundos, depois virou a cabeça para o outro lado. Ele não conseguia ver o que havia na frente delas, mas, o que quer que fosse, estava atraindo totalmente sua atenção. A menina mais nova também não

acenou, mas pareceu menear a cabeça para ele antes de voltar a se concentrar no chão à sua frente. O silêncio e a imobilidade das meninas o deixaram incomodado.

Ele atravessou o quintal até a entrada dos fundos. A porta de tela estava alaranjada de ferrugem e estufada para fora, despregando-se da moldura em alguns pontos. Ele tirou o chapéu e estava prestes a subir os degraus para bater, mas a porta interna se abriu e uma mulher surgiu atrás da tela. Killian parou, com o chapéu na mão, e fez cara de pedinte.

A mulher podia ter 30, 40 ou 50 anos. Seu rosto era tão encovado que parecia cadavérico, os lábios eram finos e sem cor. Um pano de prato pendia de seu avental.

— Olá, senhora — disse Killian. — Estou com fome. Estava pensando se a senhora teria alguma coisa que eu pudesse comer. Uma torrada, quem sabe.

— O senhor não tomou café da manhã?

— Não, senhora.

— Eles distribuem café da manhã no Sagrado Coração. O senhor não sabia?

— Eu não sei nem onde fica isso, minha senhora.

Ela aquiesceu com um movimento breve.

— Vou preparar uma torrada para o senhor. Posso preparar uns ovos também, se quiser. Quer?

— Bom, eu acho que, se a senhora preparasse os ovos, eu não iria jogá-los fora. Era isso que Gage sempre dizia quando lhe ofereciam mais do que ele estava pedindo, e a tirada fazia as donas-de-casa rirem — mas aquela dali não riu, talvez porque ele não fosse Gage e a frase não soasse da mesma forma saída da sua boca. Em vez disso, ela apenas disse:

— Está bem. Limpe os pés no... — Olhou para os sapatos dele e parou de falar por alguns instantes. — Olhe só para esses sapatos. Quando entrar, pode tirá-los e deixá-los ao lado da porta.

— Sim, senhora.

Killian tornou a olhar para as meninas antes de subir os degraus, mas elas estavam de costas para ele e mais uma vez não lhe deram atenção. Ele entrou, tirou os sapatos e andou pelo piso de linóleo gelado com os pés sujos e descalços. Sempre que pisava com o esquerdo, sentia uma estranha fisgada no tornozelo. Quando se sentou na cadeira, os ovos já estalavam na frigideira.

— Eu sei como o senhor acabou na minha porta. Sei por que parou na minha casa. Pelo mesmo motivo que todos os outros homens param aqui — disse ela, e ele pensou que ela fosse dizer alguma coisa sobre a árvore com o x marcado, mas não foi o que ela fez. — É porque o trem desacelera um pouco quando entra naquela agulha a uns 400 metros daqui, e todos vocês pulam para não ter que dar de cara com Arnold Choke em Northampton. Não é mais ou menos isso? O senhor pulou na agulha?

— Sim, senhora.

— Por causa de Arnold Choke?

— Sim, senhora. Ouvi dizer que ele é um homem perigoso.

— Ele só tem a reputação que tem por causa do sobrenome, "sufocador". Arnold Choke não representa perigo para ninguém. Ele é velho e gordo e, se o senhor corresse dele, ele provavelmente iria desmaiar tentando alcançá-lo. Não que ele seja homem de correr, mas talvez corresse para algum lugar se soubesse que estão dando hambúrgueres de graça. Agora escute uma coisa. Quando entra naquela agulha, o trem está a mais ou menos 50 quilômetros por hora. Ele quase não desacelera. Pular dali é muito mais perigoso do que entrar no pátio de Northampton.

— Sim, senhora — disse ele, esfregando a perna esquerda.

— Uma moça grávida tentou pular no ano passado, bateu em uma árvore e quebrou o pescoço. Entende?

— Sim, senhora.

— Uma moça grávida. Estava viajando com o marido. O senhor deveria passar adiante essa informação. Avise aos outros que é melhor ficar no trem até ele parar por completo. Aqui estão seus ovos. Quer um pouco de geléia em cima da torrada?

— Se não for incômodo, senhora. Obrigado. A senhora nem imagina como essa comida está cheirosa!

Ela se encostou na bancada da cozinha, segurando a espátula, e ficou observando-o comer. Ele não disse nada enquanto comia, apressado. Durante todo o tempo a mulher ficou olhando para ele em silêncio.

— Bem — falou quando ele terminou a refeição. — Vou pôr mais uns dois na frigideira para o senhor.

— Não precisa. Já comi o suficiente.

— O senhor não quer?

Ele hesitou, sem saber ao certo como responder. Era uma pergunta difícil.

— Quer, sim — ela mesma respondeu, quebrando dois ovos na frigideira.

— Eu pareço estar com tanta fome assim?

— Fome não é bem a palavra. O senhor parece um cão sem dono disposto a revirar latas de lixo atrás de alguma coisa para comer.

Quando ela pôs o prato na sua frente, ele falou:

— Se eu puder fazer alguma coisa para retribuir isto, senhora, farei com muito prazer.

— Obrigada. Mas não há nada a fazer.

— Gostaria que a senhora pensasse em alguma coisa. Estou grato por ter aberto a sua cozinha para mim desse jeito. Eu não sou um imprestável. Não tenho medo de trabalho.

— De onde o senhor vem?

— Do Missouri.

— Achei que fosse do Sul. O seu sotaque é engraçado. Para onde está indo?

— Não sei — respondeu ele.

Ela não perguntou mais nada e continuou encostada na bancada segurando a espátula, olhando-o comer. Então saiu e deixou-o sozinho na cozinha.

Quando ele terminou, ficou sentado à mesa, sem saber muito bem o que fazer ou se deveria ir embora. Enquanto estava tentando decidir, ela reapareceu, segurando em uma das mãos um par de botinas pretas de cano curto, e na outra um par de meias pretas.

— Calce isto aqui para ver se serve — disse ela.

— Não, senhora. Não posso aceitar.

— Não só pode como vai. Calce. Parecem ser do tamanho certo.

Ele colocou as meias e as botinas por cima. Tomou cuidado ao enfiar o pé esquerdo no sapato, mas mesmo assim sentiu uma forte pontada de dor no tornozelo. Soltou um arquejo rápido.

— Algum problema com esse pé aí? — perguntou ela.

— Eu torci.

— Pulando do trem naquela agulha?

— Sim, senhora.

Ela balançou a cabeça para ele.

— Tem gente que morre. Tudo por medo de um homem gordo com seis dentes na boca. As botinas ficaram um pouco frouxas, talvez fossem

de número maior. Havia um zíper do lado interno de cada pé. Seu couro era preto e limpo, e estava apenas um pouco gasto nos bicos. Deviam ter sido pouco usadas.

— Como ficou?

— Bom. Mas eu não posso aceitar. Elas estão quase novas.

— Ótimo. Não estão me servindo e o meu marido não precisa mais delas. Ele morreu em julho.

— Eu sinto muito.

— Eu também — retrucou ela sem mudar de expressão. — Quer um pouco de café? Eu não lhe ofereci café.

Ele não respondeu, então ela serviu uma xícara para ele e outra para si, depois sentou-se à mesa.

— Ele morreu em um acidente de caminhão — disse. — Um caminhão do programa de auxílio aos desempregados do governo. Capotou. Não foi só ele que morreu. Cinco outros homens morreram também. O senhor talvez tenha lido a respeito. Saiu em vários jornais.

Ele não respondeu. Não tinha ouvido falar naquilo.

— Quem estava dirigindo era ele... o meu marido. Alguns dizem que a culpa foi dele, que ele não tomou cuidado com a direção. Houve uma investigação. Acho que talvez tenha sido mesmo culpa dele. — Ela passou algum tempo em silêncio, depois prosseguiu. — A única coisa boa na morte dele foi que ele não precisa ficar por aí carregando essa culpa. Vivendo com o fato de ter sido o responsável. Isso o teria destruído por dentro.

Killian desejou ser Gage. Ele saberia o que dizer. Gage nessa hora teria estendido a mão por cima da mesa e segurado a mão dela. Killian ficou sentado, usando os sapatos do morto e se esforçando para dizer alguma coisa. Por fim, balbuciou:

— As coisas mais terríveis acontecem com as melhores pessoas. As pessoas mais bondosas. Na maior parte das vezes, não tem motivo nenhum. É só falta de sorte mesmo. Se a senhora não sabe ao certo se foi culpa dele, por que se atormentar achando que foi? Já é bastante difícil perder alguém importante sem ficar pensando nisso.

— É. Eu tento não pensar no assunto — disse ela. — Mas sinto a falta dele. Agradeço a Deus toda noite pelos 12 anos que tivemos juntos. Agradeço a Deus pelas filhas que ele me deu. Vejo os olhos dele nos olhos das meninas.

— Sei — disse Killian.

— Elas não sabem o que fazer. Nunca se sentiram tão confusas.

— Ã-hã — balbuciou Killian.

Ficaram sentados à mesa durante mais algum tempo, então a mulher disse:

— O senhor parece ser do mesmo tamanho que o meu marido. Posso lhe dar uma das camisas dele, e uma calça também, além das botinas.

— Não, senhora. Não seria certo. Pegar coisas com a senhora que não posso pagar.

— Ora, deixe disso. Não vamos falar em dinheiro. Eu procuro encontrar alguma coisa boa nessa situação tão ruim. Teria prazer em lhe dar as roupas. Isso faria com que me sentisse melhor — disse ela, sorrindo.

Killian pensou que os cabelos dela fossem grisalhos, enrolados em um coque atrás da cabeça, mas olhando-a sentada ali, banhada pela luz clara vinda de uma das janelas, viu pela primeira vez que seus cabelos eram louros, quase brancos, como os das filhas.

Ela se levantou e tornou a sair da cozinha. Enquanto não voltava, ele lavou a louça. Dali a pouco a mulher voltou trazendo uma calça caqui e suspensórios, uma grossa camisa quadriculada e uma camiseta. Mostrou-lhe o caminho de um quarto dos fundos e deixou-o sozinho para que se vestisse. A camisa ficou grande, folgada, e tinha um leve cheiro masculino, não desagradável; também recendia a fumo de cachimbo. Killian tinha visto um cachimbo feito de espiga de milho sobre a prateleira acima do fogão.

Saiu do quarto com as roupas sujas e rasgadas debaixo do braço, sentindo-se limpo, fresco e normal, com uma agradável sensação de saciedade na barriga. A mulher estava sentada à mesa segurando um de seus velhos sapatos. Ostentava um leve sorriso enquanto removia as tiras de juta encrostadas de lama que o envolviam.

— Esses sapatos mereceram seu descanso — disse Killian. — Tenho quase vergonha da forma como os tratei.

Ela ergueu a cabeça e o contemplou sem dizer nada. Olhou para sua calça. Ele havia enrolado a barra nos tornozelos.

— Não tinha certeza se ele era do seu tamanho ou não — disse ela. — Achei que fosse mais alto, mas não sabia ao certo. Achei que talvez

fosse só a minha lembrança que o estivesse tornando mais alto.

— Ele era tão alto quanto a senhora se lembra.

— E fica parecendo mais alto — disse ela — quanto mais eu me afasto dele.

Não havia nada que ele pudesse fazer para pagar o que lhe devia pelas roupas e pela comida. Ela lhe disse que Northampton ficava a cerca de 5 quilômetros dali, que ele deveria ir para lá, porque provavelmente estaria novamente com fome quando chegasse, e havia uma distribuição de almoço no Sagrado Coração de Maria, onde ele poderia comer uma tigela de feijão e uma fatia de pão. Disse-lhe também que havia um acampamento para sem-teto na margem leste do rio Connecticut, mas, se ele fosse para lá, não deveria ficar muito tempo, pois o lugar muitas vezes era invadido pela polícia e os homens iam presos por ocupação ilegal. Já na porta, falou que era melhor ser preso numa estação do que tentar pular de um trem que ainda estivesse indo depressa demais. Disse que ela preferia que ele não pulasse de mais nenhum trem a menos que estivesse parado, ou andando bem devagar; da próxima vez, o dano poderia ser pior do que um tornozelo torcido. Ele aquiesceu e tornou a perguntar se havia algo que pudesse fazer por ela. A mulher respondeu que acabara de lhe dizer o que ele poderia fazer por ela.

Ele sentiu vontade de segurar a sua mão. Gage teria segurado e prometido rezar por ela e pelo marido que ela perdera. Ele desejou poder lhe falar sobre Gage. Killian percebeu, porém, que não conseguia estender a mão para tocar a dela, nem erguer os braços de qualquer forma que fosse, e não confiava na própria voz para falar. Muitas vezes ficava arrasado diante da dignidade de outras pessoas que também não tinham quase nada; em alguns momentos, sentia a bondade delas com tamanha intensidade que pensava que aquilo fosse destruir algum delicado órgão interno seu.

Quando estava atravessando o quintal para a estrada, vestindo sua roupa nova, olhou para as árvores e viu as duas meninas entre as samambaias. Agora estavam em pé e cada uma delas segurava um buquê de flores velhas e de aspecto murcho. Estavam olhando para o chão. Ele parou e pôs-se a observá-las, perguntando-se o que estariam fazendo, o que havia no chão que ele não conseguia ver. Enquanto estava ali parado, as duas viraram a cabeça — primeiro a mais velha, depois a menor, como da primeira vez — e retribuíram seu olhar.

Killian sorriu sem convicção e atravessou mancando o quintal até onde elas estavam. Abriu caminho entre as samambaias úmidas de sereno para se postar atrás delas. Logo depois de onde as meninas estavam havia um trecho de chão desbastado e um pedaço de saco preto. Em cima do saco estava deitada uma terceira menina, a mais nova de todas, usando um vestido branco rendado na gola e nas mangas. Suas mãos brancas e delicadas como porcelana estavam cruzadas por cima do peito, e debaixo delas havia um pequeno buquê. Seus olhos estavam fechados. Os músculos de seu rosto tremiam enquanto ela tentava não rir. Não tinha mais de cinco anos. Uma coroa de margaridas secas emoldurava seus cabelos louros. Aos seus pés havia uma pilha de flores murchas e mortas. Uma Bíblia estava aberta ao seu lado.

— A nossa irmã Kate morreu — disse a menina mais velha.

— Estamos fazendo o velório — disse a filha do meio.

Kate estava deitada quietinha em cima do saco. Seus olhos continuavam fechados, mas ela precisava morder os lábios para segurar o riso.

— Quer brincar? — perguntou a filha do meio. — Quer participar da brincadeira? O senhor poderia se deitar. Poderia ser o morto e nós poderíamos cobrir o senhor de flores e ler a Bíblia e cantar *Mais perto do Senhor meu Deus*.

— Eu posso chorar — disse a mais velha. — Consigo forçar o choro sempre que quero. Killian ficou ali parado. Olhou para a menina no chão, depois para as duas carpideiras. Por fim, falou:

— Acho que este não é o meu tipo de brincadeira. Eu não quero ser o morto. A mais velha olhou-o de cima a baixo, e em seguida o encarou.

— Por que não? — perguntou. — Está vestindo a roupa certa.

BOBBY CONROY VOLTA DOS MORTOS

No início, Bobby não a reconheceu. Ela estava ferida, assim como ele. Todos os 30 primeiros que chegaram receberam ferimentos. O próprio Tom Savini os fez.

O rosto dela tinha um tom azul prateado, os olhos fundos em órbitas escuras, e onde antes ficava sua orelha direita havia um buraco de bordas irregulares, um rombo aberto que revelava um calombo de osso úmido, vermelho. Estavam sentados a um metro um do outro sobre o muro de pedra em volta do chafariz desligado. Ela estava equilibrando as páginas do roteiro em cima de um dos joelhos — três páginas ao todo, grampeadas juntas — e as folheava, concentrada. Bobby lera as suas enquanto esperava na fila da maquiagem.

A calça jeans que ela usava lembrou-lhe de Harriet Rutherford. Estava coberta de retalhos que pareciam ter sido feitos com lenços de pano; quadrados vermelhos e azul-escuros com estampas quadriculadas. Harriet sempre usava jeans assim. Retalhos costurados no traseiro de uma calça Levi's feminina ainda deixavam Bobby excitado.

Seu olhar acompanhou a curva das pernas dela até onde a calça se alargava no tornozelo, depois pousou sobre seus pés descalços. Ela havia tirado as sandálias e estava entrelaçando os dedos de um dos pés nos dedos do outro. Quando ele viu isso, sentiu seu coração dar um pulo com um choque de dor e delícia ao mesmo tempo.

— Harriet? — perguntou. — Você é a Harriet Rutherford para quem eu costumava escrever poemas de amor no colégio?

Ela olhou para ele de lado, por cima do ombro. Não precisava responder; ele sabia que era ela. Ela ficou olhando para ele durante algum tempo, avaliando-o, e então seus olhos se abriram um pouco. Eram de um verde vivido e, por um instante, Bobby viu um brilho de reconhecimento e de inconfundível animação. Mas ela virou a cabeça para o outro lado e continuou a examinar os papéis.

— Ninguém nunca me escreveu poemas no colégio — disse ela. — Eu me lembraria. Teria morrido de felicidade.

— Durante a suspensão. Lembra que a gente pegou duas semanas de suspensão depois do esquete do programa de culinária? Você esculpiu um pepino em forma de pau, disse que ele precisava cozinhar durante uma hora e o enfiou dentro da calça. Foi o instante mais glorioso da história da Companhia de Comédia Morrer de Rir.

— Não. Eu tenho boa memória, e não me lembro desse grupo de comédia. — Tornou a olhar para as páginas equilibradas no joelho. — Você se lembra de algum detalhe desses tais poemas?

— Como assim?

— De alguma estrofe. Quem sabe, se você se lembrar de alguma coisa desses poemas... uma estrofe de poesia de cortar o coração... quem sabe eu poderia me lembrar de tudo?

No início, ele não sabia se iria conseguir; ficou olhando para ela com o rosto inexpressivo, pressionando o lábio inferior com a língua, tentando se recordar de alguma coisa, mas sua mente teimava em permanecer vazia.

Então abriu a boca e começou a recitar, lembrando-se à medida que avançava:

— *Adoro ver você no banho. Espero que não seja tarado.*

— *Mas quando vejo você ensaboar os peitos, meu jeans fica todo melado!* — exclamou Harriet, virando o corpo na direção dele. — Bobby Conroy, caramba, venha aqui me dar um abraço! Mas cuidado para não estragar minha maquiagem.

Ele se inclinou para ela e passou o braço em volta de suas costas estreitas. Fechou os olhos e apertou, sentindo-se absurdamente feliz, talvez mais feliz do que jamais se sentira desde que havia voltado para a casa dos pais. Não passara um dia sequer em Monroeville sem pensar em vê-la. Sentia-se deprimido, sonhava acordado com ela, com histórias que começavam exatamente como aquele instante — ou não exatamente *aquele* instante, pois ele não os havia imaginado maquiados como cadáveres parcialmente decompostos, mas quase.

Todo dia de manhã, quando acordava em seu quarto em cima da garagem da casa dos pais, sentia-se desanimado e aflito. Ficava deitado no colchão cheio de saliências olhando para as janelinhas horizontais acima de sua cabeça. As janelas estavam esbranquiçadas de poeira e, através

delas, o céu parecia sempre igual, um branco sem graça, disforme. Nada dentro dele sentia vontade de se levantar. O pior de tudo era a lembrança de quando era adolescente e acordava naquela mesma cama, consciente de todas as suas possibilidades e cheio de entusiasmo com o dia que começava. Quando ele imaginava reencontrar Harriet e retomar sua velha amizade — e quando essas fantasias matutinas se tornavam explicitamente sexuais, principalmente ao se lembrar de estar com ela no barracão de seu pai, ela deitada de costas sobre o cimento manchado, com as pernas muito magras escancaradas, ainda de meias —, então pelo menos ele conseguia atiçar seu sangue e ter um pouco mais de energia. Todas as suas outras fantasias eram dolorosas. Lidar com elas sempre trazia a ameaça de uma súbita e intensa onda de sofrimento.

— Mãe, quem é esse cara? — perguntou um menino que estava por perto enquanto os dois ainda estavam abraçados.

Bobby Conroy abriu os olhos e virou-se para a direita. Um menininho morto de rosto azulado e cabelos pretos lambidos olhava para eles. Usava um casaco de moletom com o capuz levantado.

Harriet desprendeu-se do abraço, afastando-se lentamente de Bobby. Passou mais alguns instantes olhando para o menino — que não tinha mais de cinco anos de idade —, depois baixou os olhos para a mão de Harriet, para a aliança de casamento em seu anular.

Bobby tornou a fitar o menino e forçou um sorriso. Já fizera mais de 700 testes de ator durante sua temporada em Nova York, e tinha uma coleção de sorrisos falsos.

— Oi, amiguinho — disse ele. — Eu sou Bobby Conroy. A sua mãe e eu somos velhos amigos da época em que a Terra vivia cheia de mastodontes.

— O meu nome também é Bobby — falou o menino. — Você sabe muita coisa sobre dinossauros? Eu adoro dinossauros.

Bobby sentiu uma pontada de náusea atravessar-lhe o corpo. Virou-se para ela — não queria, mas não pôde evitar — e viu que Harriet estava olhando para ele. Seu sorriso era ansioso e contido.

— Quem escolheu foi meu marido — disse ela. Por algum motivo, estava afagando a perna de Bobby. — Em homenagem a um jogador dos Yankees. Ele é de Albany.

— Eu sei tudo sobre mastodontes — disse Bobby para o menino, surpreso ao constatar que sua voz soava no mesmo tom de sempre. — Uns

elefantões peludos do tamanho de um ônibus. Antigamente eles viviam no planalto da Pensilvânia e deixavam gigantescos cocôs de mastodonte por toda parte. Um desses cocôs acabou se transformando em Pittsburgh.

O menino sorriu e lançou um olhar rápido para a mãe, talvez para avaliar o que ela pensava daquela referência casual a cocô. Ela sorriu, indulgente. Bobby viu a mão do menino e se retraiu.

— Eca! Uau, esse é o melhor machucado que eu vi o dia todo. Essa mão é postiça? Faltavam três dedos na mão esquerda do garoto. Bobby a segurou e deu-lhe um puxão, esperando que fosse se soltar. Mas a mão era quentinha e carnuda por baixo da maquiagem azul, e o menino afastou-a de Bobby.

— Não — disse ele. — Minha mão é assim mesmo.

Bobby corou tanto que suas orelhas arderam, e sentiu-se grato por estar escondido pela maquiagem. Harriet tocou o pulso de Bobby.

— Ele não tem esses dedos — disse ela.

Bobby olhou para ela, esforçando-se para formular um pedido de desculpas. O semblante dela estava um pouco tenso, mas ela não parecia estar zangada, e a mão no seu braço era um bom sinal.

— Eu enfiei a mão na serra circular, mas não me lembro direito porque eu era muito pequeno — explicou o menino.

— O Dean trabalha com madeira — disse Harriet.

— Ele também está se arrastando por aqui? — perguntou Bobby, esticando o pescoço exageradamente para olhar em volta, embora não tivesse a menor idéia de qual pudesse ser a aparência do Dean de Harriet. Os dois andares do saguão central do shopping estavam lotados de pessoas como eles, maquiadas para parecerem mortas. Estavam sentadas juntas em bancos, ou de pé em grupos, conversando, rindo dos ferimentos umas das outras, ou então lendo as páginas mimeografadas do roteiro que haviam recebido. O shopping estava fechado — as portas de aço abaixadas em frente às vitrines das lojas — e não havia ninguém ali exceto a equipe de filmagem e os mortos-vivos.

— Não, ele deixou a gente aqui e foi trabalhar.

— No domingo?

— Ele é dono do próprio depósito.

Era uma boa deixa para uma piada. Ele fez uma pausa, procurando o comentário certo... e então ocorreu-lhe que fazer graça sobre a escolha profissional de Dean com a esposa de Dean na frente do filho de cinco

anos de Dean poderia ser arriscado, mesmo que ele e Harriet tivessem sido melhores amigos e o Casal 20 da Companhia de Comédia Morrer de Rir no último ano do ensino médio.

— Ah, é? Que bom — foi só o que Bobby falou.

— Adorei esse corte nojento na sua cara — disse o menininho, apontando para a testa de Bobby, que exibia uma ferida funda, a pele aberta até o osso. — Você não achou o cara que transformou a gente em morto muito legal?

Na verdade, Bobby ficara com um pouco de medo de Tom Savini, que não parava de consultar um livro de fotografias de autópsias enquanto aplicava a sua maquiagem. As pessoas nessas fotos, com sua carne mutilada e seus rostos flácidos e infelizes, estavam mortas de verdade, não iriam se levantar em seguida para tomar uma xícara de café na mesa do catering. Savini estudava seus ferimentos com uma admiração muda, a mesma de qualquer pintor em relação ao tema de sua arte.

Mas Bobby compreendeu o que o menino quis dizer quando descreveu Savini como legal. Com seu casaco de couro preto, suas botas de motociclista, sua barba preta e suas memoráveis sobrancelhas — pretas, grossas e muito arqueadas para cima, como as do Dr. Spock ou de Bela Lugosi —, ele parecia um deus do *death metal*.

Bobby olhou em volta quando ouviu alguém batendo palmas. O diretor, George Romero, estava próximo ao pé das escadas rolantes, um homem corpulento com mais de 1,80m de altura e uma espessa barba castanha. Bobby havia percebido que muitos dos membros masculinos da equipe usavam barba. Vários tinham também cabelos que iam até os ombros, usavam roupas do Exército ou da Marinha e botas de motociclista iguais às de Savini, o que os fazia parecer um bando de revolucionários da contracultura.

Bobby, Harriet e o pequeno Bob se juntaram aos outros figurantes para escutar o que Romero tinha a dizer. O diretor tinha uma voz potente, segura, e, quando sorria, surgiam covinhas em suas bochechas, visíveis por debaixo da barba. Ele perguntou se algum dos presentes sabia alguma coisa sobre cinema. Algumas pessoas, incluindo Bobby, levantaram a mão. Romero disse *Graças a Deus que alguém aqui sabe,* e todos riram. Disse que queria lhes dar as boas-vindas ao mundo do cinema de grande orçamento, e todos riram disso também — porque George Romero só filmava na Pensilvânia, e todo mundo sabia que *Despertar dos mortos*

tinha um orçamento para lá de baixo, e na verdade estava a um passo de não ter orçamento algum. Disse que agradecia a todos por estarem ali, e que, em troca de 10 horas de um trabalho exaustivo, que poria à prova seu corpo e sua alma, seriam pagos *em espécie* uma soma tão colossal que ele não se atrevia a dizer a cifra em voz alta. Ergueu no ar uma nota de 1 dólar e houve novas risadas. Então Tom Savini, no segundo andar, inclinou-se por cima do peitoril de segurança e gritou:

— Não riam, isso é mais do que a maioria das pessoas aqui está recebendo para trabalhar nesta porcaria.

— Muita gente está neste filme por amor à arte — disse George Romero. — O Tom está aqui porque gosta de esguichar pus nos outros. — Algumas pessoas gemeram. — Pus cenográfico! Pus cenográfico! — gritou Romero.

— Você *espera* que seja pus cenográfico — entoou Savini de algum lugar mais acima, mas ele já estava se afastando do peitoril, fora do campo de visão.

Novas risadas. Bobby sabia algumas coisinhas sobre diálogos cômicos, e estava desconfiado de que aquele discurso fora ensaiado e que já havia sido feito antes.

Romero falou um pouco sobre a trama. Mortos recém-enterrados voltavam à vida; eles gostavam de comer gente; diante da crise, o governo havia sido derrubado; quatro jovens heróis tinham ido buscar abrigo naquele shopping center. A atenção de Bobby se desviou e ele se pegou olhando para o outro Bobby, filho de Harriet. O pequeno Bobby tinha um rosto comprido, solene, olhos escuros cor de chocolate e fartos cabelos pretos grossos, lisos e despenteados. Na verdade, o menino tinha uma ligeira semelhança com o próprio Bobby, que também tinha os olhos castanhos, um rosto fino e uma profusão desgrenhada de cabelos pretos sobre a cabeça.

Bobby se perguntou se Dean era parecido com ele. A idéia fez seu sangue circular de forma estranha. E se Dean aparecesse para ver como estavam Harriet e o pequeno Bobby e se revelasse seu gêmeo idêntico? A idéia era tão alarmante que o fez se sentir momentaneamente fraco — mas ele então se lembrou de que estava maquiado como um cadáver: rosto azul, ferimento na testa. Mesmo que os dois fossem muito semelhantes, não iriam estar nada parecidos.

Romero deu as últimas instruções sobre como andar como um zumbi — fez uma demonstração revirando os olhos e deixando o rosto flácido —, depois prometeu que estariam prontos para filmar a primeira seqüência em poucos minutos.

Harriet girou nos calcanhares e virou-se de frente para ele, o punho no quadril, os cílios estremecendo de forma teatral. Ele se virou ao mesmo tempo e os dois quase se esbarraram. Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu. Estavam perto demais um do outro, e aquela proximidade física inesperada parecia deixá-la desconcertada. Ele tampouco sabia o que dizer, com a mente de repente vazia de qualquer pensamento. Ela riu e sacudiu a cabeça, reação que ele achou artificial, uma expressão de ansiedade, não de felicidade.

— Vamos sentar, parceiro — disse ela com a voz forçada. Ele se lembrou de que, quando alguma improvisação não estava indo bem e ela começava a ficar aflita, algumas vezes embarcava em uma longa e arrastada imitação de John Wayne no palco, um tique nervoso que na época ele detestava e que, naquele momento, achou encantador.

— Vai demorar muito para a gente ter alguma coisa para fazer? — perguntou o pequeno Bob.

— Não — disse ela. — Por que você não treina andar feito zumbi? Vá se arrastar um pouco por aí.

Bobby e Harriet tornaram a se sentar na beirada do chafariz. As mãos dela eram miúdas, punhos ossudos e cerrados sobre as coxas. Ela olhava para o próprio colo com ar inexpressivo, o olhar voltado para dentro. Estava novamente enterrando os dedos de um pé descalço nos dedos do outro pé.

Ele falou. Um deles precisava dizer alguma coisa.

— Não consigo acreditar que você está casada e tem um filho! — disse, com o mesmo tom de surpresa feliz que reservava para parabenizar os amigos que tinham sido escolhidos para representar algum papel para o qual ele próprio tivesse se candidatado. — Adorei esse menino. Ele é uma graça. Quem consegue resistir a um menininho que parece já meio apodrecido?

Ela pareceu voltar de onde quer que tivesse estado e sorriu para ele, quase tímida. Ele continuou:

— E é melhor você estar pronta para me contar tudo sobre esse tal de Dean.

— Ele vai passar aqui mais tarde. Vai nos levar para almoçar. Você poderia ir com a gente.

— Pode ser divertido! — exclamou Bobby, fazendo uma anotação mental para reduzir em um tom o próprio entusiasmo.

— Ele fica muito tímido quando conhece alguém, então não tenha grandes expectativas.

Bobby acenou no ar com uma das mãos.

— Vai ser ótimo. A gente vai ter um monte de coisas para conversar. Sempre tive fascínio por depósitos de madeira e... compensado.

Era perigoso provocá-la em relação ao marido que ele sequer conhecia. Mas ela deu um sorriso de sarcasmo e disse:

— Tudo o que você sempre quis saber sobre tábuas mas nunca teve coragem de perguntar.

Por alguns instantes, ficaram os dois sorrindo, com um ar de tolos, com os joelhos quase se tocando. Nunca haviam descoberto realmente como conversar um com o outro. Era como se estivessem sempre no palco, tentando usar o que o outro dizia para bolar a próxima tirada. Pelo menos isso não havia mudado.

— Meu Deus, não acredito que encontrei você aqui — disse ela. — Tenho pensado em você. Tenho pensado muito em você.

— É mesmo?

— Imaginei que você agora já fosse ser famoso — disse ela.

— Ué, então somos dois — disse Bobby, e piscou. Imediatamente desejou poder retirar aquela piscadela. Era forçada, e ele não queria ser falso com ela. Apressou-se em continuar, respondendo a uma pergunta que ela não tinha feito. — Estou me instalando. Faz três meses que voltei. Estou passando um tempo na casa dos meus pais, meio que me readaptando a Monroeville.

Ela aquiesceu sem tirar os olhos dele, com uma seriedade que o deixou pouco à vontade.

— Como está indo?

— Estou me virando.

NOS INTERVALOS ENTRE DOIS POSICIONAMENTOS DE CÂMERA, BOBBY, HARRIET E o pequeno Bob ficavam contando histórias sobre como haviam morrido.

— Eu era ator em Nova York — disse Bobby, passando o dedo sobre o ferimento na testa. — Alguma coisa trágica aconteceu quando eu subi no palco.

— É — disse Harriet. — A sua atuação.

— Aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido antes.

— O que, as pessoas riram?

— Eu fui brilhante, como sempre. As pessoas rolaram no chão.

— Convulsões de agonia.

— Aí, quando eu estava fazendo meu agradecimento final... aconteceu um acidente terrível. Um contra-regra que estava em cima de uma das vigas deixou cair um saco de areia de quase 20 quilos bem na minha cabeça. Eu morri ao som dos aplausos.

— Estavam aplaudindo o contra-regra — disse Harriet.

O menininho olhou muito sério para o rosto de Bobby e segurou sua mão.

— SINTO MUITO VOCÊ TER LEVADO UMA PANCADA NA CABEÇA. — SEUS LÁBIOS roçaram os nós dos dedos de Bobby com um beijo seco.

Bobby baixou os olhos para ele. Sua mão ardia no lugar onde a boca do menino a havia tocado.

— Ele sempre adorou beijar e abraçar as pessoas — disse Harriet. — A reserva de afeto dele é imensa. Ao menor sinal de fraqueza, lá está ele, pronto para paparicar você. — Enquanto dizia isso, ela afagou os cabelos do pequeno Bobby. — O que matou você, pirralho?

Ele ergueu a mão e sacudiu os cotos.

— A serra circular do papai cortou meus dedos e eu sangrei até morrer. Harriet continuou sorrindo, mas seus olhos pareceram levemente turvos. Ela vasculhou o bolso e encontrou uma moeda de 25 centavos.

— Vá comprar um chiclete, amigão. Ele pegou a moeda e saiu correndo.

— As pessoas devem achar que nós somos os pais mais descuidados do mundo — disse ela, fitando o filho que se afastava, com um rosto inexpressivo. — Mas o acidente com a mão dele não foi culpa de ninguém.

— Tenho certeza que não.

— A serra circular estava desligada e ele não tinha nem dois anos. Nunca tinha ligado nada na tomada antes. A gente não tinha noção de que ele sabia fazer isso. O Dean estava com ele. Foi tudo muito rápido. Sabe quantas coisas precisam dar errado, todas ao mesmo tempo, para uma coisa dessas acontecer? O Dean acha que ele se assustou com o barulho da serra ligando e estendeu a mão para tentar desligá-la. Achou que iria levar uma bronca. — Ela passou alguns instantes em silêncio, observando o filho acionar a máquina de chicletes, depois continuou. — Sempre que eu pensava no meu filho eu dizia para mim mesma: essa é a única parte da minha vida em que eu vou acertar. Nada de burradas nessa área. Ficava imaginando que, quando ele tivesse 15 anos, iria transar com a menina mais bonita do colégio. Fantasiava que ele saberia tocar cinco instrumentos e deixaria todo mundo extasiado com seu talento. Pensava em como ele seria o menino simpático que conhecia todo mundo. — Ela fez uma nova pausa, depois arrematou. — Agora ele vai ser o menino engraçado. O menino engraçado sempre tem algum defeito. É por isso que ele é engraçado... para desviar a atenção das pessoas para outra coisa.

No silêncio que se seguiu a essa afirmação, vários pensamentos passaram pela cabeça de Bobby. O primeiro foi que *ele* tinha sido o menino engraçado quando estava no colégio; será que Harriet pensava que havia alguma coisa errada com *ele* que ele estivesse tentando esconder? Depois lembrou que *ambos* eram engraçados e pensou: *Qual era o nosso problema?*

Tinha de haver algum problema, senão eles agora estariam juntos e o menino na máquina de chicletes seria seu filho. A idéia que lhe passou pela cabeça em seguida foi que, se o pequeno Bobby fosse o *seu* pequeno Bobby, ainda teria 10 dedos. Sentiu uma antipatia crescente pelo madeireiro Dean, um brutamontes que achava que se divertir com o filho provavelmente significava levá-lo a uma quermesse para ver um caminhão arrastando outro pelo pára-choque.

Uma assistente de direção começou a bater palmas e gritar para os mortos-vivos se posicionarem. O pequeno Bob voltou correndo para onde eles estavam.

— Mãe — disse, com a bola de chiclete dentro da bochecha. — Você não contou como você morreu. — Ele estava olhando para a orelha arrancada dela.

— Eu sei — disse Bobby. — Ela encontrou um velho amigo no shopping e eles começaram a conversar. Você sabe, começaram a conversar *mesmo*. *Horas* de papo furado. Finalmente, o velho amigo disse: "Olhe, eu não quero fazer a sua orelha de penico." E a sua mãe disse: "Ah, não se preocupe..."

— Um grande homem certo dia falou: "Emprestem-me suas orelhas" — disse Harriet. Bateu a palma da mão na testa com força. — Por que fui escutar esse homem?

TIRANDO OS CABELOS ESCUROS, DEAN NÃO SE PARECIA EM NADA COM ELE. DEAN era *baixo*. Bobby não estava preparado para quanto ele era baixo. Era mais baixo do que Harriet, e ela própria não tinha muito mais de l,65m. Quando os dois se beijaram, Dean teve de esticar o pescoço. Era compacto e tinha um corpo sólido, ombros largos, peito grande, quadris estreitos. Usava óculos grossos de armação de plástico cinza, e os olhos por trás das lentes tinham a cor do estanho. Eram olhos tímidos — seu olhar cruzou com o de Bobby quando Harriet os apresentou, afastou-se, voltou, e tornou a se afastar —, além de velhos; nos cantos, a pele estava franzida em uma teia de finas rugas de expressão. Era mais velho do que Harriet, talvez uns 10 anos. Haviam acabado de ser apresentados quando Dean de repente gritou:

— Ah, você é *aquele* Bobby! O Bobby *engraçado*. Sabe, a gente quase não batizou o nosso *filho* de Bobby por sua causa. Eu fui treinado para dizer que foi idéia minha chamá-lo de Bobby, se um dia cruzasse com você. Por causa do Bobby Murcer. Desde que eu tive idade suficiente para ter filhos sempre pensei...

— Eu sou engraçado! — interrompeu o garoto. Dean o segurou pelas axilas e ergueu-o no ar.

— Claro que é!

Bobby não tinha certeza se queria almoçar com os Dean, mas Harriet passou o braço pelo dele, conduzindo-o até a porta que dava para o estacionamento. O ombro dela — morno e nu — estava encostado no seu, então na verdade não houve escolha.

Bobby não reparou nas outras pessoas que os encaravam no restaurante, e foi só quando a garçonete apareceu que ele se lembrou de

que estavam maquiados. Ela era quase adolescente ainda, com a cabeça coberta de cabelos louros ondulados que balançavam quando ela andava.

— A gente está morto — anunciou o pequeno Bobby.

— Entendi — disse a garota, assentindo e apontando a caneta esferográfica para eles. — Deixem eu adivinhar: ou vocês todos estão trabalhando no filme de terror ou então já comeram o prato do dia, qual dos dois?

Dean riu, uma risada seca, quase um gemido. Dean era o sujeito de riso mais fácil que Bobby já conhecera. Ria de quase tudo o que Harriet dizia, e também da maioria das coisas que o próprio Bobby falava. Algumas vezes, ria com tanta vontade que as pessoas das outras mesas olhavam para ele, assustadas. Quando conseguia se controlar, ele se desculpava com uma sinceridade inconfundível, o rosto corado com um delicado tom cor-de-rosa, os olhos reluzentes e úmidos. Foi então que Bobby começou a enxergar uma possível resposta para a pergunta que trazia na cabeça desde que soubera que ela estava casada com Dean-que-tinha-o-seu-próprio-depósito-de- madeira: *Por que ele?* Bem, no mínimo, ele era uma boa platéia.

— Achei que você estivesse trabalhando como ator em Nova York — disse Dean, por fim. — O que trouxe você de volta?

— O fracasso — respondeu Bobby.

— Ah... que pena ouvir isso. O que você anda fazendo agora? Está trabalhando em alguma comédia por aqui?

— Mais ou menos isso. Só que aqui chamam essa profissão de "professor substituto".

— Ah! Você está dando aulas! Está gostando?

— É ótimo. Sempre tive planos de trabalhar no cinema, na televisão ou então no ensino médio. Ter tido tanto sucesso como professor substituto de educação física... é um sonho realizado.

Dean riu, e pedacinhos de filé de frango à milanesa pulverizados saíram voando de sua boca.

— Desculpe. Que horror — disse ele. — Comida para todo lado. Você deve estar pensando que eu sou um porcalhão.

— Não, tudo bem. Posso pedir para a garçonete trazer alguma coisa para você? Um copo d'água? Um babador?

Dean se curvou até quase tocar o prato com a testa, soltando um riso chiado, asmático.

— Pare. Sério.

Bobby parou, mas não por causa do que Dean disse. Pela primeira vez, havia percebido que o joelho de Harriet estava tocando no seu embaixo da mesa. Imaginou se seria de propósito, e na primeira oportunidade que teve inclinou-se para trás e olhou. Não, não era intencional. Ela havia tirado as sandálias e estava enterrando os dedos de um dos pés no outro, com tanta força que às vezes seu joelho esquerdo resvalava e batia no dele.

— Uau, eu adoraria ter tido um professor como você. Alguém que soubesse fazer os alunos rirem — disse Dean.

Bobby continuou mastigando, mas não saberia dizer o que estava comendo. Não tinha gosto nenhum.

Dean deixou escapar um suspiro trêmulo, tornou a enxugar o canto dos olhos.

— Eu não sou engraçado, é claro. Não consigo me lembrar nem das piadas mais óbvias. Não sou bom em muita coisa exceto em trabalhar. E a Harriet é *muito* engraçada. Algumas vezes, ela faz uns espetáculos para mim e o Bobby com as mãos calçadas com meias sujas. A gente ri tanto que não consegue nem respirar. Ela diz que é o Muppet Show dos pobres. — Ele recomeçou a rir e a bater na mesa. Harriet tinha os olhos fixos no próprio colo. Dean continuou. — Eu adoraria vê-la fazer isso no programa do Johnny Carson. Poderia ser... como é que vocês dizem, um número?... poderia ser um número clássico.

— Parece mesmo que sim — disse Bobby. — Estou surpreso que o Ed McMahon ainda não tenha ligado para saber se ela está disponível.

QUANDO DEAN OS LEVOU DE VOLTA ATÉ O SHOPPING E SAIU PARA O DEPÓSITO, A atmosfera estava diferente. Harriet parecia distante: era difícil atraí-la para qualquer tipo de conversa — não que Bobby estivesse disposto a tentar com muito afinco. Sentiu-se subitamente irritadiço. Representar uma pessoa morta durante aquele dia já não tinha mais a menor graça. Praticamente só fizeram esperar — esperar o eletricista arrumar as luzes do jeito certo, esperar Tom Savini retocar um ferimento que estava começando a ficar parecido com látex e não com pele dilacerada —, e Bobby perdeu a paciência. A visão de outras pessoas se divertindo passou a incomodá-lo. Vários zumbis estavam em pé juntos, brincando com um

baço vermelho gelatinoso, e rindo. Toda vez que o baço caía no chão, emitia um barulho molhado. Bobby sentiu vontade de rosnar para eles por estarem tão alegres. Será que ninguém nunca tinha ouvido falar de método de interpretação, de Stanislavski? Deveriam estar todos sentados, separados uns dos outros, gemendo de infelicidade e se concentrando. Ouviu *ele próprio* soltar um ganido alto, um som zangado, de frustração, e o pequeno Bobby perguntou qual era o problema. Ele disse que estava só treinando. O pequeno Bobby foi assistir ao jogo de bola com o baço. Sem olhar para ele, Harriet perguntou:

— O almoço foi legal, não foi?

— Sen-sa-cio-nal — disse Bobby, pensando: *É melhor tomar cuidado.* Estava ansioso, cheio de uma energia que não sabia como dissipar. — Acho que eu me dei muito bem com o Dean. Ele me lembra o meu avô. Eu tive um avô incrível que conseguia mexer as orelhas e que achava que o meu nome fosse Evan. Ele me dava 25 centavos se eu empilhasse lenha para ele, 50 se eu empilhasse sem camisa. Quantos anos o Dean tem, afinal?

Estavam caminhando juntos. Nesse instante, Harriet se retesou e parou. A cabeça dela girou na sua direção, mas seus cabelos estavam na frente dos olhos, tornando difícil ler a expressão que havia neles.

— Ele é nove anos mais velho do que eu. E daí?

— E daí nada. Estou contente por você estar feliz.

— Eu *estou* feliz — disse Harriet com a voz meia oitava acima do normal.

— Ele ajoelhou quando pediu você em casamento?

Harriet assentiu, desconfiada, com a boca contraída.

— Você teve que ajudá-lo a se levantar depois? — perguntou Bobby.

A sua própria voz também estava soando um pouco fora de tom, e ele pensou: *Agora chega.* Parecia um desenho animado; ele podia ver o Coiote amarrado na dianteira de uma locomotiva a vapor, enfiando os pés nos trilhos para tentar parar o trem, com fumaça subindo dos calcanhares e os pés inchados, muito vermelhos.

— Ah, seu babaca — disse ela.

— Foi mal! — Ele sorriu, erguendo as mãos na frente do corpo com as palmas para cima. — Brincadeira, brincadeira. É o Bobby engraçado, sabe. Não consigo evitar.

— Ela hesitou e deu-lhe as costas, sem ter certeza se deveria ou não acreditar nele. Bobby enxugou a boca com a mão. — Então a gente já sabe o que você faz para fazer o Dean dar risada. E o que ele faz para fazer você rir? Ah, está certo, ele *não é* engraçado. Bom, o que ele faz para o seu coração acelerar? Além de beijar você sem dentadura?

— Me deixe em paz, Bobby — disse ela, virando as costas, mas ele deu a volta para tornar a ficar na sua frente, para impedi-la de se afastar.

— Não.

— Pare com isso.

— Não consigo — disse ele, e de repente compreendeu que estava zangado com ela.

— Se ele não é engraçado, deve ser alguma outra coisa. Eu preciso saber o quê.

— *Paciente* — disse ela.

— Paciente — repetiu Bobby. Ficou espantado com a possibilidade de aquela ser a sua resposta.

— Comigo.

— Com você.

— Com o Robert.

— Paciente — repetiu Bobby. Ficou sem fôlego, sem conseguir dizer mais nada durante alguns instantes. De repente, sentiu que a maquiagem estava fazendo seu rosto cocar. Desejou que, quando começou a pressioná-la, ela houvesse simplesmente se afastado dele, ou mandado-o ir à merda, ou mesmo batido na cara dele, desejou que ela tivesse respondido qualquer outra coisa, menos *paciente.* Engoliu em seco.

— Isso não é bom o bastante. — Sabia que não podia parar agora, que o trem estava despencando do penhasco, os olhos do Coiote esbugalhados um metro para fora das órbitas de tanto pavor. — Eu queria conhecer o homem com quem você vive e me sentir doente de ciúme, mas em vez disso estou me sentindo apenas enjoado. Queria que você se apaixonasse por alguém bonito, criativo, brilhante, um escritor, um dramaturgo, alguém com senso de humor e um pau de 35 centímetros. Não por um cara com cabelo à escovinha e um depósito de madeira, que acha que massagem erótica se faz com pomada analgésica.

Ela limpou com o dorso da mão as lágrimas que rolavam pelo seu rosto.

— Eu sabia que você iria detestar o Dean, mas não achei que fosse ser cruel.

— Eu não o detestei. O que ele tem para se detestar? Ele não está fazendo nada que qualquer outro cara na situação dele não fosse fazer. Se eu tivesse meio metro de altura e fosse senil, iria *agarrar* a oportunidade de traçar um filé como você. Pode apostar que ele é paciente. Melhor que seja paciente mesmo. Ele deveria cair de joelhos toda noite e banhar os seus pés com óleos sagrados pelo simples fato de você olhar para ele.

— Você teve a sua oportunidade — disse ela.

Estava se esforçando para controlar o choro. Os músculos de seu rosto tremiam por causa do esforço, transformando sua expressão em uma careta.

— Não se trata das oportunidades que eu tive. Trata-se das oportunidades que você teve.

Dessa vez, quando ela lhe deu as costas, ele a deixou se afastar. Ela cobriu o rosto com as mãos, emitindo barulhinhos engasgados enquanto ganhava distância. Ele a viu caminhar até a mureta que dava a volta no chafariz onde haviam se encontrado mais cedo. Então lembrou-se do menino e virou-se para olhar, com o coração disparado, perguntando-se o que o pequeno Bobby poderia ter visto ou ouvido. Mas ele estava correndo pelo corredor largo chutando o baço à sua frente, que, a essa altura, já havia recolhido uma profusão de chumaços de poeira ao seu redor. Duas outras crianças mortas tentavam roubá-lo dele com os pés.

Bobby passou algum tempo olhando as crianças brincarem. Alguém deu um chute forte demais e o baço passou deslizando por ele. Bobby estendeu um pé para detê-lo. O baço esbarrou de forma desagradável na sola do seu sapato. Os meninos pararam a 3 metros de onde ele estava e ficaram ali, ofegantes, esperando ele chutar. Ele recolheu o baço do chão.

— Lá fora — disse, atirando-o para o pequeno Bobby, que pegou o baço no ar e saiu correndo com ele, de cabeça baixa e com os outros meninos atrás.

Quando ele se virou para falar com Harriet, viu que ela o estava olhando, com as palmas das mãos pressionando com força os joelhos. Esperou ela desviar os olhos, mas ela não o fez, e ele interpretou seu olhar fixo como um convite para se aproximar.

Andou até o chafariz e sentou-se ao seu lado. Ainda estava pensando em como começar seu pedido de desculpas quando ela falou.

— Eu escrevi para você. Você parou de responder — disse ela. Seus pés descalços estavam novamente se engalfinhando um com o outro.

— Eu detesto a agressividade desse seu pé direito — disse ele. — Por que é que ele não dá um descanso para o esquerdo?

Mas ela não estava escutando.

— Não importa — continuou. Sua voz estava embargada e rouca. A maquiagem era à base de óleo e, apesar das suas lágrimas, não havia escorrido. — Eu não fiquei brava. Sabia que a gente não poderia ter um relacionamento só se vendo quando você viesse passar o Natal em casa. — Engoliu em seco, com dificuldade. — Eu achei mesmo que alguém iria contratar você para algum seriado. Sempre que pensava nisso... sempre que pensava em ver você na televisão, em ouvir as pessoas rindo do que você dizia... eu ficava com um sorriso enorme e ridículo estampado na cara. Era capaz de passar a tarde inteira pensando nisso. Não entendo que diabo poderia ter feito você voltar para Monroeville.

Mas ele já tinha dito que diabo o fizera voltar para a casa dos pais e para seu quarto em cima da garagem. Dean lhe perguntara isso no restaurante, e Bobby respondera a verdade.

Em uma noite de quinta-feira, na primavera anterior, ele havia se apresentado cedo em uma casa de show no Village. Encenou seu esquete de 20 minutos, provocou um murmúrio de risadas constante, embora não propriamente avassalador, e uma chuva rala de aplausos quando desceu do palco. Encontrou um lugar no fundo do bar para assistir a algumas das outras apresentações. Estava quase se levantando da cadeira para ir para casa quando Robin Williams pulou para cima do palco. Estava na cidade fazendo uma turnê pelas casas de show, ensaiando algumas piadas novas. Bobby rapidamente tornou a se acomodar na cadeira e ficou sentado escutando, com o sangue pulsando com força na garganta.

Seria incapaz de explicar para Harriet quão importante tinha sido ver aquilo. De tanto rir, um homem estava segurando o canto da mesa com uma das mãos e a coxa da namorada com a outra, agarrando os dois com tanta força que seus dedos perderam a cor. O homem estava curvado, com lágrimas escorrendo pelo rosto, soltando uma gargalhada aguda, estridente, convulsa, mais animal do que humana, como o ruído de um cão selvagem. Ele balançava a cabeça de um lado para o outro e sacudia uma

das mãos no ar, como quem diz *Por favor, pare, não faça isso comigo.* A cena era tão hilária que chegava a ser dolorosa.

Ao ver o homem desesperado, Robin Williams interrompeu o discurso que estava fazendo sobre masturbação, apontou para ele e disse:

— *Você!* É, *você,* sua hiena descontrolada! Você tem entrada grátis para todos os meus shows para o resto da minha vida, porra!

E então um som se ergueu da platéia, mais do que risadas ou aplausos, embora incluísse as duas coisas. Foi um estrondo grave e ruidoso de deleite incontido, um som tão imenso que pôde ser tanto sentido quanto ouvido, algo que fez os ossos do peito de Bobby vibrarem.

Mas Bobby não riu sequer uma vez. Quando foi embora, seu estômago estava revirado. Seus pés tocavam a calçada de um jeito esquisito, pesado, e durante algum tempo ele não conseguiu se lembrar do caminho de casa. Quando por fim chegou ao seu apartamento, sentou-se na beira da cama, com os suspensórios puxados para o lado e a camisa desabotoada, e pela primeira vez na vida viu que as coisas não tinham jeito.

Viu algo reluzir dentro da mão de Harriet. Ela estava mexendo em algumas moedas de 25 centavos.

— Vai ligar para alguém? — perguntou ele.

— Para o Dean — disse ela. — Vou pedir carona.

— Não faça isso.

— Eu não vou ficar aqui. Não posso ficar.

Ele viu os pés atormentados dela, os dedos se digladiando, e finalmente aquiesceu. Os dois se ergueram no mesmo instante e, mais uma vez, ficaram desconfortavelmente próximos um do outro.

— A gente se vê, então — disse ela.

— A gente se vê — respondeu ele.

Bobby quis estender a mão para segurar a dela, mas não o fez, quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar o quê.

-Alguém por aqui quer se candidatar a levar um tiro? — perguntou George Romero a menos de um metro de distância. — É um *close* garantido na seqüência final.

Bobby e Harriet levantaram a mão ao mesmo tempo.

— Eu — disse Bobby.

— Eu — disse Harriet, pisando no pé de Bobby quando mudou de lugar para chamar a atenção de Romero. — Eu!

— Vai ser um ótimo filme, sr. romero — disse Bobby. Estavam em pé lado a lado, conversando, esperando Savini terminar de ligar o esguicho de Harriet — uma pequena bolsa contendo uma mistura de melado e corante, que iria explodir para simular um ferimento à bala. Bobby já estava ligado... em todos os sentidos.

— Algum dia, todo mundo em Pittsburgh vai dizer que apareceu neste filme feito um zumbi.

— Você sabe puxar o saco — disse Romero. — Tem experiência no ramo artístico?

— Seis anos de off-Broadway — respondeu Bobby. — Também me apresentei na maioria das casas de shows cômicos.

— Ah, mas agora voltou para a magnífica Pittsburgh. Boa escolha de carreira, rapaz. Fique por aqui e logo, logo vai virar uma estrela.

Harriet chegou saltitando ao lado de Bobby, cabelos ao vento.

— Meu seio vai ser estraçalhado por uma bala!

— Incrível — disse Bobby. — As pessoas simplesmente seguem em frente. Nunca se sabe quando alguma coisa maravilhosa pode acontecer.

George Romero guiou-os até sua marcação e disse-lhes o que fazer em cena. Luzes apontadas para rebatedores prateados reluzentes projetavam um brilho branco chapado e um calor seco sobre um trecho de 3 metros de chão. Um colchão listrado cheio de calombos repousava sobre os tijolos bem ao lado de uma coluna quadrada.

Harriet seria atingida primeiro, no peito. Deveria projetar o corpo para trás e continuar andando, demonstrando o mínimo possível de reação ao tiro. Bobby levaria a bala seguinte na cabeça e deveria cair. O esguicho de sangue cenográfico estava escondido sob uma das dobras de látex do ferimento em sua testa. Os fios que fariam a bolsinha ser detonada estavam presos entre seus cabelos.

— Primeiro você pode cambalear, depois escorregar de lado — disse George Romero. — Caia sobre um dos joelhos se quiser, depois se jogue para fora do quadro. Se estiver se sentindo um pouco mais acrobata, pode cair direto para trás... só tome cuidado para cair em cima do colchão. Ninguém precisa se machucar.

A seqüência teria apenas Bobby e Harriet, filmados da cintura para cima. Os outros figurantes estavam encostados nas paredes do corredor do shopping, observando-os. Seus olhares e seus murmúrios constantes

provocaram em Bobby uma agradável onda de adrenalina. Tom Savini ajoelhou-se no chão, do lado de fora do quadro, segurando na mão uma caixa metálica da qual fios saíam serpenteando pelo chão na direção de Bobby e Harriet. O pequeno Bob estava sentado ao seu lado, com as mãos unidas sob o queixo, apertando o baço junto ao corpo, com os olhos brilhando de expectativa. Savini tinha contado ao garoto tudo o que iria acontecer, preparando-o para ver o sangue esguichando do peito da mãe, mas o pequeno Bob não estava preocupado.

— Eu passei o dia inteiro vendo troços nojentos. Não estou com medo. Eu gosto. — Savini ia deixá-lo ficar com o baço, de lembrança.

— Câmera — disse Romero. Bobby se remexeu; como assim, estavam filmando? Já? Ele tinha acabado de lhes mostrar a marcação! Meu Deus, Romero ainda estava em pé na frente da câmera! E, por um instante, Bobby agarrou a mão de Harriet. Ela apertou seus dedos e soltou. Romero saiu do quadro. — Ação.

Bobby revirou os olhos, movendo-os tão para trás que não conseguia mais ver para onde estava indo. Deixou o rosto flácido. Deu um passo pesado para a frente.

— Atirem na garota — disse Romero.

Bobby não viu o sangue cenográfico esguichar porque estava um passo na frente dela. Mas ouviu: um estalo alto, ribombante. Também sentiu o cheiro, uma súbita lufada pungente de pólvora. Harriet grunhiu baixinho.

— Eeeeee... — ordenou Romero. — Agora o outro.

Pareceu que o tiro tinha sido disparado ao lado da sua cabeça. O estouro da bolsa foi tão alto que imediatamente fechou seus tímpanos. Ele cambaleou para trás, girando nos calcanhares. Seu ombro bateu em alguma coisa logo atrás dele, mas ele não sabia o que era. Depois viu de relance o borrão da pilastra quadrada ao lado do colchão, e nesse instante foi tomado por uma inspiração repentina. Bateu com a testa na pilastra ao cair e, enquanto saía de cena, viu que havia deixado uma mancha cor de carmim no gesso branco.

Caiu sobre o colchão, que tinha molejo suficiente para proporcionar algum amortecimento. Piscou os olhos. Estava lacrimejando, criando uma distorção visual, uma sutil deformação das coisas. O ar acima dele estava cheio de fumaça azul. Sua testa ardia. Seu rosto estava salpicado de um fluido frio e pegajoso. A medida que o zunido em seus

ouvidos foi diminuindo, ele tomou consciência simultânea de duas coisas. A primeira foi o som, um rugido grave, profundo, um estrondo distante e persistente de aplausos. O som preencheu seu corpo como se fosse o ar. George Romero estava se aproximando dele, também batendo palmas, sorrindo daquele jeito que fazia covinhas surgirem no meio de sua barba. A segunda coisa que ele percebeu foi Harriet aninhada junto a ele, com a mão sobre seu peito.

— Eu derrubei você? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondeu ela.

— Sabia que era apenas uma questão de tempo você ir para a cama comigo — disse ele. Harriet sorriu, um sorriso relaxado, satisfeito, como ele não tinha visto o dia inteiro. O peito dela, encharcado de sangue, subia e descia encostado no seu.

O pequeno Bobby correu até o colchão e pulou para junto deles. Harriet passou o braço por baixo do menino, pegou-o no colo e o fez rolar até o espaço estreito entre ela e Bobby. O menino sorriu e levou o polegar à boca. O rosto de Bobby estava próximo de sua cabeça, e de repente ele sentiu o cheiro do xampu do pequeno Bobby, um aroma de melão.

Harriet não tirava os olhos dele por cima da cabeça do filho, ainda com aquele mesmo sorriso no rosto. Desviou o olhar para o teto, para as fileiras de refletores, para o céu azul mais além. Ele não queria se levantar, queria que o tempo parasse. Perguntou-se o que Harriet fazia quando Dean estava no trabalho e o pequeno Bobby estava na escola. O dia seguinte era uma segunda-feira; ele não sabia se teria de dar aula ou se estaria livre. Esperava que fosse estar livre. A semana de trabalho se estendia à sua frente sem nenhuma responsabilidade ou preocupação, ilimitada em suas possibilidades. Eles três, Bobby, o menino e Harriet, estavam deitados no colchão, com os corpos muito juntos um do outro, e não havia nenhum movimento senão o da respiração deles.

George Romero tornou a se virar para eles, meneando a cabeça.

— Foi ótimo quando você bateu na pilastra e deixou aquele enorme rastro de sangue. A gente deveria repetir exatamente do mesmo jeito. Dessa vez você poderia deixar uns miolos também. O que me dizem, meninos? Algum de vocês está disposto a tentar de novo?

— Eu estou — respondeu Bobby.

— Eu — disse Harriet. — Eu estou.

— Sim, por favor — falou o pequeno Bobby através do polegar que tinha na boca.

— Acho que é unânime — disse Bobby. — Todo mundo quer tentar de novo.

A MÁSCARA DO MEU PAI

No caminho de carro até Big Cat Lake, jogamos um jogo. Foi ideia da minha mãe. O sol já estava se pondo quando chegamos à estrada estadual, e não havia mais nenhuma luz no céu a não ser uma mancha fria e pálida a oeste no momento em que ela me disse que havia alguém atrás de mim.

— São pessoas em forma de cartas de baralho — disse ela. — Reis e rainhas. Tão finas que são capazes de passar por debaixo das portas. Elas virão da direção do lago, procurando pela gente. Tentando pegar a gente. Sempre que aparecer alguém vindo da outra direção, você precisa se esconder. A gente não tem como proteger você... não aqui na estrada. Rápido, abaixe-se. Lá vem uma delas.

Deitei-me no banco de trás e fiquei olhando os faróis que vinham da pista oposta correrem pelo teto do nosso carro. Não tinha certeza se estava embarcando na brincadeira ou se estava só me esticando para ficar mais confortável. Eu estava de mau humor. Queria ter ido dormir na casa do meu amigo Luke Redhill, para ficar jogando pingue-pongue e assistindo à TV até tarde com ele (e com sua irmã mais velha de pernas compridas, Jane, e a amiga de cabelos macios, Melinda), mas havia chegado do colégio e encontrado malas na frente da casa, e meu pai as estava colocando dentro do carro. Foi quando fiquei sabendo que iríamos passar a noite na cabana do meu avô em Big Cat Lake. Não podia ficar zangado com meus pais por não me contarem seus planos com antecedência, porque eles provavelmente não haviam feito planos com antecedência. Era muito provável que tivessem decidido ir a Big Cat Lake durante o almoço. Meus pais não faziam planos. Tinham impulsos e um filho de 13 anos, e não viam motivo nenhum para deixar o último atrapalhar os primeiros.

— Por que vocês não podem me proteger? — perguntei.

— Porque existem algumas coisas para as quais amor de mãe e coragem de pai não são suficientes. Além disso, quem conseguiria lutar contra elas? Você conhece as pessoas do baralho. Sabe como elas sempre carregam machadinhas de ouro e pequenas espadas de prata. Já reparou

como a maioria das boas mãos de pôquer são bem armadas? — minha mãe respondeu.

— Não é por acaso que o primeiro jogo que todo mundo aprende se chama War, "guerra" — disse meu pai, dirigindo com um dos pulsos apoiado no volante. — Todos esses jogos são variações do mesmo enredo. Reis metafóricos combatendo pelas reservas mundiais limitadas de donzelas e dinheiro.

Minha mãe me olhou por cima do encosto do seu banco, séria, com os olhos brilhando no escuro.

— Estamos com um problema, Jack — disse ela. — Estamos com um grande problema.

— Tudo bem — falei.

— Já vem acontecendo há algum tempo. A gente no início escondeu de você, porque não queria deixar você assustado. Mas você precisa saber. É mais seguro. A gente... bom... a gente não tem mais dinheiro nenhum. Foram as pessoas do baralho. Elas têm trabalhado contra a gente, estragando os nossos investimentos, bloqueando os nossos bens. Têm espalhado os piores boatos sobre o seu pai no trabalho dele. Eu não quero impressionar você com detalhes. Elas têm dado telefonemas ameaçadores. Ligam para mim no meio do dia e falam sobre as coisas horríveis que vão fazer comigo. Com você. Com todos nós.

— Outro dia puseram alguma coisa na minha comida e eu fiquei com uma baita diarréia — disse meu pai. — Pensei que fosse morrer. E a nossa roupa voltou do tintureiro com umas manchas brancas engraçadas. Foram elas também.

Minha mãe riu. Já ouvi dizer que os cachorros têm três tipos de latidos, cada qual com um significado específico: *intruso, vamos brincar, preciso fazer xixi*. Minha mãe tinha um determinado número de risadas, cada uma com seu significado e sua identidade, mas todas maravilhosas. Essa risada, convulsa e grosseira, era a maneira como ela reagia a piadas de mau gosto, a acusações ou a situações em que era pega fazendo alguma bobagem.

Ri junto com ela, tornando a me sentar, relaxando a barriga. Ela falara com os olhos tão arregalados e de forma tão solene que, por um instante, eu esqueci que ela estava inventando tudo aquilo.

Minha mãe se inclinou na direção do meu pai e correu o dedo pelos lábios dele, como alguém que fecha um zíper.

— Deixe que eu conto — falou. — Eu proíbo você de falar qualquer outra coisa.

— Se a gente está com problemas de dinheiro tão sérios assim, eu poderia ir morar com o Luke por um tempo — falei. *E com a Jane,* pensei. — Não quero ser um fardo para a família.

Ela tornou a olhar para mim.

— Não é com o dinheiro que eu estou preocupada. Amanhã um avaliador vai se encontrar conosco. Naquela casa tem umas coisas antigas maravilhosas que o seu avô deixou para a gente. Vamos ver se conseguimos vender.

Meu avô, Upton, havia morrido no ano anterior de uma forma que ninguém gostava de comentar. Fora uma morte que não combinava com a sua vida, uma conclusão de filme de terror enxertada em uma comédia maluca, meio à la Frank Capra. Ele estava em Nova York, num apartamento que possuía no quinto andar de um prédio no Upper East Side, um dos muitos imóveis que ele tinha. Chamou o elevador e, quando ele chegou, meu avô cruzou imediatamente a porta — só que o elevador não estava lá, e ele despencou cinco andares. A queda não o matou. Ele passou mais um dia vivo no fundo do poço. O elevador era velho e lento, e rangia alto sempre que precisava se movimentar, como a maioria dos residentes do prédio. Ninguém ouviu seus gritos.

— Por que é que a gente não vende a casa de Big Cat Lake? — perguntei. — Aí ficava nadando na grana.

— Ah, a gente não pode fazer isso. A casa não é só nossa. Ela também pertence à tia Blake, aos gêmeos Greenly. E, mesmo que fosse nossa, seria impossível vendê-la. Ela sempre pertenceu à nossa família.

Pela primeira vez desde que eu havia entrado no carro, pensei ter entendido por que nós *realmente* estávamos indo para Big Cat Lake. Finalmente, vi que meus planos de fim de semana haviam sido sacrificados em nome da decoração de interiores. Minha mãe adorava decorar as coisas. Adorava escolher cortinas, cúpulas de abajur, adorava encontrar puxadores de ferro únicos para os armários. Alguém a havia encarregado de redecorar a cabana em Big Cat Lake — ou, mais exatamente, ela havia encarregado a si própria —, e minha mãe estava decidida a começar a se livrar de toda a tralha.

Eu me sentia um panaca por tê-la deixado me distrair do meu mau humor com uma de suas brincadeiras.

— Eu queria ter ido dormir na casa do Luke — falei.

Minha mãe lançou-me um olhar cúmplice de soslaio por baixo das pálpebras semicerradas, e eu senti um súbito arrepio de ansiedade. Foi um olhar que me fez imaginar o que ela sabia, e se havia adivinhado os verdadeiros motivos da minha amizade com Luke Redhill, um tirador de meleca grosseiro, mas de boa índole, que eu considerava intelectualmente inferior a mim.

— Você não estaria seguro lá. As pessoas do baralho iriam te pegar — disse ela, em um tom ao mesmo tempo alegre e um pouco afetado demais.

Olhei para o teto do carro.

— Tá bom.

Passamos algum tempo viajando em silêncio.

— Por que elas querem me pegar? — perguntei, embora àquela altura eu já estivesse farto da brincadeira e quisesse acabar com ela.

— Isso tudo é por causa da nossa incrível supersorte. Ninguém deveria ter tanta sorte quanto a gente. Elas detestam a idéia de alguém levar vantagem. Mas tudo estaria quite se roubassem você. Pouco importa quanta sorte se teve, quando se perde um filho a diversão acaba.

É claro que tínhamos sorte, talvez até uma supersorte, e não apenas por sermos ricos, como todo mundo na nossa numerosa família de inúteis que vivia do dinheiro herdado. Meu pai tinha mais tempo para mim do que outros pais tinham para outros meninos. Só ia trabalhar depois que eu saía para o colégio e em geral já estava em casa quando eu voltava e, caso eu não tivesse mais nada para fazer, íamos de carro até o campo de golfe para dar umas tacadas. Minha mãe era linda, ainda jovem, com apenas 35 anos, e dotada de um instinto natural para a travessura que fazia dela um sucesso entre meus amigos. Eu desconfiava de que muitos dos meninos com quem eu convivia, incluindo Luke Redhül, haviam-na incluído em uma variedade de fantasias masturbatórias e que, na verdade, sua atração por ela explicava a maior parte de seu apreço por mim.

— E por que é que Big Cat Lake é tão seguro assim? — perguntei.

— Quem disse que é seguro?

— Então por que é que a gente está indo para lá? Ela me deu as costas.

— Para poder acender um foguinho gostoso na lareira, dormir até tarde, comer omeletes e passar a manhã inteira de pijama. Mesmo que a

gente esteja temendo pela própria vida, não é motivo para passar o fim de semana inteiro triste.

Ela pôs a mão na nuca do meu pai e brincou com seus cabelos. Então se retesou e suas unhas se enterraram no pescoço dele.

— Jack — disse ela para mim. Estava olhando para além do meu pai, através da janela do motorista, para alguma coisa no escuro lá fora. — Abaixe-se, Jack, abaixe-se.

Estávamos na Estrada 16, uma rodovia comprida e reta, com um estreito canteiro de grama entre as duas pistas. Havia um carro estacionado em um retorno próximo e, quando passamos, seus faróis se acenderam. Virei a cabeça e fiquei olhando para eles por alguns instantes antes de me abaixar e sumir de vista. O carro — um elegante Jaguar prateado — entrou na estrada e começou a acelerar atrás de nós.

— Eu avisei que não deixasse que eles vissem você — disse minha mãe. — Ande mais rápido, Henry. Fuja deles.

Nosso carro aumentou a velocidade, chispando pela escuridão. Enterrei os dedos no banco, sentando de joelhos para espiar pela janela traseira. Por mais depressa que fôssemos, o outro carro continuava sempre à mesma distância atrás de nós, fazendo as curvas com uma segurança silenciosa, ameaçadora. De vez em quando, minha respiração ficava presa na garganta durante alguns segundos antes de eu me lembrar de respirar. Placas de trânsito passavam zunindo, depressa demais para serem lidas.

O Jaguar nos seguiu por quase 5 quilômetros antes de entrar no estacionamento de um restaurante de beira de estrada. Quando me virei no banco, minha mãe estava acendendo um cigarro no anel laranja brilhante do acendedor do carro. Meu pai cantarolava baixinho, relaxando o pé no acelerador. Balançava a cabeça de leve de um lado para outro, no compasso de uma melodia que eu não reconheci.

SAÍ CORRENDO PELA NOITE ADENTRO, ATRAVESSANDO O VENTO CORTANTE DE cabeça baixa, sem olhar para onde estava indo. Minha mãe veio logo atrás de mim, e nós dois fomos em direção à varanda da frente. Não havia nenhuma luz acesa na fachada do chalé à beira do lago. Meu pai havia desligado o motor e os faróis. A casa ficava no meio do mato, no final de uma estradinha de terra esburacada onde não havia postes. Logo atrás da

casa, eu podia ver um pedacinho do lago, um buraco no meio do mundo, tomado por uma escuridão pulsante.

Minha mãe abriu a porta e começou a acender as luzes. A cabana era construída em volta de um cômodo central, com um telhado rústico, de vigas aparentes, e paredes feitas de toras de madeira cuja casca vermelha estava se soltando. A esquerda havia uma penteadeira com um espelho escondido atrás de dois lenços pretos diáfanos. Tateando as paredes, com as mãos enfiadas dentro das mangas do casaco para se aquecerem, cheguei perto da penteadeira. Através dos lenços semitransparentes, vi uma figura difusa, disforme: meu próprio reflexo escurecido vindo ao meu encontro no espelho. Senti um arrepio de aflição ao ver aquele eu refletido, uma sombra sem feições espreitando atrás da seda preta, alguém que eu não conhecia. Afastei o pano mas só vi a mim mesmo, as bochechas muito vermelhas por causa do vento.

Estava prestes a me afastar quando reparei nas máscaras. O espelho era sustentado por duas delicadas colunas, em cujo topo estavam penduradas algumas máscaras, como as do Cavaleiro Solitário, que só cobriam os olhos e um pouquinho do nariz. Uma delas tinha bigodes nas laterais e uma camada de purpurina que fazia quem a usasse ficar parecido com um camundongo coberto de jóias. Outra era feita de um luxuoso veludo preto, e teria sido um traje adequado para uma cortesã a caminho de um baile de máscaras eduardiano.

O chalé inteiro havia sido cuidadosamente decorado com máscaras. Elas pendiam das maçanetas das portas e dos espaldares das cadeiras. Uma imensa máscara cor de carmim lançava seu olhar furioso do peitoril acima da lareira, um demônio surrealista feito de papel machê laqueado, com um bico curvo e penas em volta dos olhos — exatamente o tipo de coisa que você deveria usar se fosse representar a Morte Vermelha de Edgar Allan Poe.

A mais inquietante de todas estava pendurada no trinco de uma das janelas. Era feita de uma espécie de plástico distorcido, transparente, e parecia o rosto de um homem moldado em um pedaço inconcebivelmente fino de gelo. Era difícil vê-la na frente da vidraça, e eu me remexi de nervoso quando reparei nela com o canto do olho. Durante alguns instantes, pensei que houvesse um homem, espectral e quase ausente, flutuando acima da varanda, olhando para mim com a boca aberta.

A porta da frente se abriu com estardalhaço e meu pai entrou arrastando as malas. Ao mesmo tempo, minha mãe falou atrás de mim.

— Quando éramos jovens, crianças mesmo, seu pai e eu costumávamos fugir para cá para ficar longe de todo mundo. *Espere aí.* Espere aí, tenho uma idéia. Vamos brincar de uma coisa: você tem até a hora de ir embora para adivinhar em que quarto foi concebido.

Ela gostava de tentar me deixar com nojo de vez em quando com revelações íntimas e não solicitadas sobre ela e meu pai. Franzi o cenho e lancei-lhe o que esperava ser um olhar de repreensão, e ela tornou a rir, e ambos ficamos satisfeitos, uma vez que havíamos desempenhado perfeitamente os nossos papéis.

— Por que os espelhos estão todos cobertos?

— Não sei — disse ela. — Talvez a pessoa que ficou hospedada aqui da última vez tenha pendurado esses véus como uma forma de se lembrar do seu avô. Na tradição judaica, quando alguém morre, os parentes cobrem os espelhos como um alerta contra a vaidade.

— Mas a gente não é judeu — falei.

— Mas é uma tradição bonita. Seria bom para todo mundo passar menos tempo pensando em si mesmo.

— E o que significam todas essas máscaras?

— Toda casa de veraneio precisa ter umas máscaras espalhadas. E se você quiser tirar férias do próprio rosto? Eu fico enjoadíssima de ser a mesma pessoa todo santo dia. O que achou dessa aí, gostou?

Eu estava tocando distraidamente a máscara transparente e sem expressão pendurada na janela. Quando ela chamou minha atenção para o que eu estava fazendo, retirei a mão. Um calafrio percorreu meus braços.

— Você deveria experimentar — disse ela, com um sussurro animado. — Deveria ver como fica em você.

— É horrível — falei.

— Você vai ficar bem dormindo sozinho no seu quarto? Pode dormir na cama com a gente. Foi o que fez da última vez que viemos aqui. Mas na época você era bem mais novo.

— Tudo bem. Eu não iria querer atrapalhar, no caso de vocês terem vontade de conceber mais alguém.

— Cuidado com o que você deseja — disse ela. — A história se repete.

Os únicos móveis que havia no meu quartinho eram uma cama de campanha, arrumada com lençóis com cheiro de naftalina, e um guarda-roupa encostado em uma das paredes, com cortinas estampadas escondendo o espelho do fundo. Uma máscara estava pendurada no trilho da cortina. Era feita de folhas de seda verde costuradas e enfeitadas com paetês também verdes; gostei dela até a hora em que apaguei a luz. Na penumbra, as folhas pareciam escamas pontiagudas de alguma criatura com cara de lagarto, com imensas órbitas vazias onde deveriam estar os olhos. Tornei a acender a luz e me levantei para virá-la de frente para a parede.

Árvores cresciam coladas à casa, e algumas vezes um galho batia na lateral do chalé, fazendo um barulho que sempre me despertava com a idéia de que havia alguém batendo na porta do quarto. Acordei, cochilei, tornei a acordar. O vento ganhou força e emitia um ruído estridente, e em algum lugar do lado de fora soava um constante ping-ping-ping metálico, como se uma roda estivesse girando impulsionada por um vendaval. Fui até a janela para olhar, sem esperar ver nada. Havia lua no céu, porém, e, quando as árvores chacoalhavam, o luar corria pelo chão em meio ao breu, como cardumes daqueles peixinhos prateados que vivem nas águas profundas e brilham no escuro.

Apoiada em uma das árvores havia uma bicicleta, uma relíquia, com a roda dianteira gigantesca e a traseira quase risível de tão pequena. A roda da frente girava continuamente, emitindo aquele ping-ping-ping. Um menino atravessou o gramado em sua direção, um menino gordinho de cabelos louros, usando um camisolão branco. Quando o vi senti uma onda instintiva de pavor. Ele segurou o guidom da bicicleta e inclinou a cabeça, como se houvesse escutado algum som, e eu me escondi, recuando para longe da vidraça. Ele se virou e olhou para mim, com olhos e dentes prateados e covinhas nas suas bochechas gordas de querubim. Então eu despertei com um susto na minha cama com cheiro de naftalina, emitindo ruídos desolados de medo.

Quando a manhã chegou e finalmente me desvencilhei do sono de forma definitiva, vi que estava no quarto principal debaixo de uma pilha de cobertores, com o sol batendo no meu rosto. A marca da cabeça da minha mãe ainda marcava o travesseiro ao meu lado. Não me lembrava de

ter corrido para lá no escuro, e fiquei contente por isso. Aos 13 anos, eu ainda era um menino, mas tinha lá o meu orgulho.

Fiquei deitado como uma lagartixa em cima de uma pedra — absorvendo o sol, acordado sem estar consciente — até ouvir um barulho de zíper no outro lado do aposento. Olhei em volta e vi meu pai abrindo a mala em cima da cômoda. Algum sutil movimento das cobertas chamou sua atenção, e ele virou a cabeça para olhar para mim.

Ele estava nu. O sol da manhã bronzeava seu corpo curto, compacto. Estava usando a máscara de plástico transparente que eu vira pendurada na janela da sala na noite anterior. A máscara amassava seus traços, achatando-os, tornando suas formas irreconhecíveis. Ele me encarou sem expressão, como se não soubesse que eu estaria ali deitado na cama, ou talvez como se não me conhecesse. A forma grossa e comprida do seu pênis repousava sobre uma almofada de pêlos ruivos. Eu já o vira pelado muitas vezes, mas, com aquela máscara, ele era uma pessoa diferente, e sua nudez era desconcertante. Ele me olhava sem dizer nada — e isso também era desconcertante.

Abri a boca para dizer oi e bom-dia, mas meu peito estava ofegante. Passou pela minha cabeça que ele era, de fato, um desconhecido para mim. Fui incapaz de encarar seu olhar, desviei o meu, e em seguida saí de baixo das cobertas e fui até a sala, fazendo esforço para não correr.

Uma frigideira fez barulho na cozinha. Água esguichou de uma torneira. Segui os ruídos até minha mãe, que estava em frente à pia enchendo a chaleira de água. Ela ouviu meus passos e olhou para trás por cima do ombro. A imagem dela me fez estacar. Estava usando uma máscara preta de gatinha, contornada de cristais e com bigodes cintilantes. Não estava nua, mas usava uma camiseta da cerveja MILLER LITE que descia até os quadris. Suas pernas, porém, estavam de fora, e quando ela se inclinou por cima da pia para fechar a torneira pude ver de relance uma calcinha preta de tiras finas. Senti-me reconfortado por ela ter sorrido ao me ver, e não simplesmente olhado para mim como se nunca tivesse me visto.

— Estou fazendo omeletes — disse ela.

— Por que você e papai estão de máscara?

— Hoje é Halloween, não é?

— Não — respondi. — É na quinta-feira que vem.

— Existe alguma lei contra comemorar adiantado? — perguntou ela. Então parou junto ao fogão, com uma luva de proteção em uma das mãos, e lançou-me outro olhar. — A propósito...

— Lá vem. O caminhão está dando ré. A caçamba está se abrindo. A merda está prestes a cair lá de dentro.

— Aqui é sempre Halloween. Esta casa se chama Casa das Máscaras. É o nosso nome secreto para ela. Esta é uma das regras do chalé: enquanto você estiver aqui, tem que usar máscara. Sempre foi assim.

— Posso esperar até o Halloween.

Ela tirou a frigideira do fogo e me serviu um pedaço de omelete e uma xícara de chá. Então sentou-se do outro lado da mesa para me ver comer.

— Você tem que ficar de máscara. As pessoas do baralho viram você ontem à noite. Elas agora vão vir aqui. Você tem que estar de máscara para elas não o reconhecerem.

— Por que é que elas não iriam me reconhecer? Eu estou reconhecendo você.

— Você acha que está — disse ela, com os olhos de cílios compridos vividos e bem-humorados. — As pessoas do baralho não vão reconhecê-lo se você estiver mascarado. É o calcanhar-de-aquiles delas. Tudo para elas é no sentido literal. Elas pensam de forma muito unidimensional.

— Ha, ha — zombei. — Quando é que o avaliador vai chegar?

— Uma hora dessas. Mais tarde. Não sei muito bem. Não tenho nem certeza se existe mesmo um avaliador. Eu posso ter inventado isso.

— Só estou acordado há 20 minutos e já estou entediado. Não daria para vocês terem arrumado uma babá para mim e vindo para cá sozinhos passar este fim de semana esquisito, mascarados, fazendo bebês? — Assim que eu disse isso, senti meu rosto corar, mas fiquei contente por ter tido coragem de provocá-la em relação às máscaras, à lingerie preta e à brincadeira burlesca que estavam fazendo e que achavam que eu fosse jovem demais para entender.

— Prefiro você aqui. Assim você não arruma encrenca com aquela menina — disse ela. O calor nas minhas faces se intensificou como se fossem brasas depois que alguém assopra.

— Que menina?

— Não tenho certeza de qual é a menina. Ou é a Jane Redhill ou então a amiga dela. Provavelmente a amiga dela. É a pessoa que você espera encontrar toda vez que vai à casa do Luke.

Era Luke quem gostava da amiga dela, Melinda; eu gostava de Jane. Mesmo assim, o chute de minha mãe foi certeiro o bastante para me desestabilizar. Seu sorriso se escancarou diante do meu silêncio desolado.

— Ela é bem gatinha, não é? A amiga da Jane? As duas são. Mas a amiga parece mais o seu tipo. Qual o nome dela? Melinda? Aquele jeito dela de andar por aí de macacão folgado. Aposto que ela passa as tardes lendo livros em uma casa na árvore que construiu junto com o pai. Aposto que cata as próprias minhocas para pescar e joga futebol com os meninos.

— Quem gosta dela é o Luke.

— Então é a Jane.

— Quem disse que tem que ser uma das duas?

— Deve ter algum motivo para você ficar andando para lá e para cá com o Luke. Além do próprio Luke. — Então ela arrematou: — A Jane outro dia foi até lá em casa vender umas revistas para arrecadar dinheiro para a igreja dela. Ela parece uma menina bem bacana. Muito preocupada com a comunidade. Tem senso de humor. Quando você for um pouco mais velho, deveria dar uma paulada na cabeça do Luke Redhül e jogar o corpo dele na pedreira. Essa Melinda vai cair direto nos seus braços. Vocês dois podem chorar juntos a morte dele. A dor pode ser muito romântica. — Ela pegou meu prato vazio e se levantou. — Pegue uma máscara. Entre na brincadeira.

Ela pôs meu prato dentro da pia e saiu. Bebi um copo de suco e fui até a sala atrás dela. Olhei de relance para o quarto principal no mesmo instante em que ela começava a fechar a porta. O homem que eu pensava ser meu pai ainda estava usando a máscara de gelo que o desfigurava, mas havia vestido uma calça jeans. Por um segundo, nossos olhares se cruzaram, e o seu foi frio e desconhecido. Ele pôs uma das mãos no quadril de minha mãe, possessivo. A porta finalmente se fechou e os dois sumiram.

No outro quarto, sentei-me na beira da cama e enfiei os pés dentro dos tênis. O vento gemia debaixo dos beirais. Estava me sentindo desanimado e esquisito, queria estar em casa, não fazia idéia de como ocupar meu tempo. Quando me levantei, vi por acaso a máscara verde com folhas de seda costuradas, novamente virada de frente para o quarto.

Peguei-a, esfreguei-a entre o polegar e o indicador, testando sua textura lisa e escorregadia. Quase sem perceber, pus a máscara no rosto.

MINHA MÃE ESTAVA NA SALA, TINHA ACABADO DE SAIR DO BANHO.

— É você — disse ela. — Está parecendo Dionísio. Está parecendo Pã. A gente deveria arrumar um lençol. Você poderia andar por aí de toga.

— Ia ser engraçado. Até eu ficar com hipotermia.

— Tem uma baita corrente de ar nesta sala, não é? A gente precisa de uma lareira. Um de nós vai ter que ir até a floresta buscar um bocado de lenha.

— Puxa, quem será que vai?

— Espere aí. Vamos transformar isso em uma brincadeira. Vai ser animado.

— Com certeza. Não há nada mais animado do que sair no frio para procurar gravetos.

— Escute. Não saia da trilha da floresta. Lá na mata nada é real, exceto a trilha. Crianças que se afastam dela nunca mais encontram o caminho de volta. Além do mais... isso é o mais importante... não deixe ninguém te ver, a menos que a pessoa esteja de máscara. Qualquer um que estiver de máscara está se escondendo das pessoas do baralho, que nem a gente.

— Se a floresta é tão perigosa para crianças, não seria melhor eu ficar aqui e você ou o papai irem brincar de catar gravetos? Aliás, ele algum dia vai sair do quarto?

Mas ela estava sacudindo a cabeça.

— Adultos não podem entrar na floresta de jeito nenhum. Ela não é segura para alguém da minha idade. Eu não consigo nem ver a trilha. Quando você fica velho como eu, ela some de vista. Eu só sei que ela existe porque seu pai e eu tínhamos o costume de andar por ela quando éramos adolescentes. Só os jovens conseguem encontrar o caminho no meio de todas as maravilhas e ilusões da floresta profunda e escura.

Do lado de fora, o dia estava apagado e frio debaixo do céu cinzento. Dei a volta na casa e fui até os fundos para ver se havia uma pilha de madeira. Quando passei pelo quarto principal, meu pai bateu na vidraça. Fui até a janela para ver o que ele queria e fui surpreendido pelo meu próprio reflexo sobreposto ao rosto dele. Eu ainda estava usando a máscara de folhas de seda, e por um instante havia me esquecido dela.

Ele abriu a janela e inclinou o corpo para fora, o rosto amassado pelo invólucro de plástico transparente, os olhos azuis frios e um pouco inexpressivos.

— Aonde você está indo?

— Dar uma olhada na floresta, eu acho. Mamãe quer que eu pegue uns gravetos para acender a lareira.

Ele apoiou os braços no parapeito da janela e olhou para o quintal. Ficou vendo algumas folhas cor de ferrugem darem cambalhotas pela grama.

— Eu queria poder ir.

— Então vamos.

Ele ergueu os olhos para mim e sorriu pela primeira vez naquele dia.

— Não. Agora não. Vamos fazer o seguinte. Vá indo na frente e, quem sabe, eu encontro você lá daqui a pouco.

— Tá.

— É engraçado... quando você vai embora deste lugar, esquece como aqui é... puro. Esquece o cheiro que o ar tem. — Passou mais um instante fitando a grama e o lago, depois virou a cabeça e olhou nos meus olhos. — E de outras coisas também. Jack, escute, eu não quero que você se esqueça do...

A porta se abriu atrás dele, do outro lado do quarto. Meu pai se calou. Minha mãe estava em pé na soleira. Vestia uma calça jeans e um suéter, e estava manuseando a larga fivela do cinto.

— Rapazes — disse ela. — Do que vocês estão falando?

Meu pai não a olhou de volta, mas continuou me encarando e, por baixo de seu novo rosto de cristal derretido, pensei ter visto uma expressão de tristeza, como se ele houvesse sido surpreendido fazendo algo levemente constrangedor; talvez trapaceando em uma partida de paciência. Lembrei-me então de minha mãe fechando um zíper imaginário na frente de sua boca na noite anterior. Minha cabeça ficou estranha e leve. De repente, pensei que devia estar presenciando mais uma parte de algum jogo perverso que se desenrolava entre os dois e, quanto menos soubesse a respeito, mais feliz eu ficaria.

— Nada — respondi. — Eu só estava dizendo para o papai que ia dar uma volta. E agora estou indo. Dar a minha volta. — Fui me afastando da janela enquanto falava.

Minha mãe tossiu. Meu pai começou a fechar a janela lentamente, com o olhar ainda colado ao meu. Girou a tranca — e então pousou a mão espalmada sobre a vidraça, em um gesto de adeus. Quando abaixou a mão, a marca embaçada permaneceu como um fantasma, diminuindo aos poucos até desaparecer. Meu pai desceu a persiana.

ESQUECI DE CATAR GRAVETOS QUASE NO MESMO INSTANTE EM QUE COMECEI A andar. A essa altura, havia chegado à conclusão de que meus pais me queriam fora da casa para poderem ficar a sós, idéia que me deixou irritado. No final da trilha, tirei minha máscara de folhas de seda e pendurei-a num galho.

Fui andando de cabeça baixa e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Durante algum tempo, o caminho corria paralelo ao lago, visível por trás das cicutas de aspecto gelado. Eu estava tão ocupado — pensando que, se os dois estavam com vontade de ser pervertidos e não se comportar como pais, deviam ter encontrado um jeito de ir a Big Cat Lake sem mim — que não reparei que a trilha fazia uma curva e se afastava da água. Só ergui os olhos quando ouvi o som vindo na minha direção: um ronco metálico, o estalo de uma estrutura de metal sob pressão. Logo à minha frente, o caminho se bifurcava para dar a volta em uma rocha que tinha o tamanho e o formato de um caixão em pé, meio enterrado no chão. Depois da pedra, a trilha tornava a se unificar e seguia serpenteando por entre os pinheiros.

Não sabia por que, mas estava alarmado. Foi algo na forma como o vento se ergueu naquele instante, fazendo as árvores açoitarem o céu. Ou foi a maneira frenética como as folhas corriam em volta dos meus pés, como se estivessem subitamente com pressa de sair dali. Sem pensar, sentei-me atrás da rocha, com as costas apoiadas na pedra, e abracei os joelhos junto ao peito.

Um instante depois, o menino da bicicleta antiga — o menino com quem achei que tivesse sonhado — passou montado nela pela minha esquerda sem sequer olhar na minha direção. Vestia o mesmo camisolão da noite anterior. Tiras brancas prendiam às suas costas um par de pequenas asas de penas brancas. Talvez ele já estivesse com elas da primeira vez que o vi, sem que eu tivesse percebido no escuro. Quando ele passou com a bicicleta estalando, pude ver por um breve instante as covinhas em suas bochechas e sua franja loura, as feições imobilizadas

numa expressão serena, confiante. Seu olhar era tranqüilo, distante. Atento. Vi-o guiar sua bicicleta de Charlie Chaplin com agilidade em meio às pedras e raízes, fazer uma curva e sumir de vista.

Se eu não o tivesse visto à noite, poderia ter pensado que fosse um menino a caminho de uma festa a fantasia, embora estivesse frio demais para se andar por aí de camisolão. Desejei estar de volta à cabana, longe do vento, seguro junto de meus pais. Estava apavorado com as árvores que ondulavam e farfalhavam ao meu redor.

Quando me mexi, porém, foi para seguir na mesma direção de antes, olhando para trás por cima do ombro para ter certeza de que o ciclista não estava vindo atrás de mim. Não tive coragem de voltar pela trilha, sabendo que o menino da bicicleta antiga estava em algum lugar daquele lado, entre mim e a cabana.

Segui apressado, esperando encontrar uma estrada ou uma das outras casas de veraneio à margem do lago, ansioso para estar em qualquer outro lugar que não na floresta. Qualquer lugar ficava a menos de 10 minutos a pé da rocha em forma de caixão. Estava claramente indicado — havia uma tábua gasta pregada no tronco de um pinheiro com as palavras QUALQUER LUGAR pintadas em cima —, era uma clareira na floresta onde as pessoas costumavam acampar. No fundo de um buraco enegrecido havia um punhado de gravetos carbonizados. Alguém, talvez crianças, havia construído uma cabana entre duas rochas. As rochas tinham mais ou menos a mesma altura, inclinadas uma na direção da outra, e uma tábua havia sido colocada em cima delas. Um tronco de árvore fora puxado para a abertura de frente para a clareira, proporcionando tanto um lugar para as pessoas se sentarem quando uma barreira que precisava ser ultrapassada para se entrar no abrigo.

Fiquei em pé junto à ruína do antigo acampamento, tentando me localizar. Duas trilhas do outro lado conduziam para longe do acampamento. Havia pouca diferença entre as duas, ambas eram sulcos estreitos escavados na vegetação rasteira, e não havia indicação de para onde poderiam conduzir.

— Para onde você está tentando ir? — perguntou uma menina à minha esquerda, com uma voz baixa e bem-humorada.

Com um sobressalto, dei um passo para trás e olhei em volta. Ela estava com o corpo para fora do abrigo, as mãos sobre a tora de madeira. Eu não a tinha visto nas sombras da tenda. Tinha os cabelos pretos e era

um pouco mais velha do que eu — tinha uns 16 anos, talvez —, e tive a impressão de que era bonita. Era difícil ter certeza. Ela usava uma máscara preta de paetês com um penacho de avestruz espetado em um dos lados. Logo atrás dela, mais fundo na escuridão, havia um menino com a metade superior do rosto escondida atrás de uma máscara de plástico lisa e branca como leite.

— Estou procurando o caminho de volta — falei.

— De volta para onde? — indagou a menina.

O menino ajoelhado atrás dela pousou um olhar demorado em seu traseiro empinado vestido com um jeans desbotado. Conscientemente ou não, ela estava remexendo os quadris um pouquinho de um lado para o outro.

— A minha família tem uma casa de veraneio por aqui. Eu estava tentando descobrir se alguma dessas duas trilhas poderia me levar de volta até lá.

— Você poderia voltar pelo mesmo caminho que veio — disse ela, mas de forma travessa, como se já soubesse que eu estava com medo de pegar a trilha.

— Acho melhor não — falei.

— O que você veio fazer aqui tão longe? — perguntou o menino.

— Minha mãe me mandou catar lenha para a lareira. Ele deu uma risadinha.

— Parece o começo de um conto de fadas. — A menina lançou-lhe um olhar reprovador, que ele ignorou. — Um daqueles bem cruéis. Seus pais não podem mais te alimentar, então mandam você para a floresta para se perder. Às vezes, alguém é comido por uma bruxa no jantar. Assado dentro de uma torta. Cuidado para não ser você.

— Quer jogar cartas com a gente? — perguntou a menina, erguendo um baralho.

— Eu só quero ir para casa. Não quero que meus pais fiquem preocupados.

— Sente aqui e jogue com a gente — disse ela. — Vamos jogar uma rodada valendo respostas. O vencedor faz uma pergunta a cada um dos perdedores, e a pessoa tem que dizer a verdade. Então, se você ganhar de mim, vai poder me perguntar como voltar para casa sem ver o menino da bicicleta velha, e eu vou ter que responder.

Isso significava que ela tinha visto o garoto e, de alguma forma, adivinhara o resto.

Parecia satisfeita consigo mesma, estava gostando de me dizer que era fácil descobrir o que eu estava pensando. Ponderei a questão por um instante e então aquiesci.

— O que vocês estão jogando? — perguntei.

— É uma espécie de pôquer. Chama-se Mãos Frias, porque é o único jogo de cartas que se pode jogar quando está frio.

O menino sacudiu a cabeça.

— É um daqueles jogos em que ela vai inventando as regras durante a partida. — Sua voz soava irregular como a de um adolescente, mas mesmo assim me era familiar.

Andei até a tora e a menina recuou de joelhos, deslizando de volta para a área escura debaixo do telhado de compensado para abrir espaço para mim. Não parou de falar um só instante, misturando o baralho surrado.

— Não é complicado. Eu distribuo cinco cartas para cada jogador, viradas para cima. No final, quem tiver a melhor mão de pôquer ganha. Provavelmente isso está soando simples demais, mas existem várias regrinhas engraçadas. Se você sorrir durante a partida, o jogador sentado à sua esquerda pode trocar uma carta por uma das suas. Se conseguir construir um castelo de cartas com as primeiras três cartas que receber e os outros jogadores não conseguirem derrubar o seu castelo com um sopro só, você pode olhar o bolo e escolher a quarta carta que quiser. Se tirar uma prenda preta, os outros jogadores apedrejam você até a morte. Se quiser fazer alguma pergunta, guarde para você. Só o vencedor pode fazer perguntas. Qualquer pessoa que perguntar alguma coisa durante o jogo perde na mesma hora. Tudo bem? Vamos começar.

Minha primeira carta foi um Valete Preguiçoso. Soube disso porque estava escrito no canto inferior, e porque ela trazia o desenho de um valete de cabelos louros reclinado sobre almofadas de seda enquanto uma moça de um harém lixava suas unhas dos pés. Foi só quando a menina me entregou a segunda carta — o Três de Anéis — que eu registrei mentalmente aquilo que ela dissera sobre a prenda preta.

— Desculpe — comecei. — Mas o que é uma...

Ela arqueou as sobrancelhas e olhou para mim, séria.

— Deixa pra lá — falei.

O menino fez um barulhinho com a garganta. A menina gritou:

— Ele sorriu! Agora você pode trocar uma carta por uma das dele!

— Eu não sorri!

— Sorriu, sim — disse ela. — Eu vi. Pegue esta rainha e dê para ele o seu valete. Entreguei-lhe o Valete Preguiçoso e tirei da sua frente a Rainha dos Lençóis. A carta mostrava uma garota nua dormindo em uma cama de dossel de madeira talhada, em meio a lençóis amarrotados. Tinha cabelos castanhos lisos e traços fortes, bonitos, e era um pouco parecida com a amiga de Jane, Melinda. Depois disso, recebi o Rei das Moedinhas e Moedões, um sujeito de barba ruiva carregando um saco de moedas que estava se rasgando e começando a derramar. Tive quase certeza de que a menina da máscara preta tirou essa carta de baixo da pilha. Ela viu que eu vi e lançou-me um olhar tranqüilo, mas desafiador.

Quando cada um de nós estava com três cartas, fizemos uma pausa e tentamos construir castelinhos que os outros não conseguissem derrubar, mas nenhum deles ficou em pé. Em seguida eu recebi a Rainha das Correntes e uma carta na qual estavam escritas as regras do jogo de *cribbage*. Quase perguntei se aquilo estava no baralho por acidente, mas depois mudei de idéia. Ninguém tirou uma prenda preta. Eu nem sabia o que era isso.

— O Jack ganhou! — gritou a menina, o que me deixou um pouco perturbado, uma vez que eu não chegara a me apresentar. — O Jack é o vencedor! — Ela se jogou em cima de mim e me abraçou com fúria. Quando se endireitou, estava enfiando minhas cartas no bolso do meu casaco. — Tome, você precisa guardar a mão vencedora. Para se lembrar de como a gente se divertiu. Não se preocupe, este baralho velho está com várias cartas faltando mesmo. Eu sabia que você ia ganhar!

— É claro que ela sabia — disse o menino. — Primeiro ela inventa um jogo com regras que só ela consegue entender, depois trapaceia para o jogo sair como ela quer.

Ela riu, uma risada incontida, convulsa, e eu senti um calafrio na nuca. Mas, na verdade, acho que a essa altura eu já sabia, mesmo antes de ela rir, com quem estava jogando baralho.

— O segredo de evitar perdas infelizes é só jogar coisas que você mesmo inventa — disse ela. — Agora vamos lá, Jack. Pergunte qualquer coisa que quiser. É seu direito.

— Como é que eu chego em casa sem voltar pelo caminho por onde cheguei?

— É fácil. Pegue a trilha mais perto do cartaz de QUALQUER LUGAR, que ela vai levar você para qualquer lugar aonde queira ir. Só tenha certeza de que é mesmo para a cabana que você quer ir, ou então é capaz de não chegar lá.

— Certo. Obrigado. Foi um bom jogo. Eu não entendi nada, mas me diverti bastante. — E saí cambaleando por cima da tora.

Eu havia avançado bem pouco quando ela me chamou. Virei para trás e vi os dois lado a lado, reclinados por cima da tora e olhando para mim.

— Não se esqueça — disse ela. — Você também pode fazer uma pergunta para ele.

— Eu conheço vocês? — perguntei, apontando para eles.

— Não — respondeu ela. — Você não conhece de verdade nenhum de nós dois.

HAVIA UM JAGUAR PARADO NO ESTACIONAMENTO DA CASA, ATRÁS DO CARRO dos meus pais. O interior era de cerejeira encerada e os bancos pareciam que nunca tinham sido usados. O carro poderia muito bem ter acabado de sair da concessionária. A essa altura, o dia já estava avançado, e a luz oblíqua vinda do oeste caía sobre a copa das árvores. Não devia ser tão tarde assim.

Subi as escadas pisando firme, mas, antes de conseguir chegar à porta, minha mãe a abriu e saiu lá de dentro, ainda usando a máscara preta de gatinha.

— Sua máscara — disse ela. — O que você fez com ela?

— Joguei fora — falei. Não contei que a larguei na floresta por vergonha de que me vissem com ela. Nesse momento desejei estar com a máscara, embora fosse incapaz de explicar por quê.

Ela lançou um olhar ansioso de volta para a porta, depois se agachou na minha frente.

— Eu sabia. Estava esperando você chegar. Ponha isto aqui. — Ela me ofereceu a máscara de plástico transparente do meu pai.

Fiquei olhando para a máscara durante alguns instantes, lembrando-me da forma como ela me fizera recuar da primeira vez que a

vira, e de como ela havia amassado os traços do meu pai para transformá-lo em algo frio e ameaçador. Porém, quando a coloquei, ela serviu bastante bem. Recendia levemente ao meu pai, um cheiro de café misturado ao aroma de sua loção pós-barba. Achei reconfortante tê-lo assim tão perto de mim.

— Nós vamos embora dentro de alguns minutos. Para casa. Assim que o avaliador terminar. Venha. Entre. Está quase acabando — disse minha mãe.

Segui-a para dentro de casa, mas parei logo depois que passei pela porta. Meu pai estava sentado no sofá, sem camisa e descalço. Seu corpo parecia ter sido marcado por um cirurgião para uma operação. Linhas pontilhadas e setas mostravam a localização do fígado, do baço e dos intestinos. Seus olhos estavam virados para o chão, seu rosto não tinha expressão nenhuma.

— Pai? — falei.

Ele ergueu os olhos, movendo-os da minha mãe para mim, depois novamente para minha mãe. Sua expressão permaneceu neutra, sem nada revelar.

— Shh — fez minha mãe. — Papai está ocupado.

Ouvi saltos batendo nas tábuas nuas à minha direita e olhei para o outro lado do aposento no instante em que o avaliador saía do quarto principal. Imaginava que o avaliador fosse ser homem, mas era uma mulher de meia-idade e paletó de tweed com alguns fios brancos aparentes nos cabelos louros ondulados. Tinha traços austeros, impenetráveis, maçãs do rosto altas e expressivas, as sobrancelhas arqueadas da nobreza da Inglaterra.

— Gostou de alguma coisa? — perguntou minha mãe.

— A senhora tem umas peças maravilhosas — disse a avaliadora. Seu olhar se desviou para os ombros nus do meu pai.

— Bom — disse minha mãe. — Não se importe comigo. — Beliscou de leve a parte de trás do meu braço e deu a volta em mim, sussurrando com o canto da boca. — Cuide da casa, filho. Eu já volto.

Minha mãe lançou para a avaliadora um sorriso leve, polido, antes de entrar no quarto e sumir de vista, deixando nós três sozinhos.

— Fiquei sentida quando soube da morte do Upton — disse a avaliadora. — Você tem saudade dele?

A pergunta foi tão inesperada e direta que me deixou surpreso. O tom de sua voz, que não foi de empatia, soou curioso demais, ávido por um pouco de pesar.

— Acho que sim. A gente não era muito chegado — falei. — Mas eu acho que ele teve uma vida boa.

— É claro que teve — disse ela.

— Eu ficaria feliz se as coisas para mim tivessem metade do sucesso que tiveram para ele.

— É claro que vão ter — disse ela, pondo uma das mãos na nuca do meu pai e começando a afagá-lo carinhosamente.

Foi um gesto de uma intimidade tão casual, tão obscena, que senti uma pontada de náusea ao ver aquilo. Virei o rosto — tive de olhar para o outro lado —, e por acaso me deparei com o espelho da penteadeira. Os lenços estavam levemente afastados, e pelo reflexo eu vi uma mulher de baralho em pé atrás do meu pai, a rainha de espadas, com olhos de tinta altivos e distantes, e vestes negras sobre o corpo. Desviei os olhos do espelho, alarmado, e tornei a me virar para o sofá. Meu pai estava sorrindo com um ar sonhador, recostado nas mãos que agora lhe massageavam os ombros. A avaliadora me fitou por baixo de pálpebras semicerradas.

— Esse não é o seu rosto — disse ela. — Ninguém tem um rosto assim, feito de gelo. O que você está escondendo?

Meu pai se retesou e seu sorriso desapareceu. Ele se sentou ereto e inclinado para a frente, afastando os ombros das mãos dela.

— A senhora já viu tudo — disse meu pai para a mulher atrás dele. — Já sabe o que quer?

— Eu começaria com tudo aqui nesta sala — disse ela, pousando novamente a mão de leve sobre o seu ombro. Brincou com um cacho de seus cabelos por um instante. — Posso ficar com tudo, não posso?

Minha mãe saiu do quarto arrastando duas malas, uma em cada mão. Olhou de relance para a mão da avaliadora no pescoço do meu pai e abafou um gritinho de espanto — um gritinho que fez *huh,* e que pareceu significar apenas isso —, depois tornou a pegar as malas e seguiu com elas até a porta.

— Está tudo à venda — disse meu pai. — Estamos dispostos a negociar.

— Quem não está? — perguntou a avaliadora.

Minha mãe largou uma das malas na minha frente e fez um gesto indicando que eu a pegasse. Segui-a até a varanda, e então olhei para trás. A avaliadora estava inclinada por cima do sofá, a cabeça do meu pai estava jogada para trás e a boca dela estava encostada na dele. Minha mãe estendeu o braço na minha frente e fechou a porta.

Fomos andando até o carro em meio ao crepúsculo que se adensava. O menino de camisolão branco estava sentado no gramado, com a bicicleta no chão ao seu lado. Esfolava um coelho morto com um graveto, as entranhas do animal abertas e fumegando. Olhou de relance para nós quando passamos e sorriu, exibindo dentes rosados de sangue. Minha mãe passou um braço maternal em volta dos meus ombros.

Depois de entrar no carro, ela tirou a máscara e jogou-a no banco de trás. Continuei com a minha. Quando respirava fundo, podia sentir o cheiro do meu pai.

— O que é que a gente está fazendo? — perguntei. — Ele não vem?

— Não — respondeu ela, ligando o carro. — Ele vai ficar aqui.

— Como é que ele vai voltar para casa?

Ela me lançou um olhar de viés e sorriu com empatia. Do lado de fora, o céu tinha um azul quase preto e as nuvens, um tom quente de carmim; mas dentro do carro já era noite. Virei-me no meu banco e fiquei de joelhos para ver o chalé desaparecer por entre as árvores.

— Vamos jogar um jogo — disse minha mãe. — Vamos fingir que você nunca conheceu o seu pai. Ele foi embora antes de você nascer. A gente pode inventar umas historinhas engraçadas sobre ele. Ele tem uma tatuagem da época em que foi fuzileiro naval e uma âncora azul, que é de... — A voz dela falhou quando subitamente lhe faltou inspiração.

— De quando ele trabalhava em uma plataforma de petróleo. Ela riu.

— Isso. E vamos fingir que esta estrada é mágica. A Rodovia da Amnésia. Chegando em casa, nós dois vamos acreditar que isso tudo é verdade, que ele realmente foi embora antes de você nascer. Todo o resto vai parecer um sonho, um daqueles sonhos verdadeiros como lembranças. De qualquer forma, a história inventada provavelmente vai ser melhor do que a de verdade. Quero dizer, ele te amava loucamente, e queria tudo de melhor para você, mas você por acaso consegue se lembrar de alguma coisa interessante que ele tenha feito? Tive de reconhecer que não.

— Você consegue pelo menos se lembrar de qual era a profissão dele? Também tive de reconhecer que não. Corretor de seguros?

— Não é um jogo legal? — perguntou ela. — Falando em jogo, você guardou a sua mão?

— Minha mão? — perguntei, e então me lembrei, e toquei o bolso do meu casaco.

— Melhor não largar essa mão. É uma mão e tanto. Rei de Moedinhas e Moedões. Rainha dos Lençóis. Você está com tudo, garoto. Vou lhe dizer uma coisa: quando a gente voltar para casa, dê uma ligada para essa tal de Melinda. — Ela tornou a rir, depois deu um tapinha carinhoso na própria barriga. — Bons dias à vista, garoto. Para nós dois.

Dei de ombros.

— Pode tirar a máscara — disse minha mãe. — A menos que você esteja gostando de usá-la. Está gostando?

Ergui a mão até o pára-sol, abaixei-o e me vi no espelho. As luzes à sua volta se acenderam. Estudei meu novo rosto de gelo e o rosto abaixo dele, um vazio malformado, humano.

— Claro que estou — falei. — Este sou eu.

INTERNAÇÃO VOLUNTÁRIA

NÃO SEI PARA QUEM ESTOU ESCREVENDO ISSO, NÃO SEI DIZER QUEM ESPERO que vá ler. Não a polícia, com certeza. Não sei o que aconteceu com meu irmão, e não sei dizer onde ele está. Nada que eu fosse capaz de escrever aqui poderia ajudar a encontrá-lo.

De qualquer forma, isto não diz respeito ao desaparecimento do meu irmão... embora diga respeito, *sim,* a uma pessoa desaparecida, e eu estaria mentindo se dissesse que não acho que as duas coisas estão relacionadas. Nunca contei a ninguém o que sei sobre Edward Prior, que saiu do colégio em um dia de outubro de 1977 e nunca chegou em casa. Durante muito tempo, no primeiro ou segundo ano depois que ele sumiu, eu não queria pensar no meu amigo Eddie. Fazia qualquer coisa para não pensar nele. Quando passava por alguém que estivesse falando dele nos corredores da escola — *ouvi dizer que ele roubou a maconha da mãe e um pouco de dinheiro e fugiu para a Califórnia!* —, eu fixava os olhos em algum ponto distante e fingia ser surdo. E caso alguém me abordasse para perguntar diretamente o que eu achava que tinha acontecido — de vez em quando alguém me perguntava, já que éramos companheiros —, eu congelava o rosto numa expressão rígida e vazia, dava de ombros e respondia: "Não estou ligando muito para isso."

Mais tarde, conseguia não pensar em Eddie graças a um hábito cuidadosamente criado. Se porventura acontecesse algo que me fizesse pensar nele — se eu visse um menino parecido com ele, ou lesse alguma coisa sobre algum adolescente desaparecido —, na mesma hora eu começava a pensar em outra coisa, quase sem perceber que o estava fazendo.

Nas três últimas semanas, porém, desde que o meu irmão mais novo, Morris, sumiu, tenho pensando cada vez mais em Ed Prior; nem com muito esforço consigo parar de pensar nele. A ânsia de conversar com alguém sobre o que sei é quase insuportável para mim. Mas esta não é uma história para a polícia. Acreditem, ela não traria nenhum beneficio para ninguém, e poderia trazer uma quantidade considerável de problemas para mim. Não posso dizer à polícia onde procurar Edward Prior, assim como

não posso dizer onde encontrar Morris — não posso dizer o que não sei —, mas, caso eu fosse compartilhar esta história com um policial, acho que poderiam me fazer algumas perguntas difíceis, e algumas pessoas (como a mãe de Eddie, por exemplo, ainda viva e no terceiro casamento) iriam passar por um grande e desnecessário trauma emocional.

E seria bem possível que eu acabasse ganhando uma passagem só de ida para o mesmo lugar onde meu irmão passou os dois últimos anos de sua vida: o Centro Progressivo de Saúde Mental Wellbrook. Meu irmão foi internado lá voluntariamente, mas o Wellbrook possui uma ala só para pessoas que tiveram de ser internadas à força. Morris fazia parte do programa de trabalho voluntário da clínica, passava pano no chão quatro dias por semana e, nas manhãs de sexta-feira, ia até a Ala do Governador, como é conhecida, para limpar a merda das paredes. E o sangue.

Eu acabei de falar em Morris no pretérito? Acho que sim. Não espero mais que o telefone toque e seja Betty Millhauser, do Wellbrook, com a voz acelerada e ofegante, para me dizer que ele foi encontrado em algum abrigo para sem-teto por aí, e que o estão trazendo de volta. Tampouco acho que alguém vá me ligar para dizer que o encontraram flutuando no rio Charles. Não acho que ninguém vá me ligar, a não ser para dizer que não sabe de nada. O que talvez poderia ser o epitáfio no túmulo de Morris. E talvez eu tenha de admitir que estou escrevendo isso não para mostrar a alguém, mas porque não consigo evitar, e uma página em branco é o único público seguro que consigo imaginar para contar esta história.

MEU IRMÃO MENOR SÓ COMEÇOU A FALAR AOS QUATRO ANOS DE IDADE. MUITA gente achava que ele fosse retardado. Muita gente em minha antiga cidade natal, Pallow, *ainda* acha que ele é débil mental ou autista. Só para deixar registrado, quando eu era pequeno eu próprio meio que achava que ele fosse retardado, embora meus pais me dissessem que não.

Quando ele tinha 11 anos, diagnosticaram que sofria de esquizofrenia juvenil. Mais tarde vieram outros diagnósticos: depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, esquizofrenia depressiva aguda. Não sei se alguns desses termos de fato transmitem a essência de como ele era ou daquilo contra o que tinha de lutar. Sei que, mesmo quando encontrava as palavras, não as usava muito. Sei que ele era pequeno para a sua idade, um menino de ossos delicados, com mãos finas de dedos compridos e um

rosto de duende. Sempre foi curiosamente desprovido de afetividade, seus sentimentos tão submersos que não geravam qualquer movimento em seu rosto. Parecia nunca piscar. Às vezes, meu irmão me fazia pensar em uma daquelas conchas afuniladas e compridas, com um interior rosado de madrepérola que se curva para dentro e para longe rumo a algum mistério interior. Você pode encostar o ouvido em uma concha dessas e imaginar que está escutando as profundezas de um oceano vasto e ruidoso — mas, na verdade, é só um truque de acústica. O som que você ouve é o rumor suave e constante do nada que há lá dentro. Os médicos tinham seus diagnósticos e, quando eu tinha 14 anos, esse era o meu.

Como era propenso a infecções auditivas excruciantes, Morris não podia sair de casa no inverno... estação que, segundo a definição de minha mãe, começava com o fim da World Series e terminava com o início da temporada regular de beisebol. Qualquer pessoa que já tenha tido crianças pequenas sabe como é difícil mantê-las ocupadas e contentes quando não se pode tirá-las de casa. Meu filho hoje está com 12 anos e vive com minha ex-mulher em Boca Raton, mas moramos todos juntos até ele completar sete anos, e eu me lembro de como um dia frio e chuvoso com todos presos dentro de casa podia ser exaustivo. Para o meu irmão caçula, todo dia era dia de frio e chuva, mas, ao contrário de outras crianças, não era difícil mantê-lo ocupado. Ele ocupava a *si mesmo,* descendo para o porão assim que chegava do colégio para passar o resto da tarde trabalhando, com silenciosa concentração, em um de seus imensos, grandiosos, tecnicamente complexos e fundamentalmente inúteis projetos de construção.

Seu primeiro objeto de fascínio foram as torres e os templos elaborados que ele construía com copos de plástico. Tenho uma lembrança do que deve ter sido a primeira vez que ele construiu alguma coisa com eles. Era noite, e todos nós, meus pais, Morris e eu, estávamos reunidos na sala de televisão para um de nossos raros rituais familiares: a sessão noturna diária de *M*A*S*H.* No segundo intervalo comercial do seriado, porém, todos nós já havíamos praticamente parado de prestar atenção nos trejeitos de Alan Alda e companhia, e não tirávamos os olhos do meu irmão.

Meu pai estava sentado no chão ao seu lado. Acho que no início ele estava ajudando na construção. Ele próprio uma pessoa meio autista, um homem tímido, desajeitado, que passava o fim de semana inteiro de

pijama e não tinha quase nenhum relacionamento social com o resto do mundo, excetuando minha mãe. Nunca deu nenhum sinal de desapontamento com Morris, e muitas vezes parecia mais satisfeito quando estava estendido no chão ao lado dele, ajudando-o a desenhar em cartolina mundos ensolarados povoados por bonequinhos de palito. Dessa vez, porém, meu pai se sentou e deixou Morris trabalhar sozinho, tão curioso quanto nós para ver o que iria sair daquilo. Morris construiu, empilhou, arrumou, com os dedos compridos e finos se agitando para lá e para cá, posicionando os copos tão depressa que parecia um truque de mágica, ou o trabalho de um robô em uma linha de montagem... sem hesitação, aparentemente sem pensar, sem nunca derrubar um copo por acidente. Algumas vezes, ele não estava sequer olhando para o que suas mãos faziam, mas sim para dentro da caixa de copos, como se quisesse ver quantos faltavam. A torre foi subindo, subindo, copos voando para ela tão depressa que me peguei, em alguns momentos, prendendo a respiração de tanta incredulidade.

Uma segunda caixa de copos de plástico foi aberta e usada. Quando Morris terminou — depois de ter usado todos os copos que meu pai conseguira encontrar para ele —, a torre estava tão alta quanto ele próprio, e cercada por uma muralha defensiva com um portão aberto. Por causa dos espaços entre os copos, parecia haver finos arcos nas laterais da torre, e tanto o alto da fortaleza quanto da muralha pareciam providos de anteparos. Todos nós ficamos um pouco espantados de ver Morris construir aquela coisa com tamanha rapidez e segurança, mas não se tratava de uma estrutura fundamentalmente fabulosa. Qualquer outro menino de cinco anos poderia ter construído a mesma coisa. Ela só era notável porque sugeria ambições maiores ocultas. Sentia-se que Morris poderia facilmente ter continuado a construir, acrescentando pequenas torres de vigia, anexos, criando toda uma aldeia rústica de copos de plástico. Quando os copos terminaram, Morris olhou em volta e *riu,* um som que eu acho que nunca tinha escutado até então — um ruído agudo, quase estridente, espontâneo, mais alarmante do que agradável. Ele riu e bateu palmas uma vez para si mesmo, só uma vez, do mesmo jeito que um marajá faria para mandar embora algum criado.

O outro aspecto que tornava a torre obviamente diferente do trabalho de outra criança da sua idade era que qualquer menino normal de cinco anos de idade teria construído uma coisa assim com um único

objetivo — dar-lhe um chute certeiro e ver os copos desabarem em uma derrocada seca, chacoalhante. E era isso que eu sentia vontade de fazer com a sua torre, e eu era três anos mais velho: passar bem no meio dela, chutando-a com os dois pés, tudo pela simples alegria de derrubar algo grande e cuidadosamente construído, um Godzilla juvenil.

Toda criança emocionalmente normal tem esse traço dentro de si. Imagino, para ser honesto, que esse traço fosse um pouco mais intenso em mim do que nos outros. Minha compulsão por destruir coisas perdurou pela vida adulta e acabou incluindo a minha mulher, que não gostava desse hábito e expressou seu desagrado com um pedido de divórcio e um advogado de cara azeda, com o carisma pessoal de um triturador de madeira, que operava no tribunal com a mesma eficiência mecânica aniquiladora.

Morris, porém, logo perdeu o interesse por sua obra concluída, e pediu um suco. Meu pai levou-o até a cozinha, murmurando que iria trazer para casa uma imensa caixa de copos para ele brincar no dia seguinte, para ele poder construir um castelo ainda maior no porão. Eu não conseguia acreditar que Morris houvesse simplesmente deixado sua torre ali, abandonada. Foi uma provocação que não pude suportar. Tomei impulso, saltei do sofá, dei um passo hesitante em sua direção — e então minha mãe interceptou meu braço e o segurou. O olhar dela grudou em mim, transmitindo um aviso sombrio: *Nem pense nisso.* Nenhum de nós dois disse nada, e dali a mais um instante afastei meu braço da mão dela e também saí da sala.

Minha mãe me amava, mas raramente dizia isso, e muitas vezes parecia me manter a uma certa distância. Ela me compreendia de uma forma que meu pai não era capaz. Certa vez, andando a cavalo pelos baixios de Walden Pond, atirei uma pedra em um menino mais novo que havia jogado água em mim. A pedra atingiu seu braço e deixou um feio hematoma roxo. Minha mãe fez questão de que eu passasse o resto do verão sem nadar, embora tenhamos continuado a visitar Walden Pond todo sábado à tarde, para Morris brincar dentro d'água, desajeitado. Alguém havia convencido meus pais de que a natação era terapêutica para ele, então ela insistia tanto para que ele nadasse quanto para que eu não nadasse. Eu tinha de ficar sentado na areia ao seu lado e não podia sair de perto de sua toalha de praia. Podia ler, mas não podia brincar nem conversar com outras crianças. Olhando para trás, é difícil ter mágoa dela

por ter sido excessivamente severa comigo. Ela via, com mais clareza do que os outros, muito do que havia de pior em mim, e isso a deixava preocupada. Tinha uma certa intuição quanto ao meu potencial e isso, em vez de enchê-la de esperança e entusiasmo, a tornava ríspida comigo.

O que Morris havia feito na sala, no intervalo de meia hora, era apenas uma fração mínima do que poderia fazer com uma área três vezes maior para trabalhar e com tantos copos de plástico quantos quisesse. Ao longo do ano seguinte, ele construiu pacientemente uma auto-estrada elevada — que serpenteava por todo o nosso espaçoso e claro porão, mas que, se esticada, teria medido quase meio quilômetro —, uma esfinge gigante, um grande iglu circular, espaçoso o suficiente para nós dois ficarmos sentados lá dentro, com uma entrada baixa pela qual eu conseguia me espremer com dificuldade.

A partir daí, não demorou muito para ele começar a construir metrópoles de LEGO imensas, ainda que impessoais, inspiradas nos arranha-céus de cidades de verdade. Um ano depois disso, passou para os dominós, erguendo delicadas catedrais com dúzias de finas torres de marfim perfeitamente equilibradas que subiam a meio caminho do teto. Quando Morris completou nove anos, tornou-se momentaneamente famoso, pelo menos em Pallow, quando o *Chronicle* de Boston publicou uma pequena matéria a seu respeito. Morris havia montado mais de 18 mil peças de dominó no ginásio da sua escola para crianças com deficiência. Dispôs as peças no formato de um enorme dragão enfrentando uma coluna de cavaleiros, e o *Channel Five* filmou-o derrubando-as, e registrou todo o longo e ruidoso desmoronamento. Seus dominós caíram de tal forma que flechas pareciam voar e o dragão parecia golpear com a pata um dos arfantes cavaleiros com armadura; três linhas de dominós vermelhos caíram, como se fossem talhos de facas. Durante uma semana, sofri acessos de uma inveja negra, venenosa, chegava a sair da sala quando ele entrava, sem suportar tanta atenção concentrada nele; mas o meu ressentimento lhe afetava tão pouco quanto sua própria celebridade. Morris demonstrava a mesma indiferença em relação às duas coisas. Desisti da minha raiva quando vi que aquilo era tão inútil como gritar para dentro de um poço, e o resto do mundo também acabou se esquecendo de que, por um instante, Morris tinha sido alguém interessante.

Quando entrei no primeiro ano do ensino médio e comecei a ficar amigo de Eddie Prior, Morris já havia passado à construção de fortalezas

com as caixas de papelão que meu pai lhe trazia do armazém onde trabalhava como entregador. Quase desde o início, seus esconderijos de papelão eram diferentes das outras coisas que ele construía com dominós ou copos de plástico. Enquanto seus outros projetos tinham início e fim claramente marcados, ele parecia não terminar nunca um empreendimento específico com as caixas de papelão. Um módulo se misturava a outro, um abrigo se tornava um castelo, que se tornava, por sua vez, uma série de catacumbas. Ele pintava exteriores, decorava interiores, instalava carpetes, recortava janelas e portas que abriam e fechavam. Então, um belo dia, sem qualquer aviso ou explicação, Morris desmontava grandes seções do que havia construído e começava a reorganizar a estrutura inteira segundo linhas arquitetônicas completamente diferentes.

Além disso, seu trabalho com os copos de plástico ou as peças de LEGO sempre o havia acalmado, enquanto os projetos de caixas de papelão deixavam-no aflito e insatisfeito. O mais recente abrigo de papelão estava sempre a poucas caixas de se completar e, até ele conseguir acertar, a imensa e imponente *coisa* que estava construindo no porão exercia sobre ele um poder estranho e infeliz.

Lembro-me de entrar em casa no final de uma tarde de domingo, passar pela cozinha calçado com minhas botas de neve para pegar alguma coisa na geladeira, olhar pela porta aberta do porão... e ficar estatelado onde estava, com a respiração entalada na garganta. Morris estava sentado de lado no último degrau da escada, com os ombros erguidos até as orelhas e o rosto de um branco pálido, incomum, contorcido em uma careta. Tinha a palma de uma das mãos pressionada com força na testa, como se houvesse sido ferido ali. Mas o que mais me deixou alarmado, o que percebi conforme fui descendo a escada devagar na sua direção, foi que, embora o frio que fazia no porão fosse quase intolerável, as bochechas dele estavam molhadas de suor, e sua camiseta branca estava empapada na frente, com uma mancha em forma de V. Quando cheguei três degraus acima dele, no momento em que ia chamar seu nome, seus olhos se abriram num estalo. Um segundo depois, aquela expressão contorcida de dor começou a se desfazer e seu rosto relaxou, ficando flácido.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Tudo bem com você?

— Tudo — respondeu ele, numa voz neutra. — Eu só... me perdi por um minuto.

— Perdeu a noção do tempo?

Ele pareceu precisar de um instante para processar a pergunta. Seus olhos se estreitaram; a expressão neles se intensificou. Ele ficou olhando com um ar sombrio para sua fortaleza, que na ocasião era uma série de 20 caixas dispostas em um grande quadrado. Mais ou menos metade delas estava pintada de um amarelo fosforescente, com janelinhas circulares abertas nas laterais. As janelas tinham vidraças de filme plástico coladas na frente. Morris as havia secado com o secador de cabelos, de modo que o plástico estava muito esticado e liso. Essa parte do forte era o resto de um submarino amarelo que Morris tentara construir. Um periscópio feito com um tubo de papelão usado para embalar cartazes emergia do topo de uma caixa bem grande. O resto das caixas, porém, estava pintado de vermelho e preto bem vivos, com uma caligrafia cursiva de caracteres em estilo árabe correndo pelas laterais. As janelas dessas caixas estavam recortadas em formato de sino, e faziam pensar imediatamente em palácios de déspotas médio-orientais, odaliscas de harém, Aladim.

Morris franziu a testa e sacudiu a cabeça devagar.

— Eu entrei e não conseguia mais encontrar a saída. Parecia que nada estava no lugar certo.

Olhei de relance para o forte, que tinha uma entrada em cada canto e janelas recortadas a cada duas caixas. Quaisquer que fossem as deficiências do meu irmão, eu não podia imaginá-lo tão confuso dentro de sua fortaleza a ponto de não saber onde estava.

— Por que você simplesmente não engatinhou até uma janela para ver onde estava?

— Lá onde eu me perdi não tinha nenhuma janela. Ouvi alguém falando e tentei sair seguindo essa voz, mas ela estava muito distante, e eu não consegui distinguir de onde estava vindo. Não era você, era? Não parecia a sua voz, Nolan.

— Não! — falei. — Que voz? — Olhei em volta ao fazer a pergunta, imaginando se estaríamos sozinhos no porão. — O que foi que ela disse?

— Eu nem sempre conseguia escutar. Algumas vezes, o meu nome. Outras vezes ela me dizia para seguir em frente. E uma vez ela disse que tinha uma janela à minha frente. Disse que eu veria girassóis do outro lado. — Morris fez uma pausa, depois soltou um fraco suspiro. — Quem sabe eu teria visto isso no fim do túnel... a janela e os girassóis... mas eu

estava assustado demais para chegar perto, então me virei e aí minha cabeça começou a doer. Logo depois eu encontrei uma porta de saída.

Na época, pensei que fosse bem provável que Morris tivesse sofrido um breve afastamento da realidade enquanto engatinhava dentro de seu forte, uma circunstância não de todo impossível. Apenas um ano antes, ele havia começado a pintar as mãos de vermelho porque dizia que aquilo o ajudava a *sentir* os sons. Quando estava em um aposento com música, fechava os olhos, erguia as mãos cor de carmim acima da cabeça como antenas e remexia o corpo todo em uma espécie de dança do ventre espasmódica.

Também fiquei incomodado com a possibilidade muito menos provável de *realmente* haver alguém no porão, um psicopata falante que talvez estivesse naquele exato momento agachado em um dos diminutos espaços dentro do forte de Morris. De toda forma, fiquei apavorado. Segurei a mão do meu irmão e disse a ele que subisse comigo para contarmos à mamãe o que havia acontecido.

Quando narramos a história, ela pareceu assustada. Levou a mão à testa de Morris.

— Você está todo suado! Vamos subir, Morris. Vamos tomar uma aspirina. Quero que você se deite. Vamos poder conversar sobre isso depois de você descansar um minuto.

Eu era a favor de vasculhar o porão na mesma hora, para ver se havia alguém lá embaixo, mas minha mãe não me deu ouvidos, fazendo uma careta sempre que eu abria a boca. Os dois desapareceram no andar de cima, e eu passei boa parte da hora seguinte sentado na bancada da cozinha, espiando a porta do porão, inquieto e nervoso. Aquela porta era a única saída do porão. Se eu tivesse ouvido o barulho de passos subindo a escada, teria dado um pulo, aos gritos. Mas ninguém subiu e, quando meu pai chegou em casa, descemos juntos para vasculhar o porão. Não havia ninguém escondido atrás do boiler nem dos galões de óleo diesel. Na verdade, nosso porão era organizado e bem iluminado, o que significava que não era muito fácil se esconder lá. O único lugar onde um intruso poderia se enfiar seria dentro do forte de Morris. Dei a volta nele, chutando as paredes e espiando pelas janelas. Meu pai disse que eu deveria entrar para dar uma olhada, e então riu ao ver a expressão no meu rosto. Quando ele subiu a escada, fui correndo atrás dele. Não queria estar nem perto da escada do porão quando ele apagasse a luz.

CERTA MANHÃ, EU ESTAVA JOGANDO MEUS LIVROS DENTRO DA MOCHILA ANTES DE sair para o colégio quando duas folhas de papel dobrado caíram de dentro do *Visões da História Norte-Americana.* Peguei-as e fiquei olhando para elas, no início sem reconhecer o que eram — duas folhas mimeografadas, com perguntas batidas à máquina e grandes blocos de espaço em branco reservados para as respostas. Quando percebi o que eu tinha nas mãos, quase disse o pior palavrão que conhecia, apesar de minha mãe estar a poucos metros de mim... um erro que teria me custado um puxão de orelha e conduzido a um interrogatório que era melhor evitar. Era uma prova a ser feita em casa, distribuída na sexta-feira anterior, e que deveria ser entregue naquela mesma manhã.

Durante a última semana, eu não vinha prestando nenhuma atenção nas aulas de história. Havia uma menina meio punk, que usava uma saia jeans desfiada e sedutoras meias-arrastão, que ficava sentada ao meu lado. Ela não parava de abrir e fechar as pernas de tédio, e me lembro de que, quando me inclinava para a frente, às vezes eu conseguia ver de relance, com o canto do olho, que ela não usava calcinha. Caso tivéssemos sido lembrados da prova durante a aula, eu não teria escutado mesmo.

Minha mãe me deixou na escola. Fiquei andando de um lado para o outro pelo asfalto congelado atrás do prédio, com um constante frio na barriga. História norte-americana. Segunda aula. Não dava mais tempo para fazer a prova. Eu nem sequer havia lido os dois últimos capítulos que o professor passara. Sabia que deveria ir me sentar em algum lugar e tentar fazer alguma coisa, ler rapidamente os capítulos e rabiscar umas respostas idiotas. Mas não conseguia me sentar, não conseguia olhar para a prova. Sentia-me tomado por uma impotência paralisante, pela sensação terrível e nauseante de não ter saída, de que o meu destino estava selado.

Na divisa entre o pátio de asfalto e o descampado congelado e pisoteado mais além havia uma fileira de grossos tocos de madeira que antes sustentavam uma cerca, removida há muito tempo. Um menino chamado Cameron Hodges, da minha aula de história, estava sentado em cima de um dos tocos, com alguns amigos em volta. Cameron tinha cabelos louros e usava grandes óculos de armação redonda que escondiam olhos azuis curiosos e sempre úmidos. Ele era um dos melhores alunos do colégio e membro do grêmio estudantil, mas, apesar dessas deficiências

significativas, quase todo mundo gostava dele, sem que ele fizesse nada para isso. Talvez fosse porque não ficasse exibindo demais quanto sabia, não era do tipo que levantava a mão toda vez que sabia a resposta para alguma pergunta particularmente difícil. Tinha outra coisa, também — uma certa racionalidade, uma mistura de calma e uma noção quase nobre de ética, que o fazia parecer mais maduro e experiente do que qualquer um de nós.

Eu gostava de Cameron — chegara até a votar nele nas eleições estudantis —, mas nunca tivemos uma relação muito estreita. Não conseguia me ver com um amigo como ele... e com isso quero dizer que não podia imaginar alguém como ele interessado por alguém como eu. Eu era um garoto difícil de conhecer, pouco comunicativo, desconfiado das intenções dos outros, hostil quase por reflexo. Nessa época, se alguém por acaso risse ao passar por mim, eu sempre olhava para essa pessoa com ódio, só para o caso de ela estar se divertindo às minhas custas.

Quando me aproximei de Cameron, vi que ele estava segurando a sua prova. Seus amigos estavam comparando as respostas com as suas: "Introdução das máquinas descaroçadoras de algodão no Sul, isso, foi isso que eu respondi também." Eu estava passando bem atrás dele. Nem pensei duas vezes. Inclinei-me na sua direção e arranquei a prova das suas mãos.

— Ei — disse Cameron, estendendo a mão para pegar o papel de volta.

— Preciso copiar isso — falei, com a voz rouca. Virei o corpo para o outro lado, para ele não poder pegar a prova de volta. Eu estava afogueado, ofegante, chocado com o que estava fazendo, mas fazendo mesmo assim. — Devolvo na aula de história.

Cameron desceu do toco. Veio na minha direção com as palmas das mãos voltadas para cima, os olhos esbugalhados e suplicantes, ampliados pelas lentes dos óculos.

— Nolan, não faça isso. — Não sei por que, mas ouvi-lo dizer meu nome me deixou surpreso. Até então, não tinha certeza de que ele sabia o meu nome. — Se as suas respostas forem iguaizinhas às minhas, o Sr. Sarducchi vai saber que você copiou. Nós dois vamos tirar F. — Havia um tremor audível na sua voz.

— Não precisa chorar — falei. As palavras saíram mais ríspidas do que eu queria, já que eu realmente estava preocupado que ele fosse chorar, e aquilo pareceu uma provocação. Os outros meninos riram.

— É isso aí — disse Eddie Prior, que apareceu de repente entre mim e Cameron. Ele espalmou a mão no centro da testa de Cameron e o empurrou. Cameron caiu de bunda no chão, com força, e deu um grito. Seus óculos caíram e saíram deslizando por uma poça de gelo. — Deixe de ser veado. Ninguém vai saber. Você vai recuperar a sua prova.

Então Eddie passou um braço em volta dos meus ombros e saímos andando juntos. Ele falava pelo canto da boca como se estivéssemos em um filme, dois condenados no pátio de uma prisão conversando sobre a grande fuga.

— Lerner — disse ele, dirigindo-se a mim pelo meu sobrenome; ele chamava todo mundo pelo sobrenome —, me passe a prova depois que terminar de copiar. Circunstâncias imprevistas e fora do meu controle, tipo o último namorado da minha mãe ser um babaca histérico, me obrigaram a sair de casa ontem à noite e acabei ficando até altas horas jogando totó com o meu primo. Resumo da ópera: não consegui passar das duas primeiras perguntas desta porcaria.

Embora Eddie Prior tirasse C e D em todas as matérias, com exceção de trabalhos manuais, e fosse suspenso quase toda semana, ao seu modo todo especial ele era tão carismático quanto Cameron Hodges. Parecia impossível de abalar, traço que deixava as outras pessoas muito impressionadas. Além do mais, seu bom humor era tão inabalável, ele estava sempre tão disposto a se divertir, que ninguém conseguia ficar zangado com ele por muito tempo. Caso um professor lhe mandasse sair da sala por causa de algum comentário grosseiro, Eddie dava de ombros devagar, como quem pensa "Vá entender qualquer coisa neste mundo maluco", recolhia seus livros com cuidado e saía — lançando um último olhar de viés para os outros alunos de um jeito que sempre provocava uma reação em cadeia de risadinhas nervosas. Na manhã seguinte, o mesmo professor que o havia expulsado de sala podia ser visto batendo bola com ele no estacionamento dos professores ou jogando conversa fora sobre o time de basquete Boston Celtics.

Parece-me que a característica que separa os populares dos rejeitados — a única e singular característica que Eddie Prior e Cameron Hodges tinham em comum — é a certeza de quem se é. Eddie sabia quem era. Ele aceitava a si mesmo. Seus defeitos haviam deixado de incomodá-lo. Cada palavra que ele pronunciava era uma expressão espontânea e pura de sua verdadeira personalidade. Enquanto isso, eu não tinha nenhuma

imagem clara de mim mesmo, estava sempre olhando para os outros, observando-os com atenção, esperando e ao mesmo tempo temendo captar alguma pista daquilo que viam quando olhavam para mim.

Assim, no instante seguinte, enquanto Eddie e eu nos afastávamos de Cameron, experimentei o tipo de reviravolta psicológica abrupta e improvável que é a marca do adolescente. Havia acabado de arrancar a prova de Cameron de suas mãos, desesperado para encontrar um jeito de sair da armadilha que havia armado para mim mesmo e horrorizado ao ver o que estava disposto a fazer para me salvar. Teoricamente, eu ainda estava desesperado e horrorizado — mas estava nas nuvens andando com o braço de Eddie Prior em volta dos meus ombros, como se fôssemos velhos amigos saindo de alguma taberna às duas da manhã. Experimentei um delicioso choque de surpresa ao ouvi-lo se referir de forma casual ao namorado da mãe como babaca histérico; aquela me pareceu uma tirada mais sagaz do que qualquer coisa que jamais saíra da boca de Steve Martin. O que fiz em seguida eu próprio teria considerado impossível apenas cinco minutos antes. Entreguei-lhe a prova de Cameron.

— Você já respondeu a duas perguntas? Então tome. Não parece que vai precisar disto aqui por muito tempo. Eu dou uma olhada depois de você terminar — falei.

Ele me lançou um sorriso cheio de dentes, e duas covinhas em forma de vírgula surgiram em suas bochechas carnudas.

— Como foi que você veio parar nesta situação, Lerner?

— Esqueci que a gente tinha um teste para fazer em casa. Não consigo prestar atenção nessa aula. Sabe a Gwen Frasier?

— Sei. Uma porra de um tribufu. O que é que tem ela?

— Uma porra de um tribufu que não usa calcinha — falei. — Ela fica sentada bem do meu lado e não pára de abrir e fechar as pernas. A xoxota dela passa metade da aula me encarando, como é que eu vou conseguir pensar em História?

Eddie soltou uma sonora risada, tão alta que as pessoas em volta se viraram para olhar.

— Ela provavelmente está pegando um pouco de ar para curar o herpes. Tome cuidado com ela, parceiro.

Ele então riu mais, quase até chorar. Eu também ri, coisa que não fazia com facilidade, e senti um arrepio nas terminações nervosas. Ele havia me chamado de parceiro.

Não me lembro bem, mas tenho a impressão de que ele nunca me devolveu a prova de Cameron, e eu acabei entregando a minha completamente em branco — minha memória disso é um pouco turva. Depois desse dia, porém, passei a seguir Eddie por toda parte. Ele gostava de falar sobre o irmão mais velho, Wayne, que havia cumprido quatro semanas de uma sentença de três meses na casa de detenção juvenil por ter posto uma bomba no carro de alguém, um Oldsmobile, e que depois havia fugido e vivia na rua. Eddie disse que Wayne de vez em quando telefonava para se vangloriar de alguma boceta de bar que estava comendo e de todas as caras que estava quebrando. Mas era vago em relação ao que o seu irmão fazia para ganhar a vida. Ele trabalha como ajudante em fazendas do Illinois, disse Eddie certa vez. Rouba uns carros em Detroit, disse em outra ocasião.

Passávamos bastante tempo com uma menina de 15 anos chamada Mindy Ackers, que costumava cuidar de uma criança pequena em um apartamento do outro lado da rua do duplex de Eddie. O lugar cheirava a mofo e urina, mas passávamos tardes inteiras ali, fumando cigarros junto com ela e jogando partidas de xadrez valendo dinheiro enquanto o bebê engatinhava pelo chão com a bunda de fora. Em outros dias, Eddie e eu pegávamos a trilha que atravessava a mata atrás de Christobel Park até a passarela de pedestres em cima da Rodovia 111. Eddie sempre levava um saco de papel pardo cheio de lixo do apartamento onde Mindy cuidava do bebê, cheio de fraldas sujas de cocô e embalagens com restos de comida chinesa azeda. Atirava bombas de lixo nos caminhões que passavam lá embaixo. Certa vez, mirou uma fralda em uma imensa carreta com chamas vermelhas e chifres de novilho pintados na lona. A fralda explodiu no pára-brisa do lado do carona e o vidro se cobriu com uma mancha de diarréia amarelo-esverdeada. Os freios guincharam, os pneus soltaram fumaça. O motorista buzinou para a gente, um som potente que fez meu coração pular, alarmado. Nós nos agarramos e fugimos correndo, caindo na gargalhada.

— Rápido, balofo, acho que ele está vindo atrás da gente! — gritou Eddie, e eu corri pela simples adrenalina de correr. Não achava realmente que alguém fosse se dar ao trabalho de descer da carreta e nos perseguir, mas era empolgante fingir.

Mais tarde, depois de pararmos de correr, já andando por Christobel Park e tentando recuperar o fôlego, Eddie falou:

— Não existe nenhuma forma de vida mais imunda do que caminhoneiros. Eu nunca conheci nenhum que não fedesse que nem um balde de mijo depois de uma longa viagem.

Não fiquei totalmente surpreso ao descobrir que o namorado da mãe de Eddie (o babaca histérico) era caminhoneiro.

Algumas vezes ele ia à minha casa, em geral para ver TV. Éramos bem recebidos. Ele se mostrava curioso em relação ao meu irmão, querendo saber tudo sobre o seu problema, e se interessava em ver o que ele estava construindo no porão. Eddie se lembrava de ter visto Morris derrubar seu dominó de dragão na TV, embora isso já fizesse uns dois anos. Ele nunca verbalizou tal coisa, mas acho que a idéia de conhecer um *idiot-savant* deixava-o fascinado. Ele teria ficado igualmente entusiasmado ao conhecer meu irmão caso Morris tivesse dois membros amputados ou fosse um anão. Eddie queria um pouco de "Acredite Se Quiser" na sua vida. No final das contas, as pessoas em geral acabam conseguindo o que querem em quantidade um pouco maior do que conseguem administrar, não é?

Em uma de suas primeiras visitas à minha casa, descemos para dar uma olhada na mais recente versão do forte de Morris. Ele havia amarrado umas 40 caixas umas nas outras para formar uma rede de túneis no formato de um monstruoso polvo, com oito canais compridos conduzindo a uma imensa caixa central que outrora servira de embalagem para uma tela de projetor. Teria feito sentido pintá-la para deixá-la *parecida* com um polvo — um monstro marinho enfezado — e, de fato, vários dos "braços" grossos da espessura de troncos de árvore haviam sido pintados de verde vivo, com discos vermelhos espalhados por toda a extensão, sugerindo ventosas. Mas outros braços eram sobras de construções antigas — um deles já tinha sido um pedaço do submarino amarelo, outro fora parte de um foguete, era branco e tinha projeções parecendo barbatanas e vários adesivos da bandeira norte-americana. E a imensa caixa no centro do polvo estava completamente sem pintura, mas envolta em uma grade de galinheiro moldada para parecer um par de chifres tortos. Todo o resto da fortaleza tinha o aspecto de um brinquedo de criança artesanal... espetacular, mas mesmo assim um mero brinquedo feito em casa, algo que talvez papai tivesse ajudado a construir. Era esse último detalhe, os chifres

de arame sem sentido, *inexplicáveis,* que identificava aquilo como o trabalho de alguém seriamente lelé da cuca.

— Incrível — disse Eddie no pé da escada ao ver o forte, mas pude perceber, por uma diminuição sutil no brilho de seus olhos, que ele não estava tão impressionado assim, que esperava mais.

Eu detestava vê-lo decepcionado por qualquer motivo que fosse. Se ele queria que meu irmão fosse um gênio, eu também queria. Então fiquei de quatro diante de uma das entradas.

— Você tem que entrar de joelhos para o efeito ser completo. Eles são sempre mais legais do lado de dentro do que do lado de fora.

E, sem olhar para ver se ele estava me seguindo, entrei.

Eu era um menino grande para os meus 14 anos, desengonçado, de ombros largos, e devia pesar uns 60 quilos... mas ainda era uma criança, não um adulto, com as proporções e a flexibilidade de uma criança, capaz de me espremer para dentro do mais exíguo dos túneis. Mas eu, em geral, não costumava entrar nos fortes de Morris. Descobrira muito cedo, engatinhando dentro de uma de suas primeiras construções, que não gostava muito de estar lá dentro, que sofria um pouco de claustrofobia. Porém agora, com Eddie vindo logo atrás, fui entrando como se rastejar para dentro de um dos esconderijos do meu irmão fosse a minha diversão preferida.

Fui percorrendo uma seqüência de túneis sinuosos. Em uma das caixas havia uma prateleira de papelão com um vidro de geléia em cima; moscas zumbiam lá dentro, chocando-se freneticamente contra o vidro. A acústica fechada da caixa amplificava e distorcia seu ruído, de modo que às vezes os zumbidos pareciam estar dentro da minha cabeça. Passei um instante estudando as moscas, franzindo o cenho, um pouco perturbado por aquela visão — será que Morris iria deixá-las morrer ali? —, depois segui em frente. Esgueirei-me por uma passagem mais larga onde as paredes haviam sido revestidas com adesivos que brilhavam no escuro em forma de estrelas, luas, sorrisos do gato de Alice — toda uma galáxia de néon espalhada à minha volta.

As paredes haviam sido pintadas de preto, e no início não consegui vê-las. Durante um breve e nauseante segundo, tive a impressão de que ali não havia parede nenhuma, era como se eu estivesse engatinhando pelo vácuo em cima de alguma rampa estreita e invisível, sem nada acima ou abaixo de mim; se eu caísse da rampa, não haveria nada para aparar a

minha queda. Ainda podia ouvir as moscas zumbindo dentro do vidro de geléia, embora as tivesse deixado para trás havia algum tempo. Fiquei tonto, estendi uma das mãos e meus dedos tocaram a lateral da caixa. Fazer isso dissipou minha sensação de estar engatinhando por um imenso espaço vazio, embora a tonteira não tivesse passado completamente. A caixa seguinte era a menor e mais escura de todas e, quando eu estava me espremendo para passar por ela, minhas costas roçaram em uma série de pequenas sinetas de latão penduradas no teto. Suas badaladas fracas, metálicas, me deixaram tão assustado que eu quase gritei.

Mas pude ver uma abertura circular logo à frente, dando para um espaço iluminado por luzes difusas em tons de pastel. Avancei até lá.

A caixa no centro do monstro marinho de papelão de Morris era espaçosa o suficiente para abrigar uma família de cinco pessoas e seu cachorro. Uma luminária movida a pilha borbulhava em um dos cantos, com bolhas vermelhas gelatinosas subindo e descendo por um líquido viscoso cor de âmbar. Morris havia forrado o interior da imensa caixa com um papel de presente cor de prata metalizado. Faíscas e filamentos de luz corriam de um lado para outro em ondas trêmulas, faixas douradas, vermelhas e verdes chocando-se umas contra as outras e desaparecendo. Era como se, durante todo o tempo que passara engatinhando para entrar no forte, eu tivesse diminuído aos poucos até ficar do tamanho de um camundongo e chegado a um quartinho suspenso dentro de um globo de discoteca. Pensar nisso me fez sentir um leve arrepio de assombro. Minhas têmporas começaram a latejar e as luzes estranhas e agitadas passaram a incomodar meus olhos.

Eu não vi Morris desde que cheguei em casa, e imaginava que ele tivesse saído com a mamãe para fazer compras. Mas ali estava ele, parado no meio da grande caixa central, sentado sobre os joelhos, de costas para mim. Ao lado dele havia uma revista em quadrinhos e uma tesoura. Ele tinha cortado a contracapa e a colocara dentro de uma moldura de papelão branco, e agora a estava pregando na parede com pedaços de fita adesiva. Ouviu-me entrar e olhou para trás para me encarar, mas não me cumprimentou, e voltou na mesma hora à tarefa de pendurar sua ilustração.

Ouvi ruídos de alguma coisa se arrastando no túnel atrás de mim, e escorreguei para um dos lados para abrir espaço. Segundos depois, Eddie passou a cabeça pela abertura circular e espiou para dentro da caixa central

forrada de papel metalizado. Seu rosto estava corado, e ele sorria daquele jeito que fazia surgirem covinhas em suas bochechas.

— Puta merda — disse Eddie. — Olhe só para este lugar. Eu quero comer uma garota aqui dentro.

Arrastou-se mais um pouco para sair do túnel e sentou-se de joelhos.

— É um forte e tanto — disse Eddie para as costas de Morris. — Eu teria matado alguém para ter um forte assim quando tinha a sua idade. — Ele estava ignorando o fato de que, aos 11 anos de idade, o próprio Morris já estava velho demais para brincar em fortes de papelão.

Morris não respondeu. Eddie me lançou um olhar de esguelha e eu dei de ombros. Eddie olhou em volta, absorvendo aquilo tudo com a boca escancarada em uma expressão de prazer evidente, enquanto uma tempestade de luzes brilhantes, douradas e prateadas, flutuava silenciosamente à nossa volta.

— Rastejar até aqui foi incrível — continuou Eddie. — O que você achou do túnel forrado de pelagem negra? Eu tive a sensação de que, quando chegasse no final, ia sair pela xereca de uma gorila.

Eu ri, mas lancei-lhe um olhar questionador, intrigado. Não me lembrava de nenhum túnel forrado de pêlo — e, afinal de contas, ele estava logo atrás de mim, seguindo o mesmo caminho que eu.

— E as campainhas de vento — disse Eddie.

— Eram sinetas — corrigi.

— Ah, eram?

Morris terminou de pendurar seu quadro e, sem nos dirigir a palavra, engatinhou até uma saída triangular. Antes de passar, porém, nos olhou pela última vez. Quando falou, foi comigo:

— Não me sigam por aqui. Voltem por onde vocês entraram. Este caminho não quer se comportar como deve. Preciso trabalhar nele mais um pouco. Não está no ponto ainda.

Com isso, abaixou-se pela abertura e desapareceu.

Olhei para Eddie para pedir desculpas, preparando mentalmente uma frase do tipo *Desculpe, meu irmão é maluco mesmo.* Mas Eddie havia engatinhado ao meu lado e estava estudando a ilustração que Morris colocara na parede: uma família de crustáceos reunida em um grupo compacto — criaturas peladas e barrigudas, com antenas flutuantes cor de carne e rostos humanos.

— Olha só — disse Eddie. — Ele pendurou uma foto da família de verdade dele.

Eu ri. Eddie não era grande coisa em matéria de ética pessoal, mas nunca teve nenhuma dificuldade para me fazer rir.

EU ESTAVA SAINDO DE CASA UM DIA — ERA UMA SEXTA-FEIRA DA PRIMEIRA QUINZENA de fevereiro — quando Eddie me ligou e disse que não fosse à casa dele, mas o encontrasse na passarela em cima da Rodovia 111. Alguma coisa no seu tom de voz, uma rouquidão, uma tensão, chamou minha atenção. Nada do que ele disse foi diferente do normal, mas algumas vezes sua voz parecia prestes a falhar, e tive a impressão de que ele estava tentando reprimir uma onda de tristeza.

A passarela ficava a 20 minutos a pé da minha casa, descendo a Christobel Avenue, passando pelo parque e depois subindo a trilha pela mata. A trilha era um caminho bem cuidado calçado de pedras azuis, que subia pelas colinas íngremes debaixo de troncos desfolhados de bétulas e bordos. Depois de mais ou menos meio quilômetro, o caminho desembocava na passarela. Eddie estava debruçado na murada, vendo os carros passarem correndo lá embaixo.

Ele não olhou para mim quando andei em sua direção. Alinhados na mureta à sua frente, na altura da barriga, havia três tijolos esfarelados e, no mesmo instante em que cheguei ao seu lado, ele empurrou um deles lá para baixo. Senti um choque instantâneo de nervoso, mas o tijolo caiu em cima da traseira de uma carreta de nove eixos que passava na rodovia, sem danificar nada. A carreta levava a reboque um carregamento de canos de aço. O tijolo bateu no cano de cima da pilha com um forte estalo, depois despencou pela lateral, fazendo ecoar uma série de estalos melodiosos e badalos que retiniam como um gongo, como se alguém estivesse martelando os tubos de um imenso órgão. Eddie abriu a boca para dar seu sorriso largo, caloroso, inconcebivelmente afável, exibindo-me as falhas entre seus dentes. Olhou de relance para mim, para ver se eu havia gostado da musicalidade inesperada produzida pelo seu mais recente bombardeio a um caminhão. Foi então que vi seu olho esquerdo. Estava rodeado por uma grande mancha roxa, com tênues realces em amarelo.

Quando falei, mal reconheci a minha voz. Estava ofegante, débil.

— O que houve?

— Olhe isso — disse ele, tirando uma fotografia Polaroid do bolso do casaco. Ainda estava sorrindo, mas quando me passou o retrato, manteve a cabeça baixa. — Olhe à vontade. — Foi como se eu não tivesse perguntado nada.

O retrato mostrava dois dedos de menina, com as unhas pintadas de prata, pressionados contra um triângulo de tecido listrado de vermelho e preto, afundados na fenda entre suas pernas. Eu podia ver suas coxas na periferia da foto, embaçadas, pálidas demais.

— Ganhei 10 partidas seguidas da Ackers — disse ele. — A gente apostou que, se ela perdesse a décima partida, teria que tirar uma foto de si mesma bolinando o próprio clitóris. Ela se trancou no quarto, então eu não a vi tirando a foto. Mas ela quer tentar de novo algum dia para ver se pega a fotografia de volta. Se eu ganhar dela mais 10 partidas seguidas, vou fazer ela se masturbar bem na minha frente.

Virei-me e ficamos lado a lado apoiados na mureta, de frente para o tráfego. Passei mais alguns segundos olhando a foto, sem expressão no rosto, sem pensar em nada, inseguro sobre como agir, sobre o que dizer. Mindy Ackers era uma menina feiosa, com cabelos ruivos encaracolados, uma acne devastadora e uma paixonite incurável por Eddie. Se ela perdesse as 10 partidas seguintes para ele, seria de propósito.

Nesse momento, porém, o que Mindy havia ou não havia feito para diverti-lo me interessava bem menos do que a forma como Eddie conseguira aquele hematoma no olho esquerdo... assunto sobre o qual, aparentemente, ele não queria conversar.

— Inacreditável — falei por fim, pondo a foto em cima da murada de cimento. Sem pensar, pousei a mão sobre um dos tijolos.

Um caminhão-baú passou rugindo abaixo de nós, e o motor fez um estrondo quando o motorista reduziu a marcha. Uma fumaça preta com cheiro de óleo diesel foi subindo pela neve que caía em flocos grandes, rodopiantes. Quando é que havia começado a nevar? Eu não sabia ao certo.

— Como foi que você fez isso com o seu olho? — tentei de novo, surpreso com minha própria ousadia.

Ele limpou o nariz com o dorso da mão. Ainda estava sorrindo.

— Aquele merda que a minha mãe está namorando me pegou fuçando a carteira dele. Tipo, como se eu fosse roubar a grana dele, ou alguma coisa do gênero. Ele vai para a cama cedo, tem que ir para o

Kentucky assim que o sol nascer, então eu só vou ficar fora de casa até... ah, espere aí. Olhe. Lá vem um caminhão de gasolina.

Olhei para baixo e vi outra grande carreta rugindo na nossa direção, puxando atrás de si um comprido tanque de metal.

— Temos uma chance de explodir esse aí — disse Eddie. — Um quilo e duzentos de explosivo C-4. Basta acertar esse filho-da-puta e a gente manda pelos ares a rodovia inteira.

Havia um tijolo sobre a mureta bem na frente dele, e eu imaginei que ele fosse empurrá-lo em cima do caminhão que passava lá embaixo. Em vez disso, porém, ele pôs a mão em cima da minha, que ainda estava em cima do outro tijolo. Senti um pequeno susto, mas não fiz força para retirar a mão. Este é provavelmente um fato digno de nota: o que aconteceu a seguir foi porque eu deixei acontecer.

— Espere ele passar — disse Eddie. — Firme. Não erre. *Agora.*

Assim que o caminhão começou a entrar debaixo da passarela, ele empurrou a minha mão. O tijolo bateu na lateral do reservatório de gasolina com um estalo que ecoou pelo ar. Ricocheteou e voou para o lado, indo em direção à pista da direita onde, nesse mesmo instante, um Volvo vermelho estava terminando de ultrapassar o caminhão. O tijolo se estatelou no pára-brisa — tive tempo de ver uma teia de rachaduras se espalhar — e então o carro desapareceu debaixo da passarela.

Ambos demos meia-volta e corremos para a mureta oposta. Meus pulmões ficaram paralisados e, por um instante, não consegui forçar nenhum ar para fora do peito. Quando o Volvo apareceu vindo de baixo da passarela, já estava desviando para a esquerda, entrando no acostamento da rodovia. Em poucos instantes, saiu da estrada e desceu o barranco enevoado a uns 50 quilômetros por hora. No vale raso no pé do barranco havia algumas finas mudas de bordo. O Volvo chocou-se contra uma delas com um ruído de amassado. Todo o pára-brisa estilhaçado se desprendeu em uma única peça reluzente, deslizando pelo capo, e em seguida caindo na neve.

Eu ainda estava me esforçando para respirar quando a porta do carona se abriu. Uma mulher loura, corpulenta, usando um sobretudo vermelho preso com um cinto, saiu cambaleando. Segurava uma luva e a apertava contra os olhos. Ela começou a gritar, abrindo a porta de trás.

— Amy! — gritava ela. — Ai, meu Deus, Amy!

Então Eddie me segurou pelo cotovelo. Fez com que eu girasse o corpo, me empurrou na direção da trilha.

— Vamos dar o fora daqui, porra! — berrou ele.

Eddie tornou a me empurrar quando saímos da passarela e começamos a percorrer a trilha do parque; empurrou-me com tanta força que eu caí com o joelho em cima das pedras azuis do calçamento — e senti uma terrível dor no joelho, mas ele então tornou a me levantar pelo cotovelo e me fez avançar. Eu não pensei em nada. Corri. Com o sangue a latejar nas minhas têmporas e o rosto ardendo no ar frio, eu corri.

SÓ COMECEI A PENSAR QUANDO CHEGAMOS AO PARQUE E DIMINUÍ O PASSO. Estávamos indo, sem conversar, na direção da minha casa. Meus pulmões doíam por causa do esforço de correr com as botas de neve e de sorver lufadas de ar congelado. Ela foi até a porta de trás gritando *Ai, meu Deus, Amy!* Alguém no banco de trás, talvez uma menininha. A loura alta e grandalhona segurava uma luva por cima do olho. Será que um caco de vidro havia entrado no seu olho? Será que tinha ficado cega? E mais: a loura desceu do banco do carona. Por que o motorista não saltou? Será que ele estava inconsciente? Será que estava morto? Minhas pernas não paravam de tremer. Lembrei-me de Eddie empurrando a minha mão, lembrei-me do tijolo deslizando de baixo dela, despencando em rodopio, e lembrei-me da forma como ele ricocheteou na lateral do caminhão e bateu no pára-brisa do Volvo. Eu não podia desfazer aquilo. Compreendi isso, e a idéia se abateu sobre mim como uma revelação. Baixei os olhos para a mão que havia empurrado o tijolo e vi uma fotografia, Mindy Ackers enfiando o dedo no triângulo de algodão entre suas pernas. Não me lembrava de tê-la pegado. Mostrei-a para Eddie sem dizer nada. Ele observou o retrato com os olhos enevoados, atônitos.

— Pode ficar — falou. Era a primeira coisa que um de nós dois dizia desde *Vamos dar o fora daqui, porra.*

Cruzamos com minha mãe no caminho para minha casa. Ela estava em pé ao lado da caixa de correio, jogando conversa fora com nossa vizinha de porta, e tocou distraída a minha nuca quando passei, um roçar passageiro e íntimo que me fez estremecer.

Eu não disse nada até entrarmos em casa, tirando as botas e os casacos na ante-sala. Meu pai estava no trabalho e eu não sabia onde

Morris estava, nem dava a mínima para isso. A casa estava escura e silenciosa, tinha a imobilidade de um lugar vazio.

Enquanto desabotoava meu casaco de veludo, falei:

— A gente devia ligar para alguém.

Minha voz parecia vir de algum outro lugar, não do meu peito nem da minha garganta, mas do canto do aposento, de baixo da pilha de chapéus que havia ali.

— Ligar para quem?

— Para a polícia. Para ver se eles estão bem.

Ele se deteve no ato de despir a jaqueta jeans e olhou para mim. À luz débil, seu hematoma no olho parecia um trágico acidente com rimei. Por algum motivo, continuei a falar.

— A gente poderia simplesmente dizer que estava na passarela e viu o acidente. Não precisa dizer que foi a gente que causou.

— A gente *não* causou o acidente.

— Bom... — comecei, e então não soube mais o que dizer. Era uma afirmação tão obviamente falsa que eu não conseguia pensar em nenhuma forma de responder que não fosse parecer uma provocação.

— O tijolo foi para o lado errado — insistiu ele. — Como é que isso pode ser culpa nossa?

— Eu só quero ter certeza de que todo mundo está bem — falei. — Tinha uma criança no banco de trás...

— Tinha porra nenhuma.

— Bom... — hesitei novamente, em seguida me forcei a continuar. — Tinha, *sim,* Eddie. A mãe estava chamando o nome dela.

Ele parou de se mover por um instante, estudando-me atentamente com uma expressão calculada, infeliz e truculenta no rosto. Então ergueu os ombros, num gesto rígido de descaso, e voltou à tarefa de descalçar as botas.

— Se você chamar a polícia, eu me mato — disse ele. — Aí você vai poder carregar essa culpa também.

Tive a sensação de que havia uma grande pressão pesando sobre o meu peito, comprimindo meus pulmões. Tentei falar. Minha voz saiu num sussurro chiado.

— Pare com isso.

— Estou falando sério — disse ele. — Eu me mato. — Fez outra pausa, então continuou. — Lembra quando eu disse que o meu irmão me

ligou naquele dia falando de toda a grana que estava ganhando roubando carros em Detroit?

Aquiesci.

— Era mentira. Lembra quando eu disse que ele me ligou para contar que tinha comido duas gêmeas ruivas quando estava no Minnesota?

Depois de um instante, tornei a aquiescer.

— Era mentira também. Era tudo mentira. Ele nunca ligou. — Eddie respirou fundo e estremeceu de leve ao sorver o ar. — Eu não sei onde ele está, nem o que ele está fazendo. Ele só me ligou uma vez, enquanto ainda estava na penitenciária juvenil. Dois dias antes de fugir. Não parecia muito bem. Estava tentando não chorar. Disse para mim: "Nunca faça nada que obrigue você a vir para cá." Me fez jurar. Disse: "Aqui dentro eles tentam fazer você virar veado. Tem uma porção de crioulos de Boston que se comporta feito veado, e eles te atacam em bando." Aí ele desapareceu, e ninguém sabe o que aconteceu com ele. Mas eu acho que, se ele estivesse bem em algum lugar, já teria me telefonado. A gente tinha uma ligação muito próxima. Ele não ia me deixar sem notícias. E eu conheço o meu irmão, ele não ia querer virar mulherzinha de ninguém. — A essa altura, ele já estava chorando, sem emitir nenhum som. Limpou o rosto com a manga do casaco de moletom, e então cravou seu olhar irado e úmido no meu. Recomeçou. — E eu não vou parar na cadeia por causa de um acidente estúpido que não foi nem minha culpa. Ninguém vai me fazer virar gay. Isso já quase me aconteceu uma vez. Aquele filho-da-puta, aquele babaca do Tennessee que namora a minha mãe... — Ele se interrompeu e desviou os olhos, arquejando de leve.

A visão de Eddier Prior com lágrimas encharcando o rosto calou qualquer argumento que eu pudesse ter usado para irmos à polícia, silenciou-me por completo. Em voz baixa, trêmula, ele continuou:

— Não dá para desfazer o que a gente fez. Aconteceu. Foi um acidente estúpido. Foi azar. Não foi culpa de ninguém. Se alguém se machucou, a gente simplesmente vai ter que viver com isso agora. É só agüentar firme. Ninguém nunca vai descobrir que a gente teve alguma coisa a ver com aquilo. Eu peguei os tijolos no pé da passarela. Vários deles estão meio soltos. A menos que alguém tenha visto a gente, ninguém nunca vai saber que eles não caíram sozinhos. Mas, se você for mesmo contar para alguém, só me avise antes, porque eu não vou deixar eles fazerem comigo o que fizeram com o meu irmão.

Demorei vários segundos para conseguir reunir ar suficiente para falar.

— Esqueça isso tudo — falei. — Vamos ver TV e esfriar a cabeça.

Acabamos de tirar nossos agasalhos, entramos na cozinha... e eu quase passei por cima de Morris, que estava em pé no vão da porta aberta do porão, segurando em uma das mãos um rolo de fita adesiva. Tinha a cabeça inclinada de lado, na postura de quem escuta o universo, e os olhos arregalados com sua costumeira curiosidade de cabeça-oca.

Eddie me empurrou para o lado com o cotovelo, agarrou pela frente o suéter de veludo preto com gola rulê de Morris e o imprensou contra a parede. Os olhos já arregalados do meu irmão se abriram ainda mais. Exibindo uma confusão inexpressiva e imbecil, ele os cravou no rosto afogueado de Eddie. Segurei o pulso de Eddie, tentando soltar seus dedos, mas não consegui.

— Você estava espionando a gente, seu retardadozinho? — perguntou Eddie.

— Eddie... Eddie... não faz diferença o que ele escutou. Esqueça. Ele não vai contar a ninguém. Solte ele — falei.

E então Eddie o soltou. Morris ficou olhando para o rosto dele, piscando os olhos, com a boca aberta e flácida. Deu uma espiada de viés para mim — que história era aquela? —, depois mexeu os ombros em um gesto de desdém.

— Eu tive que desmontar o polvo — disse Morris. — Gostava de todos aqueles braços conduzindo até o centro. Eles pareciam os raios de um volante. Mas não importa por onde você entre, você sempre sabe para onde está indo. Não saber é mais legal. Não é tão fácil, mas é melhor. Agora eu estou com umas idéias novas. Dessa vez vou começar do centro e ir me expandindo, como as aranhas fazem.

— Maneiro — falei. — Vá fundo.

— A minha nova construção vai usar o maior número de caixas até agora. Espere só, você vai ver.

— Vamos ficar contando os minutos, não é, Eddie?

— É — respondeu ele.

— Vou estar lá embaixo trabalhando se alguém precisar de mim — concluiu Morris, e passou pelo espaço estreito entre Eddie e eu, descendo com pequenas pancadas os degraus do porão.

Entramos na sala. Liguei a TV, mas não consegui me concentrar no que estávamos assistindo. Sentia-me alheio a mim mesmo, com a sensação de estar em pé no final de um corredor comprido e poder ver, na outra ponta, Eddie e eu sentados lado a lado no sofá, só que não era eu, e sim uma figura oca de cera feita à minha imagem.

— Desculpe eu ter assustado o seu irmão — disse Eddie.

Eu queria que ele fosse embora, queria ficar sozinho, encolhido em cima da minha cama na escuridão silenciosa e repousante do meu quarto. Não sabia como pedir que ele fosse embora.

Em vez disso, falei através de lábios um pouco dormentes:

— Se o Morris *contasse* para alguém... e ele não vai contar, eu juro... mesmo que ele tenha escutado a nossa conversa, não iria entender sobre o que a gente estava falando... mas, se ele contasse para alguém... você não iria... você...

— Me matar? — perguntou Eddie. Emitiu um som áspero, desdenhoso, saído da garganta. — Não, porra. Eu iria matar *ele*. Mas ele não vai contar, certo?

— Não — respondi. Minha barriga doía.

— Nem você vai contar — disse ele, alguns segundos depois.

Já estava ficando tarde, e a claridade ia diminuindo à nossa volta.

— Não — repeti.

Ele se levantou e me deu um tapinha na perna enquanto ia saindo da sala.

— Tenho que ir. Vou jantar com o meu primo. Vejo você amanhã.

Esperei até ter ouvido a porta da ante-sala se fechar com a sua saída. Então me levantei, tonto e desnorteado. Cambaleei até o hall de entrada e comecei a subir a escada. Quase caí por cima de Morris. Ele estava sentado no sexto degrau de baixo para cima, com as mãos nos joelhos e o rosto tranqüilamente desprovido de expressão. Com suas roupas escuras, somente a pele pálida era visível na penumbra. Meu coração deu um pinote quando o vi ali. Por um instante, fiquei parado ao seu lado, fitando-o. Ele me olhou de volta com o semblante mais distante e ilegível do que nunca.

Então ele tinha escutado todo o resto, incluindo o que Eddie dissera sobre matá-lo caso ele contasse para alguém. Mas eu realmente não achava que ele pudesse ter entendido.

Dei a volta nele e subi para o meu quarto. Fechei a porta atrás de mim e me enfiei debaixo dos lençóis, ainda vestido, exatamente como imaginara que faria. O quarto emborcou e balançou à minha volta até eu ser praticamente dominado pela náusea e ter de puxar as cobertas por cima da cabeça para deter o movimento sem sentido e desorientador do mundo.

Na manhã seguinte procurei no jornal alguma informação sobre o acidente — *menina em coma após emboscada em passarela* —, mas não encontrei nada.

NAQUELA MESMA TARDE, LIGUEI PARA UM HOSPITAL E DISSE QUE ESTAVA QUERENDO saber sobre o acidente na 111 no outro dia, o carro que saiu da rodovia, o pára-brisa caiu e algumas pessoas ficaram feridas. Minha voz estava trêmula e nervosa, e o atendente do outro lado da linha começou a me questionar — Por que eu queria saber? Quem era eu? —, então desliguei.

ALGUNS DIAS DEPOIS, ESTAVA NO MEU QUARTO, TATEANDO OS BOLSOS DO MEU casaco em busca de um pacote de chicletes, quando encontrei um quadrado pontiagudo feito de um material escorregadio, parecido com plástico. Tirei o objeto lá de dentro e fiquei encarando a Polaroid de Mindy Ackers manipulando a própria genitália. Aquela imagem me revirou o estômago. Abri a gaveta de cima, joguei a foto lá dentro e fechei a gaveta com força. O simples fato de olhar para aquilo tinha me feito perder o ar; eu me lembrara do Volvo batido na árvore, da mulher descendo do carro, com a luva por cima do olho, *Ai, meu Deus, Amy!* Minhas lembranças do acidente a essa altura estavam ficando menos nítidas. Algumas vezes, eu imaginava que havia sangue na lateral do rosto da loura. Outras vezes imaginava que havia sangue salpicado no vidro quebrado do pára-brisa caído na neve. E às vezes imaginava ter escutado o som agudo de uma criança gritando de dor. Essa convicção era especialmente difícil de deixar de lado; alguém havia gritado, eu tinha certeza, alguém que não era a mulher. Talvez tenha sido eu.

DEPOIS DISSO, EU NÃO QUIS MAIS CONVERSA COM EDDIE, MAS ERA IMPOSSÍVEL evitá-lo. Ele se sentava ao meu lado durante as aulas e ficava me passando bilhetinhos. Eu tinha de lhe passar bilhetinhos de volta para ele não achar

que eu o estava esnobando. Ele aparecia na minha casa depois do colégio, sem avisar, e ficávamos sentados juntos na frente da TV. Trazia o tabuleiro de damas e arrumava as peças enquanto assistíamos a *Guerra, sombra e água fresca.* Agora vejo — e talvez visse também na época — que ele estava intencionalmente se mantendo próximo de mim, me vigiando. Sabia que não podia se dar ao luxo de se distanciar, que, se não fôssemos mais parceiros, eu seria capaz de qualquer coisa, até mesmo de confessar. E sabia também que eu não tinha coragem de pôr fim a uma amizade, que era incapaz de não abrir a porta quando ele tocava a campainha. Que a minha índole era simplesmente continuar daquele jeito, por maior que fosse o meu desconforto, em vez de tentar consertar as coisas e correr o risco de ter que enfrentar um desagradável confronto.

Então, uma tarde, mais ou menos três semanas depois do acidente na Rodovia 111, encontrei Morris no meu quarto, em pé na frente da minha cômoda. A gaveta de cima estava aberta. Em uma das mãos ele segurava uma caixa de estiletes; havia uma porção de porcarias desse tipo lá dentro, barbante, grampos, um rolo de *silver tape,* e algumas vezes, quando Morris precisava de alguma coisa para o seu infindável forte, vinha buscar suprimentos. Na outra mão ele segurava a foto da Mindy. Estava segurando-a quase junto ao nariz, encarando-a com olhos redondos, cheios de incompreensão.

— Não fuce nas minhas coisas — falei.

— Não é uma pena que não dá para ver a cara dela? — comentou ele. Arranquei a foto de sua mão e joguei-a dentro da cômoda.

— Se bisbilhotar as minhas coisas outra vez, eu te mato.

— Você está parecendo o Eddie — disse Morris, e virou a cabeça para me encarar. Eu não o vira muitas vezes nos últimos dias. Ele estava ficando no porão mais tempo do que o normal. Seu rosto esguio, de ossos finos, estava mais magro do que eu me lembrava, e naquele momento eu tive uma percepção intensa de como ele era pequeno e frágil, de como seu físico era infantil. Ele estava com quase 12 anos, mas poderia com facilidade passar por oito. — Você e ele ainda são amigos?

Eu estava um trapo por passar o tempo inteiro tenso, e respondi sem pensar.

— Não sei.

— Por que você não manda ele ir embora? Por que você não faz ele ir embora? — Morris estava quase perto demais de mim, fitando meu

rosto com seus olhos de pires, sem piscar.

— Não consigo — falei, e virei-lhe as costas, porque não conseguia suportar encarar seu olhar preocupado, atônito. Sentia-me no limite do que podia suportar, com os nervos exauridos. — Eu bem que queria. Mas ninguém é capaz de fazer ele ir embora. — Apoiei-me na cômoda, encostei a testa na borda por um instante. Com um sussurro rouco que eu próprio mal escutei, arrematei: — Ele não vai me deixar fugir.

— Por causa do que aconteceu?

Então olhei para ele, que estava parado perto do meu cotovelo, com as mãos unidas na frente do peito, agitando as pontas dos dedos com nervosismo. Então ele tinha entendido... talvez não tudo, mas alguma coisa. O suficiente. Sabia que tínhamos feito algo terrível. Sabia que o peso daquilo estava me destruindo.

— Esqueça o que aconteceu — falei, numa voz mais forte, quase ameaçadora.

— Esqueça o que você ouviu. Se alguém descobrir... Morris, você não pode contar a ninguém. Nunca.

— Eu quero ajudar.

— Ninguém tem como ajudar — falei, e a verdade dessa afirmação, dita exatamente dessa maneira, me atingiu com força. Num tom inseguro, infeliz, finalmente concluí: — Vá embora. Por favor.

Morris arqueou de leve as sobrancelhas, parecendo momentaneamente magoado. Então disse:

— Estou quase terminando o novo forte. Agora estou vendo tudo. Como vai ficar.

— Então fixou novamente seu olhar fascinante e arregalado no meu. — Estou construindo ele para você, Nolan. Porque quero que você se sinta melhor.

Soltei uma expiração suave que foi quase uma risada. Por um instante, quase conversamos como dois irmãos que se amavam e se preocupavam um com o outro, falando quase como iguais. Durante alguns segundos, eu havia me esquecido das alucinações e fantasias dele. Eu havia me esquecido de que a realidade, para Morris, era algo que ele só vislumbrava de vez em quando, em meio à névoa turva dos sonhos que tinha acordado. Para ele, a única reação sensata à infelicidade era construir um arranha-céu com embalagens de ovos.

— Obrigada, Morris — falei. — Você é um bom garoto. Só precisa ficar longe do meu quarto.

Ele assentiu, mas ainda estava com as sobrancelhas erguidas quando deu a volta em mim e saiu para o corredor. Fiquei vendo-o se afastar escada abaixo, sua sombra se avultando e dançando pelo corredor, ficando maior a cada passo que ele dava em direção à luz lá embaixo e a algum futuro que seria construído caixa por caixa.

MORRIS FICOU NO PORÃO ATÉ A HORA DO JANTAR — MAMÃE TEVE DE GRITAR SEU nome três vezes até ele subir — e, quando sentou à mesa, suas mãos estavam cobertas por um pó branco, como se fosse gesso. Ele voltou para o porão assim que os pratos foram colocados na pia. Ficou lá embaixo até quase nove da noite, e só subiu quando minha mãe berrou que era hora de dormir.

Passei em frente à porta aberta do porão um pouco antes de me deitar e parei ali. Tinha sentido um cheiro discreto de algo que no início não consegui identificar — parecia cola, ou tinta fresca, ou gesso, ou alguma combinação dessas três coisas.

Meu pai entrou na ante-sala batendo os pés no chão. Tinha nevado um pouco, e ele saíra para varrer o gelo da escada da varanda.

— Que cheiro é esse? — perguntei, franzindo o nariz. Ele foi até a porta do porão e farejou o ar.

— Ah — disse meu pai. — O Morris comentou que ia fazer alguma coisa com papel machê. Não há nada que esse menino não faça para brincar, não é?

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, MINHA MÃE TRABALHAVA COMO VOLUNTÁRIA EM UM asilo para idosos, onde lia cartas para pessoas que não enxergavam direito e tocava piano na sala de recreação, batendo com força nas teclas para que aqueles que não ouviam bem pudessem escutar. Nessas tardes eu ficava encarregado de tomar conta da casa e de Morris. Na quinta-feira seguinte, fazia menos de 10 minutos que ela havia saído de casa quando Eddie deu um soco na porta lateral.

— Oi, parceiro — disse Eddie. — Adivinhe só? A Mindy Ackers acabou de ganhar cinco partidas seguidas de mim. Tenho que devolver

aquela foto para ela. Está com você, não está? Espero que tenha cuidado bem dela para mim.

— Pode ficar com aquela coisa nojenta — falei, um pouco aliviado por ele estar evidentemente passando na minha casa só por alguns minutos. Era raro eu conseguir me livrar dele assim tão depressa. Ele tirou as botas e me seguiu até a cozinha. — Deixe eu ir lá pegar. Está no meu quarto.

— Provavelmente na sua mesinha-de-cabeceira, seu pervertido da porra — disse Eddie, rindo.

— Vocês estão falando sobre a fotografia do Eddie? — perguntou Morris, cuja voz subiu flutuando da escada do porão. — Está comigo. Eu estava dando uma olhada. Está aqui embaixo.

Eu provavelmente fiquei mais surpreso com essa afirmação do que Eddie. Eu tinha dito claramente a Morris que ele deveria deixar a foto onde estava, e ele não costumava desrespeitar uma ordem tão direta.

— Morris, eu disse a você que não mexesse nas minhas coisas — gritei. Eddie foi até a escada, espiando o porão lá embaixo.

— O que você está fazendo com a foto, seu masturbador de meia-tigela? — perguntou ele a Morris.

Morris não respondeu, e Eddie desceu a escada a passos firmes, eu logo atrás. Eddie parou três degraus antes do fim da escada e levou as mãos aos quadris, passeando os olhos por toda a extensão do porão.

— Uau — disse. — Que máximo.

O porão estava completamente ocupado por um grande labirinto de caixas de papelão. Morris havia pintado *todas* elas. As caixas mais próximas do pé da escada tinham um branco cremoso de leite integral, mas, à medida que a teia de túneis se espalhava pelo resto do espaço, as caixas iam escurecendo até um tom azul-bebê, depois violeta, depois roxo. As caixas que estavam junto às paredes do porão eram inteiramente pretas, desenhando um horizonte de noite artificial.

Vi caixas grandes, do tamanho de engradados, com túneis saindo de todos os lados. Vi janelas recortadas no formato de estrelas e sóis estilizados. No início, pensei que as janelas tivessem um plástico brilhante de cor laranja colado por cima. Mas então vi como elas pulsavam e reluziam de leve, e percebi que na verdade eram folhas de plástico transparente, iluminadas de dentro por alguma fonte irregular de luz abóbora — sem dúvida, a luminária de Morris. Mas a maioria das caixas

não tinha janela nenhuma, sobretudo as mais distantes da escada, as que iam em direção às paredes dos fundos do porão. Devia ser bem escuro lá dentro.

Em um dos cantos do porão, suspensa acima de todas as outras caixas, havia uma imensa lua crescente feita de papel machê pintada de um branco encerado, ligeiramente fosforescente. A lua tinha lábios finos e contraídos e um único olho triste e caído, que parecia nos fitar com uma expressão meio desfocada de desapontamento. Eu estava tão despreparado para aquela visão, fiquei tão espantado — era realmente enorme —, que levei um minuto para perceber que estava olhando para a caixa gigante que ocupava o centro do polvo de Morris. Na época, ela estava envolta em uma cerca de arame de galinheiro formando duas pontas, como chifres tortos. Lembrei-me de ter pensado que a enorme e deformada escultura feita em arame era uma prova irrefutável de que os miolos já moles do meu irmão estavam se deteriorando. Agora eu via que aquilo sempre tinha sido uma lua; qualquer um que tivesse olhos a teria identificado como tal... exceto eu. Acho que esse sempre foi um dos meus pontos fracos. Se alguma coisa não fizesse sentido para mim de imediato, eu nunca conseguia ver além daquilo que me confundia e distinguir uma forma ou um padrão mais genérico, fosse em uma estrutura ou no formato da minha própria vida.

Bem no pé da escada ficava a entrada das catacumbas de papelão. Era uma caixa alta, com mais ou menos 1,20m de altura, apoiada de lado, com duas abas abertas como um par de portas duplas. Um lençol de musselina preta havia sido grampeado por dentro, impedindo que eu visse o túnel que saía da caixa e conduzia ao labirinto. Ouvi uma música distante vinda de algum lugar, cheia de ecos, uma melodia grave, reverberante, que induzia ao transe. Um barítono profundo cantava: *"As formiguinhas vão marchando de uma em uma, urra! Urra!"* Levei alguns segundos para perceber que a música estava vindo de algum lugar dentro da rede de túneis.

Fiquei tão atônito que não consegui continuar zangado com Morris por ter roubado a foto de Mindy Ackers. Estava tão embasbacado que nem sequer consegui falar. Foi Eddie quem falou primeiro.

— Não estou acreditando nessa lua — disse, sem se dirigir a ninguém em especial. Sua voz soava da mesma forma que eu me sentia: um pouco sem ar de tanta surpresa. — Morris, cara, você é um gênio.

Morris estava em pé à direita, com o rosto impassível, o olhar mirando a extensa construção.

— Preguei a sua foto dentro do meu novo forte. Pendurei ela na galeria. Não sabia que você ia querer de volta. Pode ir pegar, se quiser.

Eddie lançou um olhar de relance para Morris, e seu sorriso se abriu mais ainda.

— Você escondeu ela lá dentro e quer que eu vá encontrar. Cara, você é mesmo esquisito, sabia, Morrie? — Ele desceu saltitando os três últimos degraus. — Onde fica essa tal galeria? Lá longe, dentro daquela lua?

— Não — disse Morris. — Não vá para lá.

— Tá — disse Eddie, e riu. — *Tudo bem.* Que outras fotos você pendurou lá dentro? Um monte de fotos de mulher pelada? Armou um quartinho só seu lá dentro para ficar à vontade com elas?

— Eu não quero dizer mais nada. Não quero estragar a surpresa. É melhor você entrar e ver.

Eddie lançou-me um olhar. Eu não soube o que dizer, mas fiquei surpreso ao experimentar uma espécie de expectativa trêmula, permeada por uma pontada de receio. Queria e ao mesmo tempo temia vê-lo desaparecer dentro da brilhante e confusa fortaleza de Morris. Eddie sacudiu a cabeça, como quem diz *Dá para acreditar nesta merda?,* e ficou de quatro. Começou a engatinhar pela entrada, depois tornou a olhar por cima do ombro para mim. Fiquei surpreso ao ver em seu rosto um rubor de ansiedade quase infantil. Eu próprio não sentia vontade nenhuma de me espremer pelo interior escuro e apertado daquele imenso labirinto.

— Você deveria vir — disse Eddie. — A gente deveria ver isso junto.

Aquiesci, sentindo-me um pouco fraco — na linguagem da nossa amizade não havia como dizer *não —,* e comecei a descer os últimos degraus da escada do porão. Eddie afastou a aba de musselina preta, e o eco da música irrompeu de dentro de um grande túnel circular, um cano de papelão de quase um metro de diâmetro. "As *formiguinhas vão marchando de três em três, urra! Urra!"* Desci o último degrau e comecei a me abaixar para ir atrás de Eddie, mas Morris apareceu ao meu lado e segurou meu braço, apertando com uma força injustificada.

Eddie não olhou para trás, não nos viu parados juntos. Ele estava dizendo:

— *Meu Deus.* Alguma dica?

— Vá na direção da música — disse Morris.

A cabeça de Eddie subiu e desceu, aquiescendo devagar, como se isso fosse óbvio. Ele começou a avançar pelo túnel longo, escuro e circular à sua frente. Num tom de voz absolutamente normal, Morris me disse:

— Não vá. Não vá atrás dele.

Eddie começou a se esgueirar pelo túnel.

— Eddie! — falei, sentindo uma onda de alarme súbita, inexplicável. — Eddie, espere um minuto! Saia daí.

— Puta merda, está escuro aqui dentro — disse Eddie, como se não tivesse me escutado. Na verdade, tenho certeza de que ele *não* me escutou; aliás, acho que parou de me escutar quase no mesmo instante em que entrou no labirinto de Morris.

— Eddie! — gritei. — Não entre aí!

— Espero que tenha umas janelas mais para a frente — murmurou Eddie, falando consigo mesmo. — Se eu começar a ficar com claustrofobia, simplesmente vou me levantar e destruir esta porra toda. — Ele inspirou fundo, soltou o ar. — Muito bem. Vamos lá.

A cortina caiu por cima dos pés dele e Eddie desapareceu.

Morris soltou meu braço. Olhei para ele, mas seus olhos estavam fixos em sua vasta fortaleza e no tubo de papelão por onde Eddie havia entrado. Pude ouvir Eddie fazendo barulho lá dentro, afastando-se de nós; pude ouvi-lo sair pela outra ponta e entrar em uma caixa grande, com mais ou menos 1,20m de altura e cerca de um metro de largura. Ele esbarrou nela — bateu com o ombro em uma das laterais, talvez —, e a caixa se sacudiu de leve. Um túnel de papelão conduzia para a direita, outro para a esquerda. Ele escolheu o que apontava na direção que talvez levasse à lua. Do pé da escada do porão, pude acompanhar o seu avanço, vendo as caixas se sacudindo de leve quando ele passava por elas e ouvindo as pancadas abafadas do seu corpo batendo nas paredes de vez em quando. Então perdi-o por alguns segundos, e só consegui tornar a localizá-lo quando ouvi a sua voz.

— Estou *vendo* vocês, rapazes — entoou ele, e eu o escutei socar um plástico grosso. Olhei em volta e vi seu rosto atrás de uma janela em forma de estrela. Ele estava sorrindo de uma forma que exibia a falha entre seus dentes da frente. Fez um gesto obsceno com os dedos. A luz

vermelha da luminária aumentava e diminuía à sua volta. Então ele seguiu engatinhando. Nunca mais o vi.

Mas continuei a ouvi-lo. Durante mais algum tempo, pude ouvi-lo avançar, movendo-se na direção genérica da lua, rumo aos confins do nosso porão. Acima da algaravia abafada da canção — *"Para o fundo, bem dentro da terra, para fugir da chuva",* ainda podia perceber os sons que ele fazia ao esbarrar nas paredes do labirinto. Vi uma das caixas tremerem. Uma vez, ouvi-o passar por cima de uma folha de plástico-bolha que devia ter sido grampeada no chão de um dos túneis. Uma série de bolhas de plástico explodiu com estalos nítidos e secos, como uma fieira de estalinhos, e eu o ouvi dizer:

— Caralho!

Depois disso, tornei a perder seu rastro. Então sua voz tornou a surgir — agora à minha direita, do outro lado do porão em relação ao ponto onde eu o ouvira pela última vez.

— Merda — foi tudo o que ele disse. Pela primeira vez, pensei ter detectado em seu tom de voz uma corrente subterrânea de irritação, uma falta de ar.

Segundos depois ele tornou a falar, e senti-me golpeado por uma onda de desorientação e tonteira que fez meus joelhos perderem a força. Agora a sua voz parecia vir da *esquerda,* o que era impossível, como se ele houvesse percorrido 30 metros no espaço de uma única respiração.

— Porra de beco sem saída — disse ele, e um túnel à esquerda se sacudiu quando ele começou a rastejar lá dentro.

Então não tive mais certeza de onde ele estava. Quase um minuto inteiro se passou e percebi que as minhas mãos estavam cerradas, suadas, e que eu estava quase prendendo a respiração.

— Ei — disse Eddie de algum lugar, e pensei ter ouvido um tremor de inquietação na sua voz. — Alguém mais está engatinhando aqui dentro? — Ele estava bastante afastado de mim. O som da sua voz parecia vir de uma das caixas mais próximas da lua.

Seguiu-se um longo silêncio. A essa altura, a canção já havia chegado ao fim e tinha começado de novo. Pela primeira vez, peguei-me prestando atenção na música, realmente *prestando atenção.* A letra não era a mesma que eu me lembrava de ter cantado em coro nas colônias de férias da infância. Em determinado momento, uma voz grave e melodiosa gritava:

As formiguinhas vão marchando de duas em duas, urra!
Urra!
As formiguinhas vão marchando de duas em duas, urra!
Urra!
As formiguinhas vão marchando de duas em duas,
Cruzaram o platô de Leng
E foram todas marchando para baixo!

Até onde eu me lembrava, a música falava de alguma coisa como uma formiguinha que parava para tirar uma pedra do sapato. Também fiquei incomodado pelo fato de a canção se repetir sem parar.

— Qual é o problema com esta fita? — perguntei a Morris. — Por que é que só toca essa música?

— Não sei — disse ele. — A música começou a tocar hoje de manhã. Desde então não parou. Ficou tocando o dia inteiro.

Virei a cabeça e o encarei com uma sensação arrepiante de medo a atravessar meu peito.

— Como assim, *não parou?*

— Eu nem sei de onde ela está vindo — disse Morris. — Não foi nada que eu fiz.

— Não tem nenhum toca-fitas?

Morris fez que não com a cabeça, e pela primeira vez senti pânico.

— Eddie! — gritei. Não houve resposta.

— Eddie! — tornei a chamar, e comecei a andar pelo porão, pisando em cima e em volta das caixas, aproximando-me da lua e de onde ouvira a voz de Eddie pela última vez. — Eddie, responda!

De uma distância inconcebivelmente grande, ouvi alguma coisa, parte de uma frase: "Trilha de migalhas de pão." Aquela voz sequer se parecia com a de Eddie — as palavras foram ditas em um tom ríspido, arrogante, quase como uma das vozes sobrepostas que se pode escutar naquela música maluca e sem sentido dos Beatles, *Revolution 9* — e eu não consegui distinguir de onde ela estava vindo, não tive certeza se a sua origem estava na minha frente ou atrás de mim. Não parava de me virar, tentando ver de onde tinha vindo a voz, quando a música parou abruptamente, no ponto em que as formiguinhas estavam marchando de nove em nove. Soltei um grito de surpresa e olhei para Morris.

Ele segurava um estilete — surrupiado da minha cômoda, sem dúvida — e estava de joelhos, cortando a fita adesiva que prendia a primeira caixa do labirinto à segunda.

— Pronto. Ele foi embora — disse Morris. — Está feito. — Soltou a entrada do labirinto, dobrou a caixa com cuidado e colocou-a de lado.

— Do que você está falando?

Ele não estava olhando para mim. Estava começando metodicamente a desfazer tudo, cortando a fita adesiva, achatando as caixas e empilhando-as junto à escada. Continuou falando.

— Eu queria ajudar. Você disse que ele não ia embora, então eu *fiz* ele ir embora.

— Ergueu os olhos por um instante e me encarou com aquele olhar que parecia enxergar lá no fundo de mim mesmo. — Ele tinha que ir embora. Não ia deixar você em paz nunca.

— Meu Deus — falei entre os dentes. — Eu sabia que você era maluco, mas não sabia que era tanto. Como assim, ele foi embora? Ele está logo ali. Ele tem que estar logo ali. Ainda está dentro das caixas. Eddie! — gritei seu nome, com a voz um pouco histérica. — Eddie!

Mas ele tinha *mesmo* ido embora, e eu sabia disso. Sabia que tinha entrado nas caixas de Morris e engatinhado através delas para algum outro lugar, um lugar que não era o porão da nossa casa. Comecei a percorrer o forte, olhando pelas janelas, chutando as caixas. Pus-me a destroçar as catacumbas, rasgando a fita adesiva com as mãos, virando as caixas de cabeça para baixo para espiar debaixo delas. Cambaleei de um lado para outro, tropeçando uma vez, quase esmagando um dos túneis.

Em uma das caixas, as paredes estavam inteiramente cobertas por uma colagem de fotografias de cegos: velhos de olhos turvos e fixos plantados em rostos que pareciam esculpidos em madeira, um negro com uma guitarra em cima dos joelhos e óculos escuros redondos encarapitados sobre o nariz, crianças cambojanas com lenços amarrados em volta dos olhos. Como não havia janelas abertas na caixa, a colagem não teria sido vista por ninguém que houvesse passado por ali. Em outra caixa, fitas de papel adesivo papa-moscas — pareciam tiras de caramelo empoeiradas — pendiam do teto, mas não havia nenhuma mosca presa ali. Em vez disso, havia vários vaga-lumes, ainda vivos, reluzindo seu verde-amarelado por um instante e em seguida se apagando. Na ocasião, não pensei que estávamos em março e que era impossível encontrar vaga-lumes. O

interior de uma terceira caixa havia sido pintado de um pálido azul-céu, com bandos de pássaros desenhados com traços infantis por cima. No canto dessa caixa havia o que, a princípio, eu achei que fosse um brinquedo para gatos, um emaranhado de penas escuras desbotadas com montinhos de poeira grudadas. Quando virei a caixa de lado, porém, um pássaro morto escorregou de lá de dentro. Seu corpo estava duro e ressecado, e os olhos haviam afundado para dentro do crânio, deixando pequeninas órbitas pretas vazias que pareciam queimaduras de cigarro. Quase gritei quando vi aquilo. Meu estômago se contraiu; senti gosto de bile no fundo da garganta.

Então Morris me segurou pelo cotovelo e começou a me guiar na direção da escada.

— Você não vai encontrar ele desse jeito — disse. — Por favor, sente aqui, Nolan. Sentei-me no degrau de baixo. A essa altura, estava fazendo força para não chorar.

Continuava esperando que Eddie fosse pular de algum lugar rindo, dizendo algo como *Ei, mane, te peguei,* mas ao mesmo tempo uma parte de mim sabia que isso nunca iria acontecer.

Demorei algum tempo para reparar Morris ajoelhado na minha frente, como um homem que se prepara para pedir a noiva em casamento. Olhava para mim sem piscar.

— Talvez se eu montar tudo de novo a música volte a tocar. Aí você pode ir procurar por ele — disse meu irmão. — Mas eu não acho que você vá conseguir sair. Tem portas lá dentro que só abrem para um lado. Está entendendo, Nolan? Lá dentro é maior do que parece. — Ele me encarou com firmeza, com os olhos vidrados estranhamente brilhantes, e então concluiu, com uma força contida: — Eu não quero que você entre, mas, se você quiser, posso montar tudo de novo.

Encarei-o fixamente. Ele me encarou de volta, aguardando a minha resposta, com a cabeça inclinada naquele ângulo curioso de quem escuta, como um passarinho trepado em um galho ouvindo o som das gotas de chuva caindo entre as árvores. Imaginei-o remontando cuidadosamente tudo o que havíamos destruído nos últimos 10 minutos... em seguida imaginei a música surgindo com estrondo de algum lugar dentro das caixas, dessa vez aos berros: *"PARA O FUNDO! BEM DENTRO DA TERRA! PARA FUGIR! DA CHUVA!"* Se aquela música recomeçasse a tocar, eu achava que iria gritar; não iria conseguir me controlar.

Fiz que não com a cabeça. Morris virou as costas e retomou a desmontagem de sua criação.

Passei quase uma hora sentado no pé da escada, vendo Morris pôr abaixo com cuidado sua fortaleza de papelão. Eddie nunca saiu de lá de dentro. Nenhum outro som emergiu de lá. Ouvi a porta dos fundos se abrir lá em cima e minha mãe entrar em casa, atravessando as tábuas do piso do térreo. Gritou que eu fosse ajudá-la com as compras. Subi, transportei sacolas, guardei comida na geladeira. Morris subiu para jantar, depois tornou a descer. Desmontar alguma coisa é sempre mais rápido do que montar. Isso se aplica a tudo, exceto ao casamento. Quando olhei escada abaixo às 7h45, pude ver três pilhas de caixas meticulosamente achatadas, cada uma com cerca de l,20m de altura, e uma grande extensão de piso de concreto aparente. Morris estava no pé da escada, varrendo o porão. Ele parou, ergueu os olhos para mim — lançou-me um olhar impenetrável, extraterrestre —, e eu estremeci. Ele voltou ao trabalho, mexendo a vassoura em pequenos movimentos compactos pelo chão, varre, varre, varre.

Ainda passei quatro anos morando nessa mesma casa, mas nunca mais fui visitar Morris no porão depois disso, e me esforcei ao máximo para evitar descer lá por qualquer motivo que fosse. Quando saí de casa para começar a faculdade, Morris já tinha sua cama lá, e raramente subia. Dormia dentro de uma cabana baixa que havia construído com garrafas vazias de Coca-Cola e pedaços de espuma azul cuidadosamente recortados.

A lua foi a única parte da fortaleza que Morris não desmontou. Algumas semanas depois de Eddie desaparecer, meu pai levou-a de carro até o colégio para deficientes mentais que Morris freqüentava. Meu irmão tirou o terceiro lugar em uma exposição de arte, ganhando 50 dólares e uma medalha pelo trabalho. Não saberia dizer o que aconteceu com ela depois disso. Assim como Eddie Prior, ela nunca mais apareceu.

LEMBRO-ME DE TRÊS COISAS QUE ACONTECERAM NAS POUCAS SEMANAS QUE SE seguiram ao sumiço de Eddie.

Lembro-me de minha mãe abrindo a porta do meu quarto, logo depois da meia-noite, na noite em que ele sumiu. Eu estava deitado na cama em posição fetal, coberto com o lençol. Não estava dormindo. Minha

mãe vestia um roupão de *chenille* cor-de-rosa amarrado frouxamente na cintura com uma faixa. Apertei os olhos para ela, emoldurada pela luz vinda do corredor.

— Nolan, a mãe do Ed Prior acabou de telefonar. Ela está ligando para os amigos do Eddie. Não sabe onde ele está. Não o vê desde que ele saiu para o colégio. Eu disse que ia perguntar se você sabia de alguma coisa. Ele veio aqui hoje?

— Eu me encontrei com ele colégio — falei, e em seguida me calei, sem saber como continuar, o que seria seguro admitir.

Minha mãe provavelmente supôs que tivesse acabado de me acordar de um sono profundo, e que eu estivesse grogue demais para raciocinar.

— Vocês dois conversaram? — ela perguntou.

— Sei lá. Acho que a gente disse oi. Não lembro o que mais. — Sentei-me na cama, piscando os olhos por causa da luz. — Na verdade, a gente não tem passado muito tempo junto ultimamente.

Ela aquiesceu.

— Bom. Talvez seja melhor assim. Eddie é um bom menino, mas é meio mandão, você não acha? Ele não dá muito espaço para você simplesmente ser você.

Quando tornei a falar, havia um toque quase indiscernível de tensão na minha voz.

— A mãe dele ligou para a polícia?

— Não se preocupe — disse minha mãe, interpretando o meu tom de voz erradamente e imaginando que eu estivesse preocupado com o bem-estar de Eddie, quando na verdade eu estava ansioso em relação ao meu próprio. — Ela acha que ele só está dando um tempo na casa de algum amigo. Acho que ele já fez isso antes. Ele tem brigado muito com o namorado dela. Ela contou que uma vez o Eddie passou o fim de semana inteiro sumido. — Ela bocejou, escondendo a boca com o dorso da mão.

— Mas é natural que ela esteja nervosa, depois do que aconteceu com o mais velho. Desaparecer da prisão e sumir no mundo daquele jeito.

— Talvez seja de família — falei, com a voz engasgada.

— Ahn? O quê?

— Desaparecer — falei.

— Desaparecer — repetiu ela, e então, depois de um instante, tornou a assentir.

— Acho que qualquer coisa pode ser de família. Até isso. Boa noite, Nolan.

— Boa noite, mãe.

Ela estava fechando a porta quando fez uma pausa, tornou a se inclinar para dentro do meu quarto e disse: "Eu te amo, garoto", coisa que só dizia nos momentos em que eu menos esperava e quando estava menos preparado. A parte de trás dos meus olhos ardeu dolorosamente. Tentei responder, mas, quando abri a boca, minha garganta estava contraída demais para que eu fizesse qualquer ar passar. Quando consegui libertar minha voz, minha mãe já tinha ido embora.

ALGUNS DIAS DEPOIS, DURANTE UMA AULA, FUI CHAMADO À SALA DO DIRETOR DA escola. Um inspetor de polícia, Carnahan, estava aboletado atrás da mesa do diretor. Não consigo me lembrar de muita coisa do que ele me perguntou nem de como eu respondi. Lembro que os olhos dele tinham a cor de gelo grosso — um azul esbranquiçado —, e que ele não olhou para mim nem uma vez sequer durante nossa conversa de cinco minutos. Lembro-me também de que ele errou o sobrenome de Eddie duas vezes, referindo-se a ele como Edward Peers em vez de Edward Prior. Da primeira vez eu o corrigi, da segunda deixei passar. Durante toda a sessão de perguntas, meu estado era de grande e atordoante tensão; meu rosto parecia dormente, como se eu tivesse usado um anestésico local, e quando eu falava mal conseguia mexer a boca. Tive certeza de que Carnahan iria perceber e achar isso esquisito, mas ele não o fez. No final, me disse que eu ficasse longe das drogas e em seguida baixou os olhos para uns papéis à sua frente e calou-se por completo. Durante quase um minuto inteiro, continuei sentado à sua frente, sem saber o que fazer. Ele então levantou a cabeça e mostrou-se surpreso ao me ver ainda ali. Fez um gesto de dispensa com uma das mãos, dizendo que eu podia ir embora e perguntando se eu podia pedir que a pessoa seguinte entrasse. Ao me levantar, perguntei:

— O senhor tem alguma idéia do que aconteceu com ele?

— Eu não me preocuparia muito com isso se fosse você. O irmão mais velho do Sr. Peers fugiu da casa de detenção juvenil no verão passado e não foi visto desde então. Pelo que sei, os dois eram bem chegados. — Carnahan tornou a olhar para seus papéis e começou a movê-los de um

lado para outro. — Ou, quem sabe, o seu amigo simplesmente decidiu cair na estrada sozinho. Ele já desapareceu algumas vezes antes. Você conhece o ditado. A prática leva à perfeição.

Quando saí, Mindy Ackers estava sentada no banco junto à parede da recepção. Quando me viu, ela se levantou com agilidade, sorriu, mordeu o lábio inferior. Com seu aparelho nos dentes e sua pele ruim, Mindy não tinha muitos amigos e sem dúvida estava sentindo muito a falta de Eddie. Eu não sabia muita coisa a seu respeito, mas sabia que ela sempre quis que Eddie gostasse dela, se prestando de bom grado a suas brincadeiras para ao menos ter a chance de vê-lo rir. Eu gostava dela, sentia pena dela. Tínhamos muita coisa em comum.

— Ei, Nolan — disse Mindy com uma expressão ao mesmo tempo esperançosa e suplicante. — O que foi que a polícia falou? Eles acham que sabem para onde ele foi?

Senti então algo parecido com raiva, não em relação a ela, mas a Eddie; um desprezo profundo pela forma como ele zombava dela e fazia piadas a seu respeito pelas costas.

— Não — respondi. — Se eu fosse você, não me preocuparia com ele. Garanto que, esteja onde estiver, ele não está preocupado com você.

Vi um clarão de mágoa atravessar seus olhos, e então desviei os meus e segui andando, sem virar para trás, já desejando não ter dito nada, porque qual o problema de ela sentir saudades dele? Nunca mais conversei com ela depois disso. Não sei o que aconteceu com Mindy Ackers depois do ensino médio. Você convive com alguém durante um tempo e aí um dia um buraco se abre debaixo da pessoa e ela cai para fora do seu mundo.

TEM MAIS UMA COISA DE QUE EU ME LEMBRO DO PERÍODO IMEDIATAMENTE posterior ao desaparecimento de Eddie. Como eu disse, tentava não pensar no que havia acontecido com ele e evitava conversar a seu respeito. Não era tão difícil quanto pode parecer. Tenho certeza de que as pessoas que gostavam de mim estavam tentando me poupar um pouco, conscientes de que um amigo próximo fora embora sem me dizer nada. No final do mês, era quase como se eu *realmente* não soubesse nada sobre o que havia acontecido com Eddie Prior... ou talvez até como se eu nunca houvesse conhecido Eddie. lá estava guardando as lembranças que tinha dele — a passarela, partidas de xadrez com Mindy, suas histórias sobre o irmão

mais velho Wayne — atrás de um muro de tijolos mentais cuidadosamente erguido. Tinha outras coisas na cabeça. Queria arrumar um emprego, estava pensando em me candidatar a trabalhar no supermercado. Queria ter dinheiro para gastar, queria passar mais tempo fora de casa. O AC/DC iria tocar na cidade em junho, e eu queria comprar ingressos. Um tijolo, outro tijolo, mais um tijolo.

Então, em uma tarde de domingo no iniciozinho de abril, estávamos todos, a família inteira, saindo para ir comer carne assada com batatas na casa da minha tia Neddy. Eu estava no andar de cima, vestindo-me para o jantar, e minha mãe gritou que eu procurasse os sapatos novos de Morris no quarto dele. Entrei no seu quartinho — a cama feita com esmero, uma folha de papel em branco presa a seu cavalete de pintor, livros arrumados na prateleira em ordem alfabética — e abri a porta do armário. Bem na frente do armário havia uma fileira bem ordenada dos sapatos de Morris, e em uma das pontas estavam as botas de neve de Eddie, as que ele havia tirado na ante-sala antes de descer para o porão e desaparecer para sempre dentro do imenso forte. Na periferia da minha visão, as paredes do quarto pareceram inflar e murchar como um par de pulmões. Senti que ia desmaiar, achei que, se soltasse a maçaneta, poderia perder o equilíbrio e cair no chão.

Então minha mãe apareceu no corredor.

— Estou gritando por você. Achou os sapatos?

Virei a cabeça e olhei para ela por alguns instantes. Então tornei a olhar para dentro do armário. Curvei-me e peguei os sapatos fechados mais elegantes de Morris, depois fechei a porta do armário.

— Achei — respondi. — Tome. Desculpe. Estava desligado. Ela sacudiu a cabeça.

— Todos os homens desta família são exatamente iguais. O seu pai passa metade da vida no espaço sideral, você fica andando por aí em transe, e o seu irmão... juro por Deus que um dia desses o seu irmão vai entrar em um daqueles fortes dele e nunca mais sair.

MORRIS FEZ UMA PROVA DE EQUIVALÊNCIA DO ENSINO MÉDIO LOGO DEPOIS DE completar 20 anos, e durante alguns anos percorreu uma longa seqüência de trabalhos subalternos, morando por algum tempo no porão dos meus pais, depois em um apartamento em New Hampshire. Fritou hambúrgueres

no McDonald's, empilhou caixotes em uma fábrica de bebidas e varreu o chão de um shopping center, antes de finalmente se estabilizar em um emprego de frentista.

Quando ele faltou três dias de trabalho seguidos no posto, seu chefe telefonou para os meus pais, que foram visitar Morris no seu apartamento. Ele havia se livrado de todos os móveis e pendurado lençóis brancos no teto de todos os cômodos, formando um labirinto de túneis cujas paredes ondulavam suavemente. Encontraram-no no final de um desses frágeis corredores, pelado, sentado em cima de um colchão sem lençóis. Ele lhes disse que, se alguém seguisse o caminho certo no labirinto de lençóis pendurados, chegaria a uma janela que dava para um vinhedo selvagem, distantes morros de pedra branca e um oceano escuro. Disse que havia borboletas e uma velha cerca, e que ele queria ir para lá. Falou que havia tentado abrir a janela, mas que estava trancada.

No entanto, havia apenas uma única janela no seu apartamento, que dava para o estacionamento dos fundos. Três dias depois, ele assinou uns papéis que minha mãe lhe levou e aceitou uma internação voluntária no Centro Progressivo de Saúde Mental Wellbrook.

Meu pai e eu fomos ajudá-lo com a mudança. Era início de setembro e a sensação foi de que estávamos instalando Morris em um alojamento de alguma faculdade particular. Seu quarto ficava no terceiro andar, e meu pai insistiu para carregar sozinho até lá em cima o pesado baú com dobradiças de latão. Quando o largou ao pé da cama, seu rosto macio e redondo estava com uma desagradável cor acinzentada, e ele estava coberto de suor. Ficou sentado ali durante algum tempo, segurando o próprio pulso. Quando perguntei por que, ele disse que dera um mau jeito carregando o baú.

Exatamente uma semana depois, ele acordou e se sentou na cama, de modo abrupto o suficiente para acordar minha mãe. Ela forçou-se a abrir os olhos e ergueu-os para ele. Meu pai estava segurando o mesmo pulso e sibilando como se estivesse imitando uma cobra, com os olhos esbugalhados e as veias da têmpora saltadas. Morreu mais ou menos 10 minutos antes de a ambulância chegar, de infarto fulminante. Minha mãe o seguiu no ano seguinte. Câncer do útero. Recusou-se a fazer qualquer tratamento agressivo. Um coração doente, um útero envenenado.

Eu moro em Boston, a quase uma hora do Wellbrook. Adquiri o hábito de visitar meu irmão mais novo no terceiro sábado de cada mês.

Morris gostava de ordem, rotinas, hábitos. Agradava-lhe saber o dia certo da minha visita. íamos caminhar juntos. Ele fez uma carteira de *silver tape* para mim e um chapéu todo colado com tampinhas de garrafa raras, difíceis de encontrar. Não sei o que aconteceu com a carteira. O chapéu fica em cima do meu arquivo, na minha sala aqui na universidade. De vez em quando eu o pego e enfio a cara lá dentro. Tem o cheiro de Morris, que pode ser descrito mais exatamente como o cheiro empoeirado e seco do porão da casa dos meus pais.

Morris arrumou um emprego no departamento de manutenção do Wellbrook, e da última vez que o vi estava trabalhando. Eu estava por perto, e passei lá no meio da semana, saindo da rotina. Disseram-me para procurá-lo na área de carregamentos, atrás do refeitório.

Ele estava em um beco do estacionamento dos funcionários, atrás de um latão de lixo. O pessoal da cozinha vinha descartando caixas de papelão vazias lá atrás, e agora havia uma imensa pilha delas apoiada em uma das paredes. Morris ficara encarregado de achatá-las e amarrá-las em feixes com barbante para o caminhão da reciclagem.

Era o início do outono, e um leve tom de ferrugem começava a aparecer no alto das copas dos carvalhos gigantes atrás do prédio. Fiquei em pé junto ao latão, observando meu irmão por um instante. Ele não sabia que eu estava ali. Segurava com as duas mãos uma grande caixa branca, aberta dos dois lados, e virava-a para um lado e para outro, lançando através dela um olhar inexpressivo. Seus cabelos castanho-claros estavam eriçados na nuca numa mecha cacheada. Ele cantarolava consigo mesmo numa voz baixa, ligeiramente desafinada. Quando ouvi o que ele estava cantando, cambaleei, e o mundo girou à minha volta. Agarrei-me ao latão para me equilibrar.

— *As formiguinhas vão marchando... de uma em uma...* — cantava ele. Virava e desvirava a caixa nas mãos. — *Urra. Urra.*

— Pare com isso — falei.

Ele virou a cabeça e me encarou — no início sem me reconhecer, pensei. Então algo se desanuviou em seus olhos e os cantos da sua boca se ergueram em um sorriso.

— Ah, oi, Nolan. Quer me ajudar a achatar umas caixas?

Avancei com as pernas bambas. Não sei quanto tempo fazia que não pensava em Eddie Prior. Meu rosto estava coberto de suor. Peguei uma

das caixas, achatei-a, acrescentei-a à pequena pilha que Morris estava fazendo.

Conversamos um pouco, mas não me lembro sobre o quê. Como estavam indo as coisas. Quanto dinheiro ele havia poupado.

Então ele disse:

— Lembra aqueles velhos fortes que eu construía? Os do porão?

Senti uma pressão gélida, uma espécie de peso, fazendo força por dentro da minha caixa torácica.

— Claro. Por quê?

Ele passou algum tempo sem responder. Dobrou mais uma caixa. Então perguntou:

— Você acha que eu matei ele? Estava difícil respirar.

— O Eddie Prior? — O simples ato de pronunciar seu nome deixou-me tonto; uma leveza terrível se propagou a partir das minhas têmporas, tornando a entrar na minha cabeça.

Morris ficou olhando para mim sem entender e apertou os lábios.

— Não. O papai. — Ele falou isso como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Então tornou a se virar, ergueu outra caixa comprida e olhou através dela pensativo. — O papai sempre me trazia caixas assim do trabalho dele. Ele sabia. Sabia como é emocionante segurar uma caixa e não ter certeza do que ela contém. Do que pode conter. Um mundo inteiro pode estar guardado lá dentro. Quem poderia saber, vendo de fora? O insípido lado de fora.

Havíamos terminado de arrumar a maior parte das caixas em uma única pilha plana. Eu queria terminar com aquilo, queria que nós dois entrássemos para jogar um pouco de pingue-pongue na sala de recreação, queria deixar para trás aquele lugar e aquela conversa.

— Você não deveria amarrar essas caixas todas juntas? Ele baixou os olhos para a pilha de papelão.

— Esqueci o barbante. Não se preocupe. Deixe isso tudo aí. Eu cuido disso depois. Já estava escurecendo quando eu fui embora, e o céu acima de Wellbrook tinha uma superfície achatada, sem nuvens, tingida de violeta pálido. Morris estava em pé junto às janelas da sala de recreação que iam do chão até o teto, me dando adeus. Levantei a mão para ele e fui embora no meu carro, e três dias depois me ligaram para avisar que ele tinha sumido. O inspetor que foi me visitar em Boston para ver se eu sabia alguma coisa que pudesse ajudar a polícia a encontrá-lo conseguiu

pronunciar o nome do meu irmão corretamente, mas os resultados a longo prazo da sua investigação sobre o sumiço dele tiveram o mesmo sucesso da busca do Sr. Carnahan por Edward Prior.

Pouco depois de ele ser declarado oficialmente uma pessoa desaparecida, Betty Millhauser, a coordenadora de serviços para pacientes da clínica encarregada do caso de Morris, ligou para avisar que teriam de pôr os pertences dele em um guarda-móveis até "ele voltar" — expressão que enunciou com um tom de otimismo estridente que achei doloroso — e, se eu quisesse, podia ir até lá recolher algumas das coisas e levar para casa. Respondi que passaria lá na primeira oportunidade que tivesse, e esta se apresentou no sábado, justamente o dia em que eu teria ido visitar Morris caso ele ainda estivesse lá.

Um auxiliar deixou-me sozinho no quartinho de Morris no terceiro andar. Paredes caiadas, um colchão fino sobre uma armação de metal. Quatro pares de meias na cômoda; quatro calças de moletom; dois pacotes de plástico fechados de cuecas brancas de algodão. Uma escova de dentes. Revistas: *Mecânica Amadora, Reader's Digest* e um exemplar da *Resenhas Literárias de High Plains,* que havia publicado um ensaio meu sobre a prosa cômica de Edgar Allan Poe. Dentro do armário achei um blazer azul que Morris havia reformado, pendurando nele lâmpadas de Natal. Dentro de um dos bolsos havia um fio elétrico. Ele usava essa roupa na festa de Natal do Wellbrook. Era a única coisa dentro do quarto que não era completamente anônima, o único objeto que realmente me fez pensar nele. Pus o blazer dentro da sacola que tinha levado.

Parei na salinha da administração para agradecer a Betty Millhauser por ter me deixado entrar no quarto de Morris e dizer-lhe que eu estava indo embora. Ela perguntou se eu dera uma olhada no escaninho dele no departamento de manutenção. Eu respondi que nem sequer sabia que ele tinha um escaninho, e perguntei onde ficava o departamento de manutenção. Ficava no porão.

O porão era um espaço amplo, de pé-direito alto, com um piso de cimento e paredes de tijolo bege. O cômodo único e comprido era dividido de fora a fora por uma corrente rígida, pintada de preto. De um dos lados ficava a parte pequena e organizada dos funcionários da manutenção. Uma fileira de escaninhos, uma mesa de carteado, banquetas. Uma máquina de Coca-Cola zumbia junto à parede. Não dava para ver o resto do porão — as luzes do outro lado da divisória de corrente estavam apagadas —, mas

ouvi um boiler roncando baixinho em algum ponto da escuridão e a água passando dentro de canos. O barulho me fez pensar no som que se escuta encostando o ouvido em uma concha do mar.

No pé da escada havia um pequeno cubículo. Janelas davam para uma escrivaninha abarrotada de pilhas de papel. Atrás dela estava sentado um negro atarracado de macacão verde, virando as páginas do *Wall Street Journal*. Ele me viu em pé junto aos escaninhos e se levantou, veio até mim e me cumprimentou com sua mão forte e cheia de calos. Chamava-se George Prine, e era o chefe do departamento de manutenção. Indicou-me o escaninho de Morris e ficou alguns passos atrás de mim, com os braços cruzados na frente do peito, me observando.

— O seu menino era um rapaz fácil de se conviver — disse Prine, como se Morris fosse meu filho e não meu irmão. — De vez em quando ele viajava para um mundo só dele, mas é mais ou menos assim que as coisas são por aqui. Mas ele trabalhava bem. Não batia ponto para ficar jogando conversa fora como uns e outros. Quando ele passava seu cartão, estava mesmo disposto a trabalhar.

Não havia quase nada dentro do escaninho de Morris. Seus macacões de trabalho, suas botas, um guarda-chuva, um livro fino em edição de bolso intitulado *Flatland,* "Terra plana".

— É claro que, depois que ele saía do trabalho, a história era outra. Ele passava horas aqui. Começava a construir alguma coisa com aquelas caixas dele e ficava tão entretido que se esquecia de jantar se eu não viesse chamar.

— O quê? — indaguei.

Prine sorriu, um sorriso meio enigmático, como se eu devesse saber sobre o que ele estava falando. Passou por mim, foi até a parede separada pela corrente e acionou um interruptor. As luzes da outra metade do porão se acenderam. Do outro lado da divisória de corrente havia uma superfície de chão vazia sob um telhado cheio de tubos e canos aparentes. Esse espaço amplo e aberto estava cheio de caixas arrumadas como um imenso e confuso forte construído por alguma criança, com pelo menos quatro entradas diferentes, túneis, escorregas e janelas deformadas. O exterior das caixas havia sido decorado com desenhos de samambaias verdes, flores sinuosas e joaninhas do tamanho de formas de torta.

— Eu queria trazer meus filhos aqui — disse Prine. — Deixá-los engatinharem um pouco aí dentro. Seria uma farra.

Virei-me e comecei a andar na direção da escada... abalado, sentindo muito frio, com a respiração ofegante. Mas então, quando passei por George Prine, um impulso me dominou e eu agarrei seu braço e apertei, talvez com mais força do que pretendia.

— Não deixe os seus filhos chegarem perto disso aí — falei, minha voz soando como um sussurro engasgado.

Ele pousou a mão sobre o meu pulso e delicadamente, mas com firmeza, tirou minha mão do seu braço. Seus olhos não se descolavam dos meus; ele me encarava com uma expressão de avaliação calma, cautelosa, do jeito que um homem poderia olhar para uma cobra que acabou de recolher do mato, segurando-a logo atrás da cabeça para ela não picar.

— Você é tão maluco quanto ele era — disse George. — Já pensou em se mudar para cá?

CONTEI ESTA HISTÓRIA DA MANEIRA MAIS COMPLETA DE QUE SOU CAPAZ, E AGORA vou esperar para ver se, uma vez consumado este ato de confissão, consigo tornar a guardar Eddie Prior no meu inconsciente. Vou saber se consigo me acomodar novamente em meus dias de hábitos seguros e repetição automática: aulas, provas, leituras, eventos do Departamento de Língua Inglesa. Tornar a construir o muro, tijolo por tijolo.

Mas não tenho certeza de que o que veio abaixo possa ser consertado. O cimento está velho demais, o muro foi mal construído. Nunca fui o construtor que meu irmão era. Ultimamente, tenho visitado com freqüência a biblioteca de minha cidade natal, Pallow, para ler velhos jornais microfilmados. Tenho procurado um artigo, alguma pequena referência a um acidente na Rodovia 111, um tijolo jogado sobre um pára-brisa, um Volvo que saiu da pista. Tenho tentado descobrir se alguém ficou gravemente ferido. Se alguém morreu. Não saber costumava ser o meu refúgio. Agora acho isso insuportável.

Assim, talvez fique provado que, no fim das contas, estou escrevendo isto para outra pessoa. Passou pela minha cabeça a idéia de que talvez George Prine estivesse certo. Talvez a pessoa para quem eu deva mostrar esta história seja Betty Millhauser, a ex-coordenadora de serviços para pacientes de Morris.

Pelo menos, se eu estivesse morando em Wellbrook, estaria em um lugar onde poderia sentir alguma conexão com Morris. Gostaria de sentir

uma conexão com alguém ou alguma coisa. Poderia ocupar seu antigo quarto. Poderia ficar com seu antigo emprego — com seu antigo escaninho.

E, se isso não fosse suficiente — caso as drogas, as sessões de terapia e o isolamento de Wellbrook não conseguissem me salvar de mim mesmo —, sempre existiria uma outra possibilidade. Se George Prine não tiver demolido o último labirinto de papelão de Morris, se este ainda estiver armado lá embaixo no porão, eu poderia entrar lá qualquer dia e fechar as cortinas atrás de mim. Sempre haveria essa possibilidade. Qualquer coisa pode ser de família. Até os desaparecimentos.

Mas eu ainda não vou fazer nada com esta história. Vou colocá-la dentro de um envelope pardo e guardá-la na última gaveta da minha escrivaninha. Vou deixá-la de lado e tentar voltar à minha vida do ponto onde parei, pouco antes de Morris desaparecer. Não vou mostrá-la a ninguém. Não vou fazer nenhuma besteira. Ainda consigo seguir em frente por mais algum tempo, avançando pelo escuro, pelos espaços apertados das minhas próprias lembranças. Quem sabe o que pode haver depois da próxima curva? Talvez em algum lugar adiante haja uma janela. Talvez ela se abra para um campo de girassóis.

AGRADECIMENTOS

ESTE LIVRO FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE PELA PS PUBLISHING INGLESA, EM 2005. Devo agradecer àqueles que deram tanto de si para fazê-lo acontecer: Christopher Golden, Vincent Chong e Nicholas Gevers. Acima de tudo, porém, quero expressar minha gratidão e meu carinho para com o editor Peter Crowther, que apostou em *Fantasmas do século XX* sem saber nada sobre mim — a não ser que gostava dos meus contos.

Sou grato a todos os editores que apoiaram meu trabalho ao longo dos anos, incluindo, entre muitos outros, Richard Chizmar, Bill Schafer, Andy Cox, Stephen Jones, Dan Jaffe, Jeanne Cavelos, Tim Schell, Mark Apelman, Robert O. Greer Jr., Adrienne Brodeur, Wayne Edwards, Frank Smith e Teresa Focarile. Peço desculpas àqueles que eu porventura tenha deixado de fora. E faço um agradecimento especial a Jennifer Brehl e Jo Fletcher, minhas editoras na Willam Morrow e na Gollancz, respectivamente, as duas melhores editoras que um escritor poderia ter.

Obrigado também a meu webmaster Shane Leonard. Também agradeço todo o trabalho que meu agente Mickey Choate fez em meu nome. Muito obrigado a meus pais, meu irmão e minha irmã, e, é claro, à minha tribo, que eu tanto amo: Leanora e os meninos.

E por que não um obrigadozinho a você, leitor, por ter escolhido este livro e me dado a oportunidade de sussurrar no seu ouvido durante algumas horas?

Gene Wolfe e Neil Gaiman são dois autores que já esconderam histórias em introduções, mas não acho que alguém jamais tenha inserido uma na página de agradecimentos. Eu poderia ser o primeiro. A única maneira de retribuir o seu interesse em que consigo pensar é oferecendo mais uma história:

A MÁQUINA DE ESCREVER DE CHERAZADE

Até onde Elena se lembrava, o pai dela descia para o porão todas as noites depois do trabalho e só tornava a subir depois de ter escrito três páginas na ronronante IBM elétrica que comprara na faculdade, quando ainda acreditava que algum dia seria um escritor de sucesso. Fazia três dias que ele havia morrido quando a filha escutou a máquina de escrever no porão, no horário habitual; uma saraivada de tec-tec-tecs seguida por uma pausa silenciosa preenchida apenas pelo ruído da máquina.

Elena desceu os degraus rumo à escuridão com as pernas bambas. O ronco da IBM do pai enchia o breu cheirando a bolor, de modo que a própria penumbra parecia vibrar como uma corrente elétrica antes de uma tempestade. Estendeu a mão para a luminária ao lado da máquina e acendeu-a no mesmo instante em que a IBM explodiu em mais uma saraivada de tec-tec-tecs. Deu um grito, depois outro grito, quando viu as teclas se mexendo sozinhas, os tipos de cromo batendo no cilindro preto vazio.

Nessa primeira vez que Elena viu a máquina escrevendo sozinha, pensou que fosse desmaiar com o choque que sentiu. Sua mãe quase desmaiou de verdade quando a filha lhe mostrou aquilo na noite seguinte. Quando a máquina ganhou vida e começou a escrever, a mãe de Elena jogou as mãos para cima e deu um grito agudo, suas pernas perderam a força, e Elena teve de agarrá-la pelo braço para ela não cair.

Dali a alguns dias, porém, as duas se acostumaram àquilo e depois passaram a ficar empolgadas. Sua mãe teve a idéia de pôr uma folha de papel na máquina, antes que ela ligasse automaticamente às oito da noite. Ela queria ver o que a máquina estava escrevendo, se era uma mensagem do marido vinda do além. *No meu túmulo faz frio. Eu te amo e estou com saudades.*

Mas não era nada disso: era apenas mais um de seus contos. Sequer começava do começo. A página começava com a história já iniciada, bem no meio de uma frase.

Foi também a mãe de Elena quem teve a idéia de ligar para o noticiário local. Uma produtora do canal 5 foi ver a máquina. Ficou observando até a IBM ligar sozinha e escrever algumas frases, depois a mulher se levantou e subiu as escadas apressada. A mãe de Elena saiu atrás dela, ansiosa e cheia de perguntas.

— Controle remoto — disse a produtora, num tom seco. Olhou para trás por cima do ombro com uma expressão de repulsa. — Quando foi mesmo que a senhora enterrou o seu marido? Semana passada? Qual o problema com a senhora?

Nenhum dos outros canais de televisão ficou interessado. O homem do jornal disse que não gostava desse tipo de coisa. Até mesmo alguns dos parentes das duas desconfiaram que se tratasse de uma brincadeira de mau gosto. A mãe de Elena caiu de cama e lá ficou por várias semanas, derrubada por uma enxaqueca terrível, desanimada e confusa. Enquanto isso, no porão, a máquina continuava a escrever toda noite, imprimindo palavras no papel em ruidosas saraivadas de estalos.

A filha do morto cuidava da máquina. Aprendeu o momento exato de trocar a folha de papel, de modo que a cada noite a IBM produzia três novas páginas de história, igualzinho ao que seu pai fazia. Na verdade, a máquina parecia esperar por Elena, roncando de um jeito jovial até ter uma folha de papel nova para manchar de tinta.

Muito tempo depois de ninguém mais querer pensar na máquina, Elena continuou a descer ao porão todas as noites para ouvir rádio, dobrar a roupa lavada e colocar uma folha de papel em branco na IBM quando fosse preciso. Era uma forma bem simples de passar o tempo, sem preocupações, agradável, mais ou menos como ir visitar o túmulo do pai diariamente levando flores frescas.

Além disso, ela havia começado a ler as histórias quando estavam terminadas. Histórias sobre máscaras, sobre beisebol, sobre pais e filhos... e sobre fantasmas. Algumas eram histórias de fantasmas. Eram as suas preferidas. Não era essa a primeira coisa que se aprendia nos cursos de redação criativa? Escrever sobre o que se sabe? O fantasma da máquina escrevia sobre os mortos com grande autoridade.

Após algum tempo, as fitas de tinta da máquina só podiam ser compradas por encomenda. Depois disso, até mesmo a IBM parou de fabricá-las. Os tipos se desgastaram. Ela os substituiu, mas então o cilindro começou a prender. Certa noite travou, não foi mais para a frente,

e uma fumaça grossa começou a escapar de baixo da tampa de ferro da máquina. Ela continuou a bater letra após letra, umas em cima das outras, com uma espécie de fúria louca, até Elena consegir cambalear até lá e desligá-la.

Levou-a a um homem que consertava máquinas de escrever velhas e outros aparelhos. Ele a devolveu em perfeitas condições de uso, mas ela nunca mais escreveu sozinha. Durante as três semanas que passou na oficina, perdeu o hábito.

Quando era menina, Elena havia perguntado ao pai por que ele descia para o porão toda noite para inventar coisas, e ele respondera que era porque só conseguia dormir depois de escrever. Isso aquecia sua imaginação para criar uma noite cheia de bons sonhos. Agora ela estava perturbada com a idéia de sua morte talvez ser algo sem descanso, insone. Mas não havia o que fazer.

A essa altura, ela já estava com vinte e poucos anos e, quando sua mãe morreu — uma velha infeliz, brigada não apenas com a família, mas também com o mundo inteiro —, decidiu se mudar da casa, o que significava vendê-la com tudo o que havia dentro. Mal havia começado a mexer na tralha do porão quando se pegou sentada na escada, relendo as histórias que seu pai havia escrito depois de morto. Em vida, ele desistira de mandar seu trabalho para editoras, cansado de ser rejeitado. Mas o seu trabalho *post-mortem* pareceu a Elena muito mais... vivido... do que seus escritos anteriores. Agora suas histórias de assombrações e fantasmas eram especialmente envolventes. Ao longo das semanas seguintes, ela reuniu os melhores contos em um único volume e começou a mandá-lo para editoras. A maioria respondeu que não havia mercado para coletâneas de escritores desconhecidos, mas depois de algum tempo ela foi procurada por um editor de uma pequena casa que disse ter gostado dos textos, afirmando que o pai dela tinha uma boa empatia com o sobrenatural.

— Não é? — disse ela.

Esta é a história tal como a escutei pela primeira vez de um amigo do mercado editorial. Ele se mostrou enlouquecedoramente ignorante em relação aos detalhes importantes, então não sei dizer onde o livro acabou sendo publicado, nem quando, nem nenhuma outra particularidade dessa curiosa coletânea. Gostaria de saber mais. Na condição de alguém fascinado pelo sobrenatural, adoraria conseguir um exemplar.

Infelizmente, o título e o autor desse livro improvável não são amplamente conhecidos.